



Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional

Dissertação de Mestrado Acadêmico



ENTRE O PROJETADO E O APROPRIADO

MOSAICO DE TRANSFORMAÇÕES URBANAS

O CASO GUAJUVIRAS EM CANOAS/RS



Autor: Arquiteto e Urbanista William Mog

Orientadora: Professora Doutora Maria Soares de Almeida

Semestre 2016/2



*Embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo,
qualquer um pode começar agora e fazer um novo fim.*
(CHICO XAVIER)

William Mog

ENTRE O PROJETADO E O APROPRIADO:

***MOSAICO DE TRANSFORMAÇÕES URBANAS
O CASO GUAJUVIRAS EM CANOAS/RS***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na linha de pesquisa Cidade, Cultura e Política, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Planejamento Urbano e Regional.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Maria Soares de Almeida

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Sarah Feldman

(Examinadora Externa do Instituto de Arquitetura e Urbanismo/USP - Campus São Carlos)

Prof. Dr. Leandro Marino Vieira Andrade

(Examinador Externo do Departamento de Urbanismo da Faculdade de Arquitetura/UFRGS)

Prof.^a Dr.^a Livia Teresinha Salomão Piccini

(Examinadora Interna do PROPUR/UFRGS)

Prof. Dr. Eber Pires Marzulo

(Examinador Interno do PROPUR/UFRGS)

Porto Alegre, 2016

CIP - Catalogação na Publicação

Mog, William

Entre o projetado e o apropriado: Mosaico de transformações urbanas - O caso Guajuviras em Canoas/RS / William Mog. -- 2016.
287 f.

Orientadora: Maria Soares de Almeida.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. Planejamento Urbano e Regional. 2. Habitação de Interesse Social. 3. Projeto Urbano. 4. Apropriação Social. 5. Transformação Urbana. I. Almeida, Maria Soares de, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

AGRADECIMENTOS:

ENTRE INSTITUIÇÕES E PESSOAS

Objetivo demonstrar aqui os meus agradecimentos a todos que de alguma forma estiveram envolvidos comigo durante o processo que é um mestrado. Esta dissertação é fruto de todo um contexto que a fundamentou desde o projeto até o texto final. Dentro deste período constituído de altos e baixos, instituições e pessoas se destacaram e contribuíram comigo e com este trabalho.

Gostaria de agradecer primeiramente à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), ao Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR/UFRGS) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Estas instituições viabilizaram o mestrado acadêmico e a bolsa de pesquisa essencial para que eu desenvolvesse a pesquisa e as suas questões com dedicação integral. Logo, agradeço a oportunidade concedida e o suporte financeiro disponibilizado.

Em segundo lugar, sou grato por ter sido orientado pela amiga e professora Maria Soares de Almeida que me acompanhou também como orientadora na iniciação científica durante a graduação quando a conheci. Obrigado Maria por ter encarado junto comigo o desafio de construir este trabalho me apoiado em minhas iniciativas e garantido as fundamentações teóricas e metodológicas das mesmas com críticas construtivas e pertinentes. Apreendi muito com as tuas observações e colocações que enriqueceram não só a dissertação, mas a minha formação acadêmica também.

Em terceiro lugar, gostaria de agradecer aos familiares e aos amigos assim como aos colegas e aos professores da Banca Examinadora, do PROPUR/UFRGS e do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFRGS). Em alguns momentos, estas pessoas transmitiram suas considerações a respeito do meu tema de pesquisa e em outros ajudaram com uma palavra, um sorriso ou um olhar incentivador representando o plano de fundo que me motivou a pensar e a desenvolver o trabalho junto com a minha orientadora. Obrigado por existirem e estarem ao meu redor quando eu mais precisava.

A presente dissertação foi sendo construída gradativamente a partir destes suportes institucionais e destas pessoas. Contudo, nada disso seria possível sem a empiria. Portanto, o último agradecimento vai para os habitantes do Guajuviras e em especial aos 45 moradores entrevistados que abriram não só as portas das suas casas para me receber, mas as suas intimidades para me contar as suas lembranças vividas. Obrigado a todos por terem participado e por terem tornado possível este trabalho. Cada letra, cada palavra e cada frase carregam um pouco de todos vocês.

DEDICATÓRIA E APRESENTAÇÃO: ENTRE AS OFICINAS E A DISSERTAÇÃO

Apresento aqui o que me motivou a ser arquiteto e urbanista e conseqüentemente a desenvolver esta dissertação de mestrado dentro do Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR/UFRGS). O que somos e o que fazemos hoje dependem do que fomos e do que fizemos ontem. Logo, o arquiteto e urbanista de hoje só existe em função de alguns momentos pretéritos que influenciaram nas escolhas ao longo de uma trajetória temporal. Estes momentos podem ser revividos em função da memória que resgata o acontecido através das lembranças como pretendo evidenciar.

As lembranças que me motivaram a ser o que sou hoje estão relacionadas a dois contextos que intitulo de *a oficina da cidade* e *a oficina do sítio*. Estes espaços representam para mim a gênese do arquiteto e urbanista de hoje em função de duas pessoas que influenciaram decisivamente nas minhas escolhas: o meu avô paterno Alfredo Alberto Mog e o meu avô materno Antônio José da Silva. O primeiro já falecido morava em uma casa na cidade de Porto Alegre/RS enquanto o segundo ainda mora em uma casa no seu sítio em Gravataí/RS. Ambos trabalhavam com a fabricação de móveis, logo tanto na casa da cidade como na casa do sítio os espaços da oficina de marcenaria estão presentes e com eles uma série de lembranças. Para mim eram e ainda são espaços de criação em que as figuras dos meus avôs representavam o professor interessado em ensinar o aluno. Talvez os meus primeiros professores de arquitetura e urbanismo não tenham sido os professores do primeiro semestre do curso que também merecem destaque na minha formação, mas os pais dos meus pais que sempre estavam dispostos a ensinar algo de novo para mim dos seus antigos ofícios.

Como esquecer aquelas tardes junto do banco de marceneiro na oficina da cidade em que o sol batia na vidraça da janela e iluminava as peças de madeiras esculpidas pelo meu avô paterno. Suas mãos marcadas pelo tempo empunhavam a ferramenta de trabalho para marcar com sentido e significados as diferentes peças que juntas formariam um novo mobiliário. Trabalho lento e meticuloso que muitas vezes se estendia pela madrugada na oficina iluminada pela lâmpada incandescente pendente sobre o balcão de trabalho. Da mesma forma, é impossível esquecer as férias de verão em que a casa do sítio era destino certo. Lá a oficina de marcenaria representava para mim momentos de criação únicos que eram frequentemente acompanhados pelo meu avô materno. Se na oficina da cidade eu era mais um

espectador, agora os formões estavam em minhas mãos. Vários objetos e esculturas que já não existem mais foram criados ali.

Dedico este trabalho aos meus dois avôs em função dos diversos momentos nas oficinas, pois entre uma ideia e outra surgiam criações que pouco a pouco me conduziam para o que eu sou hoje. A superfície lisa das lâminas afiadas dos diversos formões, o cheiro da madeira sendo trabalhada gradativamente e o visual do objeto ganhando forma e sentido são alguns aspectos que produziam uma satisfação pessoal sem palavras. Hoje ambas as oficinas estão desativadas e os marceneiros de outrora estão na memória de quem apreciou e ainda aprecia o trabalho incansável de moldar e dar forma às peças de madeira. Visitar estes espaços é voltar no tempo da infância em que o banco de marceneiro parecia mais alto, as ferramentas mais pesadas e as criações em madeira mais impressionantes.

As oficinas e aqueles momentos com meus avôs me levaram para a arquitetura e esta para o mestrado na área de urbano em que a cidade passa a ser o objeto a ser abordado e estudado. Esta última pode ser entendida como uma obra que pouco a pouco vai ganhando forma e sentido em função das ações desenvolvidas pelas pessoas no dia-a-dia assim como as esculturas e os móveis dos meus avôs em função de suas ações. Desconsiderando as particularidades em função desta analogia, em ambos os contextos há a criação embutida no processo de formação em que o tempo apresenta um papel central entre a ideia original e o resultado sempre parcial. Nas oficinas da cidade e do sítio, as esculturas e os móveis eram projetados pelos meus avôs e apropriados posteriormente por eles mesmos ou pelos seus clientes. Na cidade, as dimensões do projeto e da apropriação também estão presentes, mas em uma escala distinta. Aqui a produção é mais ampla e complexa, pois envolve vários atores e suas relações convergentes ou divergentes no tempo.

Ao se projetar um determinado espaço urbano, se está pensando em uma realidade possível que se materializa em função da apropriação enquanto ação de tornar próprio o espaço projetado quando este é habitado. Contudo, neste meio termo há uma construção tanto social como física do espaço que se dá no cotidiano das pessoas. Nem sempre o que foi projetado permanece quando apropriado, pois entre os dois extremos mudanças acontecem substituindo antigas relações por novas. O espaço urbano guarda uma série de histórias que exemplificam este processo temporal. Aqui o exemplo utilizado como o estudo de caso desta dinâmica é o conjunto habitacional que surge em função de um projeto e adquire sentido e significados em função da apropriação ao longo do tempo. Nesta trajetória, o cotidiano é reinventado entre estes dois extremos que se interpenetram produzindo diferentes relações físicas e sociais a partir dos espaços projetados inicialmente e apropriados temporalmente.

RESUMO

A presente dissertação objetiva compreender a influência do processo de adequação entre o espaço concebido originalmente a partir de um projeto e o espaço vivido temporalmente a partir das apropriações nas dinâmicas cotidianas do espaço percebido. Para tal, optou-se por analisar a história de consolidação do espaço físico e social do Conjunto Habitacional Guajuviras como o estudo de caso deste trabalho. Este conjunto popular foi projetado e implantado em Canoas/RS entre as décadas de 1970 e 1980 a partir do Banco Nacional da Habitação (BNH) e da Companhia Habitacional (COHAB) local e passou por um processo conturbado de apropriação e ocupação irregular. Hoje o Bairro Guajuviras vivencia uma série de contradições físicas e sociais em função das transformações e adaptações que originaram regiões distintas dentro de um mesmo lugar. Juntas estas diferentes parcelas e seus respectivos cotidianos configuram um mosaico de espaços conhecido popularmente como “Guaju” que é abordado aqui em função de três momentos complementares. Primeiramente, analisa-se a história do conjunto destacando a origem das diferentes regiões. Em seguida, objetiva-se mapear o processo de adequação considerando as adaptações físicas de cada região. E, por último, pretende-se apreender os percursos cotidianos enfatizando as diferentes fronteiras a serem atravessadas pelos moradores de cada região. Após cada um dos momentos, o objeto de estudo é aprofundado em função de uma reconstrução do espaço que é ao mesmo tempo histórica, física e social.

Palavras-chave: adequação, projeto, apropriações, dinâmicas cotidianas.

ABSTRACT

This dissertation aims to understand the influence of the adequacy process between the space originally designed from a project and the space temporally lived from the appropriations in the everyday dynamics of the perceived space. To this end, it was decided to analyze the consolidation history of physical and social space Housing Guajuviras set as the case study of this work. This popular housing was designed and implemented in Canoas/RS between the 1970s and 1980s from the National Housing Bank (BNH) and the Housing Company (COHAB) site and went through a troubled process of appropriation and illegal occupation. Today Guajuviras district experience a series of physical and social contradictions due to the changes and adaptations that led to different regions within the same place. Together these different plots and their everyday configure a space mosaic popularly known as "Guaju" which is addressed here in terms of three complementary moments. First, it analyzes the history of the housing highlighting the origin of the different regions. Then the objective is to map the adequacy process considering the physical adaptations of each region. And lastly, it is intended to grasp the daily routes emphasizing the different borders to be crossed by the residents of each region. After each of the moments, the object of study is deepened due to a reconstruction of the space that is historical, physical and social.

Keywords: adequacy, project, appropriations, everyday dynamics.

LISTA DE FIGURAS

CAPÍTULO 1

Figura 1: Interpretação gráfica sobre a relação entre a tríade pensar/construir/habitar, a partir de Heidegger, e a tríade concebido/percebido/vivido, a partir de Lefebvre.

Figura 2: Relação entre as ações estratégicas e as ações táticas.

Figura 3: Relação entre a estrutura concebida, a forma percebida e a função vivida.

CAPÍTULO 2

Figura 4: Relação entre espaço social e espaço físico na constituição do lugar.

Figura 5: Distinção entre um espaço inadequado e outro adequado ao longo do tempo.

Figura 6: Relação entre as lógicas das vias, do parcelamento e das edificações.

CAPÍTULO 3

Figura 7: Processo de transformação da paisagem mediatizado pela memória.

Figura 8: Relação entre a realidade percorrida e a imagem relatada.

Figura 9: Relação entre a casa, o bairro e a cidade em função de diferentes fronteiras.

CAPÍTULO 4

Figura 10: Os atores que concebem (esquerda) e os que vivem (direita) o espaço urbano.

Figura 11: Linha do tempo de base para a construção da história de consolidação do lugar.

CAPÍTULO 5

Figura 12: Relação entre o espaço físico e o espaço social em função das ocupações.

Figura 13: Mapa fundo-figura da ocupação inicial (esquerda), mapa fundo-figura da ocupação atual (centro) e o mapa fundo-figura com as diferentes regiões identificadas no tempo (direita).

Figura 14: As representações das cinco variáveis do processo de adequação.

CAPÍTULO 6

Figura 15: Sequência dos espaços percorridos pelo pesquisador na sua entrada no campo.

Figura 16: Os cinco elementos da imagem ambiental que fundamentam o questionário.

CAPÍTULO 7

Figura 17: Mapa dos primeiros 14 municípios integrantes da RMPA em 1973.

Figura 18: Alternativa escolhida para organizar o crescimento da RMPA.

Figura 19: Implantação dos conjuntos habitacionais projetados na RMPA entre 1977 e 1983.

Figura 20: Zoneamento de Canoas em 1974 e Anteprojeto da Unidade nº1 Oeste.

Figura 21: Imagem da obra dos prédios que não foram finalizados pela COHAB.

Figura 22: Informativos distribuídos gratuitamente para os moradores.

- Figura 23:** Reportagem sobre as negociações entre a COHAB e os ocupantes.
- Figura 24:** Assembleia que homologou o acordo com a COHAB em 14 de maio de 1989.
- Figura 25:** Vários pequenos comércios na avenida principal em 1998.
- Figura 26:** Avenida principal após as ocupações com o CAIC (esquerda) e os blocos (direita).
- Figura 27:** Moradores das sub-ocupações das áreas verdes.
- Figura 28:** Tecido urbano das sub-ocupações das áreas verdes.
- Figura 29:** Contraste entre o bairro regular e as melhorias infraestruturais nas sub-ocupações.
- Figura 30:** Conjunto Habitacional Guajuviras ocupado e transformado no tempo.
- Figura 31:** Localização da RMPA no Rio Grande do Sul e sua composição atual.
- Figura 32:** Localização de Canoas na RMPA e a relação dos bairros constituintes do município.
- Figura 33:** Imagem das duas tipologias habitacionais (unifamiliar e multifamiliar) originalmente.
- Figura 34:** Imagem dos moradores em passeata contra a falta de água no Guajuviras.
- Figura 35:** Imagem aérea recente do Bairro Guajuviras transformado pelos moradores.

CAPÍTULO 8

- Figura 36:** Zoneamento de Canoas em 1974 com a localização da Fazenda Guajuviras.
- Figura 37:** Zoneamento para o Conjunto Habitacional Guajuviras.
- Figura 38:** Esquema do sistema urbano do Conjunto Habitacional Guajuviras.
- Figura 39:** Planta geral da Unidade de Vizinhança n°1 Oeste.
- Figura 40:** Modelo de unidade de vizinhança desenvolvido por Clarence Perry.
- Figura 41:** Implantação original datada de 1979 do Conjunto Habitacional Guajuviras.
- Figura 42:** Conjunto Habitacional Guajuviras com suas delimitações atuais.
- Figura 43:** Implantação do Conjunto Habitacional Guajuviras em 1990.
- Figura 44:** Implantação do Conjunto Habitacional Guajuviras em 2015.
- Figura 45:** Mapa fundo-figura do Conjunto Habitacional Guajuviras em 1990.
- Figura 46:** Mapa fundo-figura do Conjunto Habitacional Guajuviras em 2015.
- Figura 47:** Mapa fundo-figura do Guajuviras em 2015 com as três regiões demarcadas.
- Figura 48:** Recortes ampliados dos três cenários das ocupações em 1990.
- Figura 49:** Recortes ampliados dos três cenários das ocupações em 2015.
- Figura 50:** Diagramas da capacidade de excessos em 1990.
- Figura 51:** Diagramas da capacidade de excessos em 2015.
- Figura 52:** Diagramas dos bons acessos em 1990.
- Figura 53:** Diagramas dos bons acessos em 2015.
- Figura 54:** Diagramas da independência das partes em 1990.
- Figura 55:** Diagramas da independência das partes em 2015.
- Figura 56:** Diagramas da utilização de módulos em 1990.
- Figura 57:** Diagramas da utilização de módulos em 2015.
- Figura 58:** Diagramas da redução dos custos de reciclagem em 1990.
- Figura 59:** Diagramas da redução dos custos de reciclagem em 2015.
- Figura 60:** Relação do parcelamento com o padrão atual via/edificação na área unifamiliar.

Figura 61: Comparação entre as casas unifamiliares no tempo.

Figura 62: Relação do parcelamento com o padrão atual via/edificação na área multifamiliar.

Figura 63: Comparação entre os blocos multifamiliares no tempo.

Figura 64: Relação do parcelamento com o padrão atual via/edificação nos verdes ocupados.

Figura 65: Comparação entre as áreas verdes ocupadas no tempo.

CAPÍTULO 9

Figura 66: Terminal de ônibus metropolitanos sob a Elevada da Conceição em Porto Alegre.

Figura 67: Trecho da Avenida Assis Brasil junto ao viaduto da BR 290.

Figura 68: Trecho do Distrito Industrial de Cachoeirinha.

Figura 69: Trecho inicial da Avenida 17 de Abril no Guajuviras.

Figura 70: Imagem de uma das ruas locais percorridas na área unifamiliar do bairro.

Figura 71: Acesso da área informal junto da empena no segundo plano e pracinha no primeiro.

Figura 72: Interior do ônibus Linha Guajuviras via Assis Brasil.

Figura 73: Comparação entre os percursos pensados no projeto e os da atualidade.

Figura 74: Áreas ocupadas irregularmente caracterizam a precariedade do bairro.

Figura 75: Contraste entre a avenida movimentada à esquerda e as ruas pacatas à direita.

Figura 76: Área irregular à esquerda e área junto ao final da linha dos ônibus à direita.

Figura 77: Relação entre a avenida à esquerda e os becos irregulares e murados à direita.

Figura 78: Trecho das lancherias na avenida à esquerda e a Praça da Brigada à direita.

Figura 79: Supermercado Sacolão Rocha à esquerda e o posto de polícia à direita.

Figura 80: A rótula da Avenida Boqueirão à esquerda e a esquina do Sacolão Rocha à direita.

Figura 81: Entrada principal do Guajuviras à esquerda e o final da linha dos ônibus à direita.

Figura 82: Praças residuais restantes da ocupação irregular das áreas verdes e alamedas.

Figura 83: Escola Nancy Pansera à esquerda e a Unidade de Pronto Atendimento à direita.

Figura 84: Mapa síntese da imagem coletiva dos moradores do Guajuviras.

Figura 85: Fronteira entre os apartamentos e o bloco multifamiliar.

Figura 86: Fronteira entre o bloco multifamiliar e o pátio privativo.

Figura 87: Fronteira entre o pátio privativo e a Avenida 17 de Abril.

Figura 88: Fronteira entre a casa e a rua local.

Figura 89: Fronteira entre a rua local e a unidade de vizinhança.

Figura 90: Fronteira entre a unidade de vizinhança e a Avenida 17 de Abril.

Figura 91: Fronteira entre a casa irregular e o beco irregular.

Figura 92: Fronteira entre o beco irregular e a vila irregular.

Figura 93: Fronteira entre a vila irregular e a Avenida 17 de Abril.

ANEXOS

Figura 94: Mapa fundo-figura atual com a localização das faixas e dos grupos de pesquisa.

LISTA DE TABELAS

INTRODUÇÃO

Tabela 1: Estrutura da dissertação com suas partes constituintes.

CAPÍTULO 4

Tabela 2: Identificação da relação estrutura-forma-função entre o espaço concebido pelo projeto e o espaço vivido pelas apropriações.

CAPÍTULO 5

Tabela 3: Identificação da relação via-parcelamento-edificação entre o espaço concebido pelo projeto e o espaço vivido pelas apropriações.

CAPÍTULO 6

Tabela 4: Relação das questões a serem aplicadas e seus respectivos objetivos.

Tabela 5: Identificação da relação casa-bairro-cidade entre o espaço concebido pelo projeto e o espaço vivido pelas apropriações.

CAPÍTULO 7

Tabela 6: Área, população e densidade entre o projeto e a atualidade do Guajuviras.

Tabela 7: A relação estrutura-forma-função entre o projeto e a apropriação no Guajuviras.

CAPÍTULO 8

Tabela 8: A relação via-parcelamento-edificação entre o projeto e a apropriação no Guajuviras.

CAPÍTULO 9

Tabela 9: A relação casa-bairro-cidade entre o projeto e a apropriação no Guajuviras.

ANEXOS

Tabela 10: Síntese das respostas dos questionários realizados em 19 de novembro de 2015.

Tabela 11: Síntese das respostas dos questionários realizados em 21 de novembro de 2015.

Tabela 12: Síntese das respostas dos questionários realizados em 24 de novembro de 2015.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
BLOCO TEÓRICO	27
CAPÍTULO 1:	
ENTRE O CONCEBIDO NO PROJETO E O VIVIDO NAS APROPRIAÇÕES	29
1.1. Quem pensa não é mais quem habita: Espaço concebido e espaço vivido	30
1.2. Reinventando o já inventado: Ações estratégicas e ações táticas	36
1.3. Continuidades e discontinuidades: Estruturas, formas e funções	41
CAPÍTULO 2:	
ENTRE A ADEQUAÇÃO DO ESPAÇO E A TRANSFORMAÇÃO URBANA	47
2.1. O papel da história: Espaço físico e espaço social	48
2.2. Adequação do espaço: Padrões espaciais e comportamentos habituais	53
2.3. Adaptações da forma urbana: Vias, parcelamento e edificações	58
CAPÍTULO 3:	
ENTRE AS FRONTEIRAS NAS PAISAGENS E NAS LEMBRANÇAS	65
3.1. Cotidiano revelado: Paisagem urbana e memória coletiva	66
3.2. Quando o bairro vira lar: Realidade percorrida e imagem relatada	71
3.3. Fronteiras entre a intimidade e a coletividade: Casa, bairro e cidade	77
BLOCO METODOLÓGICO	83
CAPÍTULO 4:	
CONTEXTUALIZANDO ATORES E COMPREENDENDO ESPAÇOS	85
4.1. Diferenciando ações: As estratégias hegemônicas e as táticas cotidianas	85
4.2. Reconstruindo a história: O levantamento histórico e a linha do tempo	86
4.3. Operacionalizando uma categoria de análise: Estrutura-forma-função	88
CAPÍTULO 5:	
MAPEANDO OCUPAÇÕES E COMPREENDENDO ADAPTAÇÕES	91
5.1. Diferenciando espaços: A implantação e as ocupações	91
5.2. Reconstruindo as adequações: O levantamento gráfico e os mapas	92
5.3. Operacionalizando uma categoria de análise: Via-parcelamento-edificação	95

CAPÍTULO 6:	
RELATANDO LEMBRANÇAS E COMPREENDENDO FRONTEIRAS	97
6.1. Diferenciando percursos: A entrada no campo e o seu diário	97
6.2. Reconstruindo o cotidiano: Os questionários e o relato etnográfico	98
6.3. Operacionalizando uma categoria de análise: Casa-bairro-cidade	101
BLOCO EMPÍRICO	103
CAPÍTULO 7:	
ENTRE AS AÇÕES DO PROJETO E DAS APROPRIAÇÕES	105
7.1. O contexto da produção habitacional: Atores e diretrizes	106
7.2. O Conjunto Habitacional Guajuviras: História e conflitos	114
7.3. Estruturas, formas e funções: Críticas e espacialidades	126
CAPÍTULO 8:	
ENTRE OS ESPAÇOS DO PROJETO E DAS APROPRIAÇÕES	139
8.1. O Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti: Projeto implantando e ocupado	140
8.2. O processo de adequação: Transformações e regiões distintas	153
8.3. Vias, parcelamento e edificações: Espaço público e espaço privado	170
CAPÍTULO 9:	
ENTRE OS PERCURSOS DO PROJETO E DAS APROPRIAÇÕES	179
9.1. A redescoberta do cotidiano: Paisagem observada e recordada	180
9.2. Quando o Guajuviras vira lar: Do conjunto projetado ao bairro relatado	190
9.3. Casa, bairro, cidade: Espaços e suas fronteiras atravessadas	210
CONCLUSÃO	223
ANEXOS	233
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	283

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende enfatizar a tensão entre o espaço físico e o espaço social em função do tempo. Dentro desta perspectiva temporal de análise, o *tema* envolve o processo de interação entre o espaço que é projetado na "prancheta" e o espaço que é apropriado no cotidiano em conjuntos habitacionais populares. Nesta interação, surgem diferentes formas de adequação entre o espaço concebido pelo projeto e o espaço vivido em função das apropriações enquanto *objeto de estudo*. Estas formas de adequar o concebido ao vivido surgem no espaço percebido no âmbito da vida cotidiana onde as pessoas paulatinamente transformam o seu espaço de convívio objetivando a sua adaptação aos seus requisitos diários. Logo, o que foi projetado ontem nem sempre é o que existe hoje em função destas mudanças que acontecem de diferentes maneiras entre o projeto e sua apropriação.

O tema e o objeto de estudo se justificam, pois a habitação social, ou popular, é um assunto que gera discussões em relação ao atendimento das necessidades cotidianas dos seus moradores. É frequente tais espacialidades priorizarem valores quantitativos em detrimento dos qualitativos. Logo, discutir a maneira como os habitantes transformam os seus espaços habitacionais entre os âmbitos públicos e privados é essencial para entender as formas de adequação do projeto ao cotidiano. É fundamental compreender as apropriações vividas pelos habitantes de conjuntos populares para entender as suas reais necessidades e desejos frequentemente negligenciados. É preciso habitar para saber construir, no sentido de "dar abrigo às pessoas". Portanto, a questão histórica ganha aqui uma importância fundamental na análise do conjunto popular intitulado Conjunto Habitacional Guajuviras escolhido como o *lócus* do objeto de estudo da dissertação.

Este conjunto está inserido no contexto espacial e institucional brasileiro dos anos 1970 e 1980. Assim como uma série de conjuntos populares produzidos nos municípios da Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA), o Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti foi implantado em uma área periférica a leste no município de Canoas/RS e distante do núcleo urbano original da cidade. A partir da política habitacional do Banco Nacional da Habitação (BNH) e das diretrizes do Plano de Desenvolvimento Metropolitano (PDM) oriundo do Grupo Executivo da Região Metropolitana (GERM) em 1973, este conjunto popular foi concebido dentro da Companhia de Habitação (COHAB) local, na década de 1970. Sob a coordenação técnica do arquiteto Sergio Elio Pellegrini, foi desenvolvido um estudo que deu origem ao conjunto a ser construído com o objetivo de atender a faixa de baixa renda do mercado imobiliário local. O projeto final, aprovado em 1979, foi implantado até o ano

de 1987 quando as obras foram paralisadas e o conjunto foi ocupado de forma irregular em função de problemas de gestão da COHAB e das empreiteiras contratadas. Hoje, após 29 anos da ocupação inicial, o lugar vivenciou uma série de transformações a partir do espaço vivido. Entre o Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti e o Bairro Guajuviras apelidado carinhosamente de "Guaju" pelos moradores, há uma história cheia de particularidades gravadas no espaço percebido pelo olhar e lembradas pela memória de quem frequenta ou de quem mora no local. O presente trabalho objetiva resgatar tal história enfatizando a tensão entre o aspecto físico e o aspecto social do espaço durante o processo de adequação do lugar no tempo.

Este conjunto popular se justifica como lócus do objeto de estudo da pesquisa, pois oferece um contexto diversificado tanto do ponto de vista da estrutura do espaço físico como da estrutura do espaço social. Enquanto os padrões espaciais implantados e transformados produziram diversidade do ponto de vista físico, as formas de ocupação produziram um espaço repleto de tensões sociais, ao longo do tempo. A relação entre o físico e o social do espaço do bairro surge dentro de um contexto em que a luta pelo direito à moradia e a sua adequação ao cotidiano são variáveis determinantes na constituição do lugar. Logo, a implantação física e espacial do conjunto e as diferentes formas de ocupação social do território justificam a escolha deste conjunto habitacional para tratar do objeto de estudo destacado.

Este objeto de estudo e o *interesse* em analisá-lo surgiram durante a minha graduação em arquitetura e urbanismo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Nesta época, tive a oportunidade de ser bolsista de iniciação científica e acabei me envolvendo com uma pesquisa sobre o Plano de Desenvolvimento Metropolitano (PDM) e os conjuntos habitacionais resultantes deste plano na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA). Contudo, a abordagem utilizada estava baseada na imagem atual do espaço habitacional para os moradores e usuários desconsiderando o processo temporal de formação. O lócus deste estudo foi o Conjunto Habitacional Morada do Vale I em Gravataí/RS analisado em função do conceito de imaginabilidade e dos cinco pontos presentes no livro "A Imagem da Cidade" de Kevin Lynch (2011).

O fato que determinou a minha trajetória no mestrado em Planejamento Urbano e Regional partiu deste estudo e, mais especificamente, dos questionários realizados com os moradores e usuários do conjunto analisado. Ao questioná-los sobre os elementos urbanos do espaço objetivando a construção de uma imagem do bairro, frequentemente as pessoas respondiam destacando o seu tempo de convívio no lugar. Comentavam que no princípio o lugar era de tal forma e agora está diferente

ou que ocorreram muitas mudanças no bairro desde o seu início. A variável temporal estava presente nas palavras das pessoas, contudo, esta variável não foi fundamental no estudo realizado apesar de ser destacada.

Após o final deste estudo que resultou em um artigo apresentado no 15º Encontro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (ENANPUR), esta variável surge novamente agora como eixo central do meu projeto de dissertação de entrada no Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR). Entre o projeto e a apropriação do espaço, o trabalho destaca a questão temporal e busca entender não o resultado final, mas o processo temporal a partir de um esforço retrospectivo. Não busca a forma, mas a formação do espaço. Não destaca a estrutura, mas a estruturação do espaço. Mais uma vez o autor central do trabalho é Kevin Lynch, entretanto a abordagem não está restrita à imaginabilidade abrangendo o conceito de adequação presente no livro "A Boa Forma da Cidade" de Lynch (2010) como a diretriz central do trabalho. O foco não está no espaço, ou na sua imagem em si, mas no processo de transformação e constituição do lugar, analisado a partir do espaço.

Desta abordagem surge a *contribuição* do presente estudo que é a análise e a diferenciação das formas de adaptação e manipulação do espaço em função da busca pela adequação entre o espaço físico e o espaço social. Neste contexto se descortina a seguinte *questão geral*: Quais são as repercussões do processo temporal de adequação entre o espaço concebido do projeto e o espaço vivido das apropriações no âmbito das dinâmicas cotidianas do espaço percebido no presente? Tal questão se desdobra em três questões específicas:

- 1) Quais são as interações espaciais entre as ações concebidas pelo projeto originalmente e as ações vividas pelas apropriações temporalmente?
- 2) Quais são os padrões de adequação presentes no espaço percebido cotidianamente em função da interpenetração entre o projeto e a apropriação?
- 3) Quais são as dinâmicas cotidianas atuais dos moradores e dos usuários do lugar oriundas das formas de apropriação do espaço no tempo?

Estes questionamentos convergem para a análise dos tipos de relação existentes entre o processo de adequação do espaço projetado em função do espaço apropriado e a vida cotidiana presente dos moradores e usuários locais. Esta análise é entendida aqui como o *objetivo geral* da dissertação que também se desdobra em três objetivos específicos:

- 1) Identificar a interação das ações produtoras do espaço em função da relação entre os atores vinculados ao projeto e às apropriações ao longo do tempo.
- 2) Identificar os padrões de transformação do processo de adequação do espaço em função da relação entre a implantação e a sua ocupação.
- 3) Identificar as dinâmicas cotidianas dos moradores e dos usuários em função da relação entre paisagens urbanas e memórias coletivas locais.

Este conjunto de objetivos norteia o procedimento metodológico baseado em três passos: análise histórica e documental das ações dos diferentes produtores do espaço, análise cartográfica do início e da situação atual do processo de ocupação e análise do cotidiano percorrido pelos moradores. Tais procedimentos e seus respectivos conjuntos de variáveis apresentam pressupostos que estão associados à relação entre o projeto e a apropriação. Esta relação surge no âmbito histórico das ações, no âmbito físico das adequações e no âmbito social dos percursos resultando respectivamente em três *pressupostos* como diretrizes das análises decorrentes das questões e dos objetivos enfatizados.

- 1) As interações espaciais entre as ações do projeto e as ações das apropriações variam em função da configuração estrutural, complementar ou não complementar, entre formas e funções ao longo do tempo.
- 2) Os padrões de transformação do processo de adequação do espaço implantado e ocupado estão associados à relação entre o público, da rua, e o privado, da edificação, em função do parcelamento original.
- 3) As diferentes dinâmicas do cotidiano percorrido, a partir das apropriações no tempo, dependem das transformações do espaço projetado entre a intimidade da casa e a coletividade da cidade em função do bairro.

Em função destas questões, destes objetivos e destes pressupostos, a presente dissertação está organizada e estruturada em três blocos além da apresentação, da introdução, da conclusão e dos anexos: o bloco teórico, o bloco metodológico e o bloco empírico com o estudo de caso. A seguir, cada bloco é apresentado juntamente com seus respectivos capítulos:

O primeiro bloco corresponde às *bases teóricas* do estudo. Esta parte está dividida em três capítulos (1, 2 e 3) em que os conceitos utilizados são apresentados, aprofundados e articulados com o objetivo de resgatar a contribuição dos autores essenciais para o trabalho. A seguir, cada capítulo e seus respectivos autores são destacados:

No capítulo 1, os principais autores abordados são o filósofo alemão Martin Heidegger (2012), o filósofo francês Henri Lefebvre (1991) e o historiador francês Michel de Certeau (2014). O primeiro autor se destaca em função do seu texto "Habitar, Construir, Pensar" (HEIDEGGER, 2012) em que enfatiza a importância da relação entre o ser e seu espaço de manifestação na construção de ambos. Este autor possui a função de iniciar a problematização do tema. Já o segundo autor ganha destaque aqui principalmente em função do seu livro "A Produção do Espaço" (LEFEBVRE, 1991). Nele é desenvolvida a tríade espacial lefebvriana: espaço concebido, espaço vivido e espaço percebido. O concebido corresponde às representações do espaço no âmbito do projeto e está relacionado às estruturas do espaço. O vivido corresponde aos espaços de representação no âmbito da apropriação e está relacionado às funções do espaço. E o percebido corresponde às práticas espaciais no âmbito do cotidiano e está relacionado às formas do espaço. Já o terceiro autor é enfatizado aqui em função das ações estratégicas e das ações táticas presentes no seu livro "A Invenção do Cotidiano" (CERTEAU, 2014). As primeiras são as ações impositivas e hegemônicas decorrentes dos planejadores, dos projetistas e dos agentes institucionais enquanto as segundas são as ações inventivas e cotidianas oriundas dos ocupantes que manipulam o espaço imposto pelas estratégias.

No capítulo 2, os autores destacados são o sociólogo francês Pierre Bourdieu (2012), o planejador americano Kevin Lynch (2010) e o arquiteto e urbanista francês Philippe Panerai (2014). O primeiro autor merece destaque em função do seu texto "Efeito de Lugar" (BOURDIEU, 2012) em que aparece a tensão entre o espaço físico e o espaço social na geração dos lugares. Enquanto o espaço físico é o espaço das localizações, o espaço social é o espaço das posições. Enquanto o primeiro é imóvel e definido pelos edifícios, o segundo é móvel e definido pelos grupos sociais. O segundo autor possui um papel central no debate proposto aqui em função do conceito de adequação desenvolvido no livro "A Boa Forma da Cidade" (LYNCH, 2010). O conceito de adequação aborda a relação complementar entre padrão espacial e comportamento habitual entendida como um processo temporal que objetiva a correspondência entre os espaços de manifestação e as ações das pessoas. Este é o conceito central do trabalho e apresenta cinco variáveis responsáveis pelo nível de elasticidade e manipulação de cada espaço analisado. Já o terceiro autor é abordado aqui em função das três lógicas espaciais complementares desenvolvidas em seu livro "Análise Urbana" (PANERAI, 2014). As três lógicas são a das vias, a do parcelamento e a das edificações que juntas determinam o nível de coesão do tecido urbano e, conseqüentemente, a capacidade de adaptação do mesmo ao longo do tempo.

No capítulo 3, os autores enfatizados são o sociólogo francês Maurice Halbwachs (2003) e novamente o planejador americano Kevin Lynch (2011) e o historiador francês Michel de Certeau (2014). O primeiro autor merece destaque em função da relação entre espaço e memória coletiva em que a memória necessariamente precisa de uma base espacial para se manifestar como uma lembrança vivida. Tal abordagem está presente no livro "Memória Coletiva" (HALBWACHS, 2003). O segundo autor ganha novo destaque aqui em função da noção de imagem pública que surge em função da associação entre as lembranças sociais e a estrutura espacial que é observada. Esta imagem é construída em função de cinco elementos responsáveis por esta estruturação espacial da paisagem urbana que estão presentes no livro "A Imagem da Cidade" (LYNCH, 2011). Já o terceiro autor possui neste momento um papel de fechamento do bloco teórico em que a noção de fronteira aparece como um ponto central dentro dos relatos de espaço. O conceito de fronteira aparece no livro "A Invenção do Cotidiano" (CERTEAU, 2014) como um terceiro entre dois espaços que só existe enquanto abstração relacional a partir de alguma oposição entre estes espaços. As fronteiras representam aqui os pontos de tensão entre os espaços ao longo dos percursos cotidianos que vão da casa à cidade passando pelo bairro.

No segundo bloco é organizado e construído o *método de análise* que será aplicado no estudo de caso no último bloco. Neste segundo momento da dissertação, os conceitos da parte anterior são operacionalizados e transformados em ferramentas analíticas a serem utilizadas posteriormente. O bloco metodológico assim como o teórico está dividido em três capítulos (4, 5, 6) relacionados com os três capítulos teóricos iniciais e que correspondem aos três passos metodológicos. A seguir, tais capítulos são apresentados:

No capítulo 4, pretende-se operacionalizar a análise histórica e documental das ações estratégicas e táticas responsáveis pela produção do espaço e entendidas aqui como os dados históricos a serem reconstruídos. As fontes destes dados são documentos, reportagens de jornal e publicações afins. Nesta etapa, a técnica de coleta dos dados corresponde ao levantamento documental e histórico das reportagens e publicações afins e a técnica de organização dos dados está baseada na construção da linha do tempo das ações produtoras do espaço. A partir deste ordenamento temporal dos dados, objetiva-se construir a técnica de análise da interação entre as ações produtoras do espaço em função da relação entre estrutura, forma e função. Esta relação torna viável a análise da interação entre as estratégias do projeto e as táticas das apropriações no tempo.

No capítulo 5, objetiva-se operacionalizar a análise cartográfica das formas de

adequação entre os padrões espaciais do espaço físico e os comportamentos habituais do espaço social entendidas aqui como os dados cartográficos a serem obtidos. Suas fontes são a implantação original do espaço e as imagens aéreas das sucessivas ocupações. Neste momento, a técnica de coleta dos dados corresponde ao levantamento gráfico espacial enquanto a técnica de organização dos dados diz respeito à construção de mapas fundo-figura da etapa inicial de ocupação e da etapa atual de ocupação do espaço. A partir deste mapeamento dos dados, objetiva-se construir a técnica de análise das adaptações realizadas no espaço em função da relação entre vias, parcelamento e edificações. Esta relação viabiliza a análise do processo de adequação entre o espaço concebido originalmente e o vivido temporalmente.

No capítulo 6, pretende-se operacionalizar a análise dos percursos cotidianos realizados pelos moradores do lócus selecionado entendidos aqui como os dados a serem construídos. As fontes destes dados são as paisagens urbanas que são os cenários dos percursos e as lembranças vividas que resgatam estes cenários. Nesta etapa, a técnica de coleta de dados corresponde ao registro fotográfico do contexto habitacional local e aos questionários abertos realizados com os moradores enquanto a técnica de organização está baseada em um relato cotidiano do espaço a partir da construção da imagem pública local oriunda dos moradores. A partir desta imagem relatada, pretende-se articular a técnica de análise das fronteiras atravessadas nos percursos cotidianos em função da relação entre casa, bairro e cidade. Esta relação viabiliza a compreensão da forma como os moradores interagem com os diferentes espaços percorridos no dia-a-dia problematizando a relação entre espaço projetado e apropriado.

Já no terceiro e último bloco, o *estudo de caso* é realizado com base na teoria presente nos três primeiros capítulos e na metodologia presente nos três capítulos seguintes. Aqui o estudo também está articulado em três capítulos (7, 8 e 9) relacionados com as duas partes precedentes:

No capítulo 7, a análise aborda o lócus do objeto de estudo do ponto de vista histórico. Primeiramente é realizada uma contextualização da produção habitacional do período histórico analisado destacando os atores envolvidos na produção do espaço. Em um segundo momento, esta contextualização ganha materialidade em função da construção da linha do tempo do processo de consolidação do espaço do Conjunto Habitacional Guajuviras entre o projeto original e as apropriações temporais. O sétimo capítulo se encerra através de uma análise do espaço resultante das ações produtoras e de uma divisão do mesmo em regiões distintas em função da relação estrutura-forma-função.

No capítulo 8, a análise destaca o aspecto físico do lócus do objeto de estudo. Inicialmente, o espaço físico oriundo da implantação original e o espaço social oriundo das ocupações sucessivas do Conjunto Habitacional Guajuviras são destacados e problematizados. No momento seguinte, esta problematização é analisada no que diz respeito às formas de adequação do espaço projetado e implantando quando ocupado e apropriado em função da comparação entre os mapas da etapa inicial e da etapa atual da ocupação. Este capítulo se encerra com a distinção entre as regiões do conjunto habitacional resultante das sucessivas adaptações espaciais em função da relação via-parcelamento-edificação.

No capítulo 9, a análise enfatiza o cotidiano do lócus do objeto de estudo. Primeiramente, o cotidiano é abordado do ponto de vista da paisagem observada e memorizada pelo pesquisador que percorre o espaço pela primeira vez e relata esta experiência em comparação com o sistema original de circulação do espaço idealizado no projeto. Em seguida, é desenvolvido um relato sobre o bairro a partir das lembranças dos moradores de cada uma das diferentes regiões do bairro em função da imagem pública oriunda dos percursos cotidianos. A partir da construção deste relato, o último capítulo antes da conclusão aborda a tensão presente nas diferentes fronteiras entre as escalas do cotidiano percorrido em função da relação casa-bairro-cidade.

Em função da forma como as partes da dissertação estão articuladas, o texto da mesma pode ser lido de duas formas distintas. A primeira corresponde a uma leitura vertical em que os três blocos são lidos na sequência linear do texto. Primeiramente a teoria, depois o método e por último o estudo de caso. Contudo, há uma segunda forma de ler o trabalho em função da relação existente entre cada um dos três capítulos de cada um dos três blocos. Logo, dentro desta lógica, os três primeiros capítulos de cada um dos blocos são lidos para em seguida serem lidos os três segundos de cada bloco e, finalmente, os três últimos de cada bloco. Esta forma alternativa de leitura está articulada de maneira horizontal ao contrário da ordem vertical como o texto está escrito.

A primeira forma de ler o texto segue a sequência normal dos capítulos (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9) enquanto a segunda forma segue uma sequência alternativa (1, 4, 7, 2, 5, 8, 3, 6 e 9). A primeira está organizada nos três blocos (teoria, método e estudo de caso), a segunda está organizada por assunto (atores/ações/espacos, ocupações/adequações/adaptações e memórias/percursos/fronteiras). A seguir, a Tabela 1 sintetiza a estrutura da dissertação e as duas formas de leitura da mesma destacando a introdução, a teoria, o método, o estudo de caso e a conclusão.

INTRODUÇÃO	TEORIA	MÉTODO	EST. DE CASO	CONCLUSÃO
Tema e justificativa; Objeto empírico e justificativa; Motivação; Contribuição; Questões; Objetivos; Pressupostos; Organização da dissertação; Forma do texto.	Capítulo 01: Tópico 01 Tópico 02 Tópico 03	Capítulo 04: Tópico 01 Tópico 02 Tópico 03	Capítulo 07: Tópico 01 Tópico 02 Tópico 03	Retomada do tema e do objeto empírico; Retomada das questões, dos objetivos e dos pressupostos; Contribuições teóricas e metodológicas; Considerações finais.
	Capítulo 02: Tópico 01 Tópico 02 Tópico 03	Capítulo 05: Tópico 01 Tópico 02 Tópico 03	Capítulo 08: Tópico 01 Tópico 02 Tópico 03	
	Capítulo 03: Tópico 01 Tópico 02 Tópico 03	Capítulo 06: Tópico 01 Tópico 02 Tópico 03	Capítulo 09: Tópico 01 Tópico 02 Tópico 03	

Tabela 1: Estrutura da dissertação com suas partes constituintes.

Fonte: MOG, W. 2016.

Ainda em relação à forma como o texto está escrito, no início de cada tópico do bloco teórico há uma citação de algum dos autores abordados que sintetiza o assunto a ser desenvolvido no tópico. Desta forma, a leitura preliminar destas citações, na sua ordem, possibilita um entendimento prévio do contexto teórico em que a dissertação está inserida.

BLOCO TEÓRICO

Neste primeiro momento do trabalho, pretende-se construir um arcabouço teórico como base conceitual para as articulações posteriores. Entende-se que o resgate de autores que abordam e problematizam as questões destacadas na introdução é de suma importância para a inserção do trabalho, em uma perspectiva teórica e acadêmica. Logo, objetiva-se aqui uma reconstrução do saber fundamentada em eixos racionais e relacionais, a partir do já construído, com a intenção de superar os obstáculos epistemológicos (BACHELARD, 1996). Esta parte teórica inicial funciona como um norteador do que será construído a seguir, tanto no método, como na análise empírica.

Para que as considerações resultantes do objeto experimentado e analisado apresentem credibilidade acadêmica, é essencial que estas estejam fundamentadas em um sistema que dá origem a um método de experimentação geral (BACHELARD, 1996, p.14). Este sistema não é dado a priori, mas é construído a partir da experiência científica e contra a experiência comum. Enquanto a primeira viabiliza a verificação a partir de um método seguro transformando fatos em leis, a segunda está restrita aos fatos, pois não é verificável. Para Bachelard (1996, p.24), é preciso um estado de mobilização permanente com a intenção de substituir o saber fechado e estático por um conhecimento aberto e dinâmico. Portanto, no processo de construção do conhecimento, é necessário trabalhar a partir de uma base teórica sistemática objetivando a ruptura de obstáculos que não foram assim construídos. Desta maneira, a realidade pode ser analisada em função de um olhar crítico capaz de destruir conhecimentos mal estabelecidos (BACHELARD, 1996, p.17).

A partir destas questões, que enfatizam a importância de uma construção teórica bem fundamentada, pretende-se dividir a revisão teórica do presente trabalho em três momentos complementares. No primeiro, objetiva-se enfatizar a problemática do espaço que é produzido a partir da relação entre os diferentes atores envolvidos na produção através das suas ações materializadas no cotidiano das práticas espaciais. No segundo, o foco está na relação entre o aspecto físico e o aspecto social do espaço quando este é ocupado e transformado a partir da necessidade de adequação entre forma urbana e vida cotidiana. E, no último momento, a intenção é abordar a relação entre paisagem e memória, na construção da imagem coletiva de determinado espaço, percorrido ao longo do tempo. A seguir, cada momento teórico, juntamente com seu arcabouço conceitual, será aprofundado configurando os três primeiros capítulos do presente trabalho.

CAPÍTULO 1:

ENTRE O CONCEBIDO NO PROJETO E O VIVIDO NAS APROPRIAÇÕES

Este primeiro capítulo enfatiza a problemática que envolve a dissociação entre os atores que concebem o espaço através do projeto e os atores que vivem o espaço através das apropriações em função da interpenetração entre o espaço concebido e o espaço vivido no espaço percebido. Esta interpenetração evidencia o desencontro entre as ações estratégicas e as ações táticas que se materializa ao longo do tempo quando o espaço projetado, ao ser implantado, é apropriado pela população que o ocupa. Neste processo, o espaço é transformado para atender ao cotidiano das pessoas, de diferentes maneiras, resgatando a relação complementar e essencial entre ser e espaço. Este primeiro momento teórico está organizado em três tópicos sequenciais. O primeiro foca nos atores produtores do espaço, o segundo nas diferentes ações e o terceiro na materialização destas em função do espaço.

O primeiro tópico aborda a separação entre os atores que pensam o espaço a ser construído e os atores que habitam o espaço como base para a construção do ser. Tal separação está marcada pelo desenraizamento do homem em relação ao seu espaço de manifestação (HEIDEGGER, 2012). Esta problemática é tomada aqui como o pano de fundo, pois uma vez evidenciado este desenraizamento, o homem apresenta, no tempo, a necessidade de resgatar os vínculos com o seu espaço negligenciados em um primeiro momento. Logo, o foco está nas diferentes formas de recuperação deste vínculo em função da relação entre o espaço concebido, através do projeto, e o espaço vivido, a partir da apropriação do espaço material, percebido cotidianamente (LEFEBVRE, 1991).

Já o segundo tópico foca na relação entre as ações oriundas dos atores que pensam e concebem o espaço e as ações oriundas dos atores que habitam e vivem o espaço como a tensão a ser destacada durante a produção do espaço urbano. Enquanto as primeiras correspondem às estratégias deterministas e hegemônicas, as segundas correspondem às táticas adaptativas e cotidianas (CERTEAU, 2014). É a partir do choque entre ambas que o espaço é transformado e resignificado, pois as táticas tratam de reconfigurar o espaço a partir do fundo configurado pelas estratégias. Este confronto emerge durante a construção do lugar¹ enquanto dimensão do cotidiano (SANTOS, 2006).

¹ A abordagem do conceito de lugar em Santos (2006) é oposta à abordagem do conceito em Certeau (2014). Enquanto na primeira o lugar é a dimensão do cotidiano, na segunda o lugar corresponde ao espaço imposto pelas ações estratégicas. Em Certeau (2014, p.170), a dimensão do cotidiano corresponde ao não lugar ou lugar sonhado. No presente trabalho, optou-se pela utilização do conceito de lugar segundo Santos (2006) na construção do método e na análise do estudo de caso.

Por último, o terceiro momento enfatiza a materialização da relação entre as ações dos distintos atores no espaço que é percebido no cotidiano. Entende-se que a interpenetração entre o concebido e o vivido acarreta continuidades e descontinuidades entre ambos a partir do percebido ao longo do tempo (LEFEBVRE, 2001). Em alguns casos, se observa uma correspondência entre o que foi pensando no projeto concebido e o que foi realizado nas apropriações vividas enquanto, em outros casos, se observa uma ruptura entre esses dois momentos. Tal interação cooperativa, ou conflitante, é medida a partir da relação entre estrutura, forma e função durante a transformação dos espaços, ao longo do tempo (LEFEBVRE, 1991).

A seguir, cada um destes tópicos será aprofundado teoricamente com base nos autores já enfatizados.

1.1. Quem pensa não é mais quem habita: Espaço concebido e espaço vivido

“Somente em sendo capazes de habitar é que podemos construir.”

HEIDEGGER, 2012, p.139

Basta caminhar pelas cidades para perceber como o crescimento do espaço urbano segue uma dinâmica alucinante. Áreas centrais se transformam ganhando edifícios em altura enquanto novos conjuntos habitacionais surgem da noite para o dia nas periferias destes centros. A verticalização e a expansão horizontal do tecido urbano não parecem ter limites em função de uma lógica de produção do espaço urbano em que a quantidade produzida tem prioridade sobre a qualidade pretendida. Contudo, apesar desta lógica em que o objetivo é o lucro, alcançado através do produto, o espaço urbano ocupado pelas pessoas exige a retomada do cotidiano, alcançado através da obra. Logo, a cidade é o cenário do embate entre o valor de troca e o valor de uso². O primeiro corresponde ao retorno financeiro que a produção do espaço viabiliza enquanto o segundo é associado à manifestação da festa e da vida urbana que o cotidiano viabiliza (LEFEBVRE, 2001, p.14).

“A própria cidade é uma obra, e esta contrasta com a orientação irreversível na direção do dinheiro, na direção do comércio, na direção das trocas, na direção dos produtos. Com efeito, a obra é valor de uso e o produto é valor de troca (LEFEBVRE, 2001, p.12).”

² O valor de uso está associado à utilidade de um bem para um determinado agrupamento social enquanto o valor de troca está associado à relação quantitativa em função da troca entre valores de uso diferentes (MARX, 1996).

Para Lefebvre (1991, pp.100-102), o espaço urbano enquanto lugar de encontro cooperativo, ou conflituoso, vivencia uma interação constante entre o seu valor de troca e o seu valor de uso. É inviável pensar a cidade como uma obra sem considerar o seu aspecto de produto, pois ambos estão presentes no horizonte das práticas sociais que realizam o “ser social”. A forma como o espaço é projetado enquanto valor de troca influencia diretamente na forma como este é apropriado enquanto valor de uso. Um dependente do outro em uma relação dialética dentro da lógica de produção da cidade que se encontra no meio termo entre a ordem próxima e a ordem distante. Enquanto a primeira se dá no âmbito do cotidiano das relações entre indivíduos, em grupos mais ou menos amplos, sustentando a apropriação local da cidade, a segunda se dá no âmbito das grandes e poderosas instituições que projetam, sobre um terreno, a sua visão urbana. A cidade, portanto, é entendida como uma mediação entre as mediações (LEFEBVRE, 2001, p.52).

A problemática deste modelo produtivo surge quando a cidade, enquanto mediadora, se torna o ponto de divergência ao invés de ser o ponto de convergência entre estas duas ordens, materializando a dissociação entre ambas e seus respectivos integrantes. Logo, há uma desarticulação entre as ações, gerando contradições entre o ator que pensa o espaço, originalmente, em função do projeto, e o ator que habita o espaço, temporalmente, em função da apropriação. Tal desacordo evidencia uma fragilidade essencial que é frequentemente negligenciada pelo planejamento urbano e regional e entendida aqui como pano de fundo do trabalho. Em seu ensaio “Construir, habitar, pensar” de 1951, o filósofo alemão Martin Heidegger já identificava o problema essencial da habitação que se agravou até os dias de hoje.

“A crise propriamente dita do habitar não se encontra, primordialmente, na falta de habitação. A crise propriamente dita de habitação é, além disso, mais antiga do que as guerras mundiais e a destruição, mais antiga também do que o crescimento populacional na terra e a situação do trabalhador industrial. A crise propriamente dita do habitar consiste em que os mortais precisam sempre de novo buscar a essência do habitar, consiste em que os mortais *devem primeiro aprender a habitar* (HEIDEGGER, 2012, p.140).”

O habitar seria, então para aquele autor, a maneira como o homem é sobre a terra (HEIDEGGER, 2012, p.127). Este termo, entendido desta forma, ultrapassa a noção restrita à casa propriamente dita, ganhando uma dimensão existencial em que o seu traço fundamental é o resguardo do ser, no sentido de um demorar-se dos

homens sobre a terra (HEIDEGGER, 2012, p.129). Logo, antes de ser quantitativo, o problema do habitar é qualitativo, pois a forma como a cidade é construída desconsideraria as necessidades básicas do habitar, segundo o filósofo alemão. Quando Heidegger recomenda a necessidade de aprender a habitar, ele quer dizer que se deve construir a partir do ser, que se altera no tempo, e pensando em direção ao resguardo deste ser (HEIDEGGER, 2012, p.141). A problemática, então, não está apenas no que é construído, ou no quanto é construído, mas na maneira como é construído.

As habitações construídas em meados do século XX eram fáceis de serem administradas, acessíveis do ponto de vista econômico e apresentavam condições climáticas adequadas em função de uma boa ventilação e de uma boa iluminação segundo Heidegger (2012, pp.125-126). Contudo, ele questionava se estas habitações construídas garantiriam um “habitar”, pois é fundamental interrogar-se sobre o sentido da ação objetivando o conhecimento do motivo pelo qual algo é construído. Quando tal situação não se concretiza, o desenraizamento do homem em relação ao seu espaço de manifestação acontece. E assim, o processo sistemático entre o construir e o habitar se torna uma relação linear em que o construir é o meio e o habitar é o fim (HEIDEGGER, 2012, p.126).

Para Heidegger (2012, p.127), no habitar estão contidos dois modos de construir: o construir como o cultivo do ser, e o construir como a edificação de construções. Os dois modos são complementares e garantem a estabilidade da relação entre o ser e o seu espaço. Contudo, quando o construir, no sentido de edificar, ganha prioridade sobre o construir, entendido como cultivo e crescimento do ser, se deixa de compreender o construir como um habitar, e se passa a produzir o desenraizamento espacial que origina a crise do habitar. O foco da construção deixa de estar no ser que habita e passa a estar, unicamente, na edificação a ser habitada (HEIDEGGER, 2012, p.128). É rara, portanto, a possibilidade do ser se desenvolver gradativamente em função da construção do seu ser e do seu espaço, ao longo do tempo, habitando-o, pois este espaço já está pronto, acabado e definido quando o ser o ocupa.

A relação entre ser e espaço deixa de ser uma interação temporal e passa a ser uma imposição espacial em função da forma de produção do espaço desvinculada do seu aspecto social e cultural (HEIDEGGER, 2012, p.140). Desta forma, o espaço tende a não corresponder às aspirações e aos desejos do ser que, ao ocupa-lo, irá promover o resgate do habitar e, conseqüentemente, a reconquista do vínculo entre habitar e construir. Logo, a questão que se apresenta aqui como o foco do trabalho é: de que forma esta reconquista acontece após o desenraizamento promovido pela falta

de articulação entre quem pensa e quem habita o espaço? O que passa a interessar não é mais a construção edificada em si, mas a forma como esta contribui com a construção do ser, no tempo, em função do atendimento dos anseios dos habitantes. Este resgate tende a envolver a necessidade de transformação do espaço construído, fisicamente, acarretando uma série de cicatrizes tanto espaciais, como sociais, em função do choque entre o idealizado, inicialmente, no projeto e o modificado, temporalmente, nas apropriações.

Quem pensa o espaço com o foco apenas na construção a ser edificada acaba por desconsiderar quem irá habitá-lo. Por outro lado, quem habita o espaço construído desta forma não irá seguir as regras de quem o idealizou. O resultado dessas dissociações entre o ator que pensa (o espaço concebido) a partir do projeto e o ator que habita (o espaço vivido) a partir da apropriação se evidencia na construção tanto física como social (do espaço percebido) no cotidiano (LEFEBVRE, 1991, pp.38-39). Observa-se, portanto, vinculações entre a tríade heideggeriana pensar, construir e habitar e a tríade espacial lefebvriana marcada pela relação entre o concebido, o percebido e o vivido que representam aqui um sistema articulado (Figura 1). Enquanto a primeira aborda a questão da produção habitacional do ponto de vista do ser, a segunda destaca a problemática ao enfatizar o seu aspecto espacial.

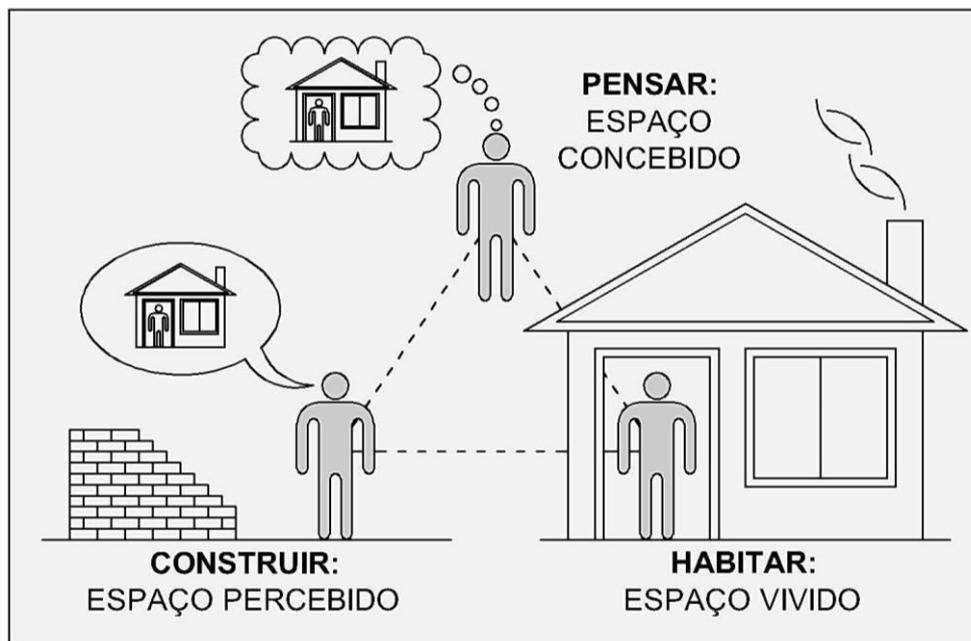


Figura 1: Interpretação gráfica sobre a relação entre a tríade pensar/construir/habitar, a partir de Heidegger, e a tríade concebido/percebido/vivido, a partir de Lefebvre.

Fonte: MOG, W. 2016.

Dentro da tríade lefebvriana, a relação entre ser e espaço está representada nos três desenhos da Figura 1, onde a diferença entre eles está no ponto de vista com que esta relação aparece, demonstrando a necessidade de uma articulação sistemática entre o concebido, o percebido e o vivido enquanto base de análise do processo de consolidação dos espaços urbanos durante o resgate do habitar. Portanto, é fundamental a compreensão do significado de cada um destes conceitos para que a materialização da vida cotidiana seja entendida como um processo amplo e temporalmente diferenciado (LEFEBVRE, 1991).

O *espaço concebido* é a representação gráfica do espaço. É o espaço projetado, idealizado e pensado. Ele só existe no desenho dos cientistas, dos planejadores, dos arquitetos e urbanistas, dos tecnocratas. É o espaço dominante e absoluto em uma sociedade marcada por um modo de produção. É elaborado intelectualmente e localiza cada atividade em um lugar pontual propondo uma realidade possível.

Já o *espaço vivido* é o espaço das representações sociais. É o espaço ocupado, apropriado e habitado. Ele existe no cotidiano dos seus diferentes habitantes. É o espaço histórico que a imaginação busca modificar e apropriar através das imagens e símbolos. Este é materializado socialmente e busca contextualizar as atividades dentro de uma realidade em constante transformação e relativizada.

Por último, o *espaço percebido* é a base prática da percepção do mundo exterior onde os espaços concebidos e os espaços vividos se interpenetram entre convergências e divergências. É o espaço das práticas sociais e espaciais que associam uma realidade cotidiana e uma realidade urbana. Associação que deve apresentar certa coesão, o que não quer dizer uma coerência. Nesta, se evidenciam as conexões, distorções, deslocamentos, interferências e os laços entre as práticas espaciais das sociedades. Este é observado empiricamente e marca as distinções entre as diversas regiões de um mesmo lugar.

Segundo Lefebvre (1991, p.40), é necessário que estes espaços estejam reunidos e interagindo entre si de maneira que qualquer sujeito possa passar de um para outro, sem se perder, a partir de um código conhecido. Quando o código de unificação não é mais o mesmo entre cada um dos espaços, a problemática adotada como pano de fundo do trabalho ressurge. A desarticulação existente entre os atores enfatizados se materializa na desarticulação entre os espaços. Contudo, estar desarticulado enquanto sistema não significa que eles não estejam coexistindo em um mesmo lugar. Eles continuam sobrepostos e é exatamente destas sobreposições sem conexão sistemática que surgem as contradições espaciais, sociais e temporais.

A abordagem não foca nem no espaço concebido enquanto produto nem no espaço vivido enquanto obra, mas na relação entre os dois extremos no espaço percebido cotidianamente. O que ocorre na realidade é uma interpenetração de espaços, de ritmos e de oposições que se manifestam no cotidiano (LEFEBVRE, 1991, p.164). O espaço projetado só ganha sentido quando é apropriado e transformado de espaço fechado, estéril e vazio em espaço com vida urbana e com uma memória para ser contada. O espaço concebido passa a ser espaço vivido, pois as representações gráficas do espaço no projeto original se transformam em espaços operacionais de representação na apropriação temporal (LEFEBVRE, 1991, pp.38-39).

Para Lefebvre (1991, p.46), nesta passagem do concebido para o vivido que se verifica no espaço percebido, as relações entre os três momentos não são simples nem estáveis. O choque entre o produto (associado ao espaço concebido) e a obra (associada ao espaço vivido) estabelece uma distinção, mas que apresenta um alcance relativo, pois não há razão para se separar completamente um do outro (LEFEBVRE, 1991, p.77). Uma relação entre ambos é viável na medida em que a obra atravesse o produto e o produto não devore a criação da obra. Mediações e mediadores diversos se interpõem na produção do espaço que não se reduz aos objetos contidos nele e nem à soma destes, pois estes trazem consigo relações. Portanto, esta abordagem não tem como foco a análise objetiva dos diferentes componentes, sejam físicos ou sociais, que produzem o espaço urbano, mas a análise relacional das diferentes disposições entre os componentes, tanto físicos como sociais.

A questão aqui é a maneira como acontece estas disposições em função da interpenetração entre o concebido e o vivido, após um determinado período histórico, e seus resultados tanto físicos como sociais. O espaço é dinâmico e sujeito a reinvenções e a ressignificações, a cada nova mudança. Neste processo interminável, os grandes movimentos estão em constante relação com os pequenos movimentos (LEFEBVRE, 1991, p.87). Logo, é importante entender de que maneira são produzidos estes diversos movimentos, ritmos e frequências que entrelaçam a relação hierárquica entre grandes e pequenos. É necessário retornar dos objetos, sejam eles produtos ou obras, para as suas ações geradoras, pois apenas este movimento temporal permite a compreensão da natureza dos objetos e das suas diferentes relações (LEFEBVRE, 1991, p.113).

A seguir, este retorno dos objetos às ações é enfatizado em função da relação entre as ações estratégicas e as ações táticas com base em Certeau (2014).

1.2. Reinventando o já inventado: Ações estratégicas e ações táticas

“Os jogos dos passos moldam espaços.”

CERTEAU, 2014, p.163

Quando a análise do espaço ganha um pano de fundo histórico, é viável a observação das diferentes atividades e atitudes responsáveis pela constituição do mesmo. Dentro deste panorama se relacionam ações estratégicas oriundas dos atores responsáveis pelo espaço concebido e ações táticas resultantes dos atores que reagem ao espaço concebido. Esta relação, contudo, não é algo linear e constante, pois rupturas podem surgir em função das desarticulações já comentadas. Estratégias e táticas são entendidas aqui, segundo Certeau (2014), como os dois tipos de ações que constroem o espaço e a sua história ao longo do tempo.

Para Certeau (2014, p.45) as estratégias representam a produção determinista e hegemônica. Estas postulam o lugar como uma configuração instantânea de posições capaz de ser circunscrito como um próprio produzido, mapeado e imposto. Estas ações visam criar lugares a partir de modelos abstratos que seguem um ordenamento estabelecido. São organizadas pelo postulado de um poder panóptico materializado em um espaço geométrico. Já as táticas representam a reação contra as estratégias dominantes em função da introdução de uma maneira de tirar partido do sistema imposto. Imbricada na estratégia e funcionando segundo regras diferentes e interferentes, a tática depende do tempo na medida em que ela joga com os acontecimentos para transformá-los em ocasião (CERTEAU, 2014, p.46).

Ao contrário da primeira, esta última utiliza, manipula e altera o lugar praticando-o dentro da dimensão temporal. É a arte do fraco, que opera golpe por golpe, lance por lance, de forma adaptativa e cotidiana apontando para uma hábil utilização do tempo materializado no espaço antropológico. Segundo Certeau (2014, p.48), neste processo constante de apropriação, a ordem reinante e estratégica serve de suporte para produções oportunistas e silenciosas a partir das táticas que requisitam o seu direito de manifestação no cotidiano.

Enquanto as ações estratégicas geram o espaço concebido, as ações táticas reagem contra o concebido estrategicamente viabilizando o espaço vivido. A produção do espaço ocorre, então, em função da tensão entre estratégias e táticas que se materializam no espaço percebido. Logo, o espaço urbano não é produzido apenas pelos grupos que possuem o comando sobre o modo de produção hegemônico, pois uma vez ocupado e apropriado, tal espaço passa por *outra* produção em função das necessidades táticas das pessoas envolvidas no cotidiano (CERTEAU, 2014, p.38).

“A uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde *outra* produção, qualificada de “consumo”: esta é astuciosa, é diversa, mas ao mesmo tempo ela insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios, mas na *maneira de empregar* os produtos impostos por uma ordem econômica dominante (CERTEAU, 2014, p.39).”

É exatamente nessa passagem entre a produção *racionalista e estratégica* e a produção *astuciosa e indisciplinada* que surge o paradoxo do espaço urbano. Dessa relação conflitante entre atores com interesses antagônicos, surge um espaço vivido reinventado pelas táticas do cotidiano e distinto do concebido pelas estratégias do poder dominante (CERTEAU, 2014, p.45). Essa reinvenção recorrente no espaço urbano não é destrutiva em absoluto, pois nenhuma tática irá romper completamente com uma estratégia, logo nenhum espaço projetado pode ser apagado totalmente em função das apropriações posteriores. É necessário entender então de que forma este paradoxo ou esta dissociação entre atores é resolvida no âmbito da vida cotidiana através da materialização espacial da relação entre as ações estratégicas do projeto e ações táticas das apropriações (Figura 2).



Figura 2: Relação entre as ações estratégicas e as ações táticas.

Fonte: MOG, W. 2016.

Ao manipular o espaço urbano com base em um fundo já produzido, as operações silenciosas das práticas cotidianas começam a escrever a história social do espaço resgatando a relação entre as pessoas no e com o espaço como mostra de forma simbólica a imagem da direita na Figura 2. Dessa interação ao mesmo tempo conflituosa e necessária surgem mosaicos urbanos espaciais, sociais e temporais. Estes mosaicos que caracterizam o cotidiano emergem da força das ações menos pragmáticas e mais espontâneas, responsáveis pela surpresa e pela criatividade como formas de romper com a lógica dominante em função da apropriação (SANTOS, 2006, p.152).

“Essa apropriação implica ações que recomponham o espaço proposto pelo ambiente à medida do investimento dos sujeitos, e que são as peças mestras de uma prática cultural espontânea: sem elas, a vida na cidade seria impossível (MAYOL, 2013, p.42).”

Para analisar estas ações cotidianas é essencial analisar os movimentos contraditórios que se articulam fora do poder panóptico (CERTEAU, 2014, pp.161-162). Ao invés de privilegiar o discurso homogeneizante que busca associar as manipulações do espaço no cotidiano a uma ação catastrófica e contra o progresso, objetiva-se enfatizar as práticas “microbianas” e cotidianas que sobrevivem de forma tática em meio ao perecimento das ações estratégicas. A racionalidade dominante define os seus próprios limites evidenciando a necessidade de uma racionalidade alternativa que deve romper a escassez do espaço habitacional através de uma adaptação criadora (SANTOS, 2006, pp.210-211).

As práticas associadas a um espaço projetado objetivam a materialização do cotidiano através desta adaptação que dá origem ao espaço apropriado em função das mudanças demográficas, econômicas e culturais (CERTEAU, 2014). Portanto, apesar da forma de produção do espaço ocorrer segundo um modelo homogêneo, padronizador e precário, o cotidiano pode ser reconquistado em função da maneira como o espaço é transformado, no tempo, entre o projeto que condiciona e a sua apropriação, que materializa uma realidade. Contudo, para compreender este processo renovador que dá origem ao cotidiano é fundamental descer até o nível do solo onde o nosso corpo sente na pele a dinâmica das pessoas em constante circulação.

Neste movimento de descida, cessa a visibilidade de quem observa o espaço urbano de cima enquanto aumenta a proximidade com quem vive ordinariamente a cidade embaixo (CERTEAU, 2014, p.159). Este contexto é o das práticas

organizadoras da cidade habitada onde quem determina as regras do jogo são os praticantes ordinários que vivenciam o espaço transformando-o indefinidamente. Ao analisar a cidade segundo esses critérios, se ingressa no espaço apropriado e vivenciado na sua dimensão mais íntima tornando possível a redescoberta do local e de suas dinâmicas (SANTOS, 2006, p.213). É na apropriação que surgem os lugares para Santos (2006) e os não lugares ou lugares sonhados para Certeau (2014). Esta dimensão é entendida como um cotidiano compartilhado em que ocorrem as cooperações e os conflitos enquanto bases para a vida social e para as manifestações que emergem no espaço.

“O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade (SANTOS, 2006, p.218).”

Segundo Santos (2006, p.220), essas manifestações são mais evidentes nos espaços habitacionais precários, pois as relações de proximidade ganham um conteúdo comunicacional e uma forte atividade em função da percepção das situações de grupo, da afinidade de destino e da afinidade econômica ou cultural. As classes populares possuem a força da criatividade e da renovação para transformar os espaços na dimensão do cotidiano dos lugares, pois se vinculam a uma cultura popular que simboliza o homem e seu entorno (SANTOS, 2006, p.222). É na necessidade em função da escassez que o espaço projetado é transformado e, portanto, resignificado.

A força transformadora das classes populares é traduzida em função de um trabalho livre, criativo e precisamente não lucrativo que desafia a ordem estabelecida de cima para baixo a partir de modelos operatórios (CERTEAU, 2014, pp.81-82). Estes grupos desafiadores em função das suas ações táticas representam, então, a parcela da sociedade responsável pela luta persistente contra os grupos estratégicos amarrados a relações hegemônicas rígidas e impositivas. Suas ações, portanto, são instáveis, adaptáveis e plásticas respondendo de forma mais imediata e adequada às necessidades do dia-a-dia da apropriação a partir de laços de solidariedade que se criam e se recriam dentro do próprio grupo (SANTOS, 2006, p.220). Contudo, tais ações podem resultar em diferentes efeitos na realidade cotidiana em função do contexto em que se inserem.

“Dispositivos semelhantes, jogando com relações de forças desiguais, não geram efeitos idênticos. Daí a necessidade de diferenciar as “ações” (no sentido militar do termo) que se efetuam no interior da rede de consumidores pelo sistema dos produtos, e estabelecer distinções entre as margens de manobra permitidas aos usuários pelas conjunturas nas quais exercem a sua arte (CERTEAU, 2014, pp.43-44).”

Apesar do modo de produção do espaço e de uma política padronizadora, os espaços reinventados em função das práticas cotidianas podem ser contrastantes entre si. Logo, uma análise criteriosa se faz necessária, pois as generalizações precipitadas podem distorcer realidades específicas que acabam sendo desconsideradas. Para Certeau (2014, p.45), as análises estatísticas homogêneas devem ser complementadas pelas análises históricas das operações heterogêneas, pois enquanto as primeiras dão conta do *material* das práticas, as segundas dão conta das suas *formas*. Portanto, o que vale a pena analisar na relação entre o concebido estrategicamente e o vivido taticamente são as formas de transformação do espaço urbano, pois estas guardam as origens das especificidades, tanto físicas como sociais dos espaços, diferenciando-os. A questão central não está em o que se modifica no espaço com as práticas, mas como acontecem as modificações no espaço a partir das práticas.

Surge assim a contradição entre as estratégias e as táticas materializando as condições determinantes da vida social em função de uma prática espacial (CERTEAU, 2014, pp.162-163). Esta prática se apropria do espaço propondo a sua reinvenção de diferentes formas em função do atendimento das necessidades cotidianas das pessoas. Em alguns casos, as transformações apresentam uma relação histórica cooperativa entre o projeto estratégico e a apropriação tática em função da manutenção das finalidades originalmente projetadas. Já em outros as transformações carregam uma carga histórica conflituosa entre o projeto e a apropriação em função da ruptura destas finalidades que sedem espaço para novos fins. Nesta última situação, as transformações motivadas pela apropriação são acompanhadas por um desvio que, ao caracterizar uma mudança mais profunda do que na primeira situação, pode servir de ensinamento para a produção de novos espaços que atendam à vida urbana e cotidiana (LEFEBVRE, 1991, pp.167-168).

Neste processo de apropriação do projeto que varia entre a cooperação e o conflito surgem respectivamente continuidades e descontinuidades estruturais, formais e funcionais que influenciam de maneira direta e distinta o cotidiano percebido pelas

peças. A seguir, tais aspectos relacionados com as diferentes formas de transformação do espaço no tempo serão destacados, com base em Lefebvre (1991; 2001).

1.3. Continuidades e discontinuidades: Estruturas, formas e funções

“Uma forma, que se tornou função, entra em novas estruturas.”

LEFEBVRE, 2001, p.60

O cotidiano é obra social e está em constante formação segundo Lefebvre (2001, p.57). O que interessa, portanto, não é a forma definitiva, mas o processo que leva a diferentes situações no tempo. Tal afirmativa está alinhada com Bachelard (2003, p.118), pois este autor enfatiza o mistério da vida formadora em que a questão não está na forma final, mas na maneira como a formação lenta e contínua conduz ao resultado final. Portanto, ao invés de buscar os modelos que promovem reduções abusivas, é mais esclarecedor buscar os fenômenos urbanos que fornecem as bases para a superação dos obstáculos e dilemas em função de uma realidade profundamente mutante. Segundo Bachelard (1996, p.7), trabalhar dentro deste panorama dinâmico é trabalhar sob o espaço, ou seja, em função das relações essenciais entre o espaço concebido e o espaço vivido.

O processo de interpenetração entre o concebido e o vivido no âmbito do percebido produzem os “lugares” para Santos (2006) e os “não lugares” ou “lugares sonhados” para Certeau (2014). Contudo, as relações entre o concebido e o vivido que geram os espaços apropriados pelas pessoas, nem sempre acontecem de forma complementar e recíproca. O cotidiano percebido e transformado é marcado por uma série de continuidades e discontinuidades (LEFEBVRE, 2001, p.57).

“Essas transformações da vida cotidiana modificaram a realidade urbana, não sem tirar dela suas motivações. A cidade foi ao mesmo tempo o local e o meio, o teatro e arena dessas interações complexas (LEFEBVRE, 2001, p.58).”

Nesse processo de mutação cidadina, é fundamental uma regra metodológica que determina um olhar criterioso sobre o real, pois se sugere que tanto a confusão de uma continuidade ilusória como as discontinuidades absolutas sejam evitadas (LEFEBVRE, 2001, p.58). O que acontece de fato é uma sobreposição dialética entre

continuidades e descontinuidades no tempo ocasionando a diversidade espacial. Tal diversidade pode ser qualificada e compreendida através da relação entre as estruturas, as formas e as funções do espaço analisado dentro de uma perspectiva temporal. Neste contexto, o espaço social entendido como o espaço das relações, das coexistências e das simultaneidades depende, metodológica e teoricamente, destes três conceitos gerais e relacionais (LEFEBVRE, 1991, p.147). Portanto, a análise do espaço social pode ter como foco uma abordagem estrutural, formal e também funcional. Cada uma delas carrega um código que viabiliza o método de análise de determinada materialidade responsável por unir e distinguir os três conceitos ao mesmo tempo, pois não pode haver forma sem função ou sem estrutura (LEFEBVRE, 1991, p.148).

Tanto as análises formais, focadas nos aspectos geométricos do espaço, como as análises funcionais, focadas nos aspectos do uso social do espaço, podem desconsiderar variáveis como a escala, a proporção, as dimensões e os níveis. Já a análise estrutural não, pois esta trabalha com a relação entre o todo e a parte (LEFEBVRE, 1991, p.158). Enquanto as duas primeiras podem estar restritas a um recorte do conjunto, a terceira é necessariamente relacional e trabalha com a lógica de todo o conjunto. Cada análise apresenta uma abordagem parcial sobre o espaço que pode ser entendida de forma isolada e independente das demais. Todavia, esta separação analítica tende a gerar um reducionismo da materialidade estudada (LEFEBVRE, 1991, p.369). Portanto, é recomendável trabalhar com os três conceitos de forma colaborativa para evitar uma análise superficial e até mesmo equivocada, pois um irá influenciar o outro em função da prática espacial.

Dentro desta abordagem integradora, estes três conceitos que abordam o espaço de diferentes pontos de vista guardam uma relação com os três espaços lefebvrianos (LEFEBVRE, 1991, p.369). As estruturas estão relacionadas com o espaço concebido a partir das representações de espaço, as funções estão relacionadas com o espaço vivido a partir dos espaços de representação e as formas estão relacionadas com o espaço percebido a partir do cotidiano. Estruturas concebidas e funções vividas agem umas sobre as outras e se modificam a partir das formas percebidas e transformadas. Para Lefebvre (2001, p.60), no curso do tempo, as formas se transformam em funções e com isso ingressam em novas estruturas que as modificam em um movimento contínuo de criação. Portanto, dentro da característica dinâmica do espaço, dificilmente a relação entre estrutura, forma e função irá permanecer estática e constante, pois é normal que alterações criadoras surjam em função de necessidades cotidianas produzindo a reinvenção do espaço.

“Desestruturações e reestruturações se sucedem no tempo e no espaço sempre traduzidas para a prática, inscritas no prático-sensível, escritas no texto urbano, mas provenientes de outro lugar: da história, do devenir (LEFEBVRE, 2001, p.60).”

Para que as reinvenções aconteçam é fundamental o papel do espaço das mediações. Portanto, a cidade não pode ser concebida e entendida como algo fechado ou como um sistema significante determinado. Esta, necessariamente, precisa estar aberta às transformações do cotidiano marcado pela pluralidade, pela coexistência e simultaneidade, no urbano, de padrões, de maneiras de viver a vida urbana que constroem as histórias dos lugares (LEFEBVRE, 2001, p.63). Ao observar a problemática do espaço urbano e habitacional segundo essa perspectiva, um encontro entre o passado e o presente se estabelece, pois para compreender como o espaço se transforma é necessário entender como ele era na sua origem. Logo, a maneira como o espaço se modifica está diretamente relacionada com a associação entre as estruturas do espaço concebido pelo projeto, as funções do espaço vivido pela apropriação e as formas do espaço percebido no cotidiano entre a implantação do projeto e a ocupação das apropriações (Figura 3).



Figura 3: Relação entre a estrutura concebida, a forma percebida e a função vivida.

Fonte: MOG, W. 2016.

Tais transformações temporais, que envolvem atores sociais e cenários espaciais, podem ocorrer contra ou a partir das diretrizes estruturais originalmente

projetadas. Nas duas situações, a redefinição formal e, conseqüentemente, estrutural do projeto acontece a partir do aspecto funcional das apropriações como mostra a imagem na Figura 3. A diferença está na maneira como se dá a relação entre as definições a partir do espaço concebido das estruturas e as redefinições a partir do espaço vivido das funções no espaço percebido das formas no cotidiano. Na primeira, a relação é de descontinuidade formal entre a forma implantada pelo projeto e a forma ocupada pela apropriação que acaba reestruturando o projeto original enquanto na segunda a relação é de continuidade formal entre implantação e ocupação reafirmando a estrutura original. Este dois casos são entendidos aqui como os extremos dentro de uma escala em que é possível haver uma mescla de continuidades e de descontinuidades entre estruturas, formas e funções durante os processos de apropriação e transformação do espaço.

O espaço é produzido em função destas relações ora convergentes ora divergentes entre espaços concebidos e espaços vividos presentes no espaço percebido. Dentro deste panorama surgem distinções que contribuem na construção de uma realidade social e espacial heterogênea e diversa que se exemplifica na oposição entre o espaço dos pavilhões e o espaço dos conjuntos³ em Lefebvre (2001).

“Uma espécie de plasticidade permitia modificações, apropriações. O espaço dos pavilhões – recinto, jardins, cantos diversos e disponíveis – deixava ao habitat uma margem de iniciativa e de liberdade, limitada, mas real. A racionalidade estatal vai até o fim. No novo conjunto instaura-se o habitat em estado puro, soma de coações (Lefebvre, 2001, p.26).”

A vida urbana emerge deste emaranhado de padrões sobrepostos e interconectados entre as ordens e as coações vindas do alto. Esta procura se apropriar do tempo e do espaço lutando contra a dominação em função de uma atitude astuciosa e desviante que possui como objetivo o habitar. O urbano dentro deste contexto de recriação é entendido como a obra dos cidadãos ao invés de ser um produto imposto a eles como um sistema fechado ou um livro já finalizado (LEFEBVRE, 2001, p.72). Logo, é na relação complementar entre espaço concebido e espaço vivido durante as transformações sociais e espaciais percebidas que nasce um

³ Os pavilhões e os conjuntos são duas formas de habitat que foram implantadas ao redor de Paris nas Comunas suburbanas. Os primeiros eram conjuntos residenciais suburbanos formados por casas isoladas uma das outras, já os segundos eram blocos de apartamentos. Logo, enquanto os habitantes dos pavilhões estavam inseridos em espaços abertos às transformações a partir de um imaginário flexível relacionado ao habitat, os habitantes dos conjuntos estavam inseridos em espaços fechados às transformações a partir de uma lógica rígida relacionada ao habitat (LEFEBVRE, 2001, pp.25-27).

ambiente em que o encontro e o confronto das diferenças são possíveis em função da coexistência de padrões sociais e espaciais (LEFEBVRE, 2001, p.22).

Trata-se de desfazer as estratégias em função das táticas enquanto força suscetível de realizar um movimento contrário na prática (LEFEBVRE, 2001, p.113). Contra a cidade atemporal, racional, planejada e criada para um sujeito universal se ergue na dimensão do cotidiano a cidade transumante e metafórica repleta de contradições e distorções que se combinam e recombina contra o poder panóptico (CERTEAU, 2014, p.159-161). Esta cidade marcada pelas práticas “microbianas” e cotidianas modifica a outra marcada pelos conceitos determinantes. Estruturas, formas e funções são definidas e redefinidas a partir do fundamento antropológico das necessidades sociais (LEFEBVRE, 2001, p.105). Esta situação comporta então ao mesmo tempo a necessidade de segurança e de abertura, a de certeza e a de aventura, a da organização do trabalho e a do jogo, a da previsibilidade e a do imprevisto, a de unidade e a de diferença, a de isolamento e a de encontro.

“Trata-se da necessidade de uma atividade criadora, de obra (e não apenas de produtos e de bens materiais consumíveis), necessidades de informação, de simbolismo, de imaginário, de atividades lúdicas. Através dessas necessidades especificadas vive e sobrevive um desejo fundamental, do qual o jogo, a sexualidade, os atos corporais tais como esporte, atividades criadoras, a arte, e o conhecimento são manifestações particulares e momentos, que superam mais ou menos a divisão parcelar dos trabalhos (LEFEBVRE, 2001, p.105).”

Dessa forma o urbano está sempre em tensão. Aquela tensão criadora e transformadora entre a estrutura, a forma e a função que devem ser discernidas, mas não dissociadas, pois a triplicidade enquanto sistema desses aspectos constitui um “todo” que é mais que estes aspectos isolados (LEFEBVRE, 2001, p.110). Dentro desta perspectiva, o espaço urbano está em constante construção, transformação e adequação em função da relação interminável entre processos sociais e arranjos espaciais (HARVEY, 1980).

Tal interação é a marca do processo de ocupação, adequação e adaptação do espaço urbano a ser abordado no segundo capítulo teórico em função de autores como Bourdieu (2012) e Lynch (2010) e Panerai (2014).

CAPÍTULO 2:

ENTRE A ADEQUAÇÃO DO ESPAÇO E A TRANSFORMAÇÃO URBANA

Este segundo capítulo problematiza a relação entre espaço físico e espaço social através do processo de ocupação. Entende-se que quando um grupo ocupa um determinado espaço, surge uma relação entre os padrões espaciais do espaço físico e os comportamentos habituais do espaço social que pode ser mais ou menos adequada. Portanto, ao longo do tempo tal relação tende a ser lapidada objetivando uma melhoria na adequação em função de sucessivas adaptações da forma urbana. Este segundo momento teórico está organizado em três tópicos sequenciais. O primeiro foca na relação entre espaço físico e espaço social dentro da história dos lugares, o segundo no processo de adequação e o terceiro na adaptação entre a forma urbana projetada e a forma urbana apropriada.

No primeiro tópico, objetiva-se enfatizar a relevância da relação entre o espaço físico e o espaço social na constituição do lugar. Enquanto o primeiro é o espaço das localizações e, portanto, imóvel, o segundo é o espaço das posições e, portanto, dinâmico (BOURDIEU, 2012). Ambos interagem na cena urbana que é a cidade em função dos sistemas de objetos relacionados ao primeiro e dos sistemas de ações relacionados ao segundo (SANTOS, 2006). Logo, quando o espaço físico é ocupado por um espaço social, surge uma relação de dependência entre os dois na busca por um lugar adequado.

Já no segundo tópico, o foco está nesta busca pela adequação que inicia quando o espaço e seus padrões espaciais são ocupados pelas pessoas e seus comportamentos habituais (LYNCH, 2010). No decorrer deste processo de adequação, se configuram diferentes cenários espaciais, devido às modificações entre o projeto e as apropriações, que são classificados e diferenciados em função da variação de algumas características relevantes. Cabe ao projeto implantado, então, permitir reavaliações constantes da sua ordem original promovendo uma relação complementar entre os diferentes cenários, pois esta será reinventada conforme as necessidades cotidianas (SANTOS, 1988).

Por último, no terceiro tópico, é abordada a forma urbana e a capacidade de adaptação do seu tecido urbano que se materializa na terceira dimensão do espaço (PANERAI, 2014). Neste momento, destacam-se as três lógicas complementares da forma urbana, responsáveis pela garantia desta capacidade: a lógica das vias, a lógica do parcelamento e a lógica das edificações. Esta estruturação da forma urbana também é trabalhada em função da relação entre três elementos estruturais: o lote, o quarteirão e a rua (SANTOS, 1988). Tanto as lógicas utilizadas aqui como variáveis

analíticas, como os elementos, possibilitam a identificação das diferentes maneiras como a forma urbana se transforma objetivando o processo de adequação.

A seguir, cada um destes tópicos será aprofundado teoricamente com base nos autores já enfatizados.

2.1. O papel da história: Espaço físico e espaço social

“O espaço social me engloba como um ponto.”

BOURDIEU, 2011, p.27

A produção do espaço urbano é marcada pela interpenetração dos três espaços lefebvrianos que pode acontecer de diferentes formas em função de continuidades e descontinuidades entre o espaço concebido e o vivido. Estas convergências, ou divergências, surgem no âmbito temporal da vida cotidiana em função da tensão entre espaço físico e espaço social segundo Bourdieu (2012). Estes dois espaços podem ser associados respectivamente a um sistema de objetos e a um sistema de ações⁴ segundo Santos (2006). Estes dois aspectos do espaço urbano marcam a história dos lugares, relacionando-os e diferenciando-os ao mesmo tempo, em função da relação entre implantação e ocupação no espaço percebido.

Para Bourdieu (2012, pp.160-161), O lugar é um ponto no espaço onde um agente ou uma coisa se encontra situado e garante a sua existência. Esta existência é definida a partir da relação entre a sua localização no espaço físico e sua posição no espaço social (Figura 4). É em função desta relação que, tanto o grupo, quanto o seu lugar de manifestação, se diferenciam dos demais grupos e lugares. O espaço físico é definido pela exterioridade mútua das partes constituintes, em função da implantação, enquanto o espaço social é definido pela exclusão mútua (distinção) das posições que o constituem, em função da ocupação. Quando o espaço social é reificado, este é retraduzido no espaço físico implantado e ocupado em função da distribuição de diferentes bens e serviços e também de grupos sociais localizados que se apropriam destes bens e serviços de diferentes maneiras, caracterizando as diferentes regiões do espaço físico. A Figura 4 evidencia a relação entre espaço social e espaço físico na constituição do lugar.

⁴ Para Santos (2006), sistema de objetos é o conjunto de tudo aquilo que o homem utiliza em sua vida cotidiana enquanto o sistema de ações é o conjunto das rotinas de deslocamento do homem na sua vida cotidiana.

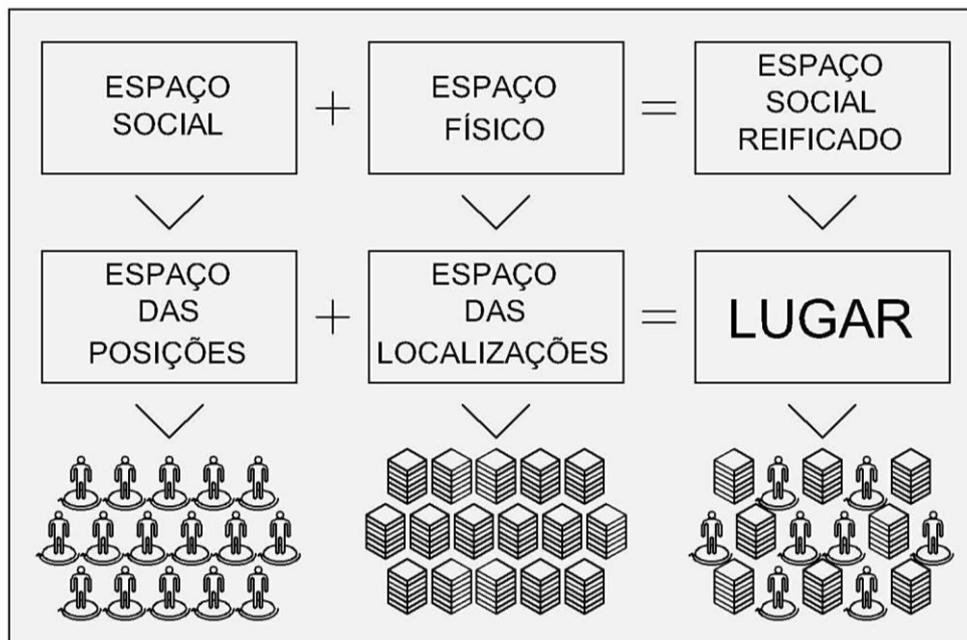


Figura 4: Relação entre espaço social e espaço físico na constituição do lugar.

Fonte: MOG, W. 2016.

Se o espaço físico é o espaço das localizações e o espaço social é o espaço das posições, o primeiro é imóvel e está inscrito no território englobando as construções enquanto o segundo é móvel e se desloca sobre o território englobando os grupos sociais como mostra a imagem na Figura 4. Na sociedade, cada grupo desempenha uma função que está associada a uma posição no espaço social e a uma localização no espaço físico. Contudo, tal condição não é estática, pois as diferentes posições interagem assim como as diferentes localizações. E é através destas interações sucessivas que o espaço físico e o espaço social são construídos em função do contato entre ambos. As ações do espaço social encontram no espaço físico a sua base material para atender aos seus requisitos, no tempo, de diferentes maneiras produzindo diferentes valores, materiais e simbólicos, que caracterizam e reafirmam por sua vez as diferenças do espaço social.

“Essa ideia de diferença, de separação, está no fundamento da própria noção de *espaço*, conjunto de posições distintas e coexistentes, exteriores umas às outras, definidas umas em relação às outras por sua *exterioridade mútua* e por relações de proximidade, de vizinhança ou de distanciamento e, também, por relações de ordem, como acima, abaixo e entre (BOURDIEU, 2011, pp.18-19).”

A diferença, ou a separação, surge apenas em função de uma relação entre as partes envolvidas. Para que haja distinção é necessário um reconhecimento e uma coexistência entre as partes materializadas no espaço. Como a distinção entre grupos é algo comum aos espaços de manifestação, esta é construída de forma temporal com base nestes. Logo, ao se analisar um lugar é necessário construir esta análise de forma relacional, pois qualquer lugar e seu grupo ocupante estão inseridos num contexto em que espaço físico e espaço social são mutuamente influenciados dentro de um percurso histórico. Contudo, objetiva-se aqui discutir até que ponto o espaço físico deixa de ser o plano em que as distâncias do espaço social são gravadas para se tornar uma variável fundamental no processo de afastamento, ou de aproximação, entre grupos sociais. Em outras palavras, até que ponto o espaço físico deixa de ser efeito e passa a ser causa deste processo.

Para abordar esta questão, uma análise rigorosa se faz necessária entre a estrutura do espaço físico e a estrutura do espaço social como condição para romper com as falsas evidências sobre os diferentes lugares na sociedade (BOURDIEU, 2012, p.159). Entende-se que as estruturas sociais se convertem progressivamente em estruturas mentais e em sistemas de preferências na medida em que a estrutura do espaço físico é apropriada (BOURDIEU, 2012, p.162). Com base nos deslocamentos e nos movimentos do corpo, as estruturas sociais naturalizadas e concretizadas, ao se converterem em estruturas espaciais, organizam um sistema de distinção material e simbólico marcado pela inclusão de alguns e pela exclusão de outros. Logo, as distâncias no espaço físico repercutem nas distâncias do espaço social marcado por disputas ou lutas que visam a sua conservação ou a sua transformação.

“A posição ocupada no espaço social, isto é, na estrutura de distribuição de diferentes tipos de capital, que também são armas, comanda as representações desse espaço e as tomadas de posição nas lutas para conservá-lo, ou transformá-lo (BOURDIEU, 2011, p.27).”

Dentro desta luta pela apropriação dos lugares, o capital social apresenta um papel fundamental na medida em que representa a variável temporal e histórica. Segundo Bourdieu (2012, p.165), o capital social das relações ou ligações entre os integrantes de um grupo inscrito no espaço físico é parte essencial da ocupação legítima de um lugar implantado e depende necessariamente do prolongamento temporal desta ocupação e da frequência dos seus ocupantes legítimos. É preciso que aquele grupo se reconheça enquanto grupo ao escrever no tempo e no espaço a sua

história em função do capital social. Assim as ligações do espaço social entre seus integrantes surgem gradativamente em função de um suporte material fornecido pelas diferentes regiões do espaço físico. O efeito desse capital social que se materializa no tempo e no espaço é o lugar que emerge no cotidiano em função das trocas materiais e simbólicas entre posições do espaço social e localizações do espaço físico.

A partir deste panorama, uma articulação entre o aspecto social e o aspecto físico do espaço se faz necessária, pois se o habitus⁵ contribui para fazer o habitat, o habitat também contribui na consolidação do habitus (BOURDIEU, 2012, p.165). A relação fundamental que se evidencia aqui é a busca pela adequação entre o habitat e o habitus enquanto conjunto de pré-disposições associado ao habitar no espaço urbano dentro de um determinado período histórico a partir da apropriação social do espaço. Quando este é ocupado e apropriado socialmente na esfera do cotidiano, inicia-se um vínculo entre aspectos sociais e aspectos físicos que se constroem mutuamente reinventando o espaço ao longo do tempo. Dentro deste processo, o espaço é resignificado e passa a representar parte da identidade do grupo quando o concebido se torna vivido a partir da relação entre o sistema de objetos e o sistema de ações (SANTOS, 2006).

“Sistemas de objetos e sistemas de ações interagem. De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma (SANTOS, 2006, p.39).”

O espaço físico e a sua forma de transformação em função do sistema de objetos passa a representar no tempo a base fundamental das relações do espaço social em função do sistema de ações. Esta interação entre sistemas que acontece de diferentes formas em função da passagem entre o concebido e o vivido pode produzir processos de aproximação ou de afastamento entre as pessoas. Distinções inexistentes inicialmente entre grupos sociais podem surgir durante a ocupação de um espaço físico implantado. Neste processo, as transformações necessárias para a adequação entre habitat e habitus geram tipos distintos de relações materiais entre as formas de ocupação que são projetadas para o âmbito social no tempo em função dos laços do capital social. Portanto, a origem da distinção entre grupos neste caso não

⁵ Para Bourdieu (2011), habitus significa um conjunto de pré-disposições de um determinado grupo que intermedia a relação entre as posições do espaço social e as tomadas de posição. A cada classe de posições corresponde uma classe de habitus (ou de gostos) produzidos pelos condicionamentos sociais associados à condição correspondente.

estaria no espaço social, mas no processo de ocupação e de transformação do sistema de objetos do espaço físico implantado que acaba produzindo distâncias físicas retraduzidas no espaço social em função do sistema de ações.

Deste ponto de vista, o espaço é entendido como um conjunto indissociável de sistema de objetos e de sistema de ações que pode ser tanto solidário como contraditório ao produzir processos cooperativos ou conflituosos entre os atores (SANTOS, 2006, p.39). Portanto, é necessária a realização de uma abordagem relacional, pois a análise dos objetos e das ações de forma separada inviabiliza o estudo de uma realidade histórica (SANTOS, 2006, pp.55-56). Este estudo histórico do espaço é algo dependente da relação entre sistema de objetos e sistema de ações entendida como um dado fundamental na constituição da natureza de um lugar adequado para as pessoas.

As ações são mais eficazes na medida em que elas se materializam através de objetos mais adequados que funcionam como cenário (SANTOS, 2006, p.60). As primeiras dependem dos segundos enquanto os segundos dependem das primeiras durante o processo de transformação e de consolidação dos lugares que varia de acordo com a adequação dos objetos à materialização das ações. Logo, a partir das formas de transformação do espaço é possível vislumbrar os tipos de relação entre o espaço social e o espaço físico que potencializam dinâmicas de inclusão ou de exclusão entre as partes de um dado conjunto e deste com o todo que é a cidade.

A capacidade de manipulação do espaço passa a ser fundamental para a inserção dos seus habitantes nas dinâmicas urbanas e cotidianas no tempo. A cidade e suas áreas ocupadas passam por reconstituições territoriais constantes baseadas em mosaicos de experiências heterogêneas resultantes das manipulações espaciais (SANTOS, 1999, p.17). Contudo, resta saber como estas experiências heterogêneas se relacionam entre si e com a cidade do entorno a partir das diferentes capacidades de manipulação que podem aproximar ou afastar espacial e socialmente estes mosaicos constituintes do urbano.

A relação entre espaço físico e espaço social atravessa o tempo e a tríade lefebvriana concebido-percebido-vivido garantindo sentidos e significados aos diferentes lugares que compõem o espaço urbano. Logo, para entender como as estruturas, as formas e as funções interagem e se transformam no espaço é necessário atentar para a forma como se dá a relação entre o espaço físico e o espaço social quando o primeiro é ocupado pelo segundo. Uma categoria analítica que dá conta desta relação é a noção de adequação desenvolvida por Kevin Lynch (2010). A partir da análise do espaço físico em função dos padrões espaciais em associação com as necessidades do espaço social em função dos comportamentos habituais, este

autor busca determinar o nível de adequação entre as pessoas e os seus espaços de manifestação.

A seguir, o conceito de adequação é abordado e trabalhado em função de cinco variáveis relacionadas à capacidade de manipulação do espaço com base em Lynch (2010).

2.2. Adequação do espaço: Padrões espaciais e comportamentos habituais

“As pessoas brincam com os elementos e encontram novas utilizações para eles.”

LYNCH, 2010, p.151

Os sistemas de objetos relacionados ao espaço físico apresentam padrões espaciais que os diferenciam. Da mesma forma, os diferentes sistemas de ações relacionados ao espaço social apresentam diferentes comportamentos habituais. Para que haja uma relação complementar entre estes dois aspectos do espaço urbano no tempo, é necessária a adequação entre as ações e seus locais de manifestação.

Para Kevin Lynch (2010, p.145), adequação é o nível de correspondência entre o comportamento diário, aberto e intencional, por um lado, e, por outro, o ambiente espacial. Esta relação de correspondências entre os comportamentos sociais vividos e os padrões espaciais concebidos é alcançada no tempo a partir da modificação de ambos. Logo, esta variável do espaço está diretamente vinculada à questão temporal e histórica do lugar. Segundo Lynch (2010, pp.166-167), as capacidades de manipulação e de elasticidade juntamente com a estabilidade e a resistência acompanham a adequação dos espaços às práticas sociais e vice-versa através de uma conciliação mútua entre permanências e mudanças.

Um espaço adequado é aquele que está aberto à mudança em função da criatividade e da flexibilidade tanto da ação como do local entre a situação original e a situação atual enquanto o inadequado não contempla estas questões. Seja na estabilidade ou na mudança, a principal característica de um espaço adequado é a relação de complementaridade entre as pessoas e seu espaço de manifestação. Esta é uma variável relacional associada ao nível de conforto, satisfação e eficácia que as pessoas encontram no seu espaço (LYNCH, 2010, p.146).

A seguir, as duas imagens da Figura 5 exemplificam respectivamente um espaço inadequado e um espaço adequado. A primeira imagem mostra a base da Biblioteca Pública de Boston como um banco propício para as pessoas pegarem sol enquanto estão sentadas. Contudo, a dimensão do espaço proporcional em relação à

fachada do edifício é pouco adequada para a estrutura humana (LYNCH, 2010, p.147). Já a segunda imagem evidencia a capacidade adaptativa de algumas casas que são facilmente convertidas em pequenos espaços profissionais. Neste caso, a escala do interior da moradia é adequada para atender outros usos além do residencial conservando o seu acolhimento original (LYNCH, 2010, p.172).



Figura 5: Distinção entre um espaço inadequado e outro adequado ao longo do tempo.

Fonte: LYNCH, 2010.

O processo de adequação é contínuo e inicia quando o local é ocupado (LYNCH, 2010, p.148). A partir de então as pessoas passam a interagir com seu espaço que ao mesmo tempo viabiliza a vida cotidiana por um lado e impõe uma série de limitantes por outro como evidencia as duas situações apresentadas na Figura 5. Logo, a busca por um espaço adequado pode acontecer de diferentes maneiras a partir de diferentes regiões do espaço no tempo. Em alguns casos, a região quando ocupada apresenta uma relação flexível e manipulável entre padrões espaciais e comportamentos habituais que viabiliza a adequação entre ambos resultando na continuidade entre o concebido e o vivido. Já as regiões que não oferecem esta relação inicial tende a promoverem uma descontinuidade. É nestas últimas que as surpresas criativas tendem a buscar o ajustamento do local projetado em função da reformulação da estrutural inicial. Portanto, em um mesmo local pode haver regiões que passaram por distintas formas de adequação sendo necessária uma análise em separado de cada uma delas.

“A análise completa de um aglomerado populacional implica a sua decomposição num mosaico que englobe todos os cenários comportamentais – isto é, os locais onde a forma espacial e o comportamento estão repetidamente associados – seguida de um agrupamento desses cenários por classes de associação semelhante (LYNCH, 2010, p.152).”

Para Lynch (2010, pp.153-154), como a adequação é uma variável cultural e temporal, o único dispositivo formal geral é a compartimentação ou a divisão de uma área em vários cenários pequenos adequados aos diferentes comportamentos. Contudo, esta compartimentação não significa segregação territorial, pois os limites aqui não determinam uma barreira, mas uma transição entre duas partes distintas. Logo, um dos grandes desafios associados à construção de um espaço adequado é a interação complementar entre as diferentes partes deste espaço viabilizando o estar em dois domínios ao mesmo tempo. Desta forma os limites são entendidos de forma ambígua, pois eles funcionam como uma linha de ligação e não de separação.

A partir da construção do mosaico classificado através da decomposição e do agrupamento por associação é viável testar a adequação, dentro de uma perspectiva temporal, em função de uma amostra representativa dos cenários selecionados criteriosamente. Tal análise evidencia as continuidades e as descontinuidades entre o concebido e o vivido no tempo a partir das diferentes formas de transformação dos cenários espaciais que apresentam cinco variáveis durante o processo de adequação. Estas caracterizam a capacidade de adaptação dos espaços às necessidades que surgem no cotidiano (LYNCH, 2010, pp.167-171). A seguir estas variáveis são descritas e aprofundadas.

- a) *Capacidade de excessos*: Trabalhar com uma reserva excessiva associada a um fornecimento barato sem a necessidade de cuidados favorece o crescimento posterior do todo sem prejudicar a sua estabilidade tanto social como espacial. Esta capacidade deverá ser preenchida na medida em que a sua flexibilidade for explorada. Os espaços abertos no centro dos quarteirões, desenvolvidos nas suas margens, sem utilização são uma boa alternativa, pois são baratos inicialmente e não há a necessidade de serem cuidados;
- b) *Bons acessos*: Melhorar os acessos, estreitar e expandir a rede de comunicações e transportes é uma forma de melhorar a capacidade de adaptação do lugar, pois quando os espaços estão conectados as mudanças são mais fáceis. Quando é fácil obter informações e transportar recursos

construtivos é possível mudar tanto as atividades como os seus espaços de manifestação. Um bom exemplo de acessos adequados são as ruas articuladas em grelha que possibilitam múltipla acessibilidade.

- c) *Independência das partes*: Reduzir as interferências entre as partes viabiliza as mudanças necessárias em alguns pontos sem que o conjunto seja prejudicado como um todo. Casas unifamiliares possibilitam um crescimento ou alterações que não afetam os vizinhos ao contrário dos grandes blocos habitacionais em que as estruturas são mais rígidas e as partes estão atreladas umas às outras. Logo, é interessante trabalhar com uma previsão de excessos entre as partes para que cada uma esteja livre para se modificar conforme as necessidades das unidades sociais.
- d) *Utilização de módulos*: Construir com base em uma modulação possibilita ligações mais fáceis entre as partes constituintes de um conjunto. Esta padronização modular não deve estar associada à dimensão de um bairro ou de edifícios padronizados, mas relacionada com elementos de menor escala como tecnologias construtivas. Enquanto a padronização tem vantagens claras na produção e no armazenamento de peças de reparação, estas vantagens são menos claras na flexibilidade de algo de maior escala como a cidade.
- e) *Redução dos custos de reciclagem*: Utilizar elementos construtivos suscetíveis a reciclagens posteriores viabiliza a manipulação do espaço. Existem certos materiais, ferramentas e tecnologias de construção relativamente fáceis de manipular. As estruturas de madeira são mais flexíveis de serem adaptadas ou transformadas do que o betão reforçado. As primeiras podem ser reutilizadas seja na própria construção ou em outras enquanto o segundo tem que ser destruído. Assim como existem materiais mais adaptáveis, também há padrões de atividades mais fáceis de mudar. Logo, juntamente com materiais reutilizáveis, é interessante trabalhar com uma gestão das ações alerta e bem informada.

Tais variáveis quando bem empregadas facilitam a adaptação do espaço pelas pessoas que o utilizam e o transformam buscando a sua apropriação. É ilusório pensar que um espaço concebido pelo projeto já está finalizado quando é ocupado pelos habitantes que irão habitá-lo. Os projetos jamais atingirão os alvos em cheio, por isso é fundamental que permitam reavaliações feitas entre os atores envolvidos no processo de adequação até o consenso sobre o que é mesmo o alvo e a direção a ser tomada para alcançá-lo (SANTOS, 1988, p.17). Portanto, dentro do processo de manipulação das diferentes regiões ou cenários espaciais de um lugar, a forma mais

eficiente de melhorar a adequação do ambiente está associada às transformações propostas pelas pessoas que utilizam o espaço, de forma imediata, no dia-a-dia (LYNCH, 2010, p.155).

“Se os utilizadores exercerem o controle, em vez de um proprietário longínquo, e se o cenário for suficientemente flexível para que o possam remodelar de acordo com os seus requisitos, é mais provável que se consiga alcançar uma boa correspondência (LYNCH, 2010, p.158).”

A partir destes indivíduos é possível buscar a adequação entre funções vividas e estruturas concebidas em função da adaptação das formas percebidas, pois estas pessoas possuem o conhecimento sobre as reais necessidades a serem atendidas pelo espaço. Logo, é preciso que os agrupamentos populacionais sejam projetados como “uma forma de crescimento” e não como uma forma fechada a priori para que o grupo ocupante possa transformar e reinventar o concebido objetivando a sua adequação ao vivido (LYNCH, 2010, p.168). Deste ponto de vista, a adequação do espaço urbano está diretamente relacionada à sobreposição entre os três espaços lefebvrianos no cotidiano. São eles: o *espaço concebido* a partir das estruturas, o *espaço vivido* a partir das funções e o *espaço percebido* a partir das formas.

Quando há equilíbrio e continuidade entre o concebido e o vivido, o que se observa é uma adequação entre os padrões espaciais do projeto e os comportamentos habituais das apropriações que se consolida no tempo de forma flexível e manipulável. Contudo, quando há desarticulação e descontinuidade entre o concebido e o vivido, a adequação não se configura inicialmente. Logo, é necessária uma readequação que pode envolver uma série de rupturas no cotidiano espacial e social das pessoas. Tanto no primeiro como no segundo caso, o espaço irá se transformar, portanto, a distinção não está na transformação em si, mas na maneira como esta acontece entre a implantação e a sua ocupação. Na primeira situação, o espaço já adequado se modifica seguindo as diretrizes estruturais iniciais enquanto na segunda as modificações promovem a desestruturação das diretrizes iniciais buscando a adequação. Estas duas situações entendidas como os extremos de uma escala são observáveis no espaço percebido tanto nas formas edificadas no tecido urbano como nas formas de socialização no cotidiano durante o tempo.

Dentro deste contexto de análise, o processo temporal de adequação do espaço produz um impacto direto tanto no tecido urbano como na vida cotidiana. Durante as transformações do espaço entre o concebido e o vivido, a estrutura de

articulação do tecido urbano representa a base para as modificações resultantes dos requisitos cotidianos. Logo, para que as diferentes regiões ou cenários espaciais do mosaico enfatizado possam estabelecer uma relação complementar entre si e com a cidade, é essencial que esta base seja adaptável e estável ao mesmo tempo no âmbito do dia-a-dia. Tal questão é desenvolvida por Panerai (2014) que aborda as características da forma urbana e por Santos (1988) que enfatiza a necessidade de se pensar a cidade como um jogo que deve ser construído gradativamente. As estruturas do espaço urbano são destacadas de diferentes formas nos dois trabalhos enfatizados, mas são entendidas como um conjunto indissociável em ambos.

A seguir, a relação entre tecido urbano e vida cotidiana é destacada e trabalhada em função da relação entre as três lógicas estruturantes da forma urbana com base em Panerai (2014).

2.3. Adaptações da forma urbana: Vias, parcelamento e edificações

“A relação dialética entre rua e lote edificado cria o tecido urbano.”
PANERAI; CASTEX; DEPAULE, 2013, p.209

Analisar a cidade a partir do seu crescimento possibilita a construção de uma imagem de conjunto mais detalhada do que aquela oriunda da paisagem propriamente dita (PANERAI, 2014, p.77). Esta abordagem foca o estudo do urbano no processo e não no objeto em si, logo a relação com o tempo passa a ter uma importância central, pois é no tempo que as pessoas lutam para se apropriar do espaço a partir do seu tecido urbano. Este último é entendido através de um duplo enfoque. Dentro de uma visão local, o tecido urbano é a substância de preenchimento da cidade enquanto que, de um ponto de vista global, é uma organização que possui uma solidariedade entre seus elementos que resulta na sua capacidade de se adaptar.

Segundo Panerai, Castex e Depaule (2013, p.203), a questão do tecido urbano não pode estar dissociada da vida banal e cotidiana das cidades. O termo tecido urbano enfatiza a ideia de permanência e de renovação ao mesmo tempo na medida em que é a substância vivida localmente em função das pessoas a partir de uma organização concebida globalmente em função de um projeto urbano. Este por sua vez define um estatuto como uma base sólida sobre a qual o tecido urbano pode ser construído com o tempo em função dos seus usuários (PANERAI; CASTEX; DEPAULE, 2013, p.204). Nesse processo, a forma urbana está sempre aberta para as modificações ocasionais em função das práticas sociais. Assim, os atores cotidianos

podem buscar o equilíbrio e a estabilidade do espaço urbano modificando-o constantemente sem comprometê-lo, pois é possível fazer um conjunto novo a partir de um acordo preexistente mantendo a relação formal apesar da variação dos elementos (CERTEAU, 2014, pp.136-137).

Desta forma, o projeto não estaria limitado a soluções estereotipadas, mas envolvido em uma preocupação geral com o território e suas futuras transformações (PANERAI; CASTEX; DEPAULE, 2013, p.209). Contudo, ao promover a separação entre os atores que projetam o tecido urbano e os que se apropriam dele no cotidiano, a forma de produção do espaço urbano prejudica a ligação entre tecido urbano e vida cotidiana ao desconsiderar a dimensão temporal do processo. É a partir desse descolamento entre atores permeado por interesses antagônicos que os lugares são construídos e se transformam em função da tensão entre o espaço físico e o espaço social objetivando a reinvenção do tecido urbano. Este esforço parte do cotidiano a partir dos moradores que buscam reencontrar algumas qualidades negligenciadas pelo projeto transformando-o.

“Construir a cidade hoje poderia significar a afirmação de uma vontade de reencontrar, talvez com formas diferentes, estas qualidades: proximidade, variedade de usos e imprevisibilidade, ou seja, um espaço público acessível a todos, uma variedade de atividades mistas, uma área construída que se adapta e se transforma, vizinhanças não planejadas (PANERAI; CASTEX; DEPAULE, 2013, p.203).”

Para que o resgate destas qualidades aconteça no âmbito do cotidiano, é essencial a relação complementar, coesa e solidária entre as três lógicas da forma urbana que fundamentam o tecido urbano (PANERAI; CASTEX; DEPAULE, 2013, p.202). A primeira é a lógica das vias que corresponde ao papel duplo de movimentação e distribuição, a segunda é a do parcelamento do solo que define as questões fundiárias e a localização das iniciativas públicas e privadas e a terceira lógica é das edificações que acomodam as atividades (Figura 6). Segundo Panerai (2014, p.78), o tecido urbano é constituído pela superposição ou imbricação destas três lógicas ou conjuntos de elementos que o organizam estruturalmente e permitem a sua transformação ao longo do tempo. Logo, a análise da cidade a partir do tecido urbano envolve a identificação de cada um desses conjuntos e o estudo de suas lógicas e de suas relações de forma articulada, pois apenas desta maneira a constituição do tecido urbano e suas modificações são compreendidas.

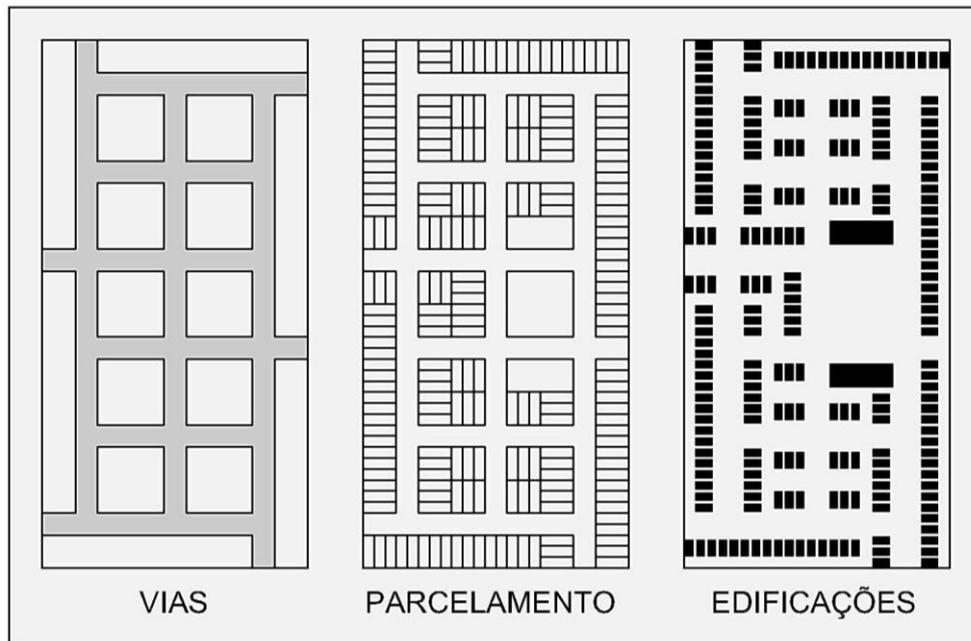


Figura 6: Relação entre as lógicas das vias, do parcelamento e das edificações.

Fonte: PANERAI, 2014 modificado por MOG, W. 2016.

A noção de tecido urbano juntamente com suas lógicas estruturais evidenciadas na Figura 6 também está presentes em Santos (1988, p.67) em função da ideia de malha urbana e dos três elementos estruturantes do espaço urbano: o lote, o quarteirão e a rua. O lote é o espaço privado em que a edificação é construída enquanto o quarteirão ou a quadra é o resultado da agregação dos lotes em um conjunto com acessos comuns (SANTOS, 1988, pp.73-77). Estes dois primeiros elementos configuram as áreas privadas do espaço urbano, já as ruas são responsáveis pela organização do espaço público. Estas correspondem aos espaços públicos, abertos, que servem à circulação entre dois renques de edificações, logo interligam quadras (SANTOS, 1988, p.91). As quadras com seus lotes somadas às ruas resultam na malha urbana das cidades que crescem e se transformam com base neste conjunto. Portanto, o jogo entre estes princípios estruturadores possibilita uma infinidade de jogadas funcionais e poéticas que produzem diferentes significados na cidade a partir do domínio do jogo pelos agentes produtores/moradores envolvidos. A soma destas jogadas e suas relações promovem o redesenho urbano permitindo novos arranjos de lugares que podem restringir ou ampliar as práticas sociais.

Estas lógicas ou elementos estruturantes da forma urbana e suas relações representam o aspecto estrutural do espaço concebido que se materializa no espaço percebido da implantação ocupada a partir do aspecto funcional do espaço vivido. Portanto, as continuidades ou as discontinuidades entre o concebido e o vivido dependem da relação entre as três lógicas da forma urbana, pois as transformações

ocorridas no espaço implantado que é ocupado estão relacionadas às formas como via, parcelamento e edificação se relacionam. Quando há correspondência entre as três lógicas no projeto, a relação entre o concebido e o vivido tende a ser de continuidade, pois a forma urbana apresenta uma base adequada para atender às mudanças necessárias ao longo das apropriações. Contudo, quando não há correspondência entre as lógicas em função do projeto, a relação entre o concebido e o vivido é de descontinuidade, pois para que o resgate do cotidiano aconteça na apropriação é necessária a recuperação da relação complementar entre estas lógicas.

“A relação dialética entre rua e lote edificado cria o tecido urbano, e é na permanência desta relação – que permite modificações, ampliações e substituições de prédios – que reside a capacidade de uma cidade em se adaptar às mudanças demográficas, econômicas e culturais que marcam a sua evolução (PANERAI; CASTEX; DEPAULE, 2013, p.209).”

Desta forma a vida cotidiana dos usuários do espaço urbano se desenvolve juntamente com a evolução dos espaços privados das edificações que configuram e são configuradas pelo espaço público das vias dentro da lógica do parcelamento do solo (PANERAI; CASTEX; DEPAULE, 2013, p.205). Pensar a quadra como um todo isolado sem relação alguma com o sistema viário é conceber uma caricatura da realidade em que o tecido urbano e suas lógicas complementares seriam ignorados (PANERAI; CASTEX; DEPAULE, 2013, p.206). Logo, mais do que as ruas e as quadras e seus respectivos lotes e edifícios, o fundamental na capacidade de adaptação do espaço urbano é a relação entre estes elementos. As edificações podem estar junto do alinhamento do lote ou recuadas, podem ser geminadas ou isoladas, altas ou baixas, mas a referência sempre será a rua.

Segundo Panerai (2014, pp.87-88), esta relação submissa da edificação em relação à rua de acesso apresenta duas consequências responsáveis pela capacidade de renovação do tecido urbano sem prejudicar a estabilidade do todo: a solidariedade entre os edifícios e as características diferenciadas no interior da parcela. A primeira permite a substituição gradual dos edifícios enquanto a segunda permite a construção de soluções livres das convenções do espaço público conforme as necessidades e o tempo. Assim, o tecido urbano pode crescer e manter a sua estrutura original ao mesmo tempo em que promove e viabiliza a transição entre as escalas dos pequenos espaços como a moradia e as escalas dos grandes espaços urbanos (PANERAI; CASTEX; DEPAULE, 2013, p.157). Contudo, quando há uma dissociação das três

lógicas e a consequente fragilização do tecido urbano e da sua capacidade adaptativa, a conexão entre as diferentes escalas da vida cotidiana é prejudicada. O privado e o público se separam e deixam de estabelecer uma relação complementar.

“Onde está a rua, o espaço urbano? Onde esses espaços começam? Existem para os habitantes alguns lugares – ao menos simbolicamente – que garantam uma transição entre as diferentes escalas, uma familiarização gradual? (PANERAI; CASTEX; DEPAULE, 2013, pp.167-169).”

Segundo Panerai (2014, p.97), a forma de organização espacial que dissolve o tecido urbano em função da autonomia do edifício e do sistema viário é consagrada teoricamente em função da Carta de Atenas. Aqui acontece a supressão do parcelamento enquanto esfera que organiza as relações entre o privado e o público, logo a relação via/lote/edifício perde o seu elemento intermediário. A análise do tecido urbano passa a ser restringida a um confronto entre o sistema viário e as edificações ordenadas em função de uma arquitetura rígida responsável por determinar sozinha a relação do edifício com a rua.

As escalas da vida cotidiana entre a moradia e a cidade ainda estão presentes neste modelo de tecido urbano fragilizado. Entretanto, a relação abstrata e pouco complementar dos edifícios com o seu entorno prejudica a capacidade de adaptação do espaço e a transição das pessoas através das diferentes escalas da cidade. Logo, a problemática não está na ausência de elementos, mas na forma como estes estão dispostos no espaço em função da falta de um parcelamento do solo. Em outras palavras, o fracasso deste modelo de cidade se localiza mais nas suas soluções espaciais do que no seu vocabulário formal (PEPONIS, 1992).

Esta lógica empobrecida que é agravada em função da ausência de elementos de composição do espaço urbano aparece em bairros periféricos de grandes centros urbanos em função da implantação de vastos conjuntos habitacionais de interesse social (PANERAI, 2014, p.102). Nestes lugares, blocos idênticos são repetidos ao infinito produzindo um espaço cotidiano frágil, pouco coeso e estéril questionado e problematizado por autores como Jacobs (1961), Sennett (1988) e Berman (1988). Este modelo de cidade acaba gerando o esvaziamento do espaço público e o isolamento dos moradores em unidades habitacionais em função da desarticulação entre o espaço público e o espaço privado. Logo, é raro estes espaços permanecerem segundo a estrutura original do projeto, pois eles são profundamente metamorfoseados no cotidiano com a intensão de atender as necessidades dos

moradores usualmente negligenciadas pelo sistema original. Surgem então novas edificações que aos poucos vão preenchendo o espaço e produzindo um reparcelamento do solo que recupera as relações solidárias entre as partes até então desconectadas em função das três lógicas estruturais do tecido urbano. Estes conjuntos são reestruturados recuperando a diversidade formal e funcional.

Nestes casos, as transformações ao longo do tempo não promovem apenas a reinvenção do espaço, mas a reinvenção da sua estrutura original também objetivando a relação complementar das três lógicas do tecido urbano fundamental para a manutenção da vida cotidiana. Neste processo, é comum surgirem descontinuidades e situações contraditórias entre o espaço original e o espaço transformado em função do resgate da relação entre as lógicas do tecido urbano promovido pelas pessoas. Logo, cabe perguntar até que ponto estas descontinuidades contribuem com a vida cotidiana recuperando ou não a conexão entre as diferentes escalas do espaço urbano.

Segundo Panerai (2014, p.84), as diferentes marcas conflitantes ou não da história de um lugar podem ser lidas a partir da comparação com estágios anteriores em mapas tendo como referência o estágio atual. Contudo, tais marcas só ganham sentido quando abandonamos os mapas e ingressamos de fato no espaço e nas suas relações. Elas não se manifestam nos espaços públicos e privados quando estes são observados segundo o olhar do projetista, mas na relação entre estes em função do olhar da pessoa que vive o espaço cotidianamente. Deste ponto de vista, a terceira dimensão passa a ter uma importância determinante na análise entre tecido urbano e vida cotidiana (PANERAI, 2014, p.94). A relação entre o aspecto físico e o social do espaço se materializa nesta dimensão que é a do cotidiano. Logo, para compreender as dinâmicas sociais é necessário trabalhar com categorias analíticas relacionadas a esta dimensão do espaço como a paisagem urbana e as memórias coletivas trabalhadas em função dos percursos cotidianos.

A seguir, no terceiro capítulo teórico, as paisagens urbanas e as memórias coletivas são abordadas de forma associada através dos percursos relatos e problematizadas em função das fronteiras com base em autores como Halbwachs (2003), Lynch (2011) e Certeau (2014).

CAPÍTULO 3:

ENTRE AS FRONTEIRAS NAS PAISAGENS E NAS LEMBRANÇAS

Este terceiro capítulo pretende abordar o cotidiano percorrido pelas pessoas em função da associação entre paisagens urbanas e memórias coletivas que se acumulam no tempo produzindo uma imagem ambiental no presente mais ou menos reconhecível. Tal imagem que surge nos relatos de quem se apropria do espaço carrega consigo as dinâmicas cotidianas de um determinado lugar. Estas dinâmicas promovem o encontro ou o desencontro entre os diferentes grupos em função das fronteiras do espaço percorrido entre a sua dimensão mais íntima que é a casa e a sua dimensão mais coletiva que é a cidade. Este terceiro momento teórico está organizado em três tópicos sequenciais. O primeiro foca na relação entre paisagem e memória em função dos percursos cotidianos, o segundo na imagem ambiental relatada e oriunda destes percursos e o terceiro nas dinâmicas cotidianas resultantes da forma como as pessoas atravessam as diferentes fronteiras entre os espaços.

O primeiro tópico destaca o papel que a noção de paisagem urbana representa para as pessoas que gravam as suas transformações em função das memórias coletivas (HALBWACHS, 2003). Estas últimas possuem, portanto, a capacidade de recontar a história de formação do lugar entre os percursos originalmente projetados e os percursos temporalmente apropriados em função das paisagens entendidas aqui como uma sobreposição de tempos diversos (SANTOS, 2014). Este acúmulo das diferentes paisagens ao longo do tempo no espaço físico é transferido para o espaço social em função das lembranças resultando em uma imagem ambiental do lugar.

Já o segundo tópico enfatiza esta imagem ambiental mais ou menos reconhecível em função dos seus elementos de composição (LYNCH, 2011). Esta abordagem é direcionada para a noção de bairro entendido como o prolongamento da casa e o intermediário entre esta e a cidade. Aqui objetiva-se destacar os cinco pontos da imagem ambiental que funcionam como base para construção do relato em função do cotidiano apropriado (CERTEAU, 2014). É a partir do relato que as dinâmicas cotidianas afloram e problematizam a relação entre ser e espaço.

Por último, o terceiro tópico aborda as diferentes fronteiras entre a casa e a cidade como os pontos de conflito entre o concebido pelo projeto e o vivido pelas apropriações ao longo do tempo. Estas são entendidas como o entre espaços (CERTEAU, 2014). Ao não estarem associadas a um espaço em si, mas a uma relação entre espaços, a sua definição no âmbito do projeto se torna complexa, pois há a necessidade de uma revisão constante (SANTOS, 1988). Responsáveis pela conexão entre as partes de um mesmo conjunto, estas interfaces viabilizam as

dinâmicas cotidianas em função das relações de encontro ou de desencontro entre a intimidade privada da casa e coletividade pública da cidade.

A seguir, cada um destes tópicos será aprofundado teoricamente com base nos autores já enfatizados.

3.1. Cotidiano revelado: Paisagem urbana e memória coletiva

“As pedras da cidade, enquanto permanecem, sustentam a memória.”

BOSI, 1994, p.444

As adaptações espaciais da forma urbana ficam registradas na paisagem urbana do lugar entendida aqui como a terceira dimensão do espaço enfatizada em função da relação entre via, parcelamento e edificação (PANERAI, 2014). Nesta é possível observar uma sobreposição de tempos que ora se articulam e ora não se articulam produzindo relações mais ou menos abertas entre as partes constituintes do espaço transformado. Estas relações gravadas na paisagem urbana também são traduzidas para a memória coletiva em função das lembranças associadas ao espaço. Logo, paisagem e memória estão relacionadas de forma estreita no cotidiano das pessoas.

A paisagem é a dimensão da percepção e apreende o contexto físico de uma determinada localização no espaço e no tempo. Apesar de ser um recorte visível do espaço em um ponto do tempo, a paisagem também possui a capacidade de contar histórias. Tal possibilidade decorre de uma característica básica: a paisagem é um conjunto de diferentes momentos em função de adições e de subtrações sucessivas (SANTOS, 2014, pp.68-72). Suscetível a mudanças irregulares ao longo do tempo, a paisagem é um palimpsesto ou um mosaico de formas heterogêneas, de idades diferentes, pedaços de tempos históricos representativos das diversas maneiras de produzir as coisas, de construir o espaço (SANTOS, 2014, pp.74-75).

Neste contexto, a paisagem pode ser entendida como um quadro em que várias camadas são pintadas e sobrepostas constantemente durante o tempo. Estas camadas estão diretamente relacionadas com as diferentes formas de ocupação do espaço implantado originalmente em função da história de vida das pessoas. A cada nova ocupação do espaço, uma nova composição paisagística surge em função da rearticulação dos elementos do espaço entre o concebido e o vivido. Neste processo, as paisagens adquirem uma formatação que pouco a pouco vai se aproximando das necessidades cotidianas das pessoas.

O espaço e seus objetos materiais apresentam um papel fundamental para a vida das pessoas em função das suas imagens de permanência e de estabilidade representando uma companhia silenciosa e imóvel (HALBWACHS, 2003, p.157). Logo, as imagens habituais do mundo exterior são inseparáveis do nosso eu trazendo a nossa marca e a dos outros. Quando um determinado grupo ocupa uma parte do espaço, este grupo o molda à sua imagem, mas ao mesmo tempo se dobra e se adapta a coisas materiais que a ela resistem. Há um fechamento do grupo no contexto construído por ele em que as imagens espaciais entendidas aqui como as paisagens desempenham um papel de suporte para a memória coletiva do grupo (HALBWACHS, 2003, p.159).

“Se entre as casas, as ruas e os grupos de seus habitantes houvesse apenas uma relação muito acidental e de curta duração, os homens poderiam destruir suas casa, seu bairro, sua cidade, e reconstruir em cima, no mesmo local, uma outra cidade, segundo um plano diferente – mas as pedras se deixam transportar, não é muito fácil modificar as relações que se estabelecem entre as pedras e os homens (HALBWACHS, 2003, p.163).”

Há entre o homem e o seu espaço uma relação estreita de dependência que é construída ao longo do tempo em função das transformações necessárias ao cotidiano. Gradativamente, os espaços e seus habitantes se adaptam e a memória é responsável por mediatizar as transformações (CERTEAU, 2014, p.149). Neste processo, esta última desenvolve um duplo papel, pois além de responder às circunstâncias, ela registra o ocorrido ao produzir uma transgressão da lei do lugar articulando a composição estratégica inicial e suas modificações táticas (CERTEAU, 2014, p.152). Desta forma, a memória é a ponte entre o passado e o futuro em função da capacidade de discernir para além do presente o que está enterrado no mais profundo passado projetando os tempos que virão (BOSI, 1994, p.89). O passado então não é visto mais como o antecedente do presente, mas como a sua fonte.

Dentro deste panorama, a memória atua na transformação do espaço percebido e registra os momentos em função das lembranças vivenciadas pelas pessoas nas diferentes situações. Ela possui, então, uma função social na medida em que o seu conhecimento representa o entendimento de um período transcorrido socialmente (BOSI, 1994, p.63). A cada novo dia, novas experiências são acrescentadas à memória em função das paisagens que se associam como um sistema complementar e adaptável como evidencia a relação na imagem da Figura 7.

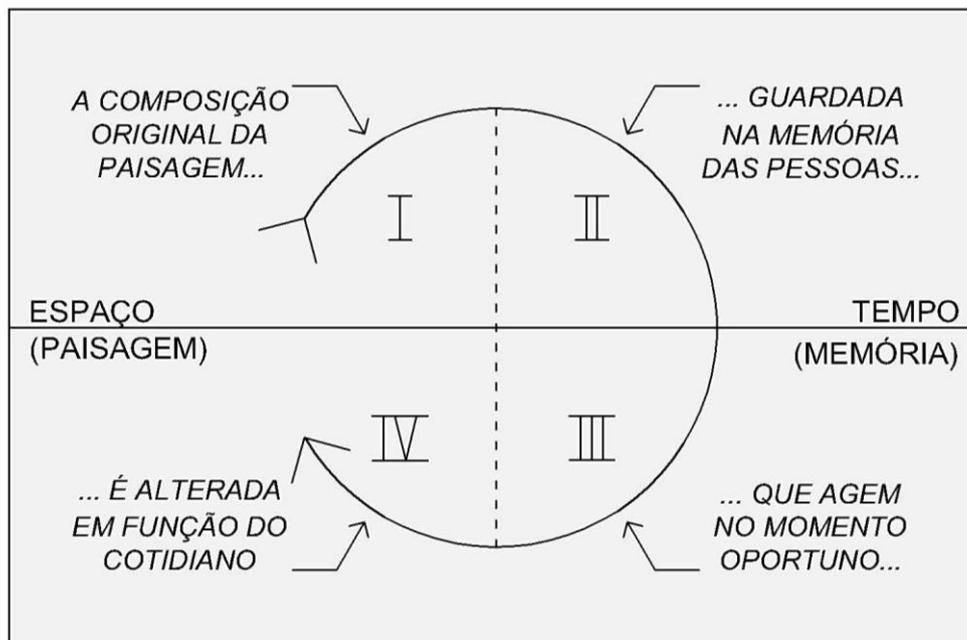


Figura 7: Processo de transformação da paisagem mediatizado pela memória.

Fonte: CERTEAU, 2014 modificado por MOG, W. 2016.

Na Figura 7, os quadrantes I e II representam as estratégias que resultam na paisagem original lembrada pelas pessoas, já os quadrantes III e IV representam a resposta tática que altera a paisagem inicial em função de uma ocasião oportuna. Enquanto, os quadrantes I e IV estão situados no âmbito espacial da paisagem, os quadrantes II e III estão situados no âmbito temporal das memórias. Estas interações entre paisagem e memória são responsáveis pela construção da história dos diferentes espaços e dos seus respectivos habitantes. Segundo Halbwachs (2003, p.163), quando um grupo vive por um longo tempo em um local adaptado aos seus hábitos, tanto os seus movimentos como os seus pensamentos estão organizados e regulados em função das imagens materiais oriundas das paisagens.

“Se as lembranças se conservam no pensamento do grupo, é porque ele permanece estabelecido no solo, é porque a imagem do solo perdura materialmente fora dele e ele pode retomá-la a qualquer instante (HALBWACHS, 2003, p.167).”

Ao ser apropriado, o espaço projetado é repensado e reinventado no âmbito do cotidiano. Durante este processo, a manutenção ou a busca da adequação entre o concebido e o vivido como já foi destacado produz uma série de continuidades e descontinuidades formais que estão gravadas tanto nas paisagens urbanas como nas memórias coletivas. Estes dois aspectos, portanto, representam a fonte da

problemática a ser solucionada aqui: a forma como a interpenetração entre o concebido e o vivido emerge no âmbito do cotidiano percebido em função da relação entre as paisagens e as lembranças. Enquanto a paisagem viabiliza o entendimento deste processo de interpenetração do ponto de vista do espaço físico, as lembranças possibilitam este entendimento do ponto de vista do espaço social ao longo do tempo.

Tanto as paisagens como as lembranças relatam o espaço percebido e é através destas que os padrões de transformações emergem no cotidiano. Logo, são duas categorias associadas à mudança do espaço que se complementam. Para Halbwachs (2003, pp.169-170), não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial, pois é nele, em função de uma paisagem urbana na qual o grupo deixa sua marca, que o pensamento se fixa para as lembranças reaparecerem. O conjunto de lugares e dos elementos edificados que os configuram e guardam os seus ritmos repercutem nas memórias (SANTOS, 1988, p.53). Desta forma, as pessoas possuem a capacidade de distinguir os lugares em que vive ou viveram a partir das lembranças.

“A cada instante, há mais do que o olho pode ver, mais do que o ouvido pode perceber, um cenário ou uma paisagem esperando para serem explorados. Nada é vivenciado em si mesmo, mas sempre em relação aos seus arredores, às sequências de elementos que a ele conduzem, à lembrança de experiências passadas (LYNCH, 2011, p.1).”

Para Lynch (2011, p.1), tanto os elementos móveis da cidade entendidos como as pessoas e suas atividades como os elementos estacionários entendidos como as suas partes físicas são importantes. Os primeiros configuram o espaço social enquanto os segundos o espaço físico durante o tempo que se encarrega de relatar as especificidades de um lugar em função das lembranças e das paisagens. A cidade é um objeto resultante da produção de muitos construtores que nunca deixam de modificar sua estrutura. Ela nunca é um resultado final, mas uma sucessão de fases de forma contínua e interminável. Portanto, tanto as paisagens como as lembranças carregam e contam as diferentes histórias que marcam estas diferentes fases de constituição ao se acumularem no cotidiano presente em função de uma imagem mais ou menos legível (LYNCH, 2011, pp.2-3).

Esta imagem representa a ligação entre as paisagens e as lembranças. Segundo Lynch (2011, p.5), um cenário físico que for capaz de gerar uma imagem bem definida possui um papel social na medida em que fornece uma base material

para constituição de símbolos e lembranças vividas em uma determinada comunidade. Esta característica da imagem é essencial para o funcionamento da vida cotidiana e para a integração das pessoas no seu espaço de manifestação e a partir deste na cidade do entorno. Contudo, a construção desta imagem identificável depende da relação familiar entre o observador e o objeto observado (LYNCH, 2011, p.7). Portanto, um mesmo lugar pode apresentar diferentes imagens em função do ponto de vista do observador e conseqüentemente diferentes formas de relação entre as pessoas e os seus espaços cotidianos que se evidenciam através dos percursos desenvolvidos no espaço. Para Lynch (2011, p.13), as experiências de andar pelo espaço promovem o reconhecimento do lugar tornando-o familiar.

“A análise pitoresca procede de outro ponto de vista; o observador está na cidade, que se lhe apresenta como uma sequência de quadros. A cidade não é mais apreendida a partir de um ponto fixo (o centro ideal dos esquemas renascentistas ou o belvedere dos passeios do século XIX), mas pelo deslocamento (PANERAI, 2014, p.25).”

Não se trata apenas de uma valorização do visível, mas de uma leitura realizada a partir de diferentes pontos de vista em que o movimento do observador é essencial (PANERAI, 2014, p.43). O que interessa não é a paisagem ou a lembrança em si, mas a relação destas com os percursos cotidianos dos moradores do espaço estudado. Dentro deste contexto analítico, Panerai (2014, pp.29-30) propõe uma análise visual enfatizando a importância das imagens e das suas qualidades de legibilidade, de identidade e de memorização ao retomar os elementos da paisagem urbana que caracterizam a imagem de um lugar (LYNCH, 2011). Logo, o foco está nas paisagens que compõem o espaço percorrido e nas formas com que estas interferem no cotidiano produzindo lembranças associadas à prática do deslocar-se pelo espaço. Os percursos passam a ser a questão a ser abordada para compreender as diferentes dinâmicas cotidianas oriundas das formas de adequação gravadas nas paisagens e nas lembranças entre o concebido pelo projeto e o vivido pelas apropriações.

Para Lynch (2010, pp.146-147), há duas formas de acessar o âmbito do cotidiano adequado aos deslocamentos das pessoas. A primeira forma é observar as ações das pessoas no local enquanto a segunda consiste em fazer perguntas aos moradores locais. A observação está relacionada com a paisagem enquanto que as perguntas resgatam as lembranças. Tanto nas paisagens com nas lembranças, sobreposições temporais aparecem produzindo relações complexas entre o espaço

físico e o espaço social no presente. Estas sobreposições acontecem de diferentes formas gerando diferentes imagens de pertencimento e de ligações afetivas com o espaço na atualidade. Portanto, como já enfatizou Bourdieu (2012, p.161), um mesmo lugar pode apresentar diferentes regiões com diferentes particularidades físicas e sociais. É essencial, portanto, aprofundar estas imagens para entender as especificidades de cada uma destas regiões de um mesmo lugar através dos relatos espaciais dos itinerários cotidianos desenvolvidos pelas pessoas.

A seguir, a imagem ambiental a ser relatada é trabalhada em função dos seus cinco elementos de composição com base em Lynch (2011).

3.2. Quando o bairro vira lar: Realidade percorrida e imagem relatada

“Onde o mapa demarca, o relato faz uma travessia.”

CERTEAU, 2014, p.197

A cidade apresenta variadas escalas de convívio que estão articuladas entre si. Estas diferentes escalas ganham materialidade quando os percursos cotidianos promovem uma travessia entre elas gerando diferentes formas de interação. Dentro desta perspectiva, a escala do bairro representa a base espacial a ser estudada, atravessada e relatada aqui. O bairro é um domínio do ambiente social, pois ele corresponde a uma parcela conhecida da cidade em que as pessoas se sentem reconhecidas (MAYOL, 2013, p.40). Ele e suas diferentes regiões de convivência coletiva são fundamentais na criação das relações sociais viabilizadas e condicionadas em função da proximidade entre as pessoas que estão ligadas a um lugar ocupado (HALBWACHS, 2003, p.165). Logo, este espaço está diretamente associado à vida cotidiana e à interpenetração entre o concebido e o vivido, pois esta dimensão do espaço urbano é usada diariamente em função das trajetórias que partem da casa para chegar à cidade. É neste âmbito do espaço urbano que as diferentes paisagens e as diferentes lembranças são coletadas e analisadas com o objetivo de entender o processo de adequação entre o concebido e o vivido em função das formas de apropriação e transformação do bairro.

Para Mayol (2013, p.42), o bairro pode ser entendido como uma privatização progressiva do espaço público no sentido de que esta dimensão do espaço urbano funciona como uma solução de continuidade entre o conhecido e o desconhecido ou entre a casa e a cidade como um todo. É o intermediário entre um dentro representado pela residência privada e um fora representado pelo espaço urbano público. O bairro,

portanto, se apresenta como um prolongamento do espaço privado da casa que se concretiza no espaço público urbano apropriado.

A maneira como as pessoas estão inseridas e conectadas na cidade depende da forma como moradia e bairro estão articulados, pois é desta ligação que surge a vida cotidiana. Trata-se da maneira como estão relacionados os atos de controlar o interior da casa com os atos de controlar as trajetórias no bairro (MAYOL, 2013, p.43). Logo, a vida cotidiana acontece em função das fronteiras que separam e unem ao mesmo tempo a casa, o bairro e a cidade. Dentro desta relação, o bairro é o espaço em que a pessoa se relaciona com o mundo físico e social representando um papel fundamental na constituição do ser social entre o recolhimento íntimo no âmbito privado da casa e a mistura social no âmbito público da cidade.

“Assinatura que atesta uma origem, o bairro se inscreve na história do sujeito como a marca de uma pertença indelével na medida em que é a configuração primeira, o arquétipo de todo o processo de apropriação do espaço como lugar da vida cotidiana pública (MAYOL, 2013, p.43).”

A prática do bairro é uma prática transformadora por princípio, pois ela introduz uma utilização ou apropriação do espaço urbano não finalizado pelo seu uso somente funcional (MAYOL, 2013, p.44). Logo, o espaço do bairro composto por uma série de fronteiras que articulam a casa à cidade é reinventado e reconfigurado conforme as práticas culturais e espontâneas. Tal situação envolve uma série de trajetórias e percursos que modifica o original projetado em função do temporal apropriado. Desta forma o bairro é “poetizado” pelos sujeitos, pois não se trata apenas de um recorte espacial da cidade, mas de um espaço apropriado conhecido e reconhecido por quem habita e dá sentido ao mesmo. As pessoas verificam a intensidade da sua inserção no ambiente social através do bairro em função da sua capacidade de mediador das relações sociais (MAYOL, 2013, p.45).

Quando o bairro é apropriado e transformado pelas pessoas que objetivam a adequação do espaço às suas necessidades, este começa a materializar o prolongamento da vida privada sobre a vida pública. Fronteiras são modificadas proporcionando conexões ou desconexões entre espaços e pessoas em função dos deslocamentos entre o privado e o público. Neste processo, a vida cotidiana ganha uma série de particularidades transformando o bairro em lar, pois o primeiro passa a representar a expansão do segundo ao relacionar o ser com o seu contexto local e em função deste com a cidade.

Esta passagem entre a intimidade do espaço privado da casa e a coletividade do espaço público da cidade é mediada por uma imagem coletiva que articula o mosaico das diferentes regiões de um mesmo lugar. Esta imagem apresenta uma série de elementos entendida como o suporte material dos deslocamentos cotidianos. Logo, para entender o papel do bairro e das suas diferentes regiões no cotidiano percorrido pelas pessoas é essencial abordar esta imagem e seus cinco elementos constituintes através do relato das pessoas que se apropriam do espaço. Estes elementos são: a via, o limite, o bairro, o ponto nodal e o marco (LYNCH, 2011, pp.52-53). A seguir cada um é aprofundado devidamente:

- a) *Vias*: são os canais de circulação em que as pessoas se deslocam de forma habitual, ocasional ou potencial. Estes canais são de diferentes tipos, formas e tamanhos. Tais elementos são os mais predominantes na imagem de um lugar, pois a cidade é observada a partir das ruas, alamedas ou linhas de trânsito percorridas. Logo, as vias organizam os diferentes pontos de vista do observador ao longo dos diferentes trajetos além de articular os outros quatro elementos promovendo a interação entre as pessoas e o espaço construído.
- b) *Limites*: são as fronteiras entre duas fases ou as quebras de continuidades lineares. Ao representarem as bordas de um conjunto, eles são os elementos de relação entre as partes da cidade. Nesta relação, os limites podem ser barreiras mais ou menos transponíveis que dividem uma região da outra ou também podem ser costuras que promovem o encontro e a troca entre duas regiões relacionando-as. Ainda que não sejam tão representativos para a imagem de um lugar como as vias e seus percursos, os limites apresentam características organizacionais que garantem a unidade para as regiões.
- c) *Bairros*: são as áreas médias ou grandes de uma cidade detentoras de características comuns que as identificam ao diferenciá-las das demais. Estas parcelas são identificáveis e organizadas internamente em função de quem as vivencia de dentro e referenciáveis externamente em função de quem as vislumbra de fora. Estes elementos apresentam continuidades temáticas que são fundamentais para criação da imagem de bairro através de alguns fatores como: textura, espaço, forma, cor, detalhes, símbolos, tipologias, utilizações, atividades, habitantes, estado de conservação, topografia. Contudo, eles também podem evidenciar algumas características contrastes produzindo sub-regiões internas mais introvertidas ou mais extrovertidas.
- d) *Pontos nodais*: são os focos intensivos para os quais ou a partir dos quais o observador se desloca. São basicamente junções, locais de interrupção dos

deslocamentos, um cruzamento ou uma convergência de vias em que os usuários podem ingressar. São os momentos dos percursos em que acontece uma passagem de uma estrutura para outra e também os pontos de encontro ao condensarem algum uso ou característica física em específico. Logo, estes desempenham tanto o papel de conexão e orientação entre partes como de concentração. Estão relacionados às vias e ao conceito de bairro, pois são consequências do traçado viário e os núcleos mais intensivos dos bairros.

- e) *Marcos*: são referências de orientação como os pontos nodais, mas neste caso o usuário não ingressa neles, pois estes são externos a ele. São os elementos que se destacam na paisagem urbana em função de características vinculadas ao objeto. São de diferentes tamanhos e escalas podendo desenvolver tanto um papel pontual como um papel geral dentro da imagem de um lugar. Indicadores de identidade ou até mesmo de estrutura, tornam-se mais reconhecíveis e confiáveis na medida em que o trajeto cotidiano vai ficando mais familiarizado para o usuário.

Estes elementos gravados tanto nas paisagens como nas memórias dos moradores que percorrem o espaço emergem em uma imagem coletiva que é relatada pelas pessoas. Enquanto que de um lado está o cotidiano da cidade que é percorrido pelos seus moradores, do outro está a imagem da cidade que é relatada por estes (Figura 8).



Figura 8: Relação entre a realidade percorrida e a imagem relatada.

Fonte: LYNCH, 2011.

Necessariamente, ao percorre o trajeto entre a casa e a cidade, as pessoas atravessam uma diversidade de espaços. Neste trajeto as vias são utilizadas para acessar estes espaços delimitados por limites que definem a imagem do bairro e suas regiões juntamente com os pontos nodais de maior ou menor movimento e os marcos responsáveis pela demarcação dos percursos (Figura 8). Logo, em função dos deslocamentos pelo espaço, a relação entre os cinco elementos constituem a imagem pública e coletiva do espaço comum a grandes contingentes de habitantes (LYNCH, 2011, p.8).

“Comerciantes, donas-de-casa, vereadores, funcionários, padres, quaisquer moradores do lugar, mesmo e principalmente as crianças tem que conhecer os padrões e a estrutura daquela cidade, da sua cidade. Devem contribuir para a sua divulgação e evolução. Tem de ficar espertos e desembaraçados para jogar à sua maneira. Em conjunto formarão uma imagem coletiva (SANTOS, 1988, p.54).”

É a partir desta imagem coletiva enquanto referência básica para os moradores do lugar que este se transforma. Novos espaços surgem alterando os anteriores em função desta base referencial que pode estar associada ou não com os ideais originalmente projetados. Dentro desta referência imagética, a via, o limite, o bairro, o ponto nodal e o marco são as bases materiais e estão articulados ao cotidiano das pessoas de diferentes formas. Em alguns momentos eles se reforçam produzindo uma imagem legível enquanto em outros eles se anulam produzindo uma imagem não tanto legível (LYNCH, 2011, p.93). Portanto, estas relações construídas ao longo do tempo e gravadas nas paisagens e nas lembranças se acumulam no presente repercutindo no contexto cotidiano das pessoas abordado através das imagens relatadas.

O relato dos percursos que atravessam o bairro relaciona as pessoas com o seu espaço cotidiano transformado ao evidenciar a forma como estas interagem com aquele. Para Certeau (2014, p.182), as estruturas narrativas possuem o valor de sintaxe espacial ao regular as mudanças do espaço em função da forma como organizam as séries lineares ou entrelaçadas dos lugares percorridos. Os relatos articulam caminhadas através do espaço demonstrando cotidianamente as relações entre as diferentes regiões de um mesmo lugar. Entre idas e vindas relatadas, as dinâmicas cotidianas podem ser compreendidas. Logo, as diferentes relações entre as partes de um lugar que estavam marcadas no mapa desenhado de forma especulativa ganham sentido ao se realizarem nos percursos relatados.

“A questão toca finalmente, na base dessas narrações cotidianas, a relação entre itinerário (uma série discursiva de operações) e o mapa (uma descrição redutora totalizante das observações), isto é, entre duas linguagens simbólicas e antropológicas do espaço. Dois polos da experiência (CERTEAU, 2014, p.187).”

A tensão proposta envolve a relação entre indicadores de mapa e de percurso que coexistem numa mesma descrição narrativa. Contudo, nesta descrição as manipulações do espaço ou percursos levam vantagem sobre os descritores do tipo mapa que são utilizados em função dos deslocamentos (CERTEAU, 2014, p.187). Enquanto o espaço vivido é manipulável porque ele é percorrido pelas pessoas, o espaço concebido é definitivo porque ele é mapeado por um projeto. Logo, a tensão surge quando as pessoas apresentam a necessidade de transformar um determinado espaço ao percorrê-lo e ao se apropriar dele para além das prerrogativas do projeto originalmente mapeado.

Enquanto o percurso envolve o itinerário entre a casa, o bairro e a cidade, o mapa envolve o sistema que relaciona a via, o parcelamento e a edificação conservado ou reformulado em função da adequação entre padrões espaciais e comportamentos habituais. Portanto, no decorrer do tempo, as fronteiras entre os espaços mapeados inicialmente e percorridos temporalmente são manipuladas quando atravessadas pelas pessoas em função das necessidades cotidianas. As questões que se apresentam são de que forma estas fronteiras são transformadas entre o projeto e a apropriação e qual é o tipo de relação promovida entre os espaços em função dos percursos?

A partir desta leitura do bairro em função dos relatos cotidianos, os processos de aproximação e de afastamento entre os diferentes espaços em função dos padrões espaciais ganham sentido em função dos comportamentos habituais. As diferentes fronteiras e suas características peculiares entre a intimidade da casa e a coletividade da cidade surgem a partir dos relatos que as atravessam produzindo um mosaico de experiências distintas dentro de um mesmo lugar. Diferentes percursos entre a casa e a cidade são construídos em função das diferentes fronteiras atravessadas no bairro. Logo, a relação entre as pessoas e a relação delas com seus espaços de convívio entre a casa e a cidade dependem da forma como se passa de um espaço para outro em função das diferentes fronteiras cotidianas.

A seguir, a noção de fronteira é abordada enfatizando a sua característica relacional enquanto elemento de conexão entre os diferentes espaços existentes durante os percursos cotidianos com base em Certeau (2014).

3.3. Fronteiras entre a intimidade e a coletividade: Casa, bairro e cidade

“O que está em jogo é a própria distinção entre o público e o privado.”

SANTOS, 1985, p.69

A problemática do espaço e da sua produção está além do domínio público dos espaços. Esta também se encontra no domínio do privado, no habitar e no habitat. Logo, ela é uma problemática relacional cercada de aspectos estruturais, formais e funcionais, pois se refere à forma como o público define o privado e como o privado define o público (LEFEBVRE, 1991, p.159). Deste ponto de vista, a abordagem pretendida aqui parte da produção do espaço em função da interpenetração entre concebido e vivido para destacar as repercussões que esta apresenta na relação entre espaços e conseqüentemente entre pessoas no cotidiano. Trata-se de uma abordagem de cunho fronteiro que se manifesta em função dos percursos realizados.

Para Lefebvre (1991, p.192-193), os caminhos e as veredas são poros que ao se dilatarem estabelecem os lugares e suas fronteiras. Estes poros percorridos pelos fluxos humanos enfatizam as particularidades locais utilizadas pelos homens e acessadas em função destes fluxos. Neste ato de percorrer e utilizar, o homem jamais deixa de alinhar o espaço às suas necessidades cotidianas marcando-o com traços simbólicos e práticos que resultam nas redes e nas suas fronteiras como um espaço concreto mais próximo da teia de aranha do que do espaço geométrico e rígido. Logo, todo espaço social alinhado pelo homem apresenta relações que se superpõe às redes dos lugares e que dependem da forma como as fronteiras estão articuladas entre si e com os espaços definidos por elas.

Os pontos fronteiros são pontos de encontro e de distinção entre dois corpos no espaço, pois criados em função do contato entre ambos, estes pontos os ligam e os diferenciam ao mesmo tempo como um terceiro entre dois espaços (CERTEAU, 2014, p.195). Tal característica fronteira garante o seu aspecto paradoxal tornando complexas e improváveis as suas determinações no âmbito do projeto. Logo, as fronteiras se materializam em função das apropriações do espaço vivido e não do projeto do espaço concebido, pois há a necessidade de um percorrer no âmbito antropológico da realidade social para que estas adquiram o seu sentido que é relacional. Desta forma, o ponto de conflito entre o concebido e o vivido que denuncia as continuidades e as descontinuidades percebidas no tempo e no espaço em função da relação entre o aspecto físico e o aspecto social está localizado na fronteira, ou seja, no entre espaços.

Para Santos (1988, p.52), as fronteiras não são espaços, mas sim abstrações, pois não possuem existência própria na medida em que necessitam do contato entre dois para acontecerem. Estas interfaces são profundamente mutantes e precisam ser revistas constantemente, pois as suas delimitações são reinventadas sempre de forma provisória no cotidiano. Estas são as relações entre espaços que unem e separam ao mesmo tempo as múltiplas escalas da cidade entre a intimidade e a coletividade (SANTOS, 1985, p.49). Logo, a intenção aqui não é abordar o espaço da moradia, da rua, do bairro e da cidade sucessivamente para entender como estes se transformam no tempo. O objetivo aqui é abordar as relações entre espaços em função das apropriações transformadoras para compreender as dinâmicas cotidianas. O foco não está nem no interior e nem no exterior, mas nas diferentes fronteiras entre a intimidade da casa e a coletividade da cidade com base na articulação sistemática casa-bairro-cidade entendida como um critério de análise dos percursos.

A noção de sobreposição entre espaços públicos e privados está presente no livro “Quando a rua vira casa” de Carlos Nelson Ferreira dos Santos (1985). Na presente obra o autor desenvolve um trabalho que enfatiza o papel das apropriações sociais na transformação do espaço urbano. Ao analisar o Bairro Catumbi no Rio de Janeiro, o autor destaca como as fronteiras espaciais da vida cotidiana estão em constante mutação em função das práticas sociais desenvolvidas entre o espaço público e o privado. Para Santos (1985, p.61), os domínios do público e do privado se recombinaem com novos significados em função dos deslocamentos realizados. A manipulação dos espaços, nos diferentes contextos da vida da rua gera uma série de variáveis dos mesmos termos de um sistema cuja lógica permite a recombinação sem ocorrer nenhuma mudança fundamental (SANTOS, 1985, p.63). Tal recombinação viabiliza o surgimento da diversidade urbana entre os espaços ao longo do tempo em função da relação estruturada e estruturante entre edificação e via pública (SANTOS, 1985, p.74).

“Se considerarmos que além de viver num bairro, as pessoas podem viver de um bairro, a observação prudente adquire peso. Além das residências, existem os diversos tipos de estabelecimento, produzindo, vendendo ou prestando serviços (SANTOS, 1985, p.76).”

É graças a esta diversidade de usos associada a um espaço com a capacidade de se recombinar conforme as necessidades cotidianas que a forma urbana ganha viabilidade. Esta diversidade em questão além de ser uma propriedade das cidades, é reconhecida como o princípio que as torna cidades. Ao analisar o Bairro Catumbi,

Carlos Nelson encontra este princípio no tecido urbano local o que possibilita a adequação deste ao cotidiano das pessoas em função de uma plasticidade das fronteiras entre os espaços públicos e os privados. Contudo, o autor não observa o mesmo tipo de diversidade e vida cotidiana ao analisar um conjunto habitacional na Barra da Tijuca como caso de comparação. O conjunto habitacional não apresentava a mesma dinâmica de transformação das fronteiras espaciais em função de uma relação estruturadora entre edifício e rua distinta do Bairro Catumbi.

Tal estudo comprova como a estrutura espacial influencia na forma como as pessoas se apropriam do espaço urbano e se relacionam umas com as outras cotidianamente em função da diversidade urbana. Já o presente trabalho tem como foco não a diversidade propriamente dita, mas as maneiras como esta é alcançada no tempo entre o projeto e a apropriação e suas repercussões cotidianas. Esta busca baseada no processo de adequação é uma constante marcada por continuidades e descontinuidades entre o concebido e o vivido. Questiona-se, então, de que forma este processo de interpenetração entre o projeto e a apropriação viabiliza a vida cotidiana em função dos padrões associados aos diferentes tipos de transformação das fronteiras no percurso entre a casa e a cidade?

Em um mesmo lugar, há tantas regiões quantas interações e encontros gerando fronteiras entre as apropriações progressivas e os deslocamentos sucessivos (CERTEAU, 2014, p.194). Logo, entende-se que através das fronteiras apropriadas e atravessadas pelos atores sociais seja possível entender as dinâmicas cotidianas de interação entre as pessoas das diferentes regiões de um lugar e destas com a cidade. Objetiva-se, portanto, identificar de que forma acontece esta passagem entre a intimidade e a coletividade em cada uma destas diferentes regiões de um mesmo lugar resultantes dos processos de adequação marcados no cotidiano por uma série de mudanças espaciais que reinventam as fronteiras.

A questão aqui envolve a compreensão da forma como os diferentes espaços de um lugar transformado no tempo estão conectados entre si e com a cidade em função da maneira como as fronteiras são atravessadas pelas pessoas hoje. Portanto, este conceito surge como uma categoria de análise tanto na paisagem como na memória, pois se constitui como o ponto de inflexão físico e social ao delimitar as configurações físicas e sociais dos espaços entre o concebido e o vivido. Organizações espaciais similares podem apresentar contextos muito diferentes em função da forma como os elementos fronteiraços definem os espaços (NORBERG-SCHULZ, 2008, p.449). Logo, a análise destes elementos e da forma como estão organizados entre os espaços permite a compreensão da estrutura espacial do lugar e das dinâmicas cotidianas de encontro ou de desencontro.

“As propriedades de confinar um espaço, típicas de uma fronteira, são determinadas por suas aberturas, como Trakl⁶ intuiu poeticamente ao usar as imagens da janela, da porta e da soleira. Geralmente a fronteira, especialmente a parede, expõe a estrutura espacial como extensão, direção e ritmo contínuos ou descontínuos (NORBERG-SCHULZ, 2008, p.451).”

Quando se atravessa uma fronteira entre dois espaços, esta passagem pode caracterizar uma transição contínua e complementar por um lado ou uma transição descontínua e abrupta por outro. Logo, as relações entre o interior da casa e o exterior da cidade variam dentro destes dois extremos. Em alguns deslocamentos, nem se percebe quando se sai de um espaço e se entra em outro em função da fluidez entre ambos enquanto, em outros, esta passagem é mais perceptível e chocante em função da quebra repentina de padrões espaciais e sociais. A diferença está na tensão entre a abertura e o fechamento da fronteira que resulta no tipo de relação topológica e antropológica entre os espaços (PANERAI, 2015, p.126). Para que haja a possibilidade de passagem de um ponto para o outro através da fronteira, esta precisa apresentar um vazio que promova uma interação entre os pontos como a janela, a soleira ou a porta. Logo, ela não pode estar preenchida, mas sim sempre aberta a novas interações (CERTEAU, 2014, p.196).

As janelas e as portas não são simples vazios ou buracos na parede, mas objetos transicionais emoldurados que apresentam um duplo sentido: o de dentro para fora e o de fora para dentro (LEFEBVRE, 1991, p.209). Logo, estes objetos que se caracterizam por não serem preenchidos cumprem a função de dar passagem marcando e remarcando as fronteiras entre dois espaços. Dentro desta abordagem, o bairro irá apresentar uma sequência de fronteiras entre a casa e a cidade. Logo, a partir da visão de Henri Lefebvre retomada por Mayol (2013, p.41), o bairro pode ser entendido simbolicamente como uma porta de entrada e de saída a ser atravessada em que de um lado está o espaço privado da casa e do outro o espaço público da cidade.

Ao transitar pelo bairro, as pessoas necessariamente estão transitando entre a casa e a cidade. Contudo, em algumas regiões a porta do bairro está mais fechada e em outras ela está mais aberta. Há áreas em que a configuração espacial promove um

⁶ Norberg-Schulz (2008) se refere aqui ao poema “Uma noite de inverno” de George Trakl em que o poeta distingue entre um lado de fora e um lado de dentro. O primeiro corresponde ao exterior do âmbito público enquanto o segundo ao interior do âmbito privado. No poema o ponto de tensão está na relação fronteira entre o exterior e o interior simbolizada pela soleira a ser atravessada.

afastamento tanto físico como social entre a casa e a cidade a partir de espaços justapostos que geram uma passagem pouco fluida de uma para a outra em função do fechamento das suas fronteiras. Já em outras áreas, a configuração promove uma aproximação física e social entre a casa e a cidade através de espaços sobrepostos que viabilizam uma passagem entre a intimidade e a coletividade fluida e praticamente imperceptível em função da abertura das suas fronteiras (Figura 9). Para que as pessoas percorram o espaço urbano no seu cotidiano, é necessário que as fronteiras entre a casa e a cidade estejam articuladas e viabilizem esta travessia. Portanto, há a necessidade de se perguntar de que maneira as fronteiras definem os espaços e promovem a integração física e social entre eles considerando os processos de transformação espacial ao longo do tempo (NORBERG-SCHULZ, 2008, p.451).

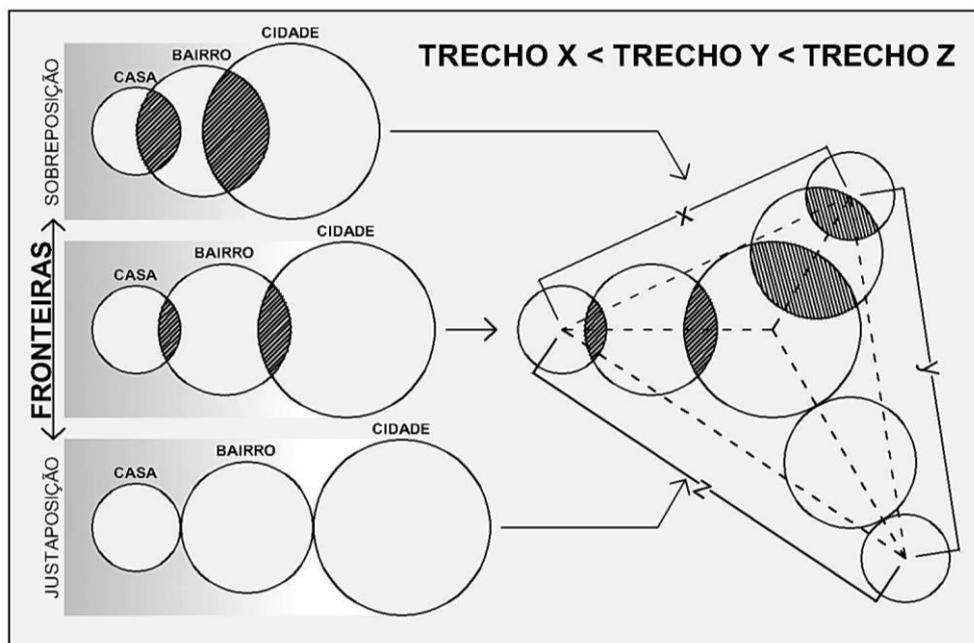


Figura 9: Relação entre a casa, o bairro e a cidade em função de diferentes fronteiras.

Fonte: MOG, W. 2016.

Quando as fronteiras associadas aos percursos realizados pelas pessoas no seu dia-a-dia são atravessadas, os espaços se transformam. As pessoas ao transitarem geram novas necessidades e conseqüentemente novas transformações que reformulam a relação física e social entre as diferentes partes de um lugar e destas com a cidade. Um pequeno mercado que surge na esquina de duas ruas, a casa que foi ampliada para receber uma nova família, a clínica veterinária que adapta uma moradia para atender os seus clientes e assim por diante. Gradativamente, o espaço ganha diversidade ao ser reinventado e reconectado a partir das diferentes transformações entre o concebido e o vivido e dos percursos cotidianos. Entretanto, no

trabalho desenvolvido por Panerai, Castex e Depaule (2013), tais autores problematizam esta diversidade em função da dissolução da noção de quadra como uma estrutura urbana ao longo do tempo entre a Paris de Haussmann e a cidade radiante de Le Corbusier.

Neste processo, aconteceu a diminuição da capacidade de manipulação do espaço em função do seu uso cotidiano, pois essa trajetória do espaço urbano marcou a degradação e a neutralização das diferenças. Entre estes modelos de cidade, a habitação se tornou limitada a si própria, pois foi separada da rua, da cidade e do espaço urbano (PANERAI; CASTEX; DEPAULE, 2013, p.167). Contudo, o cotidiano exige o seu espaço de manifestação e a diversidade necessária a partir de transformações que nem sempre são fáceis, pois às vezes as estruturas projetadas são rompidas quando estas não dão conta das exigências oriundas das apropriações. Tal condição tende a gerar relações fronteiriças que ora aproximam e ora afastam as diferentes regiões transformadas não do ponto de vista geográfico, mas do ponto de vista relacional como mostram as distâncias X, Y e Z na imagem da Figura 9. Surge então a questão de como se dá a relação entre coisas diferentes que passaram por processos distintos de transformação no tempo (PANERAI, 2015, p.127).

Especificidades da estrutura do espaço físico do projeto concebido em contato com as estruturas do espaço social condicionam diferentes transformações a partir das apropriações vividas gerando um mosaico de espaços que busca alcançar um sentido de existência no tempo. Este mosaico é percorrido e atravessado produzindo novas relações espaciais e sociais que materializam e simbolizam histórias particulares impressas no plano material das paisagens urbanas e no plano mental das memórias coletivas. Tais características emergem do cotidiano observado e escutado quando se analisa o espaço “de dentro” e “de perto” como nos recomenda Magnani (2002).

A seguir, objetiva-se a construção de um método com o objetivo de analisar o processo de transformação das diferentes regiões de um mesmo lugar no tempo entre o concebido e o vivido e suas repercussões na vida cotidiana do lugar em função de três passos metodológicos. Primeiramente a construção histórica, em seguida a construção cartográfica e, por último, a construção do cotidiano atual do lugar.

BLOCO METODOLÓGICO

Objetiva-se aqui a construção de um método baseado no eixo teórico até então apresentado visando a sua aplicação prática no estudo empírico. Esta construção, portanto, intermedia as fronteiras entre a teoria e a prática dentro do contexto da pesquisa, pois representa o ponto de encontro entre o abstrato e o concreto. Ela emerge à luz dos conceitos teóricos com a responsabilidade de operacionalizá-los em uma análise prática. Segundo Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2007, p.21), além da indagação sobre a eficiência e o rigor formal das teorias e dos métodos, durante a construção metodológica, há a necessidade de questionar o método, e sua teoria de base, em sua própria utilização prática.

Ao pensar o método com base na teoria, se está pensando ao mesmo tempo na prática, logo o procedimento metodológico envolve um deslocamento constante do pesquisador entre os extremos teórico e o prático da pesquisa, visando a aproximação de ambos e, conseqüentemente, a credibilidade para os resultados obtidos. É inútil propor um método que esteja descolado da realidade estudada, pois dessa forma não se possui a certeza se os instrumentos desenvolvidos no método realmente medem o que se pretende medir (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 2007, p.19). Dentro deste panorama, objetiva-se, portanto, um método moldável conforme as questões e os objetivos associados ao estudo prático a partir de uma teoria aberta e em constante formação. O fato estudado é conquistado, construído e constatado com base em um método epistemologicamente construído de acordo com as noções desenvolvidas por Bachelard (1996) e retomadas por Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2007, p.22).

Com base nesta contextualização inicial, pretende-se propor a construção de um método para o trabalho em função de três passos metodológicos. Cada um destes passos está relacionado com cada um dos três momentos teóricos anteriores e associados com suas aplicações práticas posteriormente. O primeiro passo aborda a forma de identificação das diferentes ações dos atores responsáveis pela produção do espaço; o segundo objetiva operacionalizar a análise do espaço materializado pelas ações e, por último, o terceiro pretende instrumentalizar a análise dos percursos realizados no espaço ao longo do tempo. A seguir, cada passo será aprofundado em função dos dados, das suas fontes e das técnicas de coleta, organização e análise dos dados configurando os três capítulos de caráter metodológico.

CAPÍTULO 4:

CONTEXTUALIZANDO ATORES E COMPREENDENDO ESPAÇOS

Neste primeiro momento, objetiva-se operacionalizar os conceitos trabalhados no primeiro capítulo teórico através da construção metodológica da análise das ações dos diferentes atores produtores do espaço no tempo em função de três momentos complementares. Primeiramente objetiva-se identificar as ações dos atores envolvidos no processo de produção do espaço urbano como os dados a serem obtidos em fontes como documentos, jornais e publicações afins. Em uma segunda etapa, o foco está na técnica de coleta dos dados baseada no levantamento documental e histórico e na construção de uma linha do tempo enquanto técnica apropriada para a organização dos dados. E, por último, em um terceiro momento pretende-se operacionalizar a técnica de análise dos dados organizados em função da construção de uma categoria de análise fundamentada na relação entre estrutura, forma e função do espaço produzido. A seguir, cada uma destas etapas é detalhada.

4.1. Diferenciando ações: As estratégias hegemônicas e as táticas cotidianas

Esta primeira etapa aborda o reconhecimento das diferentes ações dos atores envolvidos no processo de produção do espaço urbano e a forma de relação entre eles a partir do modelo vigente e sua respectiva hierarquia como os dados a serem coletados e analisados. Objetiva-se aqui destacar quem concebe o espaço urbano através do projeto e quem vive este espaço através das apropriações considerando as ações estratégicas e táticas (Figura 10).

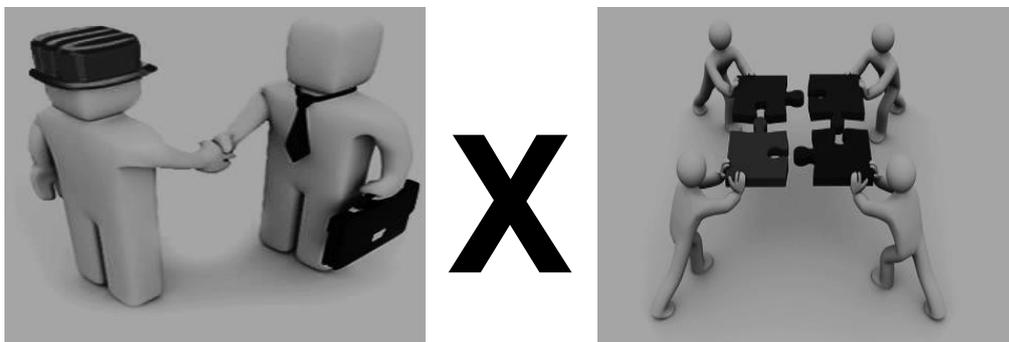


Figura 10: Os atores que concebem (esquerda) e os que vivem (direita) o espaço urbano.

Fonte: MOG, W. 2016.

Dentro do primeiro grupo à esquerda na Figura 10, objetiva-se identificar as ações estratégicas e hegemônicas dos seus atores integrantes em função do processo de planejamento urbano e regional considerando suas atribuições vinculadas a estas duas esferas. A identificação destas ações depende das diretrizes de desenvolvimento urbano e regional do espaço concebido atreladas a uma determinada política. Logo, estes dados a serem identificados apresentam enquanto fonte documentos oficiais como os planos urbanos, regionais e metropolitanos assim como os jornais e publicações afins que retomam os documentos oficiais e as ações estratégicas vinculadas a estes.

Dentro do segundo grupo à direita na Figura 10, pretende-se classificar as ações táticas e cotidianas dos seus atores integrantes a partir do processo de ocupação do espaço concebido e produzido inicialmente pelos atores do grupo anterior. Como a dimensão destas ações está atrelada ao espaço vivido e não ao concebido, a identificação aqui corresponde ao cotidiano das pessoas ao longo do tempo. Portanto, estes dados apresentam como fonte documentos ordinários que resgatam as memórias vividas assim como jornais e publicações afins capazes de contar uma história que é coletiva e única viabilizando a identificação destas ações.

As ações destes dois grupos de atores a serem identificadas se chocam no cotidiano apropriado interagindo de diferentes formas. Logo, se faz necessário acessá-las e abordá-las de forma conjunta através de levantamentos documentais e históricos e da construção de uma linha do tempo respectivamente. Este levantamento e esta linha viabilizam a reconstrução do espaço produzido destacando as formas de interação entre as ações estratégicas e as táticas e cotidianas no tempo. A seguir, enfatiza-se a importância destas técnicas na coleta e na organização destas diferentes ações a partir das fontes já destacadas.

4.2. Reconstruindo a história: O levantamento histórico e a linha do tempo

Nesta segunda etapa, pretende-se operacionalizar a técnica de coleta e a de organização dos dados em função do levantamento documental e histórico e da construção de uma linha do tempo. Este momento do método objetiva viabilizar a forma de organização das ações de cada um dos grupos de atores abordados anteriormente a partir de uma linha do tempo entre o projeto original e as apropriações sucessivas no tempo. Logo, o critério de temporalidade do estudo se fundamenta entre o lançamento do projeto para o lócus do estudo de caso e a atualidade deste após os sucessivos processos de apropriações. Dentro deste período, pretende-se relacionar

as estratégias dos atores do espaço concebido no projeto com as táticas dos atores que contribuem com o espaço vivido a partir das apropriações para compreender as diferentes formas que surgem e se interpenetram no espaço percebido como mostra a Figura 11.

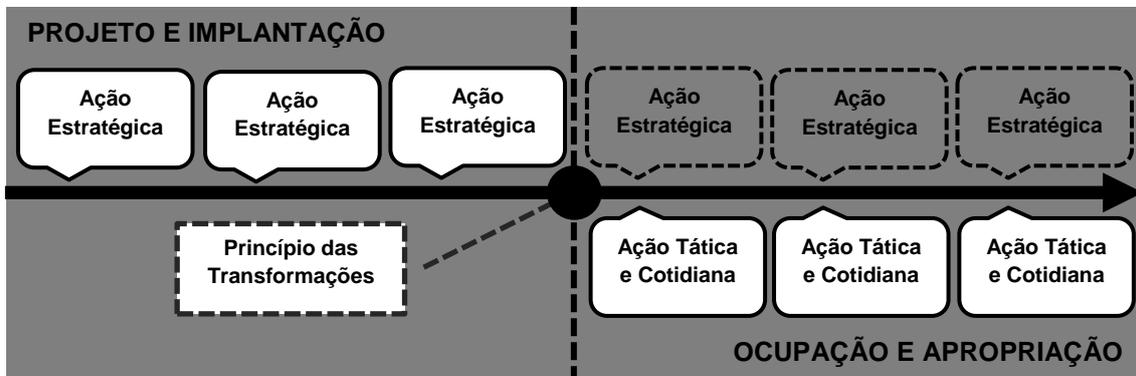


Figura 11: Linha do tempo de base para a construção da história de consolidação do lugar.

Fonte: MOG, W. 2016.

As ações estratégicas e táticas serão coletadas em função de um levantamento documental e histórico minucioso em instituições que armazenam os documentos, jornais e publicações necessárias para a reconstrução da história do lugar. Uma vez obtidos, os dados serão organizados temporalmente em função da linha do tempo viabilizando a interpenetração dos dois grupos e de suas ações ao longo da história do lugar como mostra a Figura 11. Este procedimento possibilita o destaque da maneira como estes grupos se relacionam temporalmente a partir da convergência ou da divergência entre as ações de ambos que se manifestam no espaço percebido.

Tais relações de convergência ou de divergência se evidenciam quando o espaço é ocupado, pois dentro da linha do tempo até a ocupação há o predomínio apenas do espaço concebido enquanto que após a ocupação passa a ocorrer uma sobreposição. A partir deste ponto de inflexão o predomínio passa do espaço concebido pelo projeto para o espaço vivido pelas apropriações que reinventam o que foi produzido anteriormente. Contudo, as ações estratégicas não são apagadas por completo depois da ocupação. Estas passam a funcionar como plano de fundo para as novas intervenções transformadoras no cotidiano, por isso a representação destas está tracejada depois do ponto de inflexão.

Para desenvolver a análise destas relações e dos seus impactos no espaço produzido, se instrumentaliza aqui uma categoria de análise baseada em aspectos estruturais, formais e funcionais vinculados a produção do espaço no tempo. A intenção é resgatar os pontos centrais de tensão entre as ações estratégicas e táticas

evidenciando as diferentes relações de sobreposição entre ambas no tempo e no espaço. A seguir, esta categoria enquanto técnica de análise se configura em função de uma tabela capaz de identificar e classificar as diferentes regiões oriundas do choque entre ações estratégicas e táticas no tempo.

4.3. Operacionalizando uma categoria de análise: Estrutura-forma-função

Nesta última etapa do primeiro passo, objetiva-se a operacionalização da técnica de análise do espaço resultante da interpenetração entre as ações estratégicas e as ações táticas no tempo a partir das estruturas, das formas e das funções. Entende-se aqui que estes três aspectos do espaço urbano entre o âmbito do projeto concebido e o âmbito das apropriações vividas evidenciam a forma de relação contínua ou descontínua entre os dois momentos para cada região de um mesmo lugar como mostra a Tabela 2⁷.

ESPAÇOS DAS AÇÕES	1° Região	2° Região	n Região
ESTRUTURA	Continuidades	Continuidades	Continuidades
FORMA	X	X	X
FUNÇÃO	Descontinuidades	Descontinuidades	Descontinuidades

Tabela 2: Identificação da relação estrutura-forma-função entre o espaço concebido pelo projeto e o espaço vivido pelas apropriações.

Fonte: MOG, W. 2016.

Organizou-se esta tabela com base em dois eixos de variáveis. No eixo horizontal estão presentes as diferentes regiões resultantes da relação entre as ações estratégicas e as ações táticas. Já no eixo vertical estão presentes os aspectos estruturais, formais e funcionais que são problematizados durante a produção do espaço entre o projeto concebido e as apropriações vividas, em cada uma das regiões, diferenciando-as. Portanto, a relação entre o projeto e a apropriação em cada região é tensionada a partir das continuidades e das descontinuidades entre as diferentes ações dos atores retratadas no espaço em função da articulação entre estrutura, forma e função (Tabela 2).

⁷ No presente trabalho, o número de regiões analisadas dentro do estudo de caso escolhido corresponde a três. São elas: a região das casas unifamiliares, a região dos blocos multifamiliares e a região dos verdes ocupados irregularmente. Cada uma delas se transformou de maneira distinta ao longo do tempo entre o projeto e a apropriação do lócus selecionado para o estudo empírico.

A intenção da tabela é identificar o grau de correspondência entre as ações dos atores em função da categoria analítica estrutura-forma-função destacando a relação entre as diretrizes do projeto e as necessidades cotidianas da ocupação em função da apropriação. Esta questão surge no tempo, problematizando aqui, as condições espaciais das diferentes áreas de um mesmo lugar, a partir dos depoimentos de moradores locais, associados às imagens históricas da linha do tempo. Através deste diagnóstico inicial, objetiva-se aprofundar a tensão entre o grupo que pensa o espaço concebido e o grupo que habita o espaço vivido em função do mapeamento das continuidades e das descontinuidades no segundo passo metodológico.

CAPÍTULO 5:

MAPEANDO OCUPAÇÕES E COMPREENDENDO ADAPTAÇÕES

Neste segundo passo metodológico, objetiva-se operacionalizar os conceitos abordados no segundo capítulo teórico através da construção metodológica da análise do espaço adequado no tempo em função de três momentos complementares. Primeiramente, pretende-se enfatizar as formas de adequação do espaço como os dados a serem levantados através da relação entre a implantação do projeto e as imagens aéreas das sucessivas fases de ocupação entendida aqui como a fonte dos dados. Em seguida, em um segundo momento, objetiva-se destacar o levantamento gráfico espacial e a cartografia em função da construção de mapas do tipo fundo-figura como as técnicas de coleta e de organização dos dados respectivamente. E, na última etapa deste passo, objetiva-se operacionalizar a técnica de análise dos dados coletados e organizados em função de uma categoria de análise fundamentada na relação entre vias, parcelamento e edificações presente na terceira dimensão da forma urbana. A seguir, cada etapa é detalhada.

5.1. Diferenciando espaços: A implantação e as ocupações

Na primeira etapa do segundo passo, pretende-se abordar a relação entre o espaço físico oriundo do projeto implantado e o espaço social oriundo das ocupações a partir das formas como o espaço implantado passou pelo processo de adequação quando ocupado enquanto os dados. Objetiva-se compreender as repercussões tanto físicas como sociais que o contato entre o espaço físico e o espaço social produziu gerando as diferentes regiões durante a consolidação do lugar em função do projeto original e das formas de ocupação como mostra a Figura 12.



Figura 12: Relação entre o espaço físico e o espaço social em função das ocupações.

Fonte: MOG, W. 2016.

Para acessar o espaço físico implantado é necessário recorrer ao projeto original como mostra a primeira imagem na Figura 12. Pretende-se abordar as diretrizes do espaço físico em função da implantação original e dos memoriais descritivos do projeto. Aqui o foco está na forma de articulação do espaço físico no âmbito do concebido pelo projeto, logo a fonte é uma projeção e não uma realidade concreta. Este primeiro olhar sobre o caso estudado permite compreender os porquês das diferentes transformações ocorridas posteriormente quando o espaço é ocupado.

Já para acessar o espaço social ocupado que envolve a materialização do espaço concebido pelo projeto em função do vivido pelas apropriações é fundamental recorrer às imagens aéreas das diferentes fases de ocupação. Aqui o foco sai da representação do projeto para cair na realidade concreta como fonte dos dados. O que interessa é a materialidade tanto física como social resultante de um modelo idealizado anteriormente que é ocupado e apropriado como evidencia a segunda imagem na Figura 12. Este choque entre o espaço físico e o espaço social a partir da realidade das formas de ocupação dá origem as diferentes regiões dentro de um mesmo lugar em função das diferentes maneiras que as pessoas encontram para adequar o espaço às suas necessidades como mostra a terceira imagem na Figura 12.

Cabe focar nas formas de ocupação e nas especificidades históricas de cada região em associação com o projeto original para compreender as diferentes maneiras de manipulação do espaço. Estas diferentes regiões enfrentam histórias distintas em função do processo de adequação entre padrões espaciais concebido no projeto e comportamentos habituais vividos nas apropriações. A seguir, este choque entre o concebido e o vivido é evidenciado através dos levantamentos gráficos do espaço implantado e ocupado enquanto técnica de coleta dos dados e da cartografia do processo de adequação enquanto técnica de organização dos dados.

5.2. Reconstruindo as adequações: O levantamento gráfico e os mapas

Na segunda etapa deste passo metodológico, objetiva-se instrumentalizar as técnicas de coleta e de organização dos dados entendidos aqui como as formas de adequação entre os padrões espaciais concebidos e os comportamentos habituais vividos no tempo. A técnica de coleta corresponde ao levantamento gráfico da fase inicial e da atual de ocupação do espaço oriundo da implantação original a partir das fontes já comentadas. Já a técnica de organização corresponde à associação entre o

mapa fundo-figura⁸ do início da ocupação e o da situação atual. Além destes dois mapas de tempos distintos, objetiva-se construir um terceiro com a marcação das diferentes regiões resultantes das formas distintas de adequação enquanto critério de divisão territorial do lócus do estudo de caso (Figura 13).



Figura 13: Mapa fundo-figura da ocupação inicial (esquerda), mapa fundo-figura da ocupação atual (centro) e o mapa fundo-figura com as diferentes regiões identificadas no tempo (direita).

Fonte: MOG, W. 2016.

Como os dados são espaciais, estes estão organizados em função da construção cartográfica a partir do levantamento das edificações construídas no momento da primeira ocupação e no momento atual em função de imagens aéreas do local e das diretrizes da implantação do projeto original. Os mapas resultantes desta construção cartográfica são do tipo fundo-figura com a intenção de problematizar a relação entre o construído e o não construído⁹ no tempo.

No primeiro mapa fundo-figura à esquerda na Figura 13, a representação problematiza a situação inicial do processo de ocupação e conseqüentemente o início do processo de adequação do espaço. Aqui as diretrizes originais do projeto ainda estão evidentes, pois as mudanças são recentes. Já no segundo mapa fundo-figura no centro da Figura 13, a representação marca a situação atual da ocupação e conseqüentemente a consolidação do processo de adequação do espaço. Neste segundo momento as diretrizes do projeto original dividem espaço com as

⁸ A representação do espaço urbano a partir do mapa fundo-figura também conhecidos como Mapa de Nolli é uma técnica desenvolvida pelo arquiteto italiano Giambattista Nolli em 1748 quando este desenvolve esta forma de representação para a cidade de Roma. Este tipo de mapa objetiva destacar a relação entre cheios (espaços construídos) e vazios (espaços não construídos) da forma urbana (ROWE; KOETTER, 1978).

⁹ A relação entre o construído e o não construído corresponde à relação entre o espaço ocupado por uma edificação, portanto, fechado e o espaço livre entre estas edificações, portanto, aberto (COELHO NETTO, 2007).

transformações propostas no cotidiano das pessoas que reinventaram a implantação original. Esta técnica de organização dos dados a partir do estudo comparativo entre estes dois momentos possibilita a identificação das diferentes formas de adequação entre padrões espaciais e comportamentos habituais no tempo que caracterizam as diferentes regiões a serem agrupadas em um terceiro mapa semelhante ao segundo como mostra a imagem à direita na Figura 13.

Após esta parte da técnica de organização dos dados baseada na relação entre os mapas e o destaque das diferentes regiões espacialmente, objetiva-se operacionalizar uma abordagem mais aproximada em função de recortes ampliados de cada uma das regiões destacadas no terceiro mapa da Figura 13. Esta parte mais detalhada do estudo possibilita um olhar que alcança o edifício construído e o espaço não construído do entorno imediato através de cinco variáveis que atestam a capacidade de manipulação do local no tempo. Estas variáveis são: capacidade de excessos, bons acessos, independência das partes, utilização de módulos e redução dos custos de reciclagem (Figura 14).

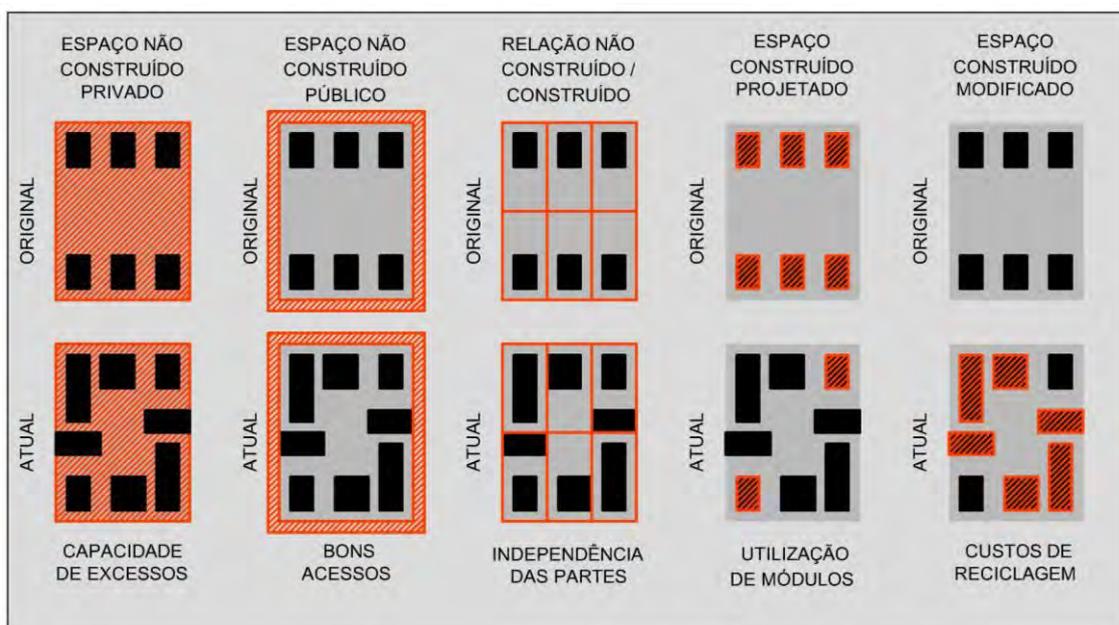


Figura 14: As representações das cinco variáveis do processo de adequação.

Fonte: MOG, W. 2016.

Estas variáveis juntas viabilizam o detalhamento das formas de adequação de cada uma das regiões diferenciando-as e reafirmando o critério de classificação territorial em destaque na Figura 13. As duas primeiras enfatizam o processo de adequação em função do espaço não construído privado e público enquanto as duas últimas enfatizam este processo em função do espaço construído projetado e

modificado. Já a terceira variável destaca a adequação no tempo em função do parcelamento ao enfatizar a relação entre o espaço não construído e o espaço construído. Desta forma o processo de adequação ganha uma profundidade analítica que varia entre a dimensão do não construído e do construído abrangendo os tipos de transformação do espaço urbano ao longo do tempo.

Tais transformações repercutem nas diferenças entre as regiões projetadas na terceira dimensão do espaço que é observável no cotidiano diferentemente das outras duas que configuram as coordenadas dos mapas. A seguir, esta dimensão é abordada em função da relação entre vias, parcelamento e edificações no tempo como a categoria de análise dos dados na terceira etapa do segundo passo metodológico.

5.3. Operacionalizando uma categoria de análise: Via-parcelamento-edificação

Nesta última etapa do segundo passo, objetiva-se operacionalizar a técnica de análise da maneira como a forma urbana se adequou em cada uma das regiões identificadas e caracterizadas a partir da relação entre a lógica das vias, a do parcelamento e a das edificações no tempo. Entende-se aqui que a relação entre estas três lógicas no tempo evidencia a capacidade adaptativa de cada região projetada inicialmente ao seu cotidiano apropriado temporalmente como mostra a Tabela 3.

ADAPTAÇÕES DAS ADEQUAÇÕES	1° Região	2° Região	n Região
VIA PARCELAMENTO EDIFICAÇÃO	A partir do projeto X Contra o projeto	A partir do projeto X Contra o projeto	A partir do projeto X Contra o projeto

Tabela 3: Identificação da relação via-parcelamento-edificação entre o espaço concebido pelo projeto e o espaço vivido pelas apropriações.

Fonte: MOG, W. 2016.

Organizou-se esta tabela com base em dois eixos de variáveis. No eixo horizontal estão presentes as diferentes regiões resultantes da adequação entre os padrões espaciais do projeto e os comportamentos habituais das apropriações. Já no eixo vertical estão presentes as lógicas das vias, do parcelamento e das edificações que são problematizadas durante a produção do espaço entre o projeto concebido e a apropriação vivida em cada uma das regiões. Portanto, a relação entre o projeto e a

apropriação em cada região é tensionada a partir da capacidade adaptativa da forma urbana projetada originalmente e apropriada temporalmente em função da articulação entre vias, parcelamento e edificações (Tabela 3).

A intenção da tabela é identificar as diferentes maneiras de adaptação da forma urbana no âmbito do cotidiano em função da categoria analítica via-parcelamento-edificação enfatizando a relação entre os espaços projetados e as necessidades cotidianas da ocupação em função da apropriação. As diferentes maneiras de adaptação em função das três lógicas da forma urbana das diferentes regiões se materializam no cotidiano a partir da terceira dimensão do espaço representada aqui em função de fotografias do passado e do presente. Através deste diagnóstico espacial, objetiva-se aprofundar a tensão entre os espaços projetados e apropriados em função dos percursos cotidianos problematizando as fronteiras físicas e sociais entre as diferentes regiões do lócus analisado e destas com a cidade no terceiro passo metodológico.

CAPÍTULO 6:

RELATANDO LEMBRANÇAS E COMPREENDENDO FRONTEIRAS

Neste terceiro passo metodológico, objetiva-se operacionalizar os conceitos abordados no terceiro capítulo teórico através da construção metodológica da análise dos percursos cotidianos no tempo em função de três momentos. Primeiramente pretende-se identificar os diferentes percursos realizados no cotidiano das pessoas entre a casa e a cidade através do bairro como os dados a serem coletados a partir da associação entre duas fontes: as paisagens urbanas e as lembranças vividas. Em seguida, na segunda etapa deste terceiro passo, objetiva-se operacionalizar os registros fotográficos no local e os questionários com os moradores enquanto técnicas de coleta dos dados que serão organizados em função de um relato do cotidiano percorrido do caso estudado. E, por fim, no terceiro momento é articulada a técnica de análise dos dados organizados pelos relatos a partir de uma categoria de análise fundamentada na relação fronteira entre a casa, o bairro e a cidade durante os deslocamentos cotidianos dos moradores. A seguir, cada etapa é detalhada.

6.1. Diferenciando percursos: A entrada no campo e o seu diário

Nesta primeira etapa do terceiro passo, objetiva-se destacar os percursos cotidianos entre a casa e a cidade, passando pelo bairro, como os dados a ser coletados, enfatizando a relação entre paisagem urbana e lembranças vividas enquanto as suas fontes. Objetiva-se acessar a maneira como as diretrizes do projeto se adaptaram aos diferentes cotidianos das apropriações em cada uma das regiões enfatizadas a partir do percurso de entrada no campo desenvolvido pelo pesquisador (Figura 15).



Figura 15: Sequência dos espaços percorridos pelo pesquisador na sua entrada no campo.

Fonte: GOOGLE EARTH, 2015 e MOG, W. 2015.

Este percurso envolve o deslocamento do pesquisador que parte da cidade para chegar às áreas mais íntimas e profundas do caso estudado (Figura 15). Nesta articulação, o cotidiano é redescoberto e introduzido a partir das paisagens recordadas pelas lembranças do pesquisador que as transcreve para o seu diário de campo¹⁰ problematizando os percursos entre o projeto e a apropriação. Para compreender as dinâmicas cotidianas atuais é preciso entender como as pessoas percorrem o seu espaço no cotidiano em associação com os percursos projetados originalmente e apropriados no tempo.

Quem percorre um lugar, se recorda deste ato de se deslocar entre pontos no espaço através da sua memória que guarda as diferentes sequências de paisagens observadas quando em deslocamento. Logo, para obter os dados relacionados aos percursos de quem mora no lugar, é necessário abordar os elementos das paisagens urbanas em associação com as lembranças vividas no local como as fontes dos dados. Enquanto as paisagens urbanas armazenam as diferentes fases de consolidação do lugar em função do espaço físico, as lembranças vividas armazenam estas fases em função do espaço social.

Estas duas fontes, respectivamente, dos fatores físicos e sociais relacionados aos percursos viabilizam a apreensão dos dados coletados e organizados em função de técnicas apropriadas. A seguir, objetiva-se construir as formas de coletar os dados obtidos a partir das paisagens urbanas e das lembranças vividas em função dos registros fotográficos e dos questionários abertos respectivamente. Uma vez coletados, estes dados são organizados através de um relato baseado na imagem ambiental do lugar decorrente das fotografias e dos questionários realizados.

6.2. Reconstruindo o cotidiano: Os questionários e o relato etnográfico

Neste segundo momento do terceiro passo, objetiva-se instrumentalizar as técnicas de coleta e de organização dos dados destacados na etapa anterior a partir da noção de imagem ambiental. As formas como as diferentes regiões do espaço urbano são vistas, relacionadas e percorridas pelos moradores locais estão articuladas com a imagem ambiental local lembrada pelas pessoas. Pretende-se utilizar cinco variáveis relacionadas à noção de imagem ambiental para estruturar as técnicas de coleta dos dados em função dos registros fotográficos e dos questionários abertos.

¹⁰ O diário de campo é um instrumento utilizado nos estudos antropológicos e produzido durante a experiência vivida e observada pelo pesquisador no campo (OLIVEIRA, 2002; WEBER, 2009).

Estes cinco elementos da imagem do caso estudado são a via, o limite, o bairro, o ponto nodal e o marco que estão representados na Figura 16.

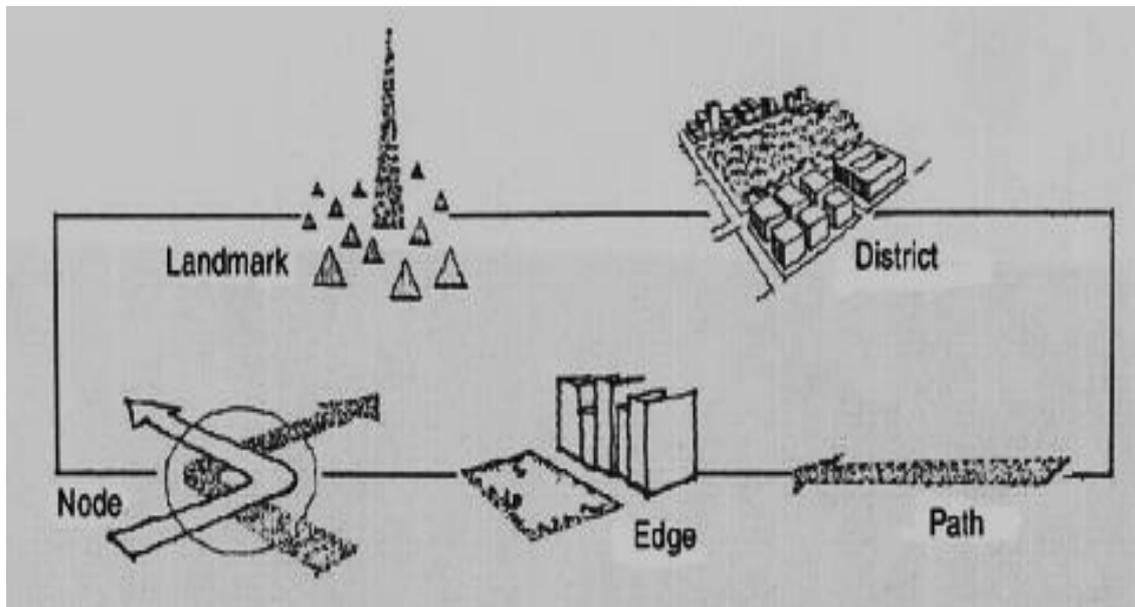


Figura 16: Os cinco elementos da imagem ambiental que fundamentam o questionário.

Fonte: LYNCH, 2011.

Tanto a forma do pesquisador e dos moradores locais observarem a paisagem como a forma de acessar as lembranças dos moradores questionados está baseada nestes cinco elementos urbanos que estruturam a imagem ambiental. Juntos eles configuram esta imagem construída pelos moradores em função das paisagens urbanas e das lembranças vividas relacionadas aos percursos cotidianos desenvolvidos por eles. Logo, as dinâmicas dos percursos cotidianos nutrem uma relação direta com estes cinco elementos, pois estas dependem destes.

Os procedimentos de registro fotográfico e de construção das perguntas desenvolvidos pelo pesquisador estão vinculados a estes pontos. No caso das fotografias, o pesquisador constrói a imagem ambiental do local a partir destes elementos que surge no seu percurso pelo lugar configurando-o ao mesmo tempo. Já no caso das perguntas, quem problematiza a imagem ambiental são os moradores locais em função das respostas dadas às dez perguntas do questionário¹¹. Estas perguntas representam aqui um guia flexível viabilizando a transformação do questionário aberto em entrevista quando conveniente.

Cada pergunta nutre uma relação com um dos cinco elementos da imagem ambiental. As duas primeiras questões estão relacionadas à imagem do bairro na

¹¹ O questionário estruturado a seguir teve como base teórica e metodológica a associação entre Lynch (2011) e Castello, Andrade e Marzulo (1995).

atualidade enquanto que as duas últimas resgatam a imagem do bairro no passado de cada pessoa questionada. A associação entre as duas perguntas iniciais e as duas finais viabiliza a problematização das transformações ocorridas no tempo. Já as outras seis perguntas centrais estão relacionadas aos outros quatro elementos. A terceira e a quarta abordam as vias, a quinta e a sexta destacam os marcos e os pontos nodais respectivamente e a sétima e a oitava os limites como mostra a relação entre questão e objetivo pretendido na Tabela 4.

QUESTÃO	OBJETIVO
01. Qual é a palavra que melhor descreve o bairro hoje para você?	Identificar a imagem mais representativa do bairro analisado atualmente para os moradores.
02. Onde você se sente mais seguro(a) e onde você se sente menos seguro(a) no bairro?	Problematizar o nível de segurança que o bairro analisado apresenta para os seus moradores.
03. Por quais ruas e lugares você costuma andar no bairro? Para que atividade? Quais ruas e lugares você evita ou evitaria andar no bairro? Por quê?	Levantar os percursos dos moradores dentro do bairro analisado em função das suas atividades cotidianas assim como os espaços evitados e os motivos para tal.
04. Onde você costuma se encontrar com seus amigos ou com os moradores no bairro?	Revelar os pontos de encontro existentes entre os moradores do bairro analisado nos percursos.
05. Quais são os prédios ou lugares que chamam a sua atenção e ajudam na sua localização no bairro como pontos de referência?	Levantar os elementos de referência que auxiliam na orientação e nos deslocamentos através dos espaços do bairro analisado.
06. Quais são os cruzamentos ou pontos mais movimentados do bairro? É comum ver pessoas que não são moradores do bairro nestes locais?	Identificar os locais de maior movimentação dentro do bairro analisado. O foco está nas centralidades principais em que os fluxos se cruzam e se encontram.
07. Onde começa e onde termina o bairro para você?	Objetiva-se aqui a identificação dos limites do bairro analisado a partir da visão do morador.
08. Você costuma sair do bairro? Para que lugar? Para que atividade?	Levantar os percursos que ultrapassam os limites do bairro assim como os lugares e as atividades que motivam estes deslocamentos.
09. Qual é a palavra que melhor descreve o bairro no início do seu tempo de residência no local?	Aqui a imagem do bairro surge mais uma vez, mas projetada para o passado em função da chegada dos moradores no bairro analisado.
10. Quais foram as principais mudanças que aconteceram no bairro para você durante o seu tempo de residência no local?	Problematizar as transformações mais relevantes observadas pelos moradores entre a sua chegada e os tempos atuais no bairro analisado.

Tabela 4: Relação das questões a serem aplicadas e seus respectivos objetivos.

Fonte: MOG, W. 2016.

A técnica de aplicação deste conjunto de questões é estruturada a partir das diferentes regiões do lócus analisado, assim como os registros fotográficos. Logo, o critério de seleção dos agrupamentos a serem questionados e fotografados está

diretamente relacionado com o critério de classificação territorial das diferentes regiões. Objetiva-se questionar e fotografar, respectivamente, o mesmo número de moradores e de contextos espaciais de cada parcela distinta do território com a intenção de construir uma visão coletiva e plural do lócus analisado. Este procedimento é detalhado nos Anexos deste trabalho.

Após a coleta dos dados obtidos a partir dos registros fotográficos durante os percursos do pesquisador e das respostas oriundas dos questionários realizados, é desenvolvido, como técnica de organização dos dados, um relato de caráter etnográfico¹². Assim como as técnicas de coleta dos dados, este relato também está estruturado em função dos cinco pontos da imagem ambiental. Portanto, ele inicia com a imagem do bairro para os moradores na atualidade para em seguida apresentar a importância das vias, dos marcos, dos pontos nodais e dos limites nos deslocamentos diários e encerra resgatando as imagens antigas do bairro para os moradores e destacando as principais mudanças ocorridas. Ao final do relato, objetiva-se a construção de um mapa síntese da imagem ambiental dos moradores locais com destaque para os cinco elementos já referidos.

A seguir, os dados organizados em função deste relato são problematizados em função das formas como as pessoas atravessam as diferentes fronteiras cotidianas em cada uma das diferentes regiões transformadas e relatadas durante os percursos. Esta problematização se torna viável em função da relação fronteira entre casa, bairro e cidade entendida como a categoria de análise dos dados na terceira etapa do terceiro passo metodológico.

6.3. Operacionalizando uma categoria de análise: Casa-bairro-cidade

Nesta última etapa do método, objetiva-se operacionalizar a técnica de análise dos percursos cotidianos entre as áreas mais íntimas e as áreas mais coletivas em cada uma das regiões do espaço urbano estudado a partir das fronteiras entre a casa, o bairro e a cidade. Entende-se aqui que a prática de se deslocar entre o âmbito mais íntimo e o âmbito mais coletivo do cotidiano, em função do espaço adequado no tempo, evidencia a forma de relação entre os moradores de cada região, e destes com a cidade, através da maneira como estas fronteiras estão configuradas (Tabela 5).

¹² O relato etnográfico é uma ferramenta costumeiramente utilizada nas análises antropológicas assim como o diário de campo. Este instrumental corresponde ao processo de textualização dos fenômenos sócio-culturais através das narrativas discursivas (OLIVEIRA, 1996). A intenção do relato é abrir um espaço para que o universo social analisado possa expor suas experiências, suas insurreições, suas memórias, suas tradições e suas histórias a partir do exercício de deslocamento cultural por parte do pesquisador que organiza este material (CARVALHO, 2001; ECKERT; ROCHA, 2008).

FRONTEIRAS DOS PERCURSOS	1° Região	2° Região	n Região
CASA	Abertura	Abertura	Abertura
BAIRRO	X	X	X
CIDADE	Fechamento	Fechamento	Fechamento

Tabela 5: Identificação da relação casa-bairro-cidade entre o espaço concebido pelo projeto e o espaço vivido pelas apropriações.

Fonte: MOG, W. 2016.

Organizou-se esta tabela com base em dois eixos de variáveis. No eixo horizontal estão presentes as diferentes regiões resultantes da imagem ambiental relatada pelas pessoas em função das paisagens e das lembranças cotidianas. Já no eixo vertical estão presentes as fronteiras da casa, do bairro e da cidade que são problematizadas durante os percursos diários dos moradores de cada uma das regiões. Em alguns casos estas fronteiras estão mais abertas entre a intimidade e a coletividade enquanto em outros as fronteiras estão mais fechadas (Tabela 5). Portanto, a relação entre o projeto e a apropriação em cada região é tensionada a partir das dinâmicas de deslocamentos em função da articulação entre casa, bairro e cidade.

A intenção da tabela é identificar as diferentes maneiras como as fronteiras se comportam no âmbito do cotidiano em função da categoria analítica casa-bairro-cidade destacando a relação entre os percursos e as necessidades cotidianas de deslocamento em função da apropriação. As diferentes maneiras de realizar os percursos entre a casa e a cidade através das diferentes regiões se materializam no cotidiano a partir das fronteiras representadas aqui em função de fotografias que retratam a relação entre espaços. Através deste diagnóstico do cotidiano percorrido, objetiva-se destacar a influência da tensão entre os espaços projetados e apropriados na relação de inserção das pessoas nas diferentes regiões do lócus analisado e na cidade a partir destas.

BLOCO EMPÍRICO

Se na primeira parte foi construído o arcabouço teórico e na segunda o método a partir da teoria, agora, na terceira e última parte do trabalho, pretende-se materializar as questões levantadas na introdução através do estudo de caso. Tal estudo objetiva construir o conhecimento de determinado fenômeno adequadamente a partir da exploração intensa de um único caso (BECKER, 1999, p.117). Este processo empírico envolve a aplicação prática de uma série de procedimentos construídos na parte metodológica à luz do caso enquanto um recorte da realidade a ser abordado e estudado em profundidade.

Segundo Becker (1999, p.118), esta forma de abordar a empiria apresenta um duplo objetivo, pois ao mesmo tempo em que tenta compreender de forma abrangente um determinado recorte da realidade, também objetiva desenvolver declarações teóricas mais gerais. A partir destes objetivos, o estudo de caso apresenta como resultado um modelo construído em função do recorte analisado. Este modelo é trabalhado e refinado em função das suas diferentes partes que se integram no todo final. Tal ferramenta oferece respostas para as questões teóricas do estudo enfatizando a contribuição de cada parte da estrutura analisada na explicação do fenômeno em questão (BECKER, 1999, p.127). É importante destacar que este modelo não corresponde ao matemático, mas a um sistema que foca nas propriedades genéricas do recorte estudado. Contudo, tais propriedades podem apresentar variações dentro do mesmo recorte gerando uma teoria diferencial do fenômeno em estudo capaz de explicar as diferenças existentes no recorte abordado a partir de um modelo mais flexível (BECKER, 1999, p.129).

Com base nestas considerações do estudo de caso como uma ferramenta de análise empírica importante para a presente dissertação, a análise prática se divide em três momentos com a intenção de construir e estudar o caso escolhido. No primeiro momento, o foco está na questão histórica que deu origem ao que existe hoje enquanto realidade estudada. Já no segundo, o objetivo do estudo está na análise física e cartográfica do recorte ao longo do tempo. E, por último, o terceiro momento procura resgatar o cotidiano do estudo de caso a partir de uma análise de caráter social em que o espaço mapeado anteriormente adquire vida em função dos percursos desenvolvidos pelos habitantes locais. A seguir, estes três momentos serão aprofundados configurando os três últimos capítulos de análise da presente dissertação.

CAPÍTULO 7:

ENTRE AS AÇÕES DO PROJETO E DAS APROPRIÇÕES

Neste primeiro momento da análise, objetiva-se introduzir as ações que envolvem os diferentes atores da produção do espaço habitacional. A intenção é enfatizar os conflitos entre o concebido e o vivido em função do choque entre as estratégias dos atores hegemônicos e as táticas dos atores cotidianos através da reconstituição histórica do processo de consolidação do lócus do estudo de caso. Com base na categoria estrutura-forma-função, pretende-se destacar os pontos de convergência e de divergência entre as ações durante a apropriação do espaço projetado. Este primeiro momento da análise está dividido nos três tópicos seguintes.

No primeiro tópico, enfatiza-se a relação conflitante e desarticulada entre os atores hegemônicos do espaço concebido e os atores cotidianos do espaço vivido na produção habitacional do período da Ditadura Militar no Brasil. O primeiro grupo está representado pelo Banco Nacional da Habitação (BNH), pelo Grupo Executivo da Região Metropolitana (GERM) e pelas Companhias Habitacionais (COHABs) enquanto o segundo é formado pelos habitantes que vivem o dia-a-dia. No presente modelo de produção habitacional, o primeiro grupo pensa e constrói o espaço a partir de políticas, planos e projetos respectivamente, já os segundos habitam este espaço ao se apropriarem dele.

Já no segundo tópico, objetiva-se problematizar tal relação entre os atores em função das suas ações dentro do processo histórico de constituição do caso estudado. Enquanto o grupo hegemônico desenvolve ações de cunho estratégico e impositivo vinculadas ao espaço concebido, o grupo cotidiano reage contra estas a partir de ações de caráter tático e adaptativo que reinventam o espaço concebido viabilizando o espaço vivido. Este choque vai acontecer no tempo de diferentes formas produzindo resultados espaciais antagônicos entre si como se pretende comprovar em função da reconstrução histórica.

E, por último, no terceiro tópico, evidencia-se o resultado espacial a partir da reconstrução histórica anteriormente realizada. Aqui o foco está nas questões estruturais, formais e funcionais durante a passagem entre o espaço projetado e implantado e as ocupações sucessivas e seus respectivos espaços apropriados. Neste processo, entende-se que a maneira como o espaço concebido do projeto se transforma em função do espaço vivido das apropriações varia entre relações de continuidade e de descontinuidade verificáveis a partir da categoria analítica estrutura-forma-função.

A seguir, estes três tópicos são apresentados configurando o primeiro capítulo de caráter histórico da parte empírica do presente estudo de caso.

7. 1. O contexto da produção habitacional: Atores e diretrizes

No Brasil e por extensão na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA), as décadas de 1970 e 1980 foram marcadas pelo Regime Militar e por uma forte política impositiva e controladora que abrangia todo o território nacional. Tal política vinculada a este período militar apresentava vários setores responsáveis pela sua manutenção e sustentação como o setor de produção habitacional. Foi uma época em que se produziu uma série de loteamentos e conjuntos habitacionais¹³ para atender a uma demanda populacional crescente, mas, sobretudo, para ativar a economia através do mercado imobiliário.

Dentro deste contexto produtivo se destacam um conjunto de atores hegemônicos fortemente hierarquizados e responsáveis pela determinação das diretrizes ocupacionais dos territórios. Do ponto de vista da política nacional, o sistema produtivo habitacional seguia as diretrizes do Banco Nacional de Habitação (BNH). Já no âmbito do planejamento regional da RMPA, os atores hegemônicos estavam representados através do Grupo Executivo da Região Metropolitana (GERM) que atuou no território através do Plano de Desenvolvimento Metropolitano (PDM). E por último, no âmbito do projeto urbano, destacam-se as Companhias de Habitação (COHABs) no setor público e as empresas construtoras no setor privado enquanto agentes produtores do espaço urbano como no projeto para o Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti mais conhecido como Guajuviras.

O modelo de política habitacional desenvolvido no Brasil durante o período militar apresentava pesada intervenção governamental no processo de provisão habitacional. Para Arretche (1990, p.23), esta área de intervenção foi um dos setores privilegiados de atuação do regime e se tornou viável através da criação de uma agência estatal intitulada Banco Nacional da Habitação (BNH) que centralizou as atividades estatais do setor entre 1964 e 1986. Logo, as diretrizes de produção e distribuição de unidades residenciais neste período eram determinadas pelo BNH com base na política habitacional e urbana oriunda do Serviço Federal de Habitação e Urbanismo (SERFHAU).

¹³ No presente trabalho, o conceito de loteamento habitacional é entendido como o parcelamento da terra em lotes enquanto o conceito de conjunto habitacional é mais abrangente, pois abarca tanto o parcelamento como a tipologia habitacional edificada em função deste (CASTELLO, 2008).

Segundo Pereira (1982, p.26), a criação do BNH significou a concentração-centralização do processo de produção habitacional juntamente com a eliminação ou reestruturação dos órgãos que não favoreceram este novo panorama. A prática política neste período trabalhava com categorias como racionalização, crescimento econômico e aumento da produtividade ao tratar das questões habitacionais (PEREIRA, 1982, p.29). Tal modelo de política habitacional apresentou traços particulares com características bastante definidas no processo de provisão habitacional no pós-64 (ARRETCHE, 1990, p.21).

A forte intervenção governamental da época deu origem a um mercado da casa própria dividido em dois setores: o setor de renda média e alta e o setor de baixa renda. O primeiro foi objeto dos agentes privados que tiveram as suas atividades regulamentadas pelo Estado através da figura do BNH enquanto o segundo foi operado pelas agências estatais promotoras em associação com empresas privadas de construção (ARRETCHE, 1990, p.23). O BNH era ao mesmo tempo o órgão gestor do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) atendendo a demanda da população de baixa renda e o órgão regulador do Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimos (SBPE) atuando junto à faixa de mercado. Portanto, este banco era o agente que controlava o Sistema Financeiro da Habitação (SFH) através de um modelo baseado na produção, distribuição, consumo e natureza da cobertura (ARRETCHE, 1990, pp.24-25). Estes quatro aspectos estão descritos a seguir.

- **Produção:** Fundamentada no financiamento e promoção privados para média e alta renda, na promoção pública para baixa renda e no princípio da auto-sustentação financeira.
- **Distribuição:** Baseada na provisão de casa própria e nova e na política de subsídios creditícios.
- **Consumo:** Baseado no controle do mercado de aluguéis.
- **Natureza da cobertura:** Fundamentada no princípio da seletividade no acesso ao sistema e no financiamento e promoção privados para média e alta renda.

Dentro do contexto do Rio Grande do Sul e mais especificamente na RMPA, o Grupo Executivo da Região Metropolitana (GERM) representou os atores que determinaram e planejaram a RMPA. No início da década de 1970, foi aprovado o Plano de Desenvolvimento Metropolitano (PDM) para a Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) em função de uma parceria entre Brasil e Alemanha. O plano surge através de um grupo de trabalho misto, de composição teuto-brasileira, em que as responsabilidades técnicas e financeiras eram compartilhadas em função de uma

direção bilateral. Este documento representava uma regularização e organização para o crescimento urbano da RMPA considerando os seguintes aspectos: indústria, habitação, recreação, transporte coletivo, saneamento, entre outros. Buscava-se a implantação de medidas e recursos para o desenvolvimento equilibrado e integrado de uma área resultante de um processo histórico de urbanização em espaço reduzido. Tal área apresentava um grande crescimento populacional e um potencial econômico tendo como centro principal Porto Alegre, a capital do Rio Grande do Sul (GERM, 1973).

A região constituída de quatorze municípios foi definida utilizando-se critérios como a continuidade de espaços urbanos, os fluxos de transporte de passageiros e as funções exercidas pelos centros urbanos periféricos ao espaço da capital (GERM, 1973, p.3). Os municípios presentes na composição original da RMPA foram os seguintes: Alvorada, Cachoeirinha, Campo Bom, Canoas, Estância Velha, Esteio, Gravataí, Guaíba, Novo Hamburgo, Porto Alegre, São Leopoldo, Sapiranga, Sapucaia do Sul e Viamão como mostra a imagem anterior (Figura 17).



Figura 17: Mapa dos primeiros 14 municípios integrantes da RMPA em 1973.

Fonte: GERM, 1973.

Para que o PDM fosse produzido, foi necessária a criação de um corpo técnico capaz de formular as diretrizes de organização e crescimento para a RMPA. O Conselho Metropolitano de Municípios (CMM) tinha como função solucionar uma série de problemas metropolitanos comuns aos municípios da RMPA. A intenção era solucionar as dificuldades em conjunto, principalmente os problemas de desenvolvimento. Logo, em abril de 1970 foi criado um órgão de execução com tal objetivo: O Grupo Executivo da Região Metropolitana (GERM). Este novo órgão com funções de planejamento deveria elaborar um plano de desenvolvimento, integrar e completar programas e projetos isolados considerando os planos e projetos da União e do Estado. O GERM criou, então, uma seção especial dentro do próprio órgão intitulada de Grupo de Planejamento Metropolitano (GMP) em cujo âmbito se introduziu a equipe alemã de planejamento (GERM, 1973, pp.33-34).

A metodologia aplicada ao PDM tinha como premissa um planejamento orientado aos problemas, aos recursos, à execução, apto à implementação, integrado e entendido como um processo (GERM, 1973, pp.38-39). Estas condições conduziram a uma estrutura composta por dois grupos de trabalho distintos, mas associados: os Grupos-Programas e os Grupos-Chaves. Os Grupos-Programas tinham como objetivo a elaboração de programas de ação intersetoriais para certos campos de trabalho (recreação, habitação, indústria, transporte e poluição). Já os Grupos-Chaves tinham a função de elaborar projeções básicas, traçar diretrizes, coordenar recursos e compatibilizar as exigências necessárias à efetivação dos programas de ação dos grupos anteriores (GERM, 1973, p.47). Dentro deste contexto, os Grupos-Chaves apresentavam três áreas de atuação: Planejamento Econômico (ECON), Planejamento Espacial (SPACE) e Planejamento dos Recursos Financeiros e Administrativos (FINAD). Na primeira área, o grupo ECON buscava analisar as tendências do crescimento econômico criando as pré-condições econômicas adequadas aos objetivos setoriais. Na segunda área, o grupo SPACE tinha a tarefa de distribuir os recursos espaciais. E na terceira área, o grupo FINAD era responsável pela avaliação das medidas e dos programas propostos considerando a viabilidade e a forma de implantação (GERM, 1973, pp.48-54).

Com base na articulação entre estes grupos complementares, foram utilizados modelos matemáticos que viabilizaram a estruturação da RMPA recém-criada visando o seu crescimento. O *Modelo Lowry* estabeleceu um sistema espacial de zonas que relacionava áreas residenciais e locais de trabalho existentes e planejados ao produzir nove alternativas utilizadas como hipóteses de trabalho (GERM, 1973, p.49). Entre as nove propostas apresentada através do *Modelo Lowry*, a alternativa escolhida foi a de número 3 (Figura 18). Esta alternativa tinha como objetivo uma distribuição dos

centros ao longo dos dois eixos viários que cruzam a RMPA (BR-116 e BR-290) visando um melhor abastecimento de áreas internas e de extensas áreas agrícolas através de reduzido número de centralidades (GERM,1973, p.89).

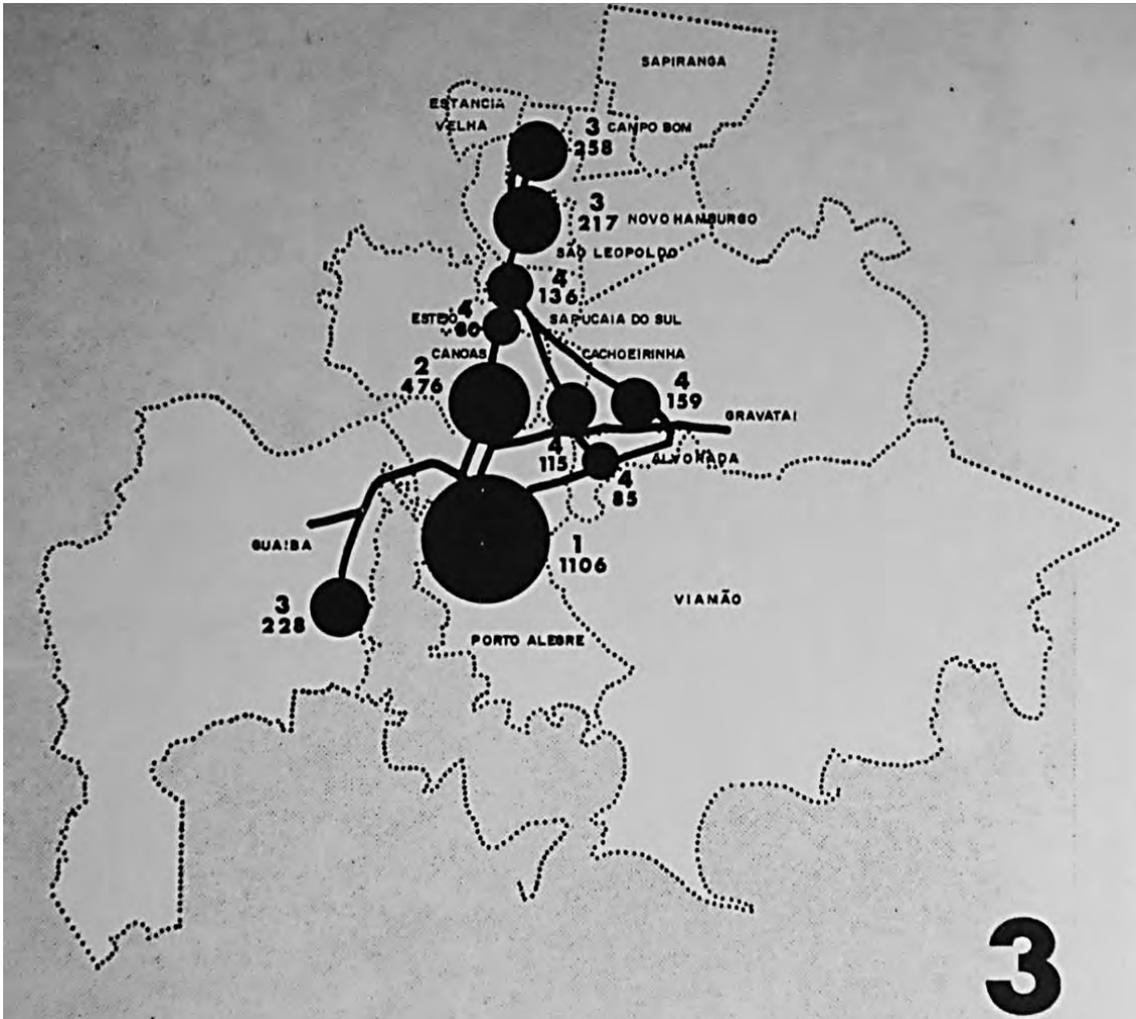


Figura 18: Alternativa escolhida para organizar o crescimento da RMPA.

Fonte: GERM, 1973.

A proposta escolhida para o desenvolvimento da RMPA envolveu um programa espacial que determinou a diretriz para os próximos 20 a 25 anos em relação à distribuição populacional e infraestrutura social, às áreas de recreação, às áreas industriais, aos empregos centrais e às áreas agrícolas (GERM, 1973, p.95). Juntamente com esta diretriz, foram criadas medidas necessárias à realização do programa espacial como a infraestrutura técnica e a rede de transportes, além de medidas para assegurar a diretriz espacial, divididas em medidas básicas extra-metropolitanas, metropolitanas e municipais (GERM, 1973, pp.109-122).

As diretrizes do BNH juntamente com as do PDM foram responsáveis pela ordenação do processo de produção habitacional na RMPA que se materializou em função dos agentes promotores públicos e privados. Entre estes últimos se destaca a figura das Companhias de Habitação (COHABs) do lado público, e a das empresas de construção do lado privado. O Estado, no período entre 1964 e 1986, em função do papel desenvolvido pelo BNH apresentava forte participação na geração de programas e projetos habitacionais de interesse social. Dentro desta participação, as COHABs eram designadas pelo banco como os agentes promotores da produção de habitação para baixa renda. Pensadas como sociedades de economia mista, estas companhias atuavam entre o âmbito municipal e o estadual. Atendiam a faixa de produção habitacional que não interessava ao setor privado ocupado com os setores de média e alta renda apesar dos conjuntos habitacionais serem edificadas através de empresas privadas contratadas (ARRETCHE, 1990, p.28).

Mesmo com a diferença no que diz respeito à forma de envolvimento das agências no processo de produção e distribuição habitacional nos dois setores citados, a lógica para ambos era a da empresa privada. O Estado atuava como produtor em um caso e como regulador em outro, mas o procedimento era o mesmo para os dois. A produtividade era o foco destas duas formas de produção habitacional que negligenciavam as diferentes realidades locais. Logo, tanto as COHABs como as empresas privadas baseavam a produção nos moldes da habitação industrializada. A consequência deste procedimento foi uma produção do espaço urbano descolada do morador efetivo que era desconsiderado durante o processo produtivo organizado na forma de uma empresa capitalista de produção. Tal modelo produtivo é contrário ao manufaturado, no qual existe um vínculo entre quem pensa e constrói o espaço, e quem o habita e, ao modelo da autoconstrução, quando quem pensa e constrói o espaço é quem o habita (DEBIAGI, 1981, p.13).

Uma série de conjuntos habitacionais foi produzida a partir destes preceitos de cunho hegemônico e dominante na RMPA com a iniciativa privada e do setor público, com ênfase para os produzidos e implantados pela COHAB entre o final da década de 1970 e o início da década de 1980 como mostra a imagem na Figura 19. Fica evidente, em função do mapa da imagem, a existência de um maior número de projetos oriundos da iniciativa privada do que do setor público demonstrando a precariedade do sistema habitacional no atendimento da faixa de baixa renda. Portanto, os conjuntos produzidos pela COHAB na RMPA não são a maioria. Dentre estes, se destaca o Conjunto Habitacional Guajuviras, em Canoas/RS, analisado aqui e marcado no mapa como o empreendimento público de maior extensão territorial contando com cerca de 260 ha.

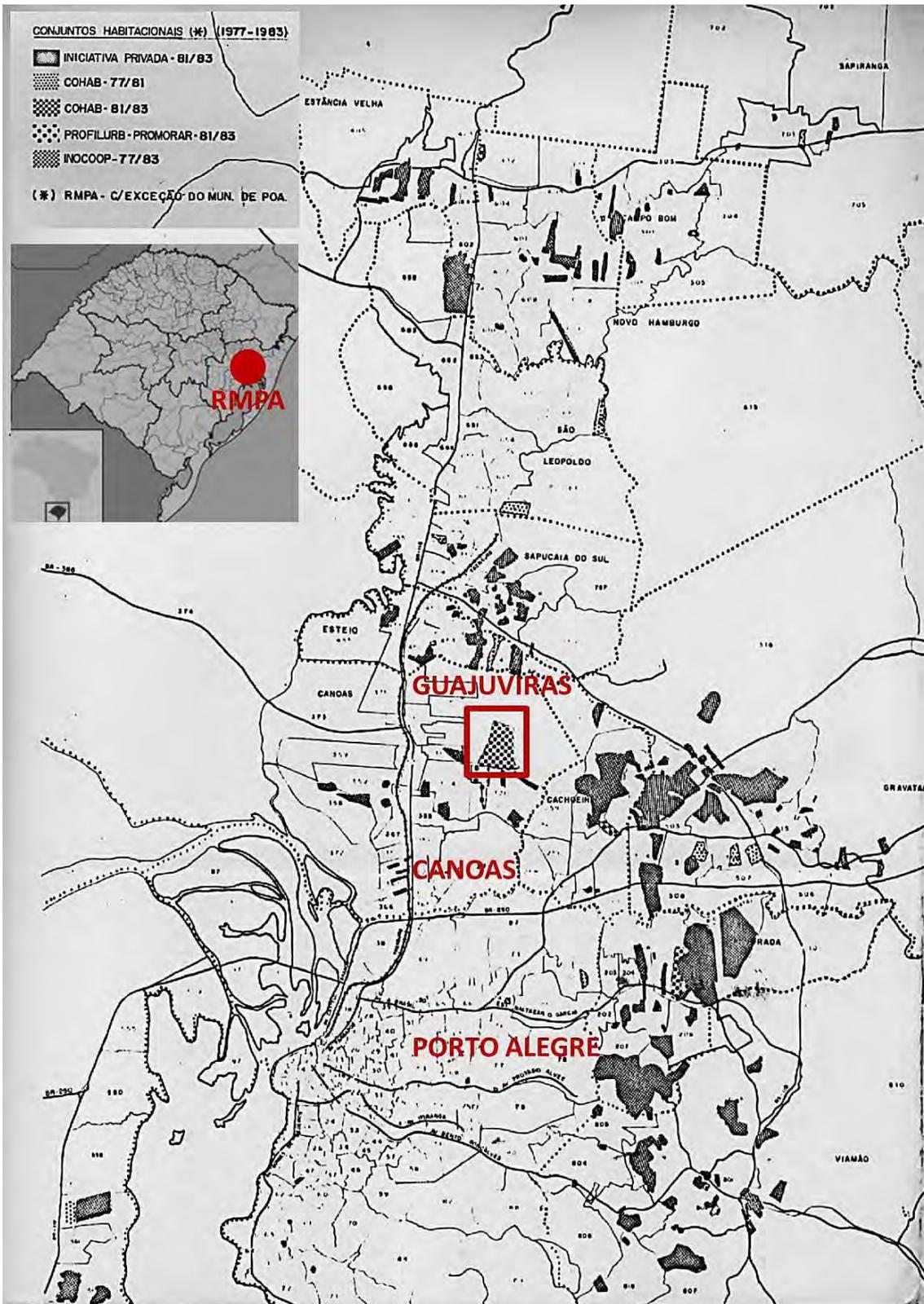


Figura 19: Implantação dos conjuntos habitacionais projetados na RMPA entre 1977 e 1983.

Fonte: ALMEIDA, 1989 modificado por MOG, W. 2016.

Grandes contingentes populacionais foram tratados como uma demanda numérica que precisava ser armazenada em algum local. Tal modelo de produção

simbolizou, portanto, o cenário nacional e o cenário metropolitano da RMPA. Segundo Arretche (1990, p.28), apesar da significativa importância do Sistema Financeiro da Habitação (SFH) baseado no SBPE e no FGTS para a produção habitacional, se entende que tal sistema foi incapaz de atender às demandas habitacionais da população brasileira. Além disso, quem sofreu mais com tal conjuntura foi a população de baixa renda que, ao longo do tempo, buscou na autoconstrução, no favelamento e em algumas formas associativas a solução para os seus problemas e necessidades habitacionais. Esta população corresponde, aqui, aos atores cotidianos que atuam no âmbito do espaço vivido procurando transformar e adaptar o espaço concebido por projetos defasados e inacabados de algumas COHABs.

Este panorama decorre da forma desassociada como acontecem os processos de produção do espaço urbano entre quem o pensa e o constrói e quem o habita, no período do BNH. Interesses distintos vão se materializar no espaço de forma distinta gerando os conflitos entre o espaço concebido a partir do projeto e o espaço vivido a partir das apropriações. A política do BNH, destinada seja para as classes mais abastadas seja para as classes mais populares, tinha como objetivo ativar a economia por meio da produção habitacional. O fato do processo de produção habitacional ser organizado por um “banco” através de um sistema “financeiro” não é coincidência. Logo, a produção habitacional deste período tinha como foco principal o equilíbrio econômico do regime militar e não o atendimento das necessidades básicas dos moradores que ocuparam tais conjuntos habitacionais.

O programa espacial do PDM no contexto da RMPA idealizava a criação de áreas urbanas que configurariam mais que um agregado de prédios, ruas e áreas verdes ao apresentar um caráter urbano (GERM, 1973, p.99). Contudo, a realidade existente evidenciou que tal diretriz não foi alcançada a partir dos conjuntos habitacionais homogêneos oriundos deste programa. A história desse período está marcada por alguns casos que representaram lutas legítimas pela apropriação de um espaço digno para viver. São pessoas que até hoje enfrentam dificuldades e limitações em função de um sistema de produção habitacional falho. Dentro deste panorama, a questão que se apresenta é de que forma estas pessoas enfrentam e buscam superar tais problemas? Como o espaço é transformado e resignificado para finalmente representar alguma identidade espacial para estas comunidades?

O objetivo aqui não é estabelecer um juízo de valor, a priori, sobre estes projetos em função da relação desarticulada entre quem pensa e constrói, e quem habita o espaço. A problemática está associada a um segundo momento em função da apropriação destes conjuntos habitacionais e da conseqüente transformação em função dos atores cotidianos ao longo do tempo enquanto empiria a ser explorada.

Portanto, as diretrizes determinadas pelo BNH para a produção habitacional, o planejamento determinado pelo GERM para o crescimento da RMPA e os projetos desenvolvidos pelas COHABs para atender a uma demanda populacional não representam o foco da questão central, mas o seu contexto de inserção.

O BNH, o GERM e as COHABs representam o plano de fundo das ações estratégicas e hegemônicas que concebem e produzem um espaço impositivo e dominante que é reinventado pelos moradores no âmbito local a partir de ações de cunho tático. Objetiva-se então compreender como estes diferentes atores se manifestam e se interpenetram no espaço percebido em função do choque entre as ações estratégicas destas instituições e as ações táticas dos moradores associados ao cotidiano dos conjuntos habitacionais. Para materializar tal relação de forma prática é necessário trabalhar com um recorte espacial, social e temporal em suas múltiplas escalas. Portanto, pretende-se enfatizar o processo histórico de formação do Conjunto Habitacional Guajuviras em Canoas/RS entre o projeto e a apropriação a seguir.

7.2. O Conjunto Habitacional Guajuviras: História e conflitos

O Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti, conhecido popularmente como Guajuviras em função das árvores de mesmo nome nativas da região em que o projeto foi implantado, se insere em um contexto histórico de precariedade vinculado à produção de habitação de interesse social (PENNA, 1998, p.14). O processo de construção do conjunto inicia no ano de 1974 com o Pré-plano de Utilização do Conjunto Habitacional Guajuviras. Tal documento foi desenvolvido pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul conforme o Plano Estadual de Habitação (PLANHAP/RS).

A partir das diretrizes instituídas pelo GERM, foi adquirida uma gleba pelo Governo do Estado chamada Fazenda Guajuviras, marcada na imagem à esquerda na Figura 20, que passou por uma série de estudos preliminares visando à implantação do conjunto habitacional (PELLEGRINI, 1974). No ano seguinte em continuidade ao Pré-plano de Utilização do Conjunto Habitacional Guajuviras, foi criado o Anteprojeto da Unidade de Vizinhança n° 1 Oeste pela equipe técnica coordenada pelo arquiteto Sergio Elio Pellegrini. Objetivava-se a criação de uma unidade de vizinhança, destacada na imagem à direita na Figura 20, para servir de modelo de implantação a partir de um projeto urbanístico com base nas diretrizes colocadas no Pré-plano de Utilização (PELLEGRINI, 1975).

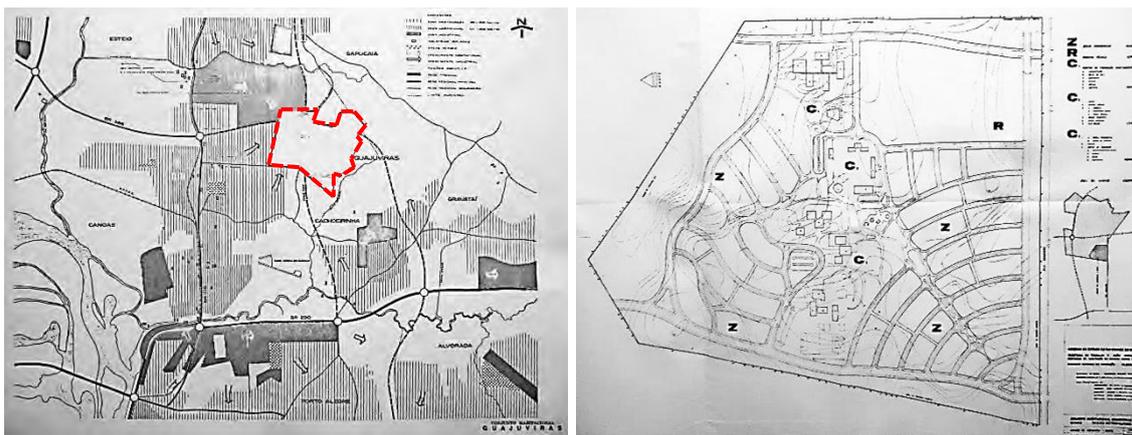


Figura 20: Zoneamento de Canoas em 1974 e Anteprojeto da Unidade nº1 Oeste.

Fonte: PELLEGRINI, 1974 e PELLEGRINI, 1975.

Após três anos, correspondentes ao desenvolvimento do projeto a ser implantado no território da antiga Fazenda Guajuviras (Figura 20), em 1978, a COHAB entra na prefeitura de Canoas/RS com o projeto de construção do Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti (O TIMONEIRO, 5 jun. 1992). Segundo Penna (1998, p.14), no ano seguinte, o projeto para o Conjunto Habitacional Guajuviras é aprovado para execução com base na Lei de Parcelamento do Solo (Lei nº6766/79, artigo 18), mas não é registrado pela COHAB no prazo de 180 dias após a aprovação estabelecida pela Prefeitura de Canoas. Mesmo assim, as obras começaram dando início a um período conturbado que correspondeu à implantação do projeto urbanístico e arquitetônico do conjunto marcado por modificações do projeto que continuava sem registro na prefeitura em 1983 (O TIMONEIRO, 5 jun. 1992).

A situação de implantação do conjunto começou a ficar preocupante em 1986 quando o BNH é extinto pelo governo do presidente José Sarney (DIÁRIO DE CANOAS, 18 abr. 1998). O país passava por um período de grande insegurança e fragilidade econômica. Mesmo com a extinção do cruzeiro e a criação do Plano Cruzado que congelou os preços das mercadorias, eliminou a correção monetária e determinou um reajuste automático dos salários sempre que a inflação atingisse 20%, esta última não foi controlada. O país adquiriu grandes dívidas internas e externas em função deste período de descontrole econômico. Logo, este processo prejudicou a estabilidade da vida dos brasileiros e repercutiu também sobre o setor público de produção habitacional prejudicando a implantação do Conjunto Habitacional Guajuviras em função da paralização das obras (PENNA, 1998, pp.14-15).

A COHAB estava na justiça contra as empreiteiras e as empreiteiras na justiça contra a COHAB em função da ausência do reajuste dos contratos que o Plano Cruzado não permitia. Tal problemática resultou no abandono das obras do Guajuviras

pela COHAB em 1987 devido à extinção do BNH um ano antes e à falência de duas das quatro empresas ligadas a construção do local (DIÁRIO DE CANOAS, 4 jan. 1996; DIÁRIO DE CANOAS, 18 abr. 1998). Segundo o diretor técnico da COHAB na época, Nilton Goulart Brito, a instituição enfrentava problemas há seis anos decorrentes das construtoras associadas ao empreendimento habitacional. Das quatro construtoras intituladas Coenco, Protécnica, Marajás e Esusa, as duas últimas foram as que faliram (PENNA, 1998, p.15). O conjunto acabou se transformando em um canteiro de obras abandonado e uma verdadeira cidade-fantasma (Figura 21).



Figura 21: Imagem da obra dos prédios que não foram finalizados pela COHAB.

Fonte: MENDEL, 2010.

Os prédios inacabados e abandonados começaram a sofrer estruturalmente com a parada das obras em 1987. Algo precisava ser feito para que todo o investimento no local não fosse perdido em função dos problemas na execução do conjunto. A solução partiu da classe trabalhadora desprovida de moradia própria que insatisfeita com a situação ocupou as unidades habitacionais inacabadas irregularmente, mas de forma planejada neste mesmo ano, no dia 17 de abril (PENNA, 1998, p.16). O alto preço dos aluguéis, a política salarial do governo Sarney, o fracasso do Plano Cruzado e a migração do homem do campo para a cidade foram os fatores que contribuíram para o processo das ocupações irregulares como a do Guajuviras (ZACHER, 2003, p.9).

Após a ocupação, foi criada a Comissão de Ocupação e a Associação de Moradores do Conjunto Habitacional Guajuviras e todo um sistema de articulação e representação entre os setores habitacionais do conjunto (PENNA, 1998, p.44; ZACHER, 2003, pp.30-31). Tanto a Comissão de Ocupação como a Associação de Moradores do Conjunto Habitacional Guajuviras tiveram um papel fundamental de informar os moradores que ocuparam o conjunto abandonado. Uma série de informativos foi produzida com a intenção de organizar e orientar os moradores a respeito dos seus direitos enquanto ocupantes (Figura 22).



Figura 22: Informativos distribuídos gratuitamente para os moradores.

Fonte: ZACHER, 2003.

Os primeiros meses após a ocupação foram os mais turbulentos. Luiz Carlos Zacher em “Guajuviras – Diário de um Ocupante” de 2003 relata trechos da história inicial da ocupação do bairro a partir da sua experiência como ocupante. Narra que a Brigada Militar não permitia o livre fluxo entre o conjunto ocupado e o restante da cidade de Canoas. Ninguém entrava e ninguém saía (ZACHER, 2003, p.16). Dentro do conjunto, se desenvolvia a luta para manter a posse das moradias abandonadas até então. Segundo Zacher (2003, p.23), as noites eram imprevisíveis e era necessário acordar de três em três horas para trocar as velas que eram fundamentais para evitar a invasão da casa durante a noite.

Como as casas e os apartamentos foram ocupados irregularmente e a Brigada dificultou o livre acesso no início, as improvisações cotidianas e os laços de amizade entre os ocupantes foram essenciais para a sobrevivência no local. A coletividade aflorou em relação às individualidades em função de necessidades básicas e comuns como a alimentação (ZACHER, 2003, pp.24-27). Um ajudava o outro no que podia fortalecendo vínculos que sustentaram a ocupação desde o princípio. Mas, apesar do companheirismo, a ausência das infraestruturas básicas agravava a situação desesperadora dos ocupantes. Além disso, havia a possibilidade de novos invasores aproveitarem a saída das pessoas para tomarem as suas moradias já conquistadas. Existiam os necessitados por uma moradia e os aproveitadores que estavam interessados na comercialização das unidades ocupadas (PENNA, 1998, p.16).

Os problemas de infraestrutura aumentaram com o tempo e com a situação precária de sobrevivência dos moradores. As dificuldades não acabaram com a ocupação, mas estavam apenas começando. Logo, o município de Canoas e o Estado do Rio Grande do Sul foram obrigados a tomarem uma posição em relação à regularização da ocupação (PENNA, 1998, p.17). Coube às autoridades tentar tornar mais humanas as condições de vida dos novos habitantes (PENNA, 1998, p.22). Entre as melhorias prometidas estavam a iluminação pública, a solução emergencial da água através de carros pipas, o transporte, o posto médico, a segurança, o recolhimento do lixo, a alimentação através do caminhão da Companhia Brasileira de Alimentação (COBAL), a educação com o funcionamento das escolas e o livre acesso com a retirada da Brigada (ZACHER, 2003, p.64). Contudo, tais promessas foram concretizadas em parte e as questões da regularização fundiária e da posse definitiva da moradia ainda estavam pendentes. Logo, os anos que se seguiram foram marcados por uma série de negociações (Figura 23).



Figura 23: Reportagem da negociação entre a COHAB e os ocupantes (jornal desconhecido).

Fonte: ZACHER, 2003.

Do lado da COHAB, foi realizado um cadastramento dos ocupantes além de um levantamento socioeconômico para analisar a real situação de cada um (ZACHER, 2003, pp.96-97). Do lado dos ocupantes, foi um período de grande resistência e de luta na manutenção da ocupação. Entre propostas e contrapropostas, as duas partes não chegavam a um acordo em relação à forma de pagamento das prestações das unidades habitacionais ocupadas (ZACHER, 2003, p.106). Segundo a Associação dos Moradores, os valores estipulados pela COHAB para o pagamento das prestações não correspondiam à realidade econômica e social do grupo ocupante. Os moradores desejavam que as prestações fossem fixadas em 10% do salário mínimo (Figura 23).

Em função da dificuldade de chegar a um acordo entre as duas partes envolvidas, a COHAB passou a ameaçar os ocupantes e o embate acabou na justiça. Segundo Zacher (2003, p.118), a Associação de Moradores decidiu abrir uma ação contra as diretrizes impostas pela COHAB que acabou na Fazenda Pública com ganho de causa para a COHAB. A pressão continuou por parte do setor público enquanto os moradores permaneceram resistindo até o acordo final entre as partes no mês de abril de 1989 quando a ocupação completou dois anos de existência (ZACHER, 2003, pp.138-142). A assembleia que homologou o acordo aconteceu em maio do mesmo ano (Figura 24).



Figura 24: Assembleia que homologou o acordo com a COHAB em 14 de maio de 1989.

Fonte: PENNA, 1998.

O início da década de 1990 simbolizou a consolidação da luta dos ocupantes do Conjunto Habitacional Guajuviras pela moradia própria e pela melhoria da infraestrutura local. As qualificações do abastecimento de água, da energia elétrica, da

rede de esgoto, da coleta de lixo e do transporte eram as principais demandas (PENNA, 1998, pp.27-31). Ao longo desta década, o comércio local mesmo não legalizado começou a ganhar força com o surgimento de vários estabelecimentos como mostra a Figura 25 (PENNA, 1998, p.37). Contudo, apesar da estabilidade adquirida pelos ocupantes em função do acordo com a COHAB, o lugar não deixou de apresentar situações conflitantes no que diz respeito à posse da terra, pois em 1992 começou o processo de ocupação irregular das áreas verdes e públicas (PENNA, 1998, p.31). Estas ocupações que se prolongaram na década de 1990 foram conhecidas como sub-ocupações e apresentam condições urbanísticas precárias até os dias de hoje apesar de algumas melhorias.



Figura 25: Vários pequenos comércios na avenida principal em 1998.

Fonte: PENNA, 1998.

Em função do processo de liquidação da COHAB em 1995, o Guajuviras foi doado pelo Governo do Estado para o município de Canoas que passou a ser o responsável pelas melhorias e pela regularização da situação dos mutuários que ainda possuíam a posse irregular da terra. Com o cadastro dos imóveis na prefeitura e a definição da questão dos alvarás de licença para os comércios irregulares, o conjunto poderia ser oficializado como um bairro da cidade de Canoas (DIÁRIO DE CANOAS, 22 jul.1995). Tanto é que no ano seguinte aconteceu o anúncio do início das obras de reestruturação do conjunto ocupado irregularmente em encontro marcado pelo debate entre a prefeitura e a comunidade sobre as prioridades do lugar. Neste período, o local contava com mais de 6400 economias irregulares divididas em habitações coletivas, unifamiliares e estabelecimentos comerciais (DIÁRIO DE CANOAS, 4 jan. 1996).

Em continuidade ao processo de regularização do conjunto ocupado, no ano de 1997 a prefeitura passou a levar melhorias para algumas das áreas verdes invadidas como coleta de lixo, rede de água e energia elétrica. Os loteamentos irregulares beneficiados foram os seguintes: São José, São João, Sete de Outubro e São Miguel (JORNAL CIDADES, 27 jun. 1997). Neste mesmo ano, percebeu-se que o comércio na região do Guajuviras tinha sido alavancado em função da ocupação que já completava 10 anos de existência (DIÁRIO DE CANOAS, 6 nov. 1997). Logo, o conjunto passava a ter uma melhor estrutura em função de uma série de serviços implantados no local (Figura 26).



Figura 26: Avenida principal após as ocupações com o CAIC (esquerda) e os blocos (direita).

Fonte: DIÁRIO DE CANOAS, 18 abr. 1998 e CORREIO DE NOTÍCIAS, 29 maio 1998.

Além das seis escolas públicas, supermercados, academias de ginástica, lojas de diversos segmentos, farmácias e padarias atendiam a demanda local. Contudo, ainda havia muitas críticas a respeito do abastecimento de água, do sistema de saneamento e da segurança pública (DIÁRIO DE CANOAS, 18 abr. 1998). Problemas relacionados ao transporte e à saúde também contribuía com as críticas. Havia apenas dois postos de saúde para o atendimento médico o que dificultava a vida cotidiana (CORREIO DE NOTÍCIAS, 29 maio 1998).

O final da década de 1990 foi conflitante no Guajuviras, pois correspondeu a uma nova série de invasões nas áreas verdes. Os novos invasores justificavam-se comentando que não queriam ganhar de graça os terrenos que estavam servindo para juntar lixo, bandidos e animais mortos. Nestes locais os lotes irregulares estavam sendo marcados nas medidas de 10x20 ou 10x10 metros (DIÁRIO DE CANOAS, 23 mar. 1999). Verdadeiros mutirões foram realizados pelos novos ocupantes que desejavam construir suas casas nas áreas verdes ocupadas, demarcadas e limpas por eles (Figura 27).



Figura 27: Moradores das sub-ocupações das áreas verdes.

Fonte: O TIMONEIRO, 1º abr. 1999 e DIÁRIO DE CANOAS, 3 abr. 1999.

Tal situação gerou uma tensão entre os novos ocupantes e a vizinhança já estabelecida oriunda das ocupações iniciais do Conjunto Habitacional Guajuviras (DIÁRIO DE CANOAS, 25 mar. 1999). Enquanto isso, na esfera jurídica, o Tribunal de Justiça decidia pela permanência das novas famílias ocupantes ao suspender a liminar de reintegração de posse dos locais invadidos por parte do município que levou a questão para o Superior Tribunal de Justiça. A intenção da Secretaria Estadual da Habitação era formar uma cooperativa em parceria com a prefeitura e a Câmara dos Vereadores para assentar as famílias em local disponível mediante alguns critérios como não ter comercializado lotes públicos, não ter outro terreno e ter uma renda entre cinco e seis salários mínimos (O TIMONEIRO, 1º abr. 1999). Neste contexto judiciário, o Estado conseguiu uma nova liminar na Justiça para a retirada dos invasores de uma área pertencente a COHAB no Guajuviras logo depois das liminares suspensivas concedidas aos invasores das áreas públicas em Canoas (DIÁRIO DE CANOAS, 13 abr. 1999).

Em meio a estas questões turbulentas, 6300 imóveis da ocupação inicial foram levantados e regularizados pela prefeitura viabilizando a cobrança do IPTU (DIÁRIO DE CANOAS, 14 jun. 1999). A década de 1990 se encerrou com o Censo 2000 que classificou o Guajuviras como um dos locais mais populosos da Região Metropolitana de Porto Alegre considerando o Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti original, as vilas e as invasões das redondezas (DIÁRIO DE CANOAS, 7 dez. 2000). Já o início dos anos 2000 foi marcado pela priorização do processo de regularização fundiária das ocupações das áreas verdes realizado pelo município. Uma série de ações buscou melhorar as condições habitacionais destes locais precários que como mostra a Figura 28.

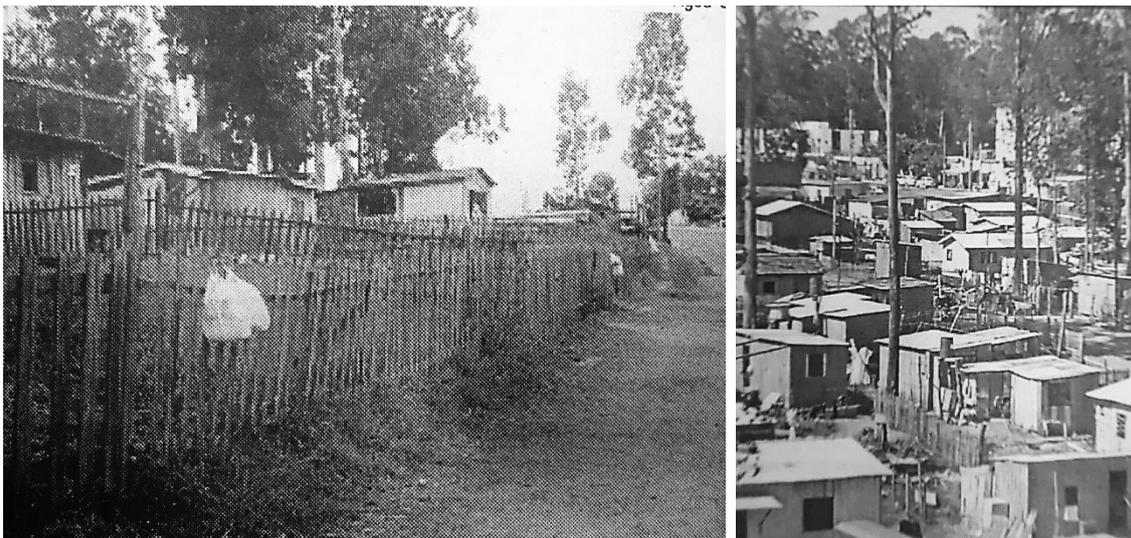


Figura 28: Tecido urbano das sub-ocupações das áreas verdes.

Fonte: O TIMONEIRO 9 mar. 2001 e DIÁRIO DE CANOAS 13 abr. 2001.

Segundo o Secretário de Habitação da época, estas áreas surpreendentemente já dispunham de infraestrutura mínima para a urbanização da parte fundiária em função da ocupação ter sido organizada em lotes, o que facilitou a implantação do saneamento básico. Logo, as verbas que seriam utilizadas na desapropriação puderam ser empregadas na regularização e na infraestrutura dos parcelamentos (O TIMONEIRO, 9 mar. 2001). Neste mesmo período, COHAB e município assinam a Certidão de Existência do Loteamento necessária para a liberação das escrituras dos imóveis agora regularizados para os mutuários (DIÁRIO DE CANOAS, 11 abr. 2001).

No ano de 2003, o Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti finalmente é transformado em Bairro Guajuviras, nome já consagrado pela população, através do projeto de lei 053/02, do executivo, que alterou a legislação de denominação e localização dos bairros de Canoas (DIÁRIO DE CANOAS, 13 jan. 2003). Neste período, agrava-se a situação dos mutuários inadimplentes que não possuíam condições de pagar a sua dívida com a Caixa Econômica Federal que adquiriu os créditos imobiliários da COHAB colocada em liquidação em 1995 (DIÁRIO DE CANOAS, 26 maio 2003).

Enquanto isso, o plano de ação para regularização fundiária e urbanização das áreas verdes invadidas foi lançado pela Prefeitura e apresentado para as lideranças do Bairro Guajuviras. A intenção era comprometer as lideranças do bairro objetivando um canal de discussão futura. A primeira diretriz a ser tomada envolveu o acesso físico às moradias, a segunda a iluminação e a terceira a disponibilização da água e a implantação da rede de esgoto (DIÁRIO DE CANOAS, 31 jul. 2003). Enquanto o tecido

urbano dos blocos multifamiliares já estava consolidado, uma série de obras foi realizada para regularizar a condição das áreas verdes ocupadas (Figura 29).

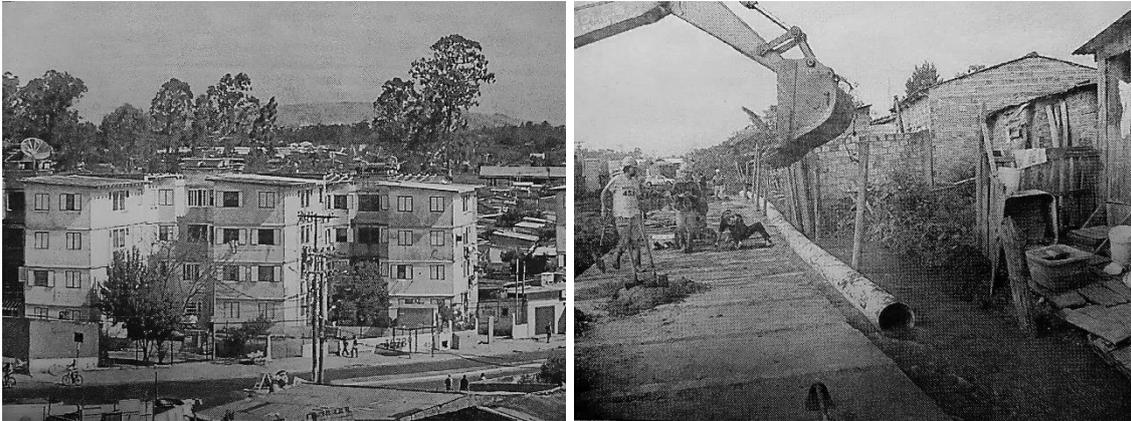


Figura 29: Contraste entre o bairro regular e as melhorias infraestruturais nas sub-ocupações.

Fonte: DIÁRIO DE CANOAS, 13 jan. 2003 e DIÁRIO DE CANOAS, 15 ago. 2003.

Do ano de 2004 em diante, o então Bairro Guajuviras experimentou um período de afirmação do imaginário local em função de vários lugares marcantes e eventos ocorridos no local. A 14ª Ação Solidária foi realizada no Guajuviras superando o número de atendimentos no último ano. Diversos serviços foram disponibilizados para a comunidade entre oficinas profissionalizantes, confecção de documentos e atendimentos médicos (DIÁRIO DE CANOAS, 20 abr. 2004). A relevância das áreas públicas de lazer e das instituições de ensino foi evidenciada em função da associação destes lugares aos pontos de maior destaque para os moradores locais. O Centro de Apoio Integral à Criança (CAIC) foi enfatizado como o principal ponto de referência do bairro juntamente com as praças como a Ildo Meneghetti no Setor 6. Estas áreas restantes das ocupações irregulares ao longo do tempo representam espaços de lazer e integração entre os moradores (DIÁRIO DE CANOAS, 8 maio 2004). Neste período, foi realizada mais uma assembleia no Guajuviras para decidir o futuro das dívidas dos mutuários da COHAB. Segundo o presidente da Associação dos Moradores, o contrato proposto não levava em consideração a realidade financeira dos mutuários (DIÁRIO DE CANOAS, 21 maio 2004).

A partir de então, o bairro cresceu entre pontos positivos e negativos segundo os moradores locais. Se por um lado as invasões irregulares ainda são um problema, por outro lado os comércios diversificados e os demais serviços do bairro atendem a sua população (DIÁRIO DE CANOAS, 22 jan. 2005, p.22). Para as pessoas, os pontos positivos são a Escola de Samba Sociedade Beneficente Cultural Unidos do Guajuviras, o CAIC que abriga um complexo de uso múltiplo, além das áreas de lazer,

as igrejas e seus diferentes credos, as escolas e as associações de moradores. Já os pontos negativos são a segurança, a saúde e o saneamento básico (DIÁRIO DE CANOAS, 22 jan. 2005, pp.10-11). Além disso, vale destacar também certa qualificação da infraestrutura das sub-ocupações como a Vila São Miguel em função de mutirões dos moradores locais que adquiriram os materiais necessários para serem instalados pela Prefeitura (DIÁRIO DE CANOAS, 30 abr. 2005). Tais infraestruturas alguns anos depois foram estendidas para as demais vilas do Guajuviras como a Nancy Pansera e a Contel pela Prefeitura com o projeto de canalização do esgoto pluvial para diminuir os problemas de alagamento (DIÁRIO DE CANOAS, 16 jul. 2009).

Após o 24º aniversário de ocupação do bairro em 2011, os moradores têm comentado a evolução e o crescimento do bairro, durante o tempo, em função da união pessoal e profissional construtiva entre as pessoas que fizeram parte desta história (Figura 30). Todos se conhecem, segundo os moradores, ao enfatizarem as suas memórias afetivas relacionadas ao bairro carinhosamente chamado de “Guaju” (DIÁRIO DE CANOAS, 16 abr. 2011).

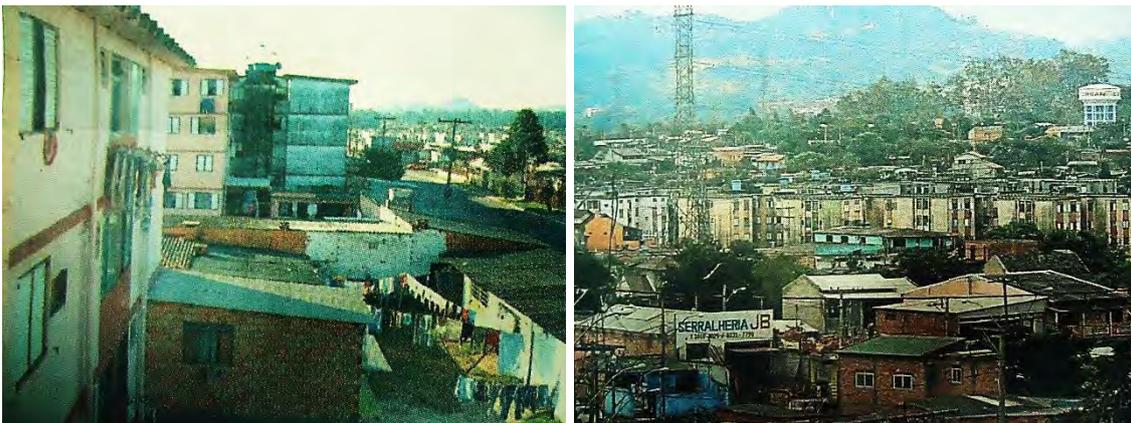


Figura 30: Conjunto Habitacional Guajuviras ocupado e transformado no tempo.

Fonte: DIÁRIO DE CANOAS, 22 jan. 2005 e DIÁRIO DE CANOAS, 16 abr. 2011.

Depois de alguns anos do fim do Regime Militar, as políticas habitacionais e os planos metropolitanos daquele período não vigoram mais, mas deixaram marcas e cicatrizes que ainda estão abertas no território da RMPA. O Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti pode ser considerado como uma destas cicatrizes ainda a sangrar no cotidiano de uma classe trabalhadora que busca, segundo as suas possibilidades, reinventar e adequar o espaço aos seus hábitos comportamentais.

Atualmente o Guajuviras possui uma população de 39526 habitantes e é um dos bairros mais populosos do município de Canoas/RS considerando o Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti, as vilas e as invasões das redondezas segundo o Censo

2010 (IBGE, 2011). Ao longo do tempo, este conjunto habitacional experimentou um crescimento demográfico considerável além do aumento da sua área territorial em função das ocupações irregulares que extrapolaram o território original do projeto. A Tabela 6 evidencia este crescimento intenso tanto populacional como territorial entre a previsão do projeto original e o ano de 2010, após a consolidação espacial do bairro.

RELAÇÃO DAS ÁREAS E DA POPULAÇÃO	Área (ha)	População (hab.)	Densidade (hab./ha)
1980 (PROJETO)	262 ha	21.385 hab. (aprox.)	81 hab./ha
2000 (CENSO)	300 ha (aprox.)	36.261 hab. (aprox.)	120 hab./ha
2010 (CENSO)	330 ha (aprox.)	39.526 hab.	120 hab./ha

Tabela 6: Área, população e densidade entre o projeto e a atualidade do Guajuviras.

Fonte: COHAB/RS, 1997; IBGE, 2011; GOOGLE EARTH.

O Bairro Guajuviras ainda enfrenta, hoje, dificuldades em função dos conflitos sociais e espaciais resultantes de um processo histórico conturbado de consolidação. Dentro desta trajetória, destacam-se uma série de convergências e divergências entre as ações dos atores hegemônicos responsáveis pela produção inicial e pela regularização fundiária no decorrer do tempo e as ações dos atores cotidianos responsáveis pelas ocupações sucessivas. A seguir, com base na reconstrução história realizada até aqui, objetiva-se materializar uma análise de pontos relevantes na formação do bairro em função da categoria analítica estrutura-forma-função entre o projeto concebido e as apropriações vividas no tempo.

7.3. Estruturas, formas e funções: Críticas e espacialidades

Após 43 anos da primeira composição da Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) em 1973, atualmente esta conta com 34 municípios oriundos da configuração original, das emancipações sucessivas e da integração de novas áreas municipais (Figura 31). Com uma densidade demográfica média de 389,7 hab/km², é a área mais densamente ocupada do Rio Grande do Sul e concentra mais de 4 milhões de

habitantes que equivalem a 37,7% da população total estadual (ATLAS SOCIOECONÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL, 2013).

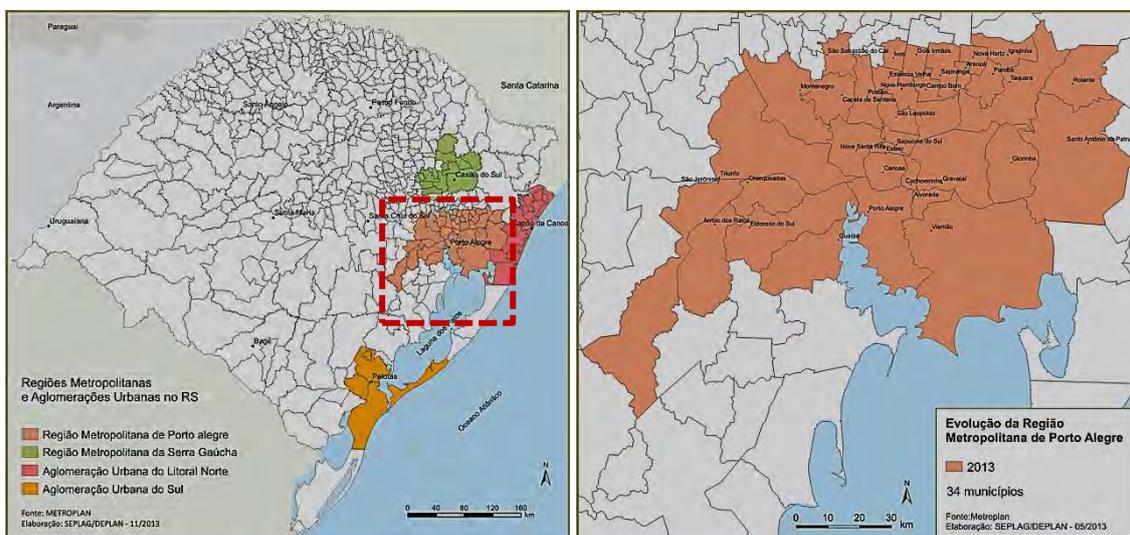


Figura 31: Localização da RMPA no Rio Grande do Sul e sua composição atual.

Fonte: METROPLAN, 2013.

Esta região é o principal pólo de atração e concentração do Rio Grande do Sul. Os fluxos populacionais que circulam pelos municípios integrantes são intensos diariamente em função da diversidade de usos e oportunidades existentes. Por exemplo, os centros hospitalares de alta complexidade e os grandes *Shoppings Center* no município de Porto Alegre, os núcleos universitários distribuídos pela RMPA e os distritos industriais polarizam uma grande quantidade de indivíduos que todos os dias se deslocam para atender as suas respectivas necessidades.

Destaca-se neste contexto o município de Canoas/RS que possui a segunda maior população da RMPA, contando com 323.827 habitantes distribuídos em uma área de 131,10 km² que resulta em uma densidade demográfica de 2.470,15 hab/km² (ATLAS SOCIOECONÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL, 2013). Fundada em 1939, Canoas possui o segundo maior Produto Interno Bruto (PIB) gaúcho e é vizinha ao norte da capital Porto Alegre ocupando uma posição geográfica central na RMPA como mostra a imagem à esquerda na Figura 32.

A cidade é sede de grandes empresas nacionais e multinacionais, como a Refinaria Alberto Pasqualini (Refap), Springer Carrier e AGCO do Brasil, além de nomes fortes nos ramos de gás, metal-mecânico e elétrico. Na educação, a cidade apresenta a segunda maior rede de ensino do Estado. São escolas públicas, particulares e três universidades configurando um forte setor de ensino (PREFEITURA MUNICIPAL DE CANOAS, 2008). Tanto o aspecto industrial como o educacional

movimenta um número considerável de atores sociais todos os dias ativando o espaço local e a sua economia. Tais pessoas se deslocam principalmente através do trem de superfície (Trensurb) que conecta a capital ao eixo Norte-Sul até Novo Hamburgo ou através da BR116 que corta a cidade ao meio.

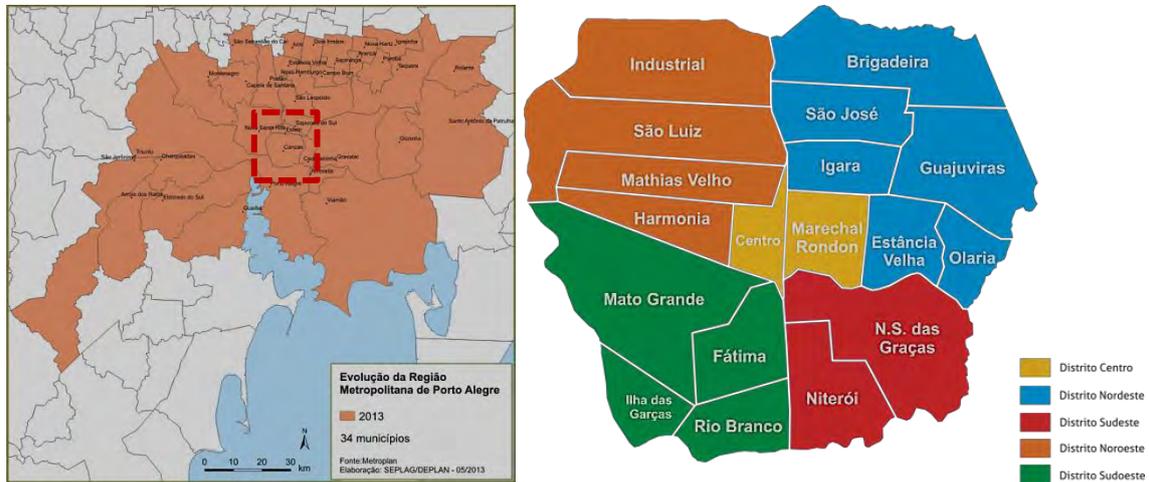


Figura 32: Localização de Canoas na RMPA e a relação dos bairros constituintes do município.

Fonte: METROPLAN, 2013 e PREFEITURA MUNICIPAL DE CANOAS, 2008.

Este município como outros na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) experimentou nas décadas de 1970 e 1980 um crescimento populacional expressivo, o que ativou o setor imobiliário habitacional. Foi um período de produção de grandes conjuntos habitacionais sendo que um destes foi o Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti conhecido como Guajuviras e localizado no extremo leste de Canoas/RS como mostra a imagem à direita na Figura 32.



Figura 33: Imagem das duas tipologias habitacionais (unifamiliar e multifamiliar) originalmente.

Fonte: PENNA, 1998 modificado por MOG, W. 2016.

Este empreendimento habitacional foi um dos tantos que “brotaram” da noite para o dia como verdadeiras “cidades-dormitórios” no território da RMPA ao longo da década de 1980 contribuindo com a densificação e expansão urbana regional. Com a intenção de atender a faixa de baixa renda, um grande número de casas unifamiliares e de blocos multifamiliares de quatro pavimentos foi projetado dentro da COHAB e construído a partir de construtoras privadas contratadas (Figura 33).

Baseados na política do BNH e nas diretrizes espaciais do PDM, estes grandes empreendimentos passaram a atender um contingente populacional considerável dentro do território urbano e metropolitano que se expandia. Contudo, atender a uma demanda populacional está longe de abrigar e proteger indivíduos, pois estes espaços construídos eram concebidos desconsiderando as especificidades e as identidades dos grupos sociais do espaço vivido. O espaço construído restrito ao construir enquanto edificar um prédio negligenciava o construir enquanto o habitar de um ser. Desta situação, surgem os conflitos, pois os espaços não são apenas as superfícies físicas que configuram os espaços públicos e os privados, mas também os diferentes grupos sociais que os habitam e transitam entre suas superfícies garantindo seus significados particulares. Esta problemática está presente nas críticas de Turkienicz (1984), Luccas (1984/85) e Rigatti (1997) resgatadas em Sanvitto (2010).

Segundo Luccas (1984/85), esta forma de produção dos atores hegemônicos ignorou os diferentes padrões culturais ao abandonar um sistema em que as várias gerações adaptavam a arquitetura e o espaço conforme os seus comportamentos habituais segundo os costumes e os níveis sociais. Ao privilegiar uma produção racionalizada baseada em um sujeito universal, tal sistema gerou grandes áreas habitacionais sem identidade, órfãs de significados e reduzidas aos preceitos de salubridade e da tecnologia. Dentro da mesma crítica, Rigatti (1997) destaca a incapacidade de vários projetos de conjuntos habitacionais populares em atender às expectativas espaciais socialmente determinadas pelos moradores ao analisar as transformações do Conjunto Habitacional Rubem Berta em Porto Alegre/RS. Tal autor argumenta que a forma como as transformações do espaço projetado em relação ao espaço vivido acontecem está carregada de padrões morfológicos que buscam resgatar a cidade tradicional. As casas e os espaços abertos destes grandes conjuntos habitacionais apresentam pouquíssimas variações morfológicas e não representam os anseios reais dos moradores ocupantes. Logo, é natural e compreensível que transformações sistemáticas ocorram no tempo.

Nesta linha de pensamento, o professor Benamy Turkienicz questiona o desempenho dos conjuntos habitacionais produzidos nas COHABs durante o período militar segundo os moldes da política do BNH (TURKIENICZ, 1984, p.22). Pergunta-se

sobre a correspondência entre as relações físicas do espaço e os modos de viver de quem habita tais conjuntos habitacionais. Vai além quando problematiza a maneira como tais espacialidades se transformam no tempo em função dos padrões morfológicos originais das unidades habitacionais e dos espaços públicos e se tais transformações seguem as prescrições do projeto. Questiona-se sobre a possibilidade de uma tipologia das transformações associada à compreensão das práticas de apropriação social do espaço urbano brasileiro (TURKIENICZ, 1984, p.25).

Na época em que o professor Benamy Turkienicz propôs tais questionamentos vinculados aos conjuntos habitacionais do BNH e aos desenhos urbanos idealizados dentro das COHABs, tal produção estava sendo inicialmente ocupada pelos moradores ansiosos por suas novas moradias e seus respectivos espaços públicos. Logo, as transformações ainda estavam no plano do pensamento, mas atualmente, em pleno século 21, tais mudanças associadas à ocupação e à apropriação já estão consolidadas nestes espaços que foram projetados e implantados há cerca de 30 anos. Novas formas e funções surgiram no tempo promovendo diferentes alterações estruturais, tanto no espaço público e aberto como no espaço privado e fechado das unidades habitacionais, com o objetivo de atender as demandas cotidianas. Aspectos estruturais, formais e funcionais dos espaços foram e ainda são redefinidos constantemente.

Neste processo, a informalidade é carta marcada do jogo que é a produção pública de habitação de interesse social. Apesar do SFH contemplar as faixas de renda inferiores, as necessidades de rupturas estruturais entre o espaço projetado e o espaço apropriado dos conjuntos habitacionais para baixa renda das COHABs são conhecidas em função das críticas apresentadas. Seja por medidas equivocadas do projeto ou por uma execução incompleta por parte das construtoras privadas, o espaço originalmente projetado e implantado não é mais o mesmo atualmente em função das ocupações e das apropriações sucessivas.

Dentro desta realidade precária e limitante, os moradores não possuíam alternativa que não fosse uma adaptação da produção estratégica e hegemônica em função das suas táticas cotidianas e silenciosas. Transformações ocorreram no tempo modificando e reinventando as relações internas e externas destes conjuntos habitacionais populares. Hoje as imagens do passado representam apenas alguns traços do que eles são, mas estas imagens estão lá, presentes no espaço percebido, interagindo com as modificações ocorridas ao longo de um período histórico e formando um mosaico de estruturas, formas e funções diversas.

Parte deste contexto problemático, o Conjunto Habitacional Guajuviras foi ocupado irregularmente como outros conjuntos habitacionais populares implantados

entre as décadas de 1970 e 1980 na RMPA. Este processo informal aconteceu em função de problemas de gestão da COHAB local e de execução por parte das construtoras privadas contratadas como foi destacado anteriormente. A ocupação foi comemorada como uma vitória das ações táticas dos trabalhadores que tinham o direito a posse da moradia contra o poder hegemônico e estratégico da COHAB que tentou de diversas formas malbaratar a ocupação. Os embates entre os atores hegemônicos e os atores cotidianos foram constantes na consolidação do bairro representando parte fundamental da sua história particular após as primeiras ocupações (ZACHER, 2003).

A Figura 34 é emblemática do ponto de vista deste embate entre atores ao evidenciar a luta por melhores condições de vida destacando a passeata realizada pelos ocupantes contra a falta de água no conjunto habitacional durante o início das ocupações.



Figura 34: Imagem dos moradores em passeata contra a falta de água no Guajuviras.

Fonte: MENDEL, 2010.

Após 29 anos da ocupação inicial, este lugar e seus moradores ainda enfrentam dificuldades legais, espaciais e sociais oriundas daquela época que marcam a dimensão cotidiana local. Neste trajeto temporal, o espaço foi apropriado, transformado e resignificado pelos moradores de diferentes formas que romperam com a lógica aprisionadora das “celas habitacionais” homogêneas apresentadas em

Luccas (1984/85, p.3). Adições e subtrações manipularam estruturalmente o espaço concebido do projeto dando origem ao espaço vivido das apropriações ao longo do tempo. Quem conheceu o projeto original e ingressa hoje no bairro transformado tende a vivenciar um choque de realidades, pois as dinâmicas são completamente distintas em função das sobreposições entre continuidades e descontinuidades espaciais.

Quando as ocupações iniciaram, o espaço concebido em um dado momento do passado passou a se transformar em função do espaço vivido no tempo. Contudo, tal transformação não significou a eliminação completa do primeiro pelo segundo, pois o que aconteceu foi uma interpenetração de tempos diversos. Ao tempo do projeto implantado, se interpenetraram os tempos sucessivos das ocupações ocorridas, produzindo um novo espaço diferente do idealizado inicialmente. Logo, tensões e conflitos surgiram deste choque que é ao mesmo tempo espacial e temporal e que se evidencia no espaço percebido no que diz respeito às ações do projeto e às ações das apropriações. Parte da estrutura original permaneceu, e parte foi reestruturada, através de transformações formais e funcionais, produzindo um verdadeiro mosaico de transformações urbanas. A Figura 35 evidencia algumas destas interpenetrações resultantes da densidade demográfica e construtiva adquirida ao longo do tempo.



Figura 35: Imagem aérea recente do Bairro Guajuviras transformado pelos moradores.

Fonte: MENDEL, 2010 modificado por MOG, W. 2016.

Como mostra a imagem na Figura 35 em comparação com a imagem da Figura 33, há uma variedade de tipologias de manipulação do projeto em função das apropriações do Bairro Guajuviras. Dentro desta variedade, aparecem as tipologias oriundas das sub-ocupações que representaram o processo de ocupação de áreas originalmente previstas para parques e escolas em condições de extrema insalubridade (PENNA, 1998, p.31). Ana Teresinha Franke relata as dificuldades iniciais enfrentadas pelos ocupantes destas áreas.

“Muitas árvores com as casinhas por baixo. Tinha muita casinha pequena. Não tinha rua. Tinha árvores na rua em pé e cortadas. Desgalharam as árvores, tudo no braço (PENNA, 1998, p.32).”

Esta foi uma das formas de transformar o espaço projetado a partir das ocupações que reinventaram o espaço em função da busca por uma moradia. Todavia, esta maneira de manipular o espaço projetado em função do espaço apropriado não foi a única. Segundo Penna (1998, p.33), o loteamento passou por outro tipo de transformação além das resultantes das sub-ocupações, as mudanças nas casas unifamiliares originais. No primeiro caso, as famílias construíram novas habitações transformando as áreas verdes e públicas destinadas a parques, escolas ou reservas de vegetação em áreas residenciais privadas. Já no segundo, as transformações realizadas nas casas originais objetivavam abrigar novas famílias resultando no aumento da densidade do espaço construído. O relato do Padre Armino Cattelan descreve este processo.

“Aqui existem duas espécies de economias. Uma é a casa e outra os prédios de apartamentos situados ao longo da avenida central. Prédios com quatro andares com quatro apartamentos por andar. Os terrenos das casas eram terrenos de vinte a trinta metros de fundo e onze a quinze metros de frente. Terrenos bons. Então, durante os anos que estive lá, sete anos, praticamente, quase todos eles construíram uma ou duas economias a mais dentro daquele terreno, por isso a população se multiplicou (PENNA, 1998, p.33).”

Enquanto os terrenos das casas unifamiliares foram ocupados com novas edificações responsáveis pelo ganho de densidade construtiva e demográfica ao longo do tempo, as áreas verdes foram loteadas resultando em novas parcelas privatizadas. Contudo, além destas duas formas de manipular o espaço com fim residencial, também aconteceram mudanças significativas relacionadas aos comércios e aos

serviços que surgiam no tempo, principalmente ao longo da avenida principal junto aos blocos de apartamentos. Segundo o relato do Padre Jorge Inácio Leren (PENNA, 1998, p.37), os comércios surgiram em função de uma questão de sobrevivência.

“Tem quem trabalha fora, em Porto Alegre, no centro de Canoas e uma grande parte trabalha no próprio comércio daqui. Se tu fores caminhar por aí, o que mais tu vês de fora a fora são lojinhas disso e daquilo. São lojas de R\$ 1,99, locadoras, barzinhos. Isso envolve bastante gente. Às vezes, uma família inventa em sua própria casa uma tendinha de qualquer coisa que seja (PENNA, 1998, p.37).”

O comércio do bairro se desenvolveu até a situação atual em que atende todo o bairro e mobiliza toda uma região do entorno do Guajuviras dentro desta dinâmica de transformação espontânea. Logo, esta terceira forma de manipular o espaço ocupado juntamente com os dois primeiros casos, em que as transformações estão associadas às questões residenciais, representam diferentes formas de alterar o que foi projetado em função das apropriações. Tais realidades estão marcadas por uma mistura de tempos gerando o mosaico espacial de estruturas, formas e funções diferentes no território do bairro.

Este mosaico se evidencia na medida em que o projeto implantado é comparado com as apropriações transformadoras ao longo das ocupações no tempo em função da categoria estrutura-forma-função. Com base nesta categoria e no percurso histórico apresentado anteriormente é viável compreender quais são as convergências e as divergências espaciais entre as ações hegemônicas e estratégicas do projeto e as ações cotidianas e táticas das apropriações. Dentro desta abordagem, destacam-se três padrões distintos de transformação espacial em função da apropriação social: as áreas das casas unifamiliares, as áreas dos blocos multifamiliares e as áreas verdes ocupadas irregularmente. Em cada caso a estrutura original se comportou de maneira distinta quando ocupada. Logo, estas três tipologias de transformação do espaço estão organizadas e discriminadas aqui segundo as continuidades e as discontinuidades entre o concebido pelo projeto e o vivido pelas apropriações no âmbito do percebido cotidianamente. A seguir, tais espacialidades são analisadas e diferenciadas:

1. As áreas das casas unifamiliares: Estes são os trechos em que as estruturas apresentaram uma maior continuidade ou uma maior convergência entre o projeto original e as apropriações no tempo. As transformações formais e funcionais aqui não

representaram uma ruptura do projetado originalmente pelo apropriado temporalmente, mas uma qualificação do espaço que ganhou em diversidade, atratividade e densidade construtiva. Basicamente voltadas para o uso residencial em função das casas isoladas em seus lotes no princípio das ocupações (Figura 33), as áreas unifamiliares mantiveram a sua vocação estrutural original com algumas adições ou subtrações formais e funcionais que melhoraram o cotidiano das pessoas. Estas parcelas do bairro, que representam a maior área ocupada do conjunto, são um bom exemplo de plasticidade formal e funcional ao respeitar a estrutura projetada e implantada inicialmente (Figura 35). Além das casas unifamiliares propriamente ditas, dentro deste grupo se destacam também algumas áreas comerciais e de praças que também mantiveram a sua estrutura original contando com acréscimos formais e funcionais ao longo do tempo. A principal área comercial corresponde ao trecho da Avenida Boqueirão no limite sul do conjunto entendida como área comercial no projeto implantado. Tal função e sua estrutura originalmente projetada continuam sendo as mesmas até os dias atuais. Logo, eis mais um exemplo de convergência entre o espaço concebido e o espaço vivido. Já as áreas de praças preservadas representam alguns oásis de uso público em meio ao tecido caótico ocupado do bairro. São alguns espaços residuais que permaneceram como parte de áreas públicas do conjunto originalmente implantando. Normalmente estão vinculadas a algum equipamento comunitário que as sustenta. Estes locais pontuais e de pequenas dimensões em relação ao todo que é o bairro são também um exemplo de convergência entre o concebido e o vivido, pois a estrutura pública original se manteve com qualificações ao longo do tempo.

2. *As áreas dos blocos multifamiliares:* Estas parcelas do bairro apresentam uma ruptura parcial da ordem estrutural original. Aqui existe uma mescla entre divergências e convergências entre o projetado no passado e o apropriado durante o tempo diferentemente do caso anterior em que as convergências predominam sobre as divergências. Os espaços livres destas partes do conjunto correspondiam no princípio ao recuo de jardim dos blocos multifamiliares de quatro pavimentos isolados no centro das quadras (Figuras 26 e 34). Contudo, com o passar do tempo, estes espaços em função da centralidade em relação ao conjunto como um todo foram sendo gradualmente ocupados por garagens, comércios e serviços variados (Figuras 25 e 30). Tais elementos surgiram ao longo do tempo em função das demandas cotidianas não atendidas pelo projeto implantado de forma inacabada. Enquanto que a forma e a função nestas áreas do conjunto estavam restritas aos blocos habitacionais e ao uso residencial na implantação original, após as ocupações os demais usos foram adicionados assim como os seus volumes característicos na periferia destas

quadras (Figura 35). Logo, as formas e as funções relacionadas aos blocos multifamiliares permaneceram no espaço, mas com o acréscimo das formas e das funções associadas às garagens, aos comércios e aos serviços resultando em uma mistura estrutural. Observa-se aqui uma inversão estrutural na maneira como o espaço é construído entre a forma urbana projetada e a forma urbana apropriada e trabalhada pela arquitetura cotidiana das pessoas.

3. *As áreas verdes ocupadas:* Diferentemente do primeiro caso em que as convergências ou continuidades eram predominantes e do segundo em que havia uma mescla de continuidades e de discontinuidades entre o projeto e a apropriação, aqui as discontinuidades se destacam. Observa-se uma ruptura estrutural evidente nestes espaços projetados em função das apropriações sucessivas no tempo. A maioria dos espaços que a princípio atenderiam aos requisitos coletivos da comunidade através de áreas de uso comum foram apropriadas e parceladas irregularmente a partir das sub-ocupações ocorridas em um segundo momento das ocupações (Figura 27). As grandes áreas verdes, em que dos equipamentos coletivos apenas as escolas foram implantadas, estavam reduzidas a matos de eucaliptos na implantação do projeto original prejudicando a viabilidade das atividades comunitárias e de lazer. Logo, estas áreas foram ocupadas e reestruturadas com base no uso residencial e irregular assim como alguns trechos das alamedas locais. A função de troca e de convivência coletiva foi substituída pela função de residência privada associada a formas habitacionais precárias e a suas péssimas condições de moradia como mostra a Figura 28. Ao longo do tempo, tais residências irregulares foram qualificadas gradualmente pelos moradores e pelo setor público quando passaram a ser regularizadas em função do crescimento de infraestruturas como energia elétrica, água e esgoto (Figura 29). Contudo, ainda hoje apresentam condições de vida inferiores em relação ao restante do bairro. Assim como as áreas verdes e públicas ocupadas no interior do conjunto, algumas parcelas junto ao limite norte do Guajuviras também foram ocupadas seguindo o mesmo padrão irregular (Figura 35). Logo, observa-se mais uma vez uma divergência ou discontinuidade entre o projeto e as apropriações.

Estas três áreas dentro do Bairro Guajuviras apresentam comportamentos estruturais distintos entre o projeto e as apropriações em função das transformações formais e funcionais como foi visto. Tais interações que se dão no tempo podem ser sintetizadas em função da Tabela 7 a seguir. Aqui a relação entre o projeto e a apropriação varia entre continuidade e discontinuidade no que diz respeito à estrutura, à forma e à função.

ESPAÇOS DAS AÇÕES	Casas unifamiliares	Blocos multifamiliares	Verdes ocupados
ESTRUTURA FORMA FUNÇÃO	Predominância de continuidades sobre descontinuidades	Mistura entre continuidades e descontinuidades	Predominância de descontinuidades sobre continuidades

Tabela 7: A relação estrutura-forma-função entre o projeto e a apropriação no Guajuviras.

Fonte: MOG, W. 2016.

Cada uma destas áreas apresenta uma forma diferente de transformação entre o projeto implantado e as apropriações e suas ocupações sucessivas produzindo uma complexidade e uma sobreposição de formas distintas no espaço. O resultado desta sobreposição é um mosaico que apresenta diferentes fronteiras que se manifestam no cotidiano de diferentes formas. Ora mais abertas, ora mais fechadas. Logo, para entender como as pessoas se apropriam do bairro e convivem nele e com ele é fundamental entender o cotidiano deste diferentes espaços e das fronteiras entre eles a partir de um mapeamento criterioso. Tal mapeamento a ser realizado na segunda parte da etapa irá viabilizar a análise dos percursos cotidianos na terceira parte do estudo de caso quando as fronteiras mapeadas são atravessadas pelos relatos dos moradores que reinventaram o espaço.

CAPÍTULO 8:

ENTRE OS ESPAÇOS DO PROJETO E DAS APROPRIAÇÕES

Esta segunda parte da análise objetiva mapear as diferentes regiões do Bairro Guajuviras enfatizando a relevância da dimensão histórica para a consolidação do espaço. Entende-se que para compreender a maneira como o espaço se manifesta atualmente é necessário entender as diferentes transformações vivenciadas por este ao longo do tempo. Portanto, o foco neste momento está sobre o espaço físico e suas adaptações em função do espaço social para que este último se manifeste a partir dos percursos cotidianos no terceiro e último momento da análise. Este segundo momento da análise está dividido nos três tópicos seguintes.

No primeiro tópico, destaca-se a relação entre a implantação do espaço físico a partir do projeto para o Conjunto Habitacional Guajuviras e as sucessivas ocupações do espaço social a partir das apropriações que reinventaram o espaço implantado de diferentes formas. Neste processo conflitante de transformação deste conjunto habitacional no tempo, surgem duas realidades distintas: o loteamento regular e os loteamentos irregulares. O primeiro corresponde às áreas de habitação unifamiliar e multifamiliar ocupadas irregularmente na primeira fase das ocupações em 1987 enquanto os segundos surgem a partir da década de 1990 na segunda fase das ocupações quando estas se apropriaram das áreas verdes e públicas.

No segundo tópico, as duas fases da ocupação do Guajuviras são mapeadas a partir de dois momentos: o conjunto em 1990 logo após a primeira fase das ocupações e o conjunto atualmente após a consolidação da segunda fase das ocupações. A comparação entre os dois mapas viabiliza a distinção entre as três regiões já destacadas na primeira parte da análise. Contudo, estas regiões agora são aprofundadas em função dos diferentes processos de adequação entre as áreas das casas unifamiliares, as áreas dos blocos multifamiliares e as áreas verdes ocupadas. Cada um destas parcelas experimentou transformações diferenciadas objetivando uma melhor adequação mensurável através de cinco variáveis desenvolvidas a seguir.

No terceiro e último tópico desta segunda parte da análise, as três regiões oriundas dos seus respectivos processos de adequação no tempo são abordadas em função da relação entre a forma urbana projetada e a forma urbana apropriada. Para tal, utiliza-se a categoria analítica via-parcelamento-edificação com a intenção de verificar as repercussões que as diferentes formas de transformação do espaço ao longo do tempo tiveram na forma urbana do conjunto habitacional. Estas repercussões na forma urbana são observáveis no âmbito do cotidiano em função da terceira dimensão de cada uma das três regiões destacadas.

A seguir, estes três tópicos são apresentados configurando o segundo capítulo de caráter espacial da parte empírica do presente estudo de caso.

8.1. O Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti: Projeto implantando e ocupado

O Conjunto Habitacional Guajuviras guarda um mosaico de diferentes regiões apropriadas no tempo em que as distinções entre tais regiões enquanto partes do espaço físico do bairro foram projetadas para o espaço social. Dentro desta dinâmica que é relacional e histórica ao mesmo tempo, foram construídos os laços entre as pessoas no espaço em função do capital social associado ao tempo e aos espaços de ocupação. Este processo apresenta rupturas tanto físicas como sociais, pois se em alguns pontos o mosaico se encaixa gerando uma dinâmica integradora entre as partes em outros pontos este mosaico não fecha produzindo uma segregação tanto física como social. Logo, a questão que se apresenta aqui é de que forma as diferentes relações complementares ou não entre as peças deste grande quebra-cabeça que é o Bairro Guajuviras se formaram?

Para responder a esta questão é necessário retornar às origens do espaço físico do conjunto habitacional projetado para compreender a forma como este foi apropriado em função das origens do espaço social. A partir desta retrospectiva, entende-se que as especificidades entre as três diferentes regiões enfatizadas anteriormente possam ser aprofundadas tanto do ponto de vista do espaço físico como do espaço social entre o projeto e a apropriação. Logo, o objetivo agora é problematizar a relação entre implantação e ocupação com a intenção de compreender o início do processo de transformação do espaço que originou a situação atual do Bairro Guajuviras.

O projeto para o Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti seguiu as diretrizes de crescimento contidas no Plano Diretor do município de Canoas da época conforme o PLANHAP/RS (PELLEGRINI, 1974, p.27). Segundo os estudos preliminares do presente documento, a área que correspondia à gleba da Fazenda Guajuviras, destacada na Figura 36, era a mais adequada para o crescimento urbano do município, pois a sua localização a leste da BR 116 oferecia melhores condições em função das terras altas e dos espaços livres. O tecido urbano de Canoas até então se desenvolvia a oeste da BR 116 em terras baixas junto ao rio gerando problemas de inundação para os bairros como a Vila Mathias Velho. Logo, o planejamento da Fazenda Guajuviras necessitou de um plano setorial próprio, pois este território se encontrava além dos limites abrangidos pelo Plano Diretor de Canoas do período.

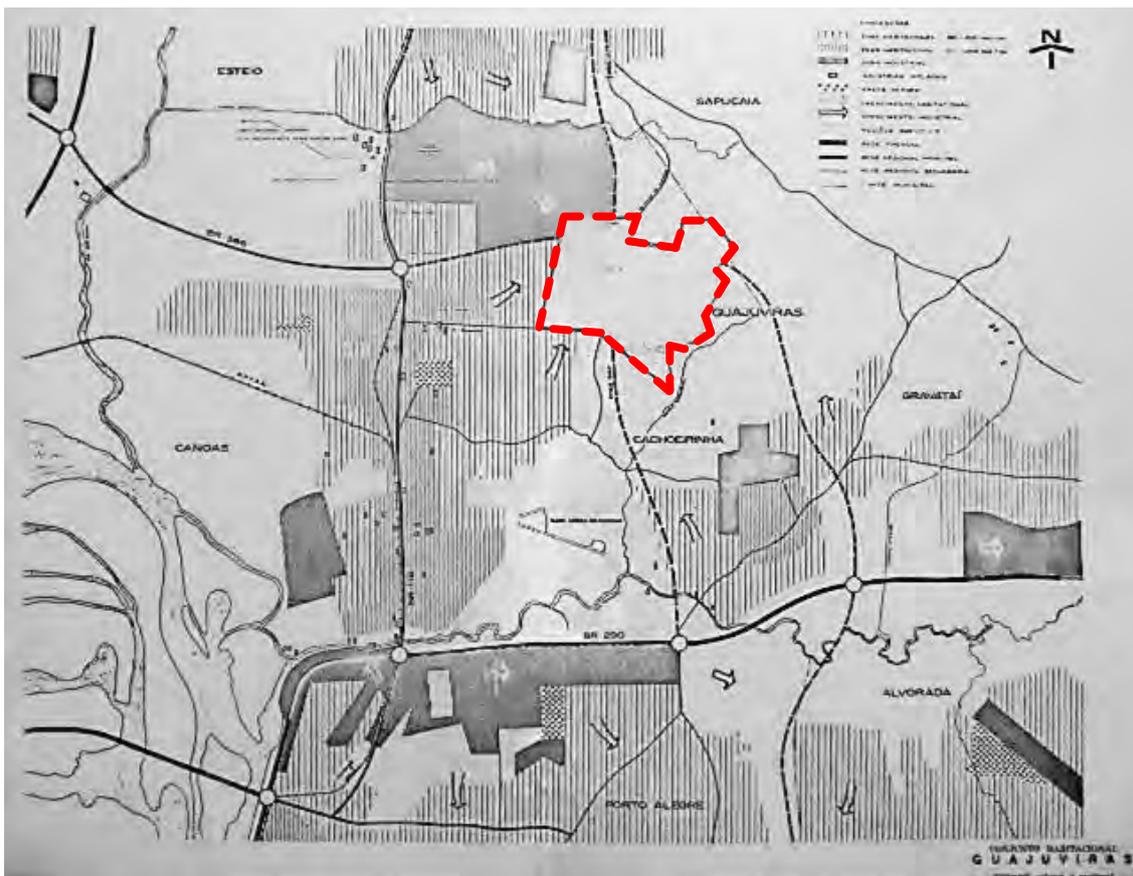


Figura 36: Zoneamento de Canoas em 1974 com a localização da Fazenda Guajuviras.

Fonte: PELLEGRINI, 1974.

O crescimento do tecido urbano na direção leste se sustentava do ponto de vista viário em função da criação da Free-Way Porto Alegre-Novo Hamburgo e do prolongamento da Presidente Kennedy (BR 386). Estas vias de alto fluxo se cruzariam no extremo norte do conjunto habitacional a ser implantado viabilizando a sua conexão regional (PELLEGRINI, 1974, p.28). Já do ponto de vista de postos de trabalho a serem gerados, estes ficariam a cargo dos distritos industriais projetados a serem implantados no entorno do núcleo habitacional. Logo, os habitantes do Guajuviras residiriam em zonas altas e de natureza agradável e teriam a sua disposição os empregos fornecidos pelo zoneamento industrial circundante.

Segundo Pellegrini (1974, p.29), o território da Fazenda Guajuviras seria dividido em duas parcelas. Uma destinada ao zoneamento industrial (em azul escuro) e às áreas de reserva técnica ao norte da BR 386 e outra destinada ao setor residencial ao sul da BR 386 (em azul claro). Esta segunda parcela seria dividida em duas pela Free-Way Porto Alegre-Novo Hamburgo (em vermelho). O núcleo a oeste contaria com 6 unidades de vizinhança enquanto que o núcleo a leste com 5 sendo que cada unidade deveria abrigar entre 3 e 5 mil habitantes (Figura 37).

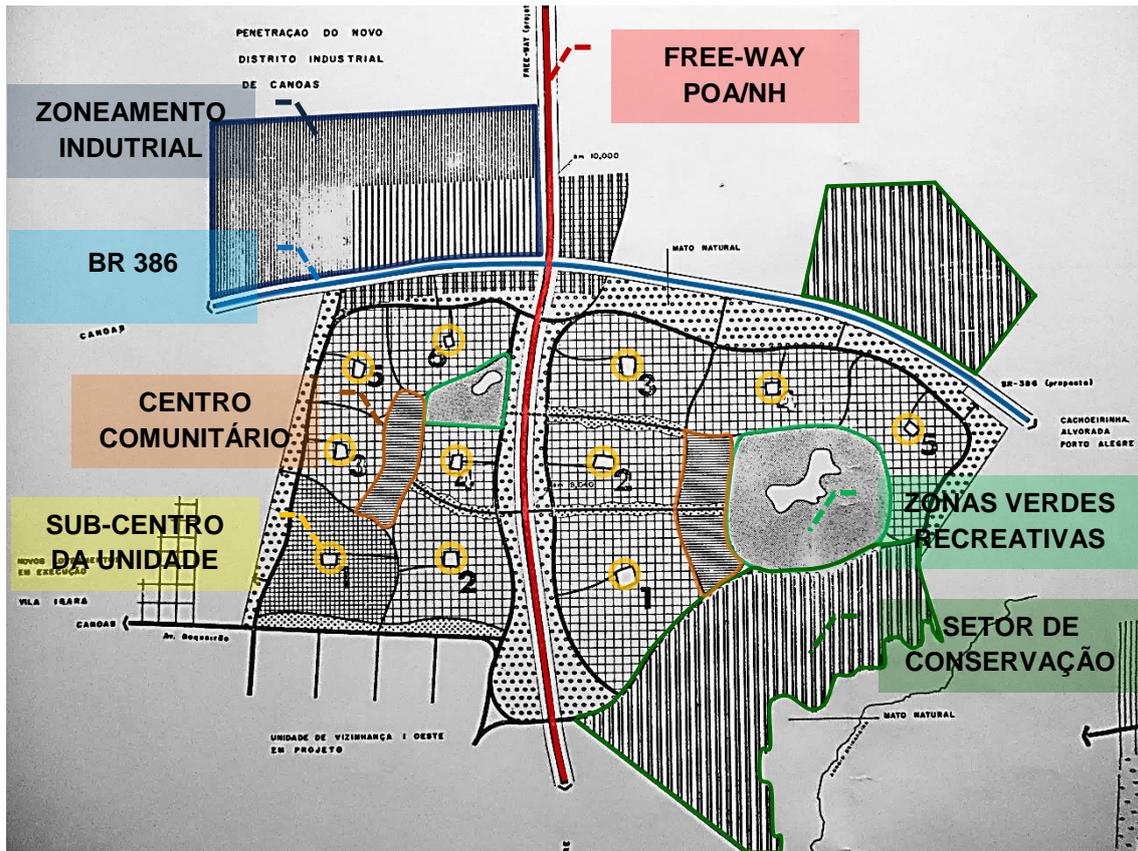


Figura 37: Zoneamento para o Conjunto Habitacional Guajuviras.

Fonte: PELLEGRINI, 1974 modificado por MOG, W. 2016.

Cada unidade de vizinhança apresentaria um sub-centro (em amarelo) com equipamentos de uso cotidiano da unidade enquanto que o conjunto das unidades de cada um dos dois núcleos seria atendido por um centro comunitário principal (em laranja) com a função de congregar as unidades (Figura 37). Além disso, cada núcleo habitacional contaria com zonas recreativas verdes para esportes e jogos (em verde claro) junto das unidades de vizinhanças. No núcleo a leste foram reservados dois setores de conservação (em verde escuro) da flora e da fauna locais enquanto no núcleo a oeste foi destinada uma faixa de depósitos e comércio atacadista em função da interface com o zoneamento industrial (PELLEGRINI, 1974, p.30).

Como mostra o esquema na Figura 38 correspondente ao sistema urbano do núcleo a oeste, o conceito original do projeto trazia consigo uma proposta de vida urbana baseada em unidades de vizinhança com núcleos locais de serviços interconectadas por áreas verdes públicas. Estas áreas por sua vez ligariam as suas respectivas unidades ao núcleo central do conjunto onde estariam relacionados os equipamentos comunitários de uso cotidiano de maior escala (PELLEGRINI, 1974).

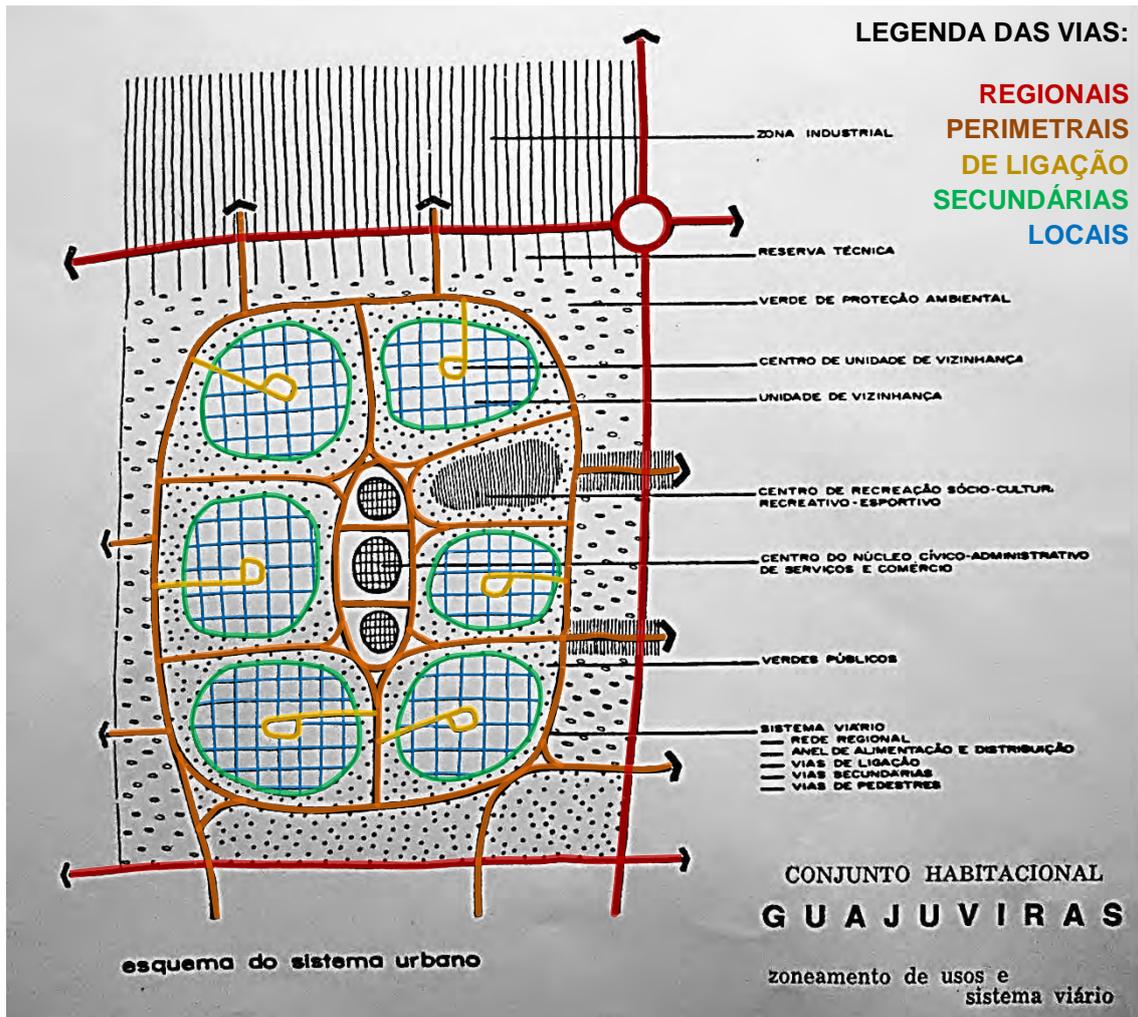


Figura 38: Esquema do sistema urbano do Conjunto Habitacional Guajuviras.

Fonte: PELLEGRINI, 1974 modificado por MOG, W. 2016.

Dentro deste zoneamento, o sistema viário representava um papel fundamental na articulação do mesmo (PELLEGRINI, 1974, p.31). Hierarquizado, o sistema viário estava organizado em função das tipologias viárias destacadas na Figura 38:

- Vias regionais (em vermelho):* Destinadas ao tráfego de alto fluxo e bloqueadas ao tráfego local que as cruzaria através de passagens em desnível. É o caso da BR 386 e da Free-Way Porto Alegre-Novo Hamburgo.
- Vias perimetrais (em laranja):* São os anéis viários de alimentação e distribuição dos núcleos. Responsáveis pela delimitação do Guajuviras, estas vias são cercadas lateralmente por áreas de proteção ambiental.
- Vias de ligação (em amarelo):* São as responsáveis por canalizar o tráfego das vias secundárias facilitando o escoamento racional para as perimetrais do anel viário.

- d) *Via secundarias (em verde)*: São as responsáveis por canalizar o tráfego das vias locais das unidades de vizinhança. São as vias perimetrais das unidades que delimitam as mesmas.
- e) *Vias locais (em azul)*: São as que possibilitam o acesso aos lotes residenciais destinando-se a pedestres e veículos lentos e leves. Apresentam retorno em “cul-de-sac”.
- f) *Passagens de pedestres (em azul)*: Destinadas à circulação das pessoas, são responsáveis pela conexão entre pontos de interesse e entre as áreas verdes das unidades.

Este modelo viário apresentava a intenção de promover uma separação entre veículos e pedestres, pois enquanto os primeiros se deslocariam segundo uma lógica centrífuga os segundo seguiriam uma lógica centrípeta nos seus percursos. Com base nestas diretrizes, foi proposta a primeira unidade de vizinhança localizada no núcleo oeste junto da Avenida Boqueirão (Figura 39).

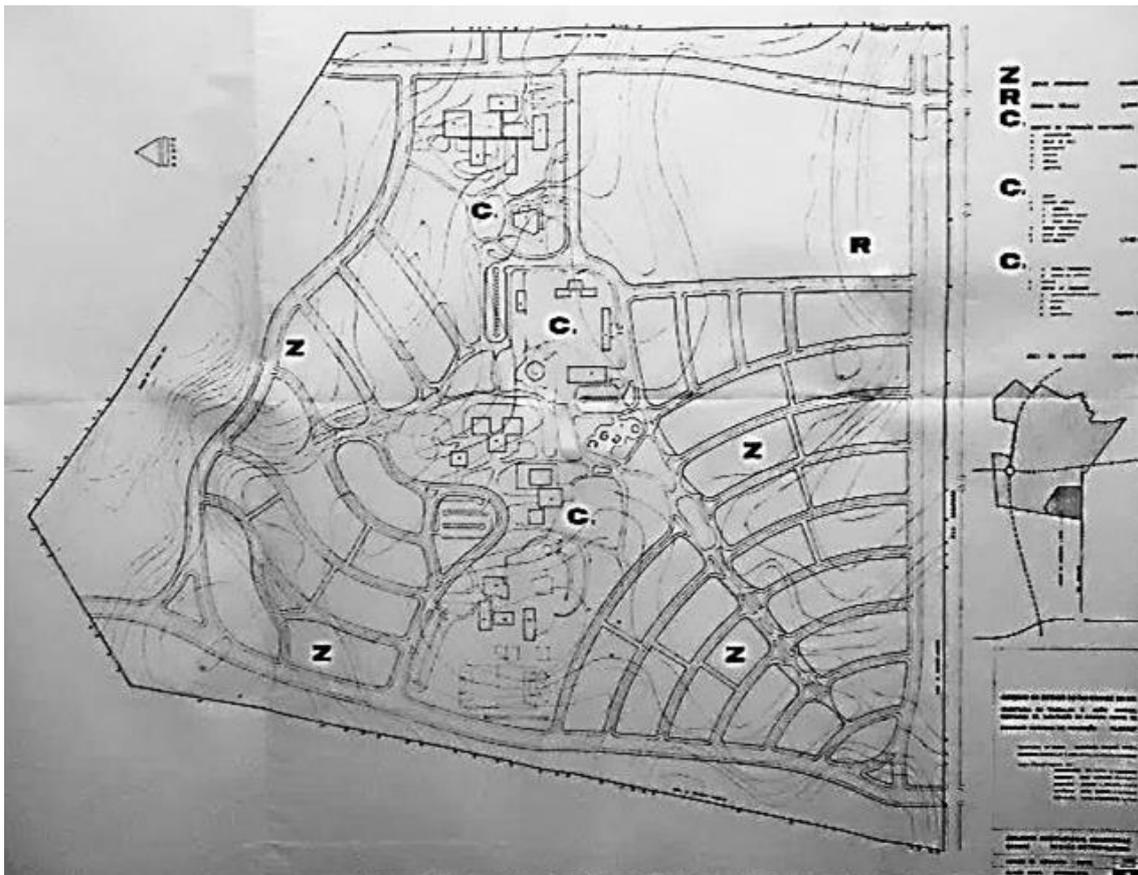


Figura 39: Planta geral da Unidade de Vizinhança nº1 Oeste.

Fonte: PELLEGRINI, 1975.

Segundo a composição geral do projeto urbanístico original, esta primeira unidade apresentava uma área central (C) que agregava todos os elementos do equipamento comunitário ao redor da qual estavam situadas as zonas residenciais (Z) (PELLEGRINI, 1975, p.1). Esta disposição espacial apresentava uma hierarquia viária bem demarcada em função das vias que rodeavam a unidade. Uma destas fazia parte do sistema de perimetrais e recebia o fluxo viário das secundárias responsáveis pela delimitação da unidade. Internamente, nas áreas residenciais foi adotada uma estrutura urbana baseada em lotes distribuídos ao longo de ruas em espinha com fundo cego (“cul-de-sac”) abandonando o conceito de quarteirão. O objetivo era restringir a circulação do carro limitada a uma única direção de fluxo processada através de vias exteriores à vida cotidiana da unidade e privilegiar a dos pedestres nestes espaços. Este ordenamento permitiria o acesso ao centro da unidade exclusivamente por passagens de pedestres calmas e tranquilas responsáveis pela conexão das áreas comunitárias configurando um circuito interno sem intercepções com ruas de trânsito rápido e com cruzamentos como mostra a Figura 39.

Segundo Pellegrini (1975, p.2), o centro da unidade de vizinhança seria em escala reduzida um verdadeiro Centro Cívico distribuído em zonas de atividades específicas interligadas por um espaço livre organizado. Este espaço central no cotidiano do conjunto se basearia nas dinâmicas da vida familiar no que diz respeito à necessidade da criança ir à escola e das mulheres irem às compras. Portanto, a escola estaria localizada no centro geométrico da unidade e os comércios e serviços distribuídos ao redor de uma praça. Além disso, o centro da unidade contava também com o Centro de Comunidade e seus equipamentos e o Centro de Formação Profissional complementando o setor cultural e educacional local.

As áreas públicas da unidade também foram projetadas segundo uma hierarquia evidente. Organizadas em função do binômio “recreação e verdes públicos”, as áreas de uso público foram divididas em áreas verdes e de proteção ambiental (PELLEGRINI, 1975, p.3). As áreas verdes de menor escala localizavam-se junto aos retornos em “cul-de-sac” formando pequenas praças e largos que encaminhavam ao centro da unidade onde se localizavam as demais áreas verdes de maior escala e de usos específicos vinculados aos equipamentos. Já as áreas de proteção ambiental estavam localizadas nas bordas junto ao limite oeste e ao sul no limite com a Avenida Boqueirão.

As unidades habitacionais estavam divididas em duas tipologias básicas: as casas unifamiliares e os blocos de apartamentos multifamiliares. As primeiras seriam construídas na primeira etapa da construção da unidade atendendo a uma faixa de renda entre 1 e 3 salários enquanto os segundos seriam executados em um segundo

momento atendendo a uma faixa entre 3 e 6 salários (PELLEGRINI, 1975, p.10). Objetivava-se com esta estratégia uma integração entre faixas sociais distintas de poder aquisitivo. Segundo a planta geral da unidade (Figura 39), não foram demarcados os lotes com a intenção de se romper com a monotonia da repetição tipológica e dos alinhamentos comuns em vários conjuntos já executado (PELLEGRINI, 1975, p.19). Portanto, se optou por uma implantação variando entre partes com lotes, com casas-fita e com tipo dominó. Cada casa teria um pátio privativo interno correspondente a uma parcela da parte central de cada pequeno conjunto enquanto que o verde circundante era comum a todos os moradores. Já os blocos multifamiliares seriam implantados em uma segunda etapa nas áreas de reserva técnica (R) junto às bordas da unidade de vizinhança (Figura 39).

Objetivava-se que tal modelo fosse implantado nas demais unidades de vizinhança que juntas configurariam o conjunto como um todo. Esta maneira de pensar o espaço do conjunto habitacional guarda semelhanças com o modelo de “Unidade de Vizinhança” desenvolvido por Clarence Perry (1929).

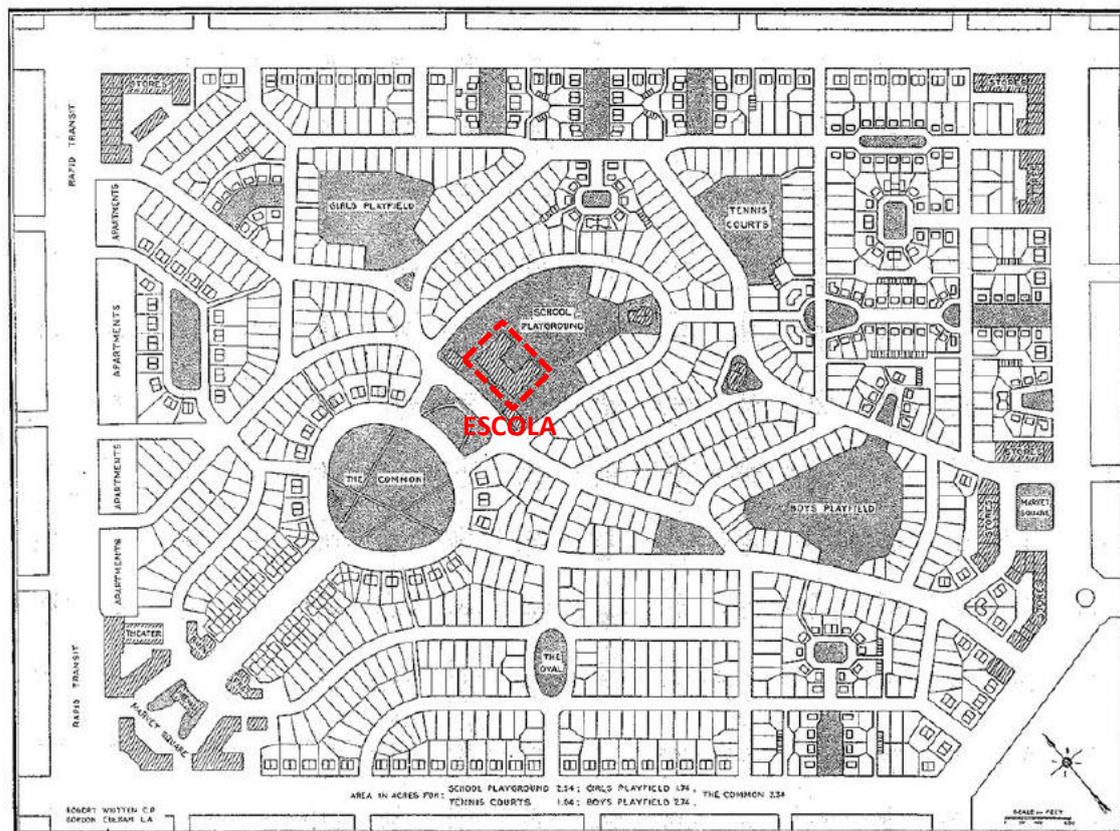


Figura 40: Modelo de unidade de vizinhança desenvolvido por Clarence Perry.

Fonte: PERRY, 1929.

Segundo Perry (1929), os equipamentos urbanos deveriam ocupar uma área central na unidade de vizinhança e estar próximos às habitações e estas não deveriam ser interrompidas por vias de trânsito de passagem, mas apenas tangenciadas. Tal estratégia objetivava preservar a vida comunitária no interior do núcleo dando prioridade para as crianças que poderiam ir sozinhas para a escola já que os caminhos seriam seguros e a distâncias ideais para não cansá-las. Por isso, a escola primária era o equipamento básico de uma unidade de vizinhança (Figura 40).

Com base nestes conceitos, o projeto para o conjunto foi moldado gradualmente até a sua implantação. Contudo, ao contrário da proposta inicial, apenas o núcleo oeste foi concretizado. As duas vias de trânsito rápido (Free-Way Porto Alegre-Novo Hamburgo e o prolongamento da BR 386) não foram executadas assim como o setor industrial ao norte. Estas variáveis externas ao território do conjunto implantado prejudicaram a sua conexão municipal e regional, pois a oferta de trabalho na indústria não ocorreu e a ligação viária ficou restrita à Avenida Boqueirão. O novo conjunto representou uma “verdadeira ilha” dentro de um território com poucas conexões viárias. Além disso, a articulação interna das suas partes não foi plenamente concluída em função da não execução de uma série de equipamentos comunitários previstos no projeto final.

O espaço físico resultante do projeto e implantado inicialmente correspondia a uma área total de aproximadamente 262,83 hectares. Esta área estava dividida da seguinte forma: 112,57 hectares (42,83%) foram destinados para a área de lotes, 64,66 hectares (24,60%) para a área das vias de circulação e 85,50 hectares (32,57%) para as áreas verdes sendo que deste último valor 61,79 hectares correspondiam às áreas verdes institucionais (COHAB/RS, 1997). Portanto, a proposta final que foi executada apresentava um equilíbrio entre áreas públicas (57,17%) e áreas privadas (42,83%) que merece destaque. Havia uma preocupação em promover um espaço físico com áreas públicas suficientes para proporcionar a interação social. No que diz respeito às tipologias habitacionais, estas eram de dois tipos: habitações unifamiliares e habitações multifamiliares (blocos de apartamentos). A primeira tipologia contava com 4222 unidades e a segunda com 1888 unidades distribuídas em um número total de 4400 lotes. Segundo o memorial descritivo do projeto (COHAB/RS, 1997), quanto aos aspectos urbanísticos, o tipo e a destinação do empreendimento eram de desmembramento localizado em área urbana. A acessibilidade do terreno em relação ao entorno era direta por via principal apresentando uma continuidade da malha urbana existente junto ao limite sul do loteamento proposto.



Figura 41: Implantação original datada de 1979 do Conjunto Habitacional Guajuviras.

Fonte: COHAB/RS, 1997.

O projeto executivo previa segundo os princípios da unidade de vizinhança a divisão do conjunto habitacional em seis setores habitacionais: setor 1, setor 2, setor 3, setor 4 e 4b, setor 5 e setor 6 (Figura 41). Cada setor possuiria uma parcela de áreas residenciais loteadas e uma de áreas verdes públicas responsáveis pela conexão entre os setores residenciais. O sistema de áreas verdes estava baseado em grandes parcelas arborizadas onde estariam distribuídos todos os equipamentos de uso cotidiano que em sua maioria não foram executados. Tais áreas verdes estavam conectadas entre si através das alamedas ou das ruas locais desconectadas que cruzam os setores habitacionais.

As unidades de vizinhança ou os setores habitacionais foram projetados segundo a lógica de circulação do pedestre em função de uma série de medidas como as ruas locais em forma de “laço” dando para uma alameda verde e ruas desencontradas para diminuir a velocidade dos veículos. Tal situação produziu um tecido descontínuo no interior do bairro como mostra a Figura 41. Já a avenida principal que cruza o conjunto de forma sinuosa em função da topografia foi idealizada segundo a lógica de circulação do automóvel. Logo, ela possui segundo o projeto uma função de transição e de circulação sem muitos espaços de permanência com exceção de três pontos comerciais. Do ponto de vista morfológico, há uma relação de separação entre este eixo central ocupado por blocos multifamiliares e as unidades de vizinhança ocupadas por casa unifamiliares que denuncia a intenção de separar e hierarquizar fluxos de veículos e de pedestres.

Apesar de a implantação final apresentar várias características presentes no anteprojeto, algumas diferenças formais existem entre este último e a proposta final implantada que evidenciam algumas características urbanas gerais da implantação concretizada como as seguintes.

1. *A interface com a Av. Boqueirão:* No anteprojeto, esta interface é parte do sistema de proteção ambiental que contorna todo o conjunto. Já no projeto final esta interface ganha um caráter comercial tornando-se uma centralidade importante para o conjunto e para o entorno ao contrário dos demais limites.

2. *A ligação do loteamento:* Segundo o Pré-plano de Utilização, as vias perimetrais ou anéis viários cercados por áreas de preservação ambiental promoveriam a ligação entre o conjunto e a região de entorno. Entretanto, esta dinâmica de acessos periféricos numerosos é abolida quando todo o fluxo de ingresso no bairro é concentrado em uma única via que conecta o conjunto à Avenida Boqueirão. Além disso, tal situação é agravada quando esta via principal não apresenta uma continuidade regional em função da não execução da BR 386.

3. *Os núcleos centrais das unidades de vizinhança:* Segundo o Pré-plano de Utilização e o Anteprojeto da Unidade de Vizinhança n° 1 Oeste, cada unidade de vizinhança apresentaria um núcleo central de caráter integrador de cada unidade. Já na implantação final estes núcleos apresentam características periféricas em relação a cada uma das unidades promovendo a ligação entre estas.

4. *O núcleo central cívico-administrativo de serviços e comércio:* Tal núcleo é segmentado ao longo da avenida principal em três pontos focais entre as unidades de vizinhança na implantação final. Desta forma, a grande centralidade idealizada inicialmente como ponto dos equipamentos de maior escala perde força e é

substituída pela imagem dos blocos multifamiliares que passam a dominar a paisagem da avenida central. Além disso, o conjunto habitacional é seccionado ao meio em função da rede de alta tensão da Eletrosul que o cruza entre o setor 4b e o setor 5.

5. *Conceito de quarteirão*: Enquanto o anteprojeto abandona este conceito, o projeto final o recupera em parte. No Anteprojeto da Unidade de Vizinhança nº 1 Oeste, a estrutura das áreas residenciais estava baseada em ruas locais em “cul-de-sac” na forma de “espinha de peixe”. Mas no projeto final, esta estrutura é transformada resultando em uma solução híbrida entre a quadra tradicional e a estrutura em espinha. As ruas locais realizam espécies de “laços viários” em que a volta faz interface com as alamedas previstas no anteprojeto. Desta forma, há uma continuidade viária, mas tal continuidade não resulta em um tecido viário contínuo, pois este é interrompido pelas alamedas.

Tais questões mostram como o espaço físico já tinha passado por modificações antes mesmo de ser ocupado irregularmente pelos moradores e passar a ser suporte físico para o espaço social no dia 17 de Abril de 1987. O processo de ocupação do espaço físico do Conjunto Habitacional Guajuviras foi marcado por dois tipos de ocupação diferenciados espacialmente e temporalmente. A ocupação inicial no final da década de 1980 representa o primeiro momento de apropriação do espaço físico do bairro quando foram ocupadas as casas unifamiliares e os blocos de apartamentos inacabados da COHAB. Já o segundo momento, inicia-se na década 1990 e continua até os dias de hoje. As áreas ocupadas dentro deste período correspondem às áreas verdes e as áreas que fazem fronteira principalmente ao norte com o Guajuviras (GAMALHO; HEIDRICH, 2013 e GAMALHO, 2015).

O espaço social do bairro foi originalmente marcado por estes dois períodos de ocupação e seus respectivos grupos de ocupantes irregulares que transformaram o espaço ocupado de diferentes formas. Logo, o que contribuiu com a distinção entre ambos foi a forma como aconteceram as ocupações e os tempos diferenciados destas que geraram vínculos sociais distintos no espaço¹⁴. A distinção social entre agrupamentos aqui é reflexo da forma como o espaço físico foi apropriado e transformado gerando uma divisão física que foi traduzida para o espaço social do bairro ao longo do tempo.

¹⁴ Tal processo guarda semelhança com o trabalho realizado por Norbert Elias (2000) no que diz respeito à origem temporal da distinção. Este autor aborda a relação de exclusão social existente entre dois grupos, os estabelecidos e os outsiders, de uma pequena comunidade inglesa chamada Winston Parva no final dos anos 1950 em função do vínculo temporal distinto entre os habitantes do local. Dentro deste contexto, surge um estigma e uma discriminação social do primeiro grupo já estabelecido na comunidade há algum tempo em relação ao segundo recém-chegado na comunidade, portanto, outsider apesar da ausência de diferenças étnicas, econômicas e educacionais.

A seguir, a imagem na Figura 42 apresenta a delimitação das regiões correspondentes ao loteamento regular (em cinza claro) da primeira fase de ocupação e aos loteamentos irregulares (em cinza escuro) da segunda fase de ocupação. Além disso, a grande área de preservação ambiental a leste do conjunto e os loteamentos regulares e irregulares que estão a norte e a leste fora dos limites originais do projeto implantado (em vermelho) também se destacam, mas não são analisados no presente estudo.

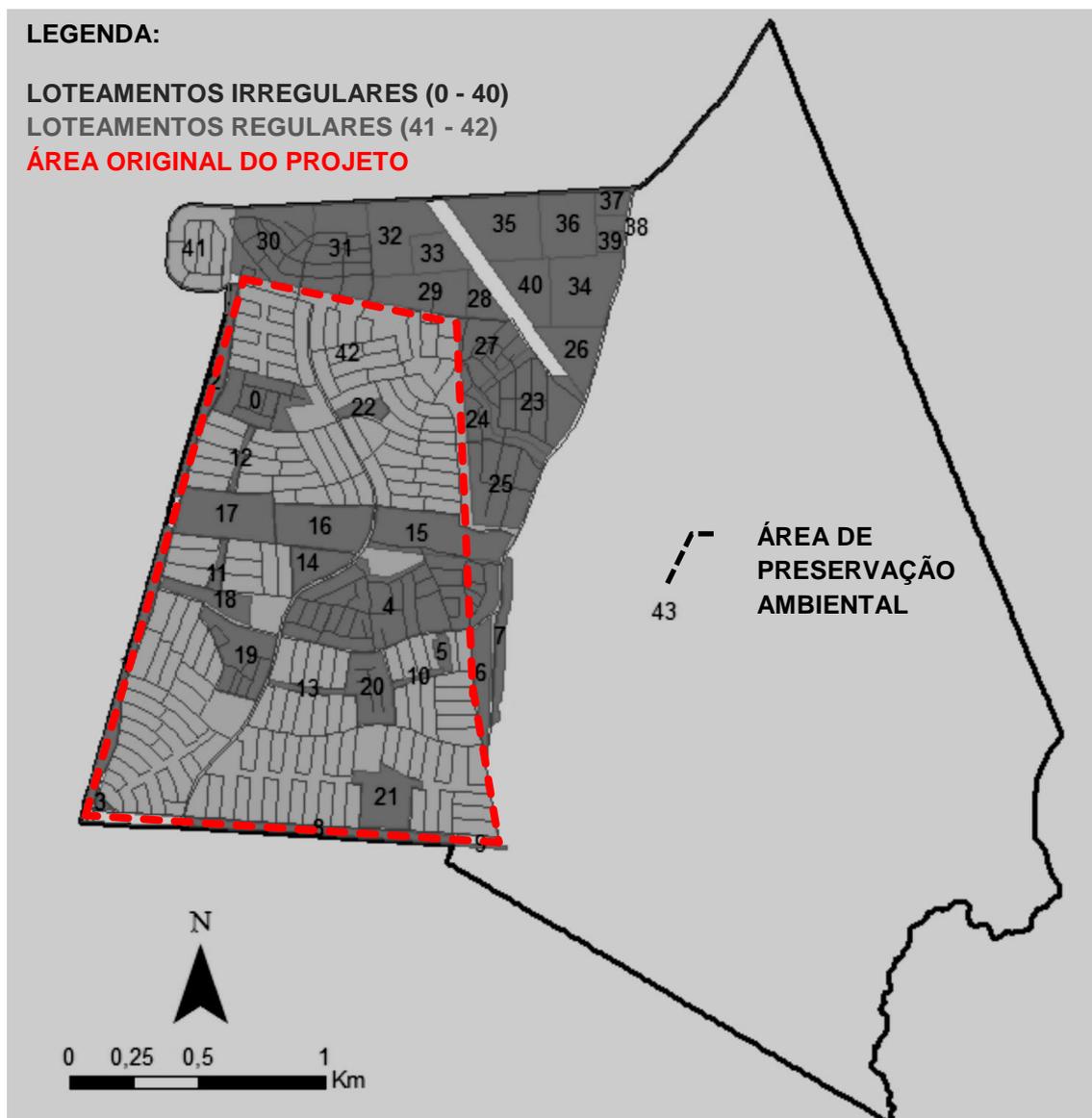


Figura 42: Conjunto Habitacional Guajuviras com suas delimitações atuais.

Fonte: GAMALHO; HEIDRICH, 2013 modificado por MOG, W. 2016.

A estrutura do espaço social do Bairro Guajuviras se manifesta na oposição existente entre estes dois grupos em função do espaço físico ocupado gerando um processo de distinção material e até certo ponto simbólica entre os dois

agrupamentos. Trata-se da construção de fronteiras sociais a partir de fronteiras físicas entre um loteamento legal e um loteamento ilegal. Tais relações surgem na década de 1990 quando iniciou o segundo levante de ocupação intitulado sub-ocupações que permanecem até hoje. Naquele período, o afastamento entre os grupos envolvia questões relacionadas principalmente à infraestrutura local. O Padre Armindo Cattelan que participou ativamente dos processos de ocupação comenta nessa passagem sobre o segundo momento das ocupações ou sub-ocupações:

“As sub-ocupações ocorreram em cima das áreas verdes. No projeto inicial, 25% de todo o conjunto eram reservas técnicas, constituídas por matos de eucaliptos. Na ocupação de 1987, essas áreas foram respeitadas pelas pessoas. Alguns anos depois, se desencadeou um movimento muito intenso de ocupação dessas áreas verdes, chamadas de sub-ocupações. O fato gerou atritos sérios com os moradores das casas que não aceitavam a destruição das matas e se sentiam prejudicados com a falta de água, luz e esgoto, proveniente da sobrecarga acarretada pelo aumento repentino da população. Foi um momento muito tenso” (PENNA, 1998, p.40).

Hoje, a situação relacionada ao problema da infraestrutura já está controlada em função das melhorias que surgiram no bairro ao longo do tempo (ZACHER, 2003, p.53). Contudo, o estigma continua em função de outro problema que também surgiu naquele período das sub-ocupações: a violência. Neste caso, os moradores apresentam diferentes visões sobre o segundo momento das ocupações do conjunto habitacional. Enquanto alguns acreditam que as sub-ocupações contribuem para piorar a imagem do bairro em função da criminalidade e do vandalismo associados ao local, outros acreditam que tal imagem é uma falsa construção produzida pela mídia e vinculada aos bairros menos favorecidos (PENNA, 1998, pp.53-54).

Apesar das discordâncias entre os julgamentos dos moradores, o fato é que o Bairro Guajuviras recebe uma carga de estigma tanto interna como externa. Segundo Penna (1998, p.32), os antigos ocupantes adotaram em relação aos ocupantes mais recentes do segundo período algumas atitudes semelhantes as que sofreram por parte dos moradores das redondezas ao chegaram inicialmente no local. Dentro deste contexto, tanto as relações sociais externas como as internas se fragilizam em função de uma variável espacial que produz um marcador simbólico de distinção no tempo. Atualmente os moradores das sub-ocupações ainda lutam por uma inserção social e espacial no contexto local assim como os moradores em geral desejam romper com a imagem de marginalidade e de violência associada ao bairro existente em boa parte

da população de Canoas e dos demais municípios da Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA).

A relação entre a distribuição dos agentes e a distribuição dos bens em cada uma das regiões citadas define o valor de cada uma no espaço social reificado do bairro em função da sua materialização a partir do espaço físico. A seguir, os dois momentos e as regiões de ocupação do Conjunto Habitacional Guajuviras serão mapeados e comparados com o objetivo de demonstrar as distinções que foram construídas ao longo do tempo a partir das transformações do espaço. Para tal serão analisados os diferentes processos de adequação do espaço físico em cada uma das regiões ocupadas e transformadas no tempo em função de diferentes demandas vinculadas ao espaço social.

8.2. O processo de adequação: Transformações e regiões distintas

Desde o princípio da ocupação, o Conjunto Habitacional Guajuviras foi apropriado de forma irregular. Logo, é comum que rupturas da ordem original do projeto fossem acontecer já que a implantação não apresentava um nível de adequação satisfatório entre os padrões espaciais e os comportamentos habituais dos ocupantes. O espaço estava incompleto no que diz respeito ao projeto original quando foi ocupado. Além disso, a forma de produção estratégica destes conjuntos habitacionais inviabilizava a participação de quem de fato iria ocupá-lo posteriormente estabelecendo uma ruptura entre o habitante e o seu habitat. Contudo, a ocupação irregular não representou uma desarticulação completa da ordem original. O que aconteceu foi uma mescla entre o concebido no projeto e o vivido na apropriação. Algumas coisas foram conservadas enquanto outras foram transformadas objetivando a adequação do espaço físico às necessidades do espaço social.

Dentro deste processo de adequação, algumas transformações aproximaram regiões enquanto outras afastaram. Logo, é fundamental analisar as formas espaciais de mutação de cada região para entender de que forma cada parte do quebra-cabeça se insere e participa do todo. Como a adequação entre os padrões espaciais e os comportamentos habituais só pode ser medida quando o espaço é ocupado, objetiva-se aqui realizar uma análise entre os dois momentos que marcam os extremos do processo de ocupação do bairro.

O primeiro mapa (Figura 43) evidencia a situação após a primeira ocupação iniciada em 1987 enquanto o segundo (Figura 44) mostra a situação atual após a consolidação do segundo momento de ocupação iniciado na década de 1990. No

primeiro momento, a estrutura originalmente projetada para as três regiões (casas unifamiliares, blocos multifamiliares e áreas verdes) já comentadas foi mantida durante as ocupações já no segundo há uma clara ruptura da lógica original em função das sub-ocupações.



Figura 43: Implantação do Conjunto Habitacional Guajuviras em 1990.

Fonte: METROPLAN, 1990.

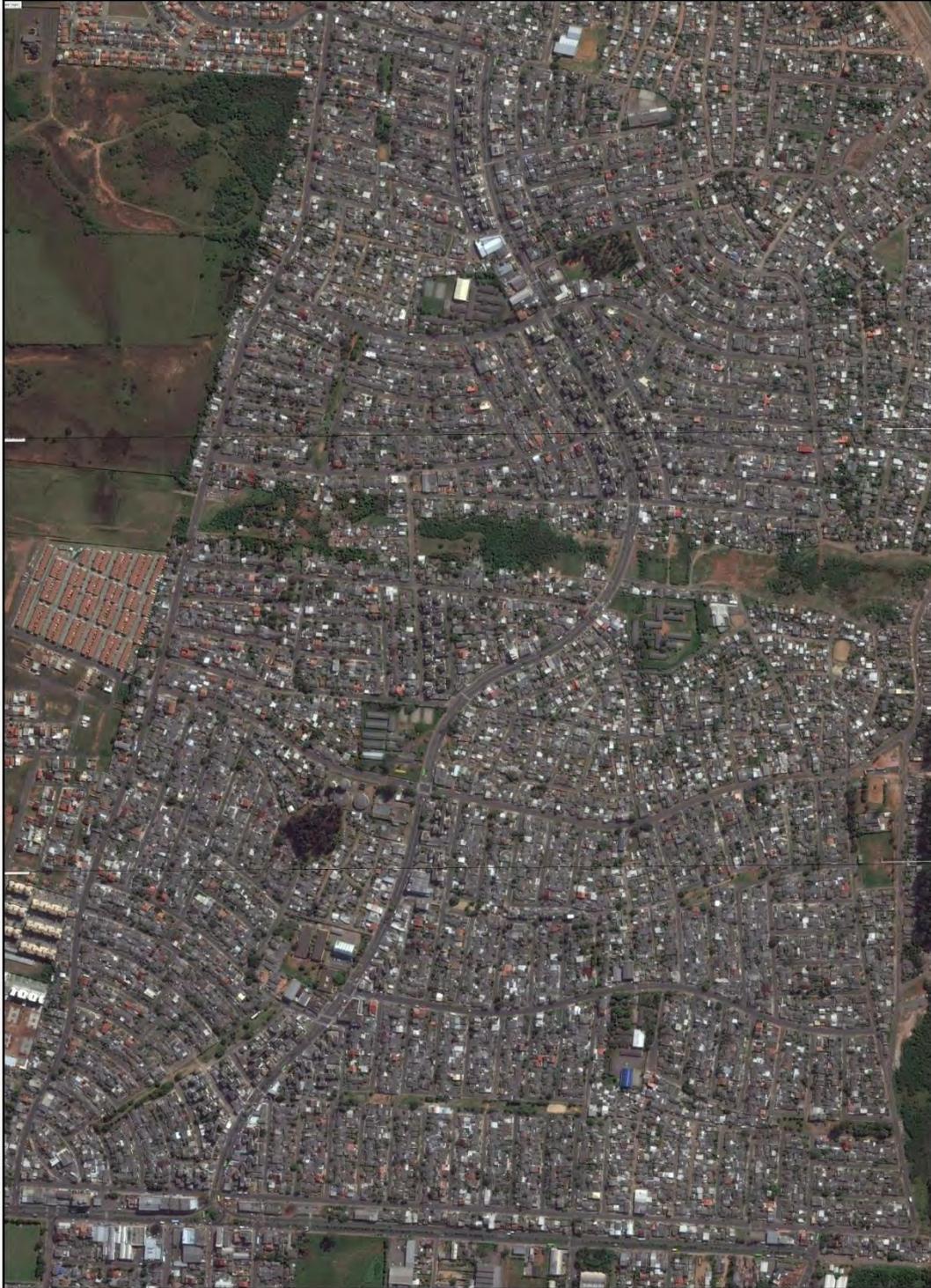


Figura 44: Implantação do Conjunto Habitacional Guajuviras em 2015.

Fonte: GOOGLE EARTH, 2015.

Uma primeira análise entre estes dois momentos da história do Bairro Guajuviras torna evidente a ocupação irregular das grandes áreas verdes prevista no projeto original. Contudo, esta transformação do espaço físico que atendeu a uma parcela do espaço social do bairro no que diz respeito à obtenção da moradia

construída e ocupada de forma irregular está longe de ser a única mudança relevante. É fundamental, portanto, aprofundar o olhar e atentar para as relações entre os espaços construídos e os não construídos a partir da reprodução dos dois mapas baseada na representação do tipo fundo-figura (Figuras 45 e 46).

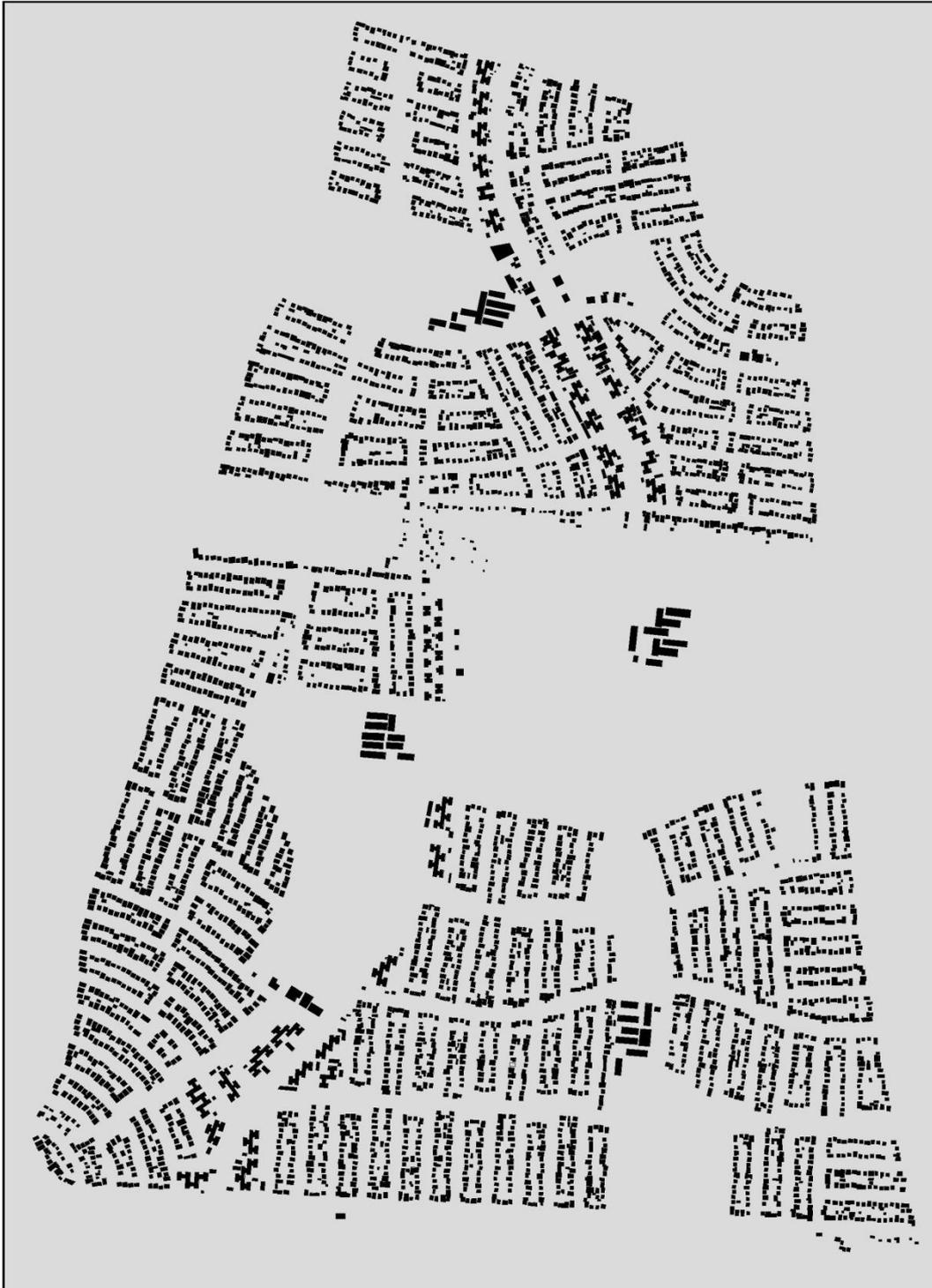


Figura 45: Mapa fundo-figura do Conjunto Habitacional Guajuviras em 1990.

Fonte: MOG, W. 2015.



Figura 46: Mapa fundo-figura do Conjunto Habitacional Guajuviras em 2015.

Fonte: MOG, W. 2015.

Esta forma de representar os dois momentos históricos do Bairro Guajuviras viabiliza uma análise aprimorada dos padrões vinculados ao processo de adequação do espaço físico do conjunto. Em função do grão das edificações entre os dois momentos, ficam evidentes as três formas de transformação do projeto implantado já

destacadas na primeira parte da análise em função das três regiões citadas. Logo, a Figura 47 apresenta estas três formas na situação atual do Bairro Guajuviras ao demarcar as áreas das casas unifamiliares em marrom, as áreas dos blocos multifamiliares em azul e as áreas verdes ocupadas irregularmente em verde.



Figura 47: Mapa fundo-figura do Guajuviras em 2015 com as três regiões demarcadas.

Fonte: MOG, W. 2015.

1. *Áreas das casas unifamiliares*: Estas parcelas do conjunto foram as que mantiveram a sua estrutura original evidenciando ao longo do tempo um processo de densificação do miolo das quadras e dos afastamentos laterais das edificações. Dentro deste grupo também estão incluídas as áreas de comércios previstos no projeto implantado que ao longo do tempo também se adensaram, assim como algumas parcelas de áreas verdes preservadas e equipamentos coletivos que foram implantados posteriormente com base no projeto original.

2. *Áreas dos blocos multifamiliares*: Estas partes do conjunto sofreram uma ruptura parcial da estrutura original do projeto, pois a lógica inicial dos blocos soltos no centro das quadras foi complementada por edificações periféricas que abrigavam comércios, serviços e garagens. Os dois primeiros usos voltados para a avenida principal enquanto o terceiro é mais frequente na interface oposta voltada para as quadras das unidades unifamiliares. Esta lógica de ocupação inicia em 1990 e se consolida ao longo do tempo até 2015 como os mapas evidenciam.

3. *Áreas verdes ocupadas*: Estas parcelas do conjunto são as que apresentaram no tempo as rupturas estruturais mais profundas tomando o projeto original como referência. Aqui a estrutura original foi completamente perdida em função da mudança total da forma e do uso previsto para estes locais. As grandes áreas verdes entre as unidades de vizinhança e as alamedas responsáveis por conectá-las foram ocupadas por habitações construídas de forma irregular. Nestas áreas apenas os equipamentos como as escolas, o posto de polícia e a CORSAN são os representantes do passado projetado.

Entre os dois momentos históricos, o bairro como um todo se modificou buscando a sua adequação, contudo as diferenças na forma como aconteceram as transformações salientam os limites ou fronteiras entre cada parcela construída. A adequação entre os padrões espaciais e os comportamentos habituais aconteceu de forma distinta para as três parcelas citadas. Este princípio apresenta cinco variáveis que evidenciam e explicam o porquê das diferenças entre cada parcela: *a capacidade de excesso, os bons acessos, a independência das partes, a utilização de módulos e a redução de custos de reciclagem*. Estes cinco pontos estão relacionados de forma distinta com cada um dos três cenários espaciais e representam a capacidade de resposta e a capacidade de recuperação. Logo, a partir do mapa da Figura 47, três recortes correspondentes a cada um destes cenários foram escolhidos com o objetivo de analisar o processo de adequação dos espaços no tempo. Estes três recortes foram selecionados em função da sua localização junto à entrada principal do bairro onde as transformações do tecido urbano ocorreram de forma mais intensiva. Os

diagramas de cada uma das variáveis estão associados a estes recortes ampliados nas Figuras 48 e 49 na seguinte ordem da esquerda para a direita: recorte das áreas das casas unifamiliares, recorte das áreas dos blocos multifamiliares e recorte das áreas verdes ocupadas. A Figura 48 corresponde ao início das ocupações em 1990 e a Figura 49 à situação atual das ocupações em 2015.



Figura 48: Recortes ampliados dos três cenários das ocupações em 1990.

Fonte: METROPLAN, 1990.



Figura 49: Recortes ampliados dos três cenários das ocupações em 2015.

Fonte: GOOGLE EARTH, 2015.

A seguir, tais recortes são relacionados em função de cada variável do processo de adequação do espaço físico entre os momentos históricos mapeados.

1. *Capacidade de excessos*: Esta primeira variável busca enfatizar a relação temporal entre o espaço projetado e o apropriado em função das áreas abertas e livres para o crescimento do tecido urbano edificado. Portanto, aqui se analisa a forma como cada um dos três espaços estudados ganha densidade construtiva e se expande ao longo do tempo através das Figuras 50 e 51. Os espaços livres estão destacados em função das hachuras em laranja.

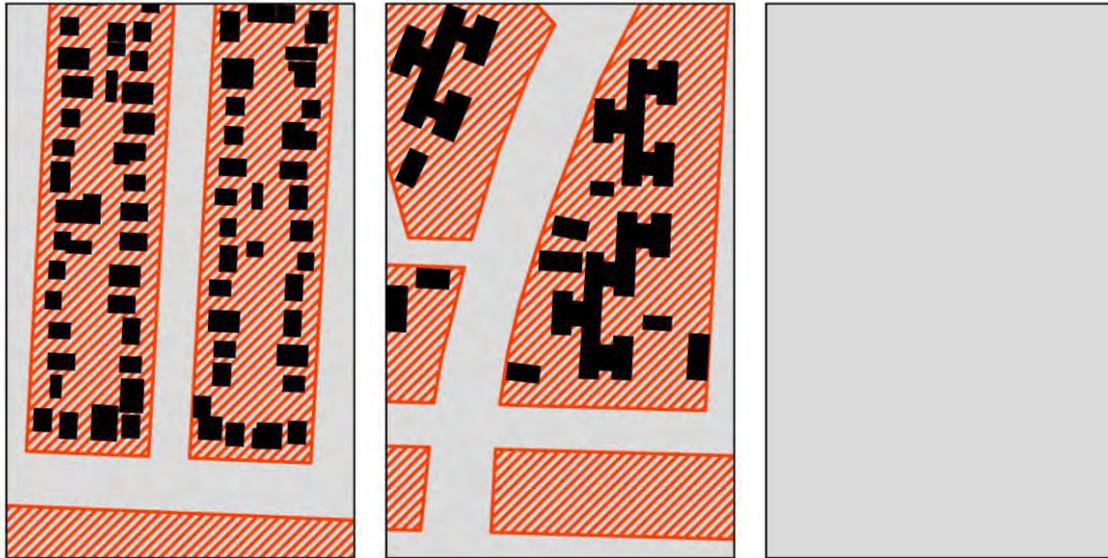


Figura 50: Diagramas da capacidade de excessos em 1990.

Fonte: MOG, W. 2015.

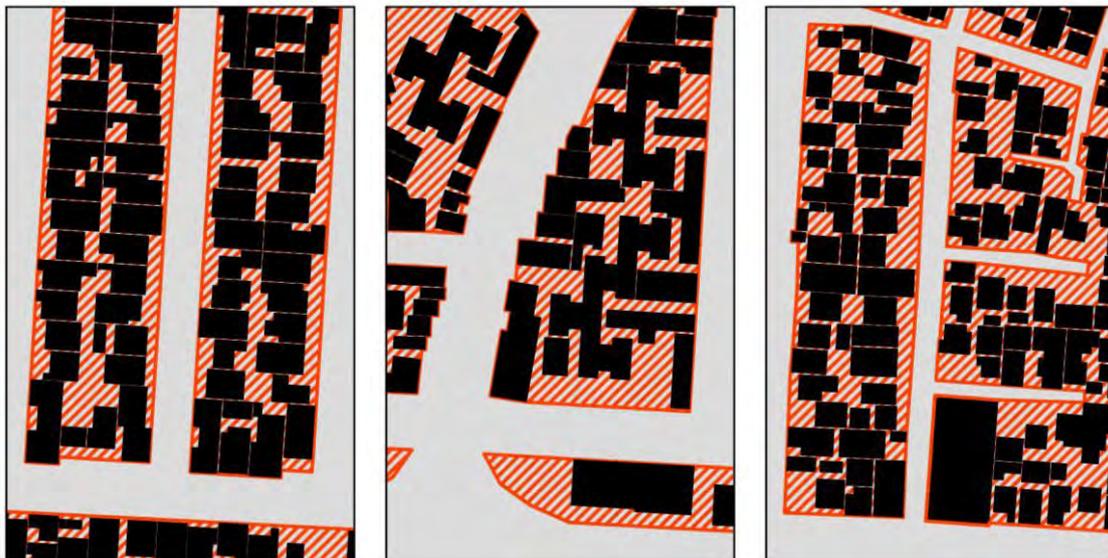


Figura 51: Diagramas da capacidade de excessos em 2015.

Fonte: MOG, W. 2015.

As áreas das casas unifamiliares apresentavam em 1990 espaços livres no centro das quadras e entre as edificações segundo a implantação original que

viabilizou um crescimento lateral e na direção do fundo do lote a partir das edificações projetadas. Em 2015, esta lógica de crescimento da área edificada está consolidada e as ampliações não desarticularam as diretrizes do projeto ao buscar a adequação, pois estas mantiveram a estrutura original dos espaços livres que foram preenchidos em parte ao longo do tempo. Já nas áreas dos blocos multifamiliares, esta lógica foi invertida, pois as edificações construídas originalmente localizavam-se no centro das quadras segundo o projeto e o crescimento do tecido ocorreu a partir da periferia das quadras rompendo com a estrutura original já no princípio das ocupações. Neste caso, o preenchimento do espaço não construído privado transformou as relações estruturais diferentemente das áreas unifamiliares. E por último, as áreas verdes não apresentavam espaços livres para o crescimento do tecido urbano no princípio, mas espaços abertos destinados ao convívio e ao lazer. Contudo, a falta de relação complementar entre elementos edificados e espaços abertos gerou uma ambiguidade para o espaço não construído que no presente caso foi ocupado e edificado de forma irregular desconsiderando qualquer lógica de apropriação segundo o projeto. Aqui, o espaço não construído público original se tornou privado quando reestruturado.

2. *Bons acessos*: Nesta segunda variável a tensão entre o projeto e suas apropriações ao longo do tempo se apresenta a partir da forma como o tecido urbano é acessado. Logo, aqui a análise foca no espaço de circulação em cada um dos três cenários e sua capacidade de conectar os espaços através das Figuras 52 e 53. Os acessos entre as edificações estão destacados em função das hachuras em laranja.

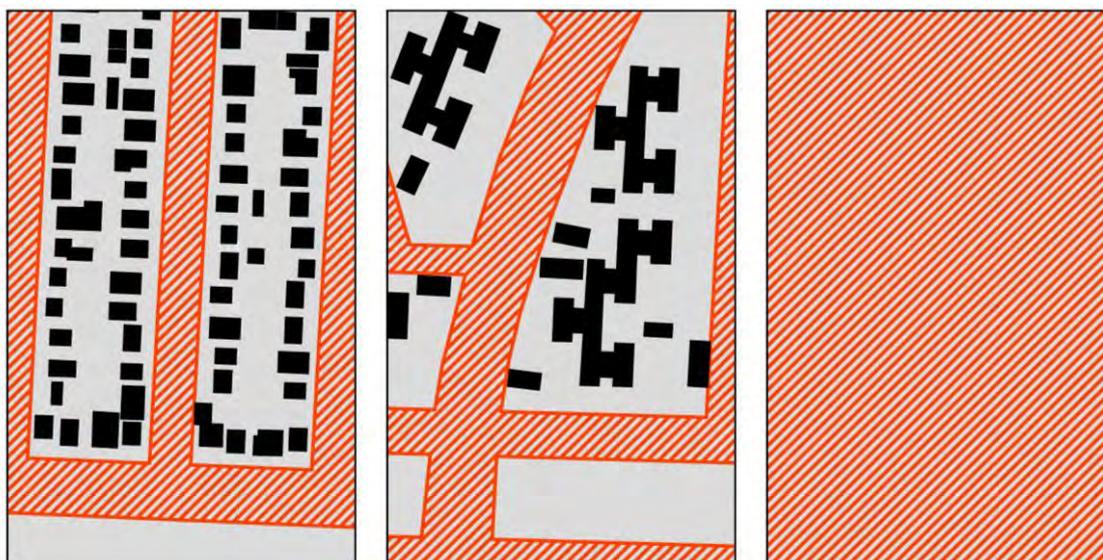


Figura 52: Diagramas dos bons acessos em 1990.

Fonte: MOG, W. 2015.



Figura 53: Diagramas dos bons acessos em 2015.

Fonte: MOG, W. 2015.

Nas áreas das casas unifamiliares, os acessos são os mesmos do projeto original atualmente. A rede viária que alimenta o tecido urbano desta parte do conjunto possibilita uma série de caminhos e alternativas de deslocamento. Apesar das restrições impostas por algumas alamedas ocupadas por moradias irregulares, tanto o morador como o visitante atravessam estes espaços sem encontrar obstáculos ao trajeto. Logo, não ocorreram mudanças estruturais no espaço não construído público ao longo do tempo. Já na área dos blocos multifamiliares, os acessos no âmbito do projeto implantado ofereciam várias possibilidades de conexão com os blocos. Entretanto, não estavam articulados e bem definidos entre o espaço construído e o não construído como no caso das casas unifamiliares. Logo, estes acessos foram reconfigurados em função das garagens e das edificações comerciais e de serviços que surgiram ao longo do tempo junto da periferia das quadras multifamiliares transformando as interfaces do espaço não construído público em parte. Apesar da área de acessibilidade entre os blocos e as vias públicas ter sido reduzida, a relação mais estreita entre o construído e o não construído qualificou o espaço estabelecendo uma relação maior de controle dos acessos mais adequada do que a projetada. Já as grandes áreas verdes totalmente acessíveis, mas pouco controladas em 1990 se tornaram becos estreitos e topologicamente profundos em alguns casos gerando um tecido labiríntico e isolado no interior do tecido do conjunto habitacional em 2015. Atualmente há poucas conexões entre estes espaços irregularmente construídos e o entorno imediato em função da redefinição do espaço não construído público que perdeu uma área considerável de circulação.

3. *Independência das partes*: Esta terceira variável enfoca a questão do espaço relacional entre as partes constituintes do tecido urbano que é o bairro para tratar da tensão entre o projetado e o apropriado. Aqui o destaque está na forma como as partes de cada uma das três parcelas estudadas se relacionam entre si através das Figuras 54 e 55. As demarcações das áreas de influência estão em laranja.



Figura 54: Diagramas da independência das partes em 1990.

Fonte: MOG, W. 2015.

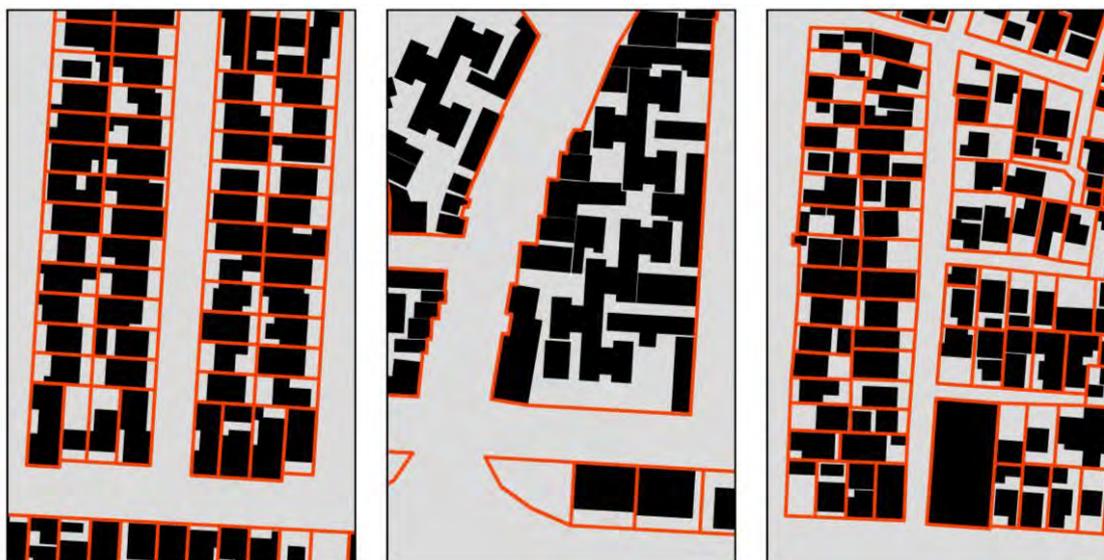


Figura 55: Diagramas da independência das partes em 2015.

Fonte: MOG, W. 2015.

Mais uma vez é nas áreas residenciais unifamiliares onde a variável melhor atende ao princípio da adequação, pois o morador que modifica o seu espaço interfere minimamente nos espaços dos seus vizinhos. Logo, o padrão de parcelamento do

projeto viabilizou a manipulação das partes independentemente ao longo do tempo mantendo a estrutura original entre espaços construídos e não construídos. Tal situação já não foi a mesma para os moradores dos blocos multifamiliares, pois as modificações influenciaram o cotidiano dos vizinhos. Além das garagens e das edificações comerciais e de serviços que reduziram a área útil do pátio dos prédios e reconfiguraram os limites dos lotes, a ampliação da laje das escadas dos prédios também representaram transformações que interferiram no todo coletivo. Aqui a rigidez do bloco multifamiliar é uma barreira para a manipulação independente das partes localmente. Já nas áreas verdes ocupadas, a interferência é geral, pois não houve um parcelamento inicial já que estas áreas foram pensadas como públicas e de uso coletivo. Portanto, a manipulação do espaço resultante das ocupações interferiu na dinâmica de todo o conjunto habitacional. Este sofreu uma redução considerável das suas áreas de uso comum que se tornaram barreiras para os percursos idealizados inicialmente no projeto. Entretanto, ao longo do tempo houve a intenção em alguns casos de uma reestruturação do espaço ocupado em função da noção de lote que minimizou a interferências entre as partes localmente.

4. *Utilização de módulos:* Nesta quarta variável, a relação entre o projeto e sua apropriação temporal ocorre em função da forma como se deu a padronização modular das edificações construídas em função do projeto. Aqui se pretende destacar como a questão do módulo construtivo contribui para a adequação de cada um dos três cenários estudados através das Figuras 56 e 57. As edificações com um padrão modular oriundo do projeto original estão marcadas com hachura laranja.

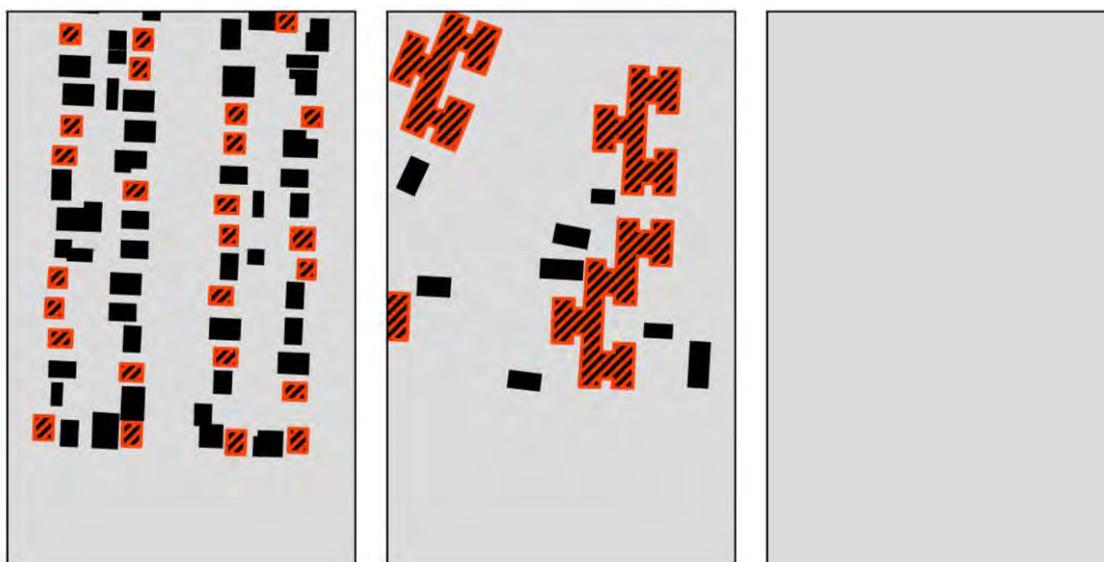


Figura 56: Diagramas da utilização de módulos em 1990.

Fonte: MOG, W. 2015.

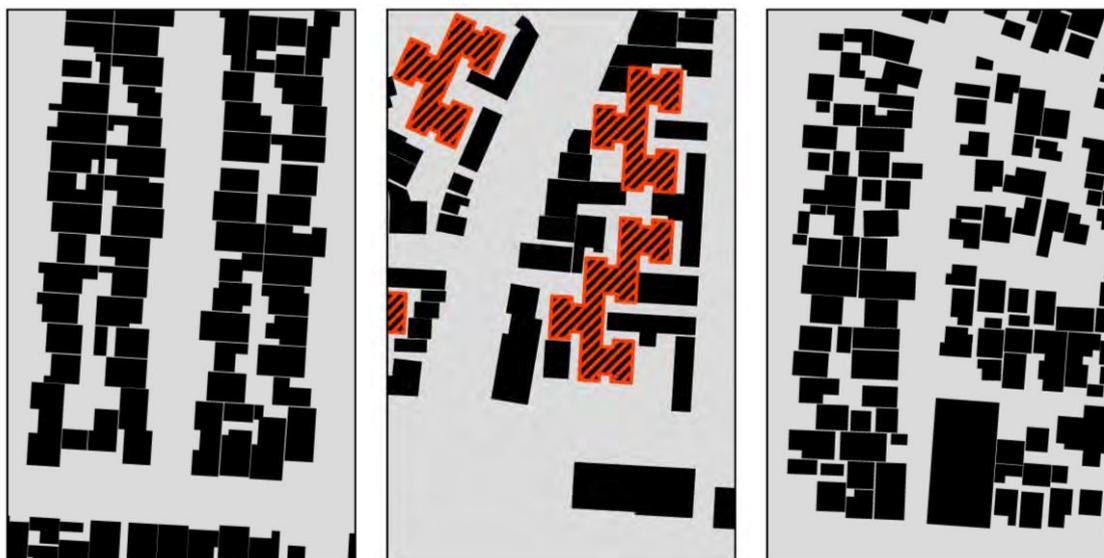


Figura 57: Diagramas da utilização de módulos em 2015.

Fonte: MOG, W. 2015.

Novamente, a área que melhor atende ao princípio da adequação é a das casas unifamiliares. Apesar do sistema de edifícios padronizados não ser o mais adequado no que diz respeito às transformações ao longo do tempo, estas unidades habitacionais apresentaram um padrão modular variado e manipulável que viabilizou modificações fáceis ao longo das sucessivas apropriações. Logo, atualmente é possível visualizar o padrão modular original das unidades completado e qualificado por acréscimos distintos. Há uma harmonização construtiva entre a implantação do espaço construído de forma modular originalmente e as suas alterações no tempo. Contudo, esta variável construtiva já não ofereceu as mesmas vantagens quando se analisa os blocos multifamiliares. Aqui a modulação do edifício se tornou repetitiva e rígida no tempo. Portanto, as alterações do espaço construído vão de encontro à modulação original produzindo um espaço fragmentado, mas dinâmico em função da diversidade de usos. Atualmente, a modulação dos blocos ainda está presente na imagem do bairro como uma estrutura pouco flexível e receptiva às alterações ocorridas no entorno destas edificações. Já nas áreas verdes, esta variável inexistiu inicialmente com exceção das escolas que também seguiram uma modulação assim como as casas unifamiliares e os blocos. As grandes áreas verdes e as alamedas foram delimitadas sem uma organização modular em função da ausência de elementos construtivos suficientes e adequados. Contudo, durante as sub-ocupações é possível observar um processo de delimitação de lotes o que favorece a adequação posterior do espaço às necessidades cotidianas ao resgatar a modulação como um sistema de organização do espaço construído.

5. *Redução dos custos de reciclagem*: Nesta última variável do princípio de adequação, a relação entre o espaço projetado e o espaço apropriado aparece em função dos impactos espaciais que os acréscimos edificadas não projetados produzem no tecido urbano. Nesta parte da análise, o foco está na forma como o espaço edificado se recicla e se reinventa para atender às necessidades cotidianas através das Figuras 58 e 59. As edificações que ao longo do tempo passaram por reciclagens ou que foram totalmente edificadas estão marcadas com hachura em laranja.

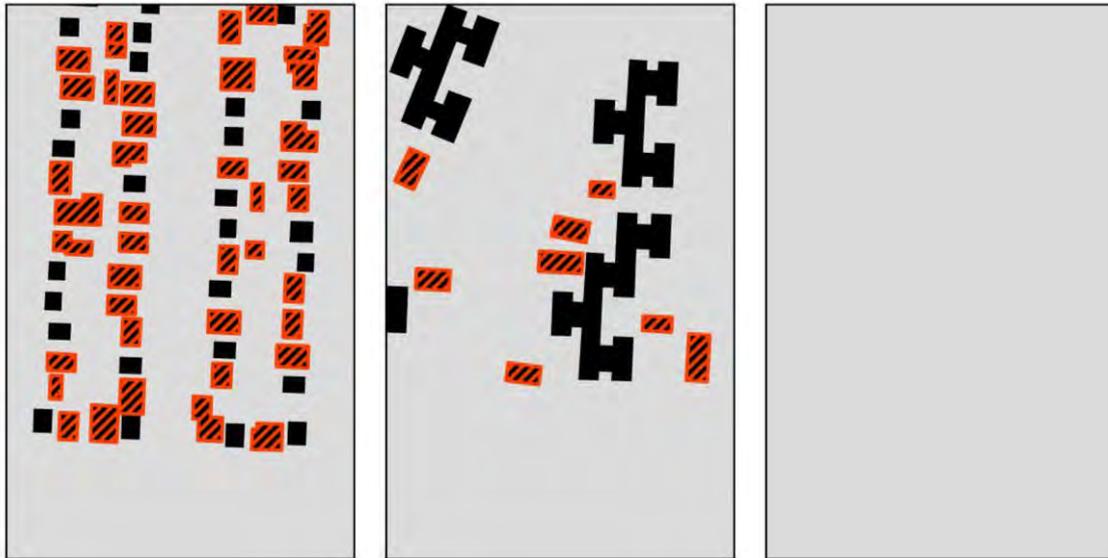


Figura 58: Diagramas da redução dos custos de reciclagem em 1990.

Fonte: MOG, W. 2015.

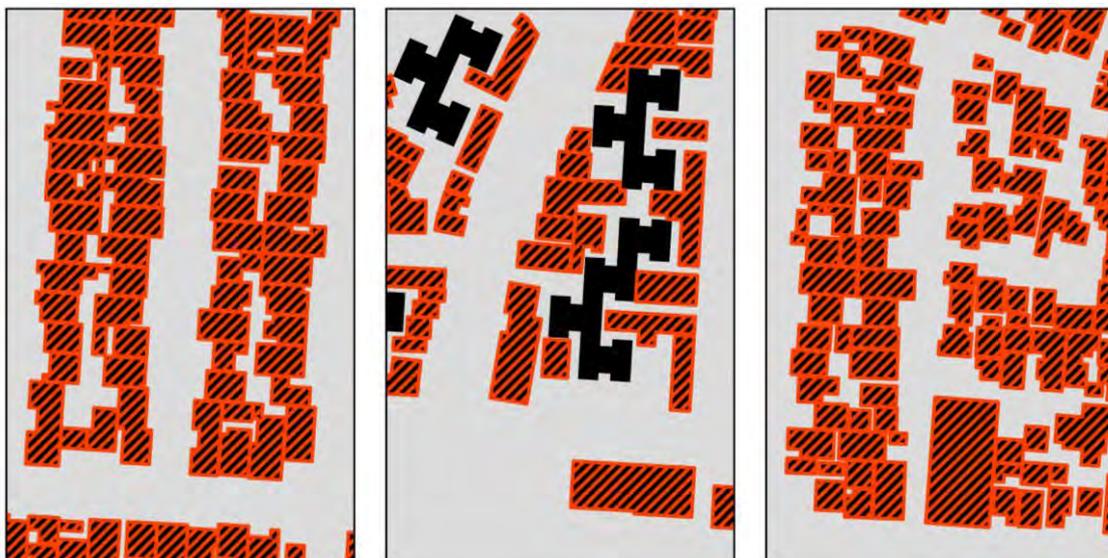


Figura 59: Diagramas da redução dos custos de reciclagem em 2015.

Fonte: MOG, W. 2015.

Aqui as casa unifamiliares atendem novamente ao princípio de adequação, pois as formas construídas a partir do projeto e suas tecnologias construtivas são manipuláveis e adaptáveis em função da escala construtiva. Várias casas tiveram a sua forma original modificada, assim como a sua função, a partir de ampliações do espaço construído, seja lateralmente, ou no fundo do lote. Esta facilidade em transformar o projetado sem desestruturar o conjunto reduz os custos de reciclagem, pois as formas originais podem ser reconfiguradas em função das formas acrescentadas no tempo. Já nos blocos multifamiliares tais modificações são mais limitadas, pois a tecnologia construtiva é distinta e a escala da forma edificada é maior do que no caso anterior. Aqui, os blocos originais e suas formas são reconhecíveis no todo reinventado evidenciando a dificuldade de associação entre o projeto e as suas transformações no tempo. Estas manipulações sucessivas corresponderam a edificações novas e não a acréscimos pontuais como nas casas unifamiliares. Junto dos blocos habitacionais surgiram uma série de garagens, comércios e serviços que desestruturaram a ordem original, portanto o custo de reciclagem nestes locais é maior em função da necessidade de uma adequação que atinge a estrutura do espaço construído. Da mesma forma como na variável anterior, esta também estava pouco presente na realidade inicialmente ocupada das áreas verdes, logo o custo para tornar adequada a moradia nestas áreas não foi pequeno. As moradias em função da sua irregularidade não estavam previstas no projeto original. Além disso, as infraestruturas vieram depois das moradias invertendo o processo de implantação normal de um conjunto habitacional quando as primeiras tendem a preceder as segundas. Contudo, uma vez corrigida a relação forma edificada e infraestrutura, nota-se que o espaço passou a apresentar uma capacidade de reciclagem espacial sem grandes custos em função da escala dos materiais e das tecnologias empregadas. A madeira é muito utilizada nas construções destas áreas o que também denuncia um nível de precariedade do espaço construído apesar deste ser adaptável.

Nenhum dos três espaços inicialmente estava adequado ao cotidiano das pessoas que os ocuparam, pois os três passaram por transformações. Contudo, em função das cinco variáveis citadas, a área das casas unifamiliares apresentou um nível de adequação mais elevado, desde o principio, em função de uma capacidade de adaptação maior. Ao contrário, as áreas verdes passaram por um processo de recriação estrutural quando ocupadas, pois a forma inicial não se apresentou adequada ao uso cotidiano de espaço público em função da ausência dos equipamentos necessários. Já as áreas dos blocos se encontram no meio termo entre

os dois casos anteriores, pois apresentaram certa capacidade de adaptação, mas com algumas restrições oriundas do projeto.

A forma urbana implantada no contexto unifamiliar se mostrou aberta às alterações ao manter a sua estrutura original no tempo, pois esta viabilizou as generalidades do processo de transformação do espaço físico em que a forma inicial do projeto não representou uma barreira para as mudanças posteriores. Já a forma urbana do contexto multifamiliar se mostrou parcialmente adaptável ao cotidiano, pois as generalidades do processo foram pouco consideradas no projeto em função de uma estrutura edificada rígida, de maior escala, e pouco flexível às transformações ao longo do tempo. Aqui, o passado e o presente se encaixam, mas o resultado não é tão coeso e harmônico como no primeiro caso. Por último, a forma urbana relacionada às áreas verdes e públicas foi totalmente reconfigurada, pois a noção inicial de espaço público com equipamentos coletivos e comunitários configurando e animando estas parcelas não se realizou. As escolas foram os únicos equipamentos implantados nestas partes do conjunto, mas sem relação complementar com tais áreas verdes. Portanto, aqui as transformações apagaram o passado projetado, pois a implantação original desconsiderou as generalidades das formas e dos processos.

Hoje, cada uma das três partes do conjunto se encontra mais adequada do que no projeto originalmente implantado, mas isso não quer dizer que melhorias não precisam ser realizadas. As áreas verdes ocupadas são os espaços mais precários, pois passaram por um processo de transformação mais intenso e problemático em função da mudança total de uso do espaço rompendo com a estrutura original do projeto. São vários os pontos que precisam ser urbanizados e qualificados para atender minimamente as necessidades locais. Já as áreas dos blocos habitacionais não precisam de grandes intervenções como no caso anterior, mas apenas de algumas regularizações fundiárias entre as garagens, os comércios, os serviços, os blocos e os pátios internos. E, por último, as áreas das casas unifamiliares são as que precisam menos de intervenção, pois a sua estrutura é a mesma do passado com o acréscimo de algumas formas e de alguns usos além do residencial.

Apesar dos diferentes processos que conduzem aos diferentes resultados espaciais ao longo do tempo entre o projeto e a apropriação, é relevante comentar que as estruturas espaciais nos três cenários destacados apresentam algo em comum: *a busca de uma relação complementar entre os espaços públicos e privados*. É claro que a maneira como este objetivo é alcançado varia entre cada um dos casos, o que gera a forma como estas diferentes regiões se relacionam entre si e com o entorno do bairro em função das suas fronteiras. A seguir, objetiva-se entender como foram construídas estas relações entre espaços públicos e privados considerando os dois

momentos históricos nos três casos através da categoria analítica via-parcelamento-edificação com a intenção de compreender os tipos distintos de fronteiras dentro de um mesmo bairro que é o Guajuviras.

8.3. Vias, parcelamento e edificações: Espaço público e espaço privado

A principal diferença entre a situação original e a atual de ocupação é a densificação massiva do parcelamento, que aconteceu de diferentes formas, em cada uma das partes do conjunto. Logo, apesar de ser um único bairro, o Guajuviras pode ser entendido como um lugar que possui três regiões bem distintas entre si: as áreas das casas unifamiliares, as áreas dos blocos multifamiliares e as áreas verdes e públicas ocupadas irregularmente. Nas áreas das casas unifamiliares, as moradias foram ampliadas ocupando as faixas de recuo lateral e o fundo do lote enfatizando a relação entre o espaço público e o privado já previsto inicialmente. Já no eixo central, tal relação entre o público e o privado foi resgatada em função de uma série de usos comerciais e de serviços que ocuparam a faixa entre a via e os blocos afastados no centro do lote enquanto que, na interface das quadras dos blocos que dão para as unidades de vizinhança, a ocupação é predominantemente de garagens e acessos locais. Além destas duas situações existentes no tecido urbano atual do bairro, há também a densificação associada às ocupações irregulares tanto das áreas verdes como das alamedas. Estas apresentam um tecido irregular e pouco conectado com o entorno imediato diferentemente dos dois casos anterior. Nestas partes do conjunto, é comum a presença de becos e ruas sem saídas configurando enclaves espacialmente.

A coesão do tecido urbano e a sua capacidade de se adaptar as necessidades que surgem no tempo dependem de uma articulação complementar entre as vias, o parcelamento e as edificações. É na passagem entre a intimidade particular das edificações privadas e a coletividade compartilhada das vias públicas que o espaço resultante do parcelamento ganha vida cotidiana. Contudo, quando não há uma relação complementar entre estes três elementos, é normal que rupturas na ordem original surjam com a intenção de buscar uma relação mais direta entre o público das vias e o privado das edificações em função de um parcelamento reformulado. No presente caso, as três áreas destacadas experimentaram articulações distintas entre os âmbitos privados e os públicos dentro de um mesmo parcelamento projetado que em alguns casos precisou ser revisto no tempo a partir da apropriação.

Os espaços de cada uma destas áreas passaram por processos distintos de formação e adequação ao cotidiano em que o projeto original possui um papel central,

pois a diferença entre os processos de adequação está associada à relação entre as vias, o parcelamento e as edificações prevista no projeto. Estas três áreas apresentavam no projeto original relações distintas entre estes três elementos espaciais que condicionaram histórias distintas de consolidação e de adequação. A seguir, objetiva-se destacar tais histórias a partir da relação entre via, parcelamento e edificação.

1. *Via, parcelamento e edificação nas áreas das casas unifamiliares:* Neste tópico, pretende-se enfatizar a forma como o parcelamento original condicionou no tempo a consolidação do padrão relacional entre as vias e as edificações nos espaços correspondentes às áreas unifamiliares como mostra a Figura 60.



Figura 60: Relação do parcelamento com o padrão atual via/edificação na área unifamiliar.

Fonte: MOG, W. 2015.

Desde o princípio, a relação entre a via e as suas edificações lideiras demonstraram uma relação complementar responsável por estruturar as relações entre o público e o privado de forma coesa nas parcelas correspondentes às casas unifamiliares originais do conjunto implantado. Tal relação foi reafirmada em função da densificação construtiva do miolo dos quarteirões unifamiliares e da manutenção da noção de que a rua configura as edificações da mesma forma que as edificações configuram a rua dentro de um princípio de reciprocidade salutar para a apropriação

cotidiana. Aqui o parcelamento originalmente estruturado se manteve a partir de transformações que confirmaram esta lógica dialética entre via de acesso e lote edificado ao longo do tempo. É esta mesma relação que também viabilizou a manutenção das poucas áreas verdes e de uso público remanescentes do segundo processo de ocupação ou sub-ocupações. A maior parte dos trechos residuais de praças e de alamedas que ainda permanecem no espaço e no imaginário social como áreas de lazer é decorrente desta relação complementar e imediata de definição entre espaço público e espaço privado. Além das áreas verdes remanescentes, as áreas comerciais previstas no projeto inicialmente e qualificadas com usos diversos no tempo seguem esta mesma lógica do tecido urbano.



Figura 61: Comparação entre as casas unifamiliares no tempo.

Fonte: MENDEL, 2010 e MOG, W. 2015.

As imagens da Figura 61 demonstram esta relação complementar entre o público da via e o privado das edificações em função de um parcelamento que é preservado e qualificado no tempo. As edificações que eram semelhantes no início das ocupações passaram por mudanças que as tornaram distintas em função do

contato entre o espaço físico e o espaço social. As pessoas gravaram as suas identidades no espaço edificado garantindo uma diversidade de formas, cores e materiais que não prejudicou a coesão do conjunto.

2. *Via, parcelamento e edificação nas áreas dos blocos multifamiliares:* Neste tópico, pretende-se enfatizar a forma como o parcelamento original condicionou no tempo a consolidação do padrão relacional entre as vias e as edificações nos espaços correspondentes às áreas multifamiliares como mostra a Figura 62.

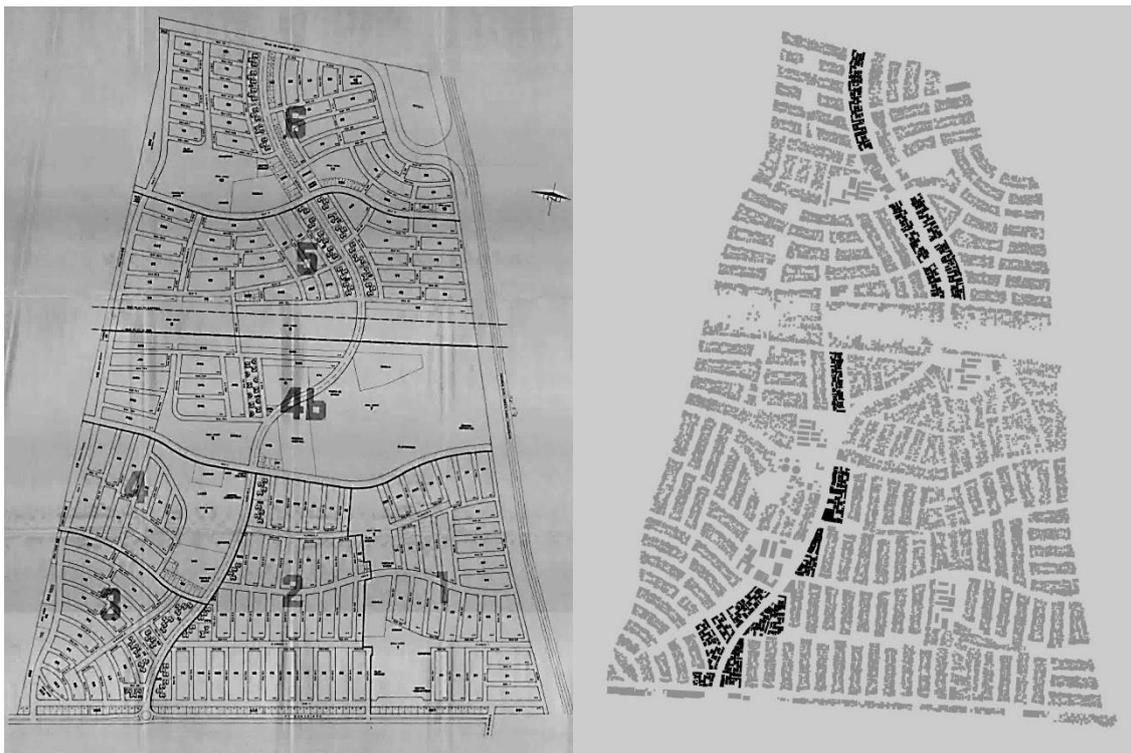


Figura 62: Relação do parcelamento com o padrão atual via/edificação na área multifamiliar.

Fonte: MOG, W. 2015.

Ao contrário do primeiro caso, as quadras dos blocos multifamiliares passaram por uma reformulação da forma urbana original ao longo do tempo que acabou gerando a necessidade de uma reconfiguração fundiária do parcelamento inicial. Os blocos de apartamentos soltos no centro dos lotes não configuravam as vias, assim como, as vias não configuravam os blocos diferentemente das casas unifamiliares no tópico anterior. Estes estavam distantes em demasia da via para promover uma passagem complementar entre os espaços privados e os públicos em uma área de grande centralidade do conjunto habitacional. Contudo, esta passagem começou a ganhar elementos no tempo que tornaram o espaço mais adequado ao uso cotidiano. Surgiram pequenas lojas, um número cada vez maior de comércio variados, alguns serviços, supermercados, farmácias, lotéricas, brechós, garagens na fachada dos

fundos das quadras além dos acessos para os pátios internos reconfigurados. Tais elementos promoveram uma nova configuração formal e de usos diversos para a avenida principal e uma nova estrutura para as quadras ocupadas periféricamente. A centralidade árida inicial da Avenida nº1 do Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti se transformou na centralidade dinâmica e movimentada da Avenida 17 de Abril do Bairro Guajuviras considerada por todos como o principal ponto de encontro do bairro. Hoje, a faixa da avenida principal junto ao acesso da Avenida Boqueirão se tornou o ponto mais movimentado não só do bairro, mas de toda a região em que o Bairro Guajuviras está inserido em função de uma variedade de usos intensiva. Contudo, tal variedade diminui na medida em que se percorre a avenida principal até o limite norte do bairro onde esta não tem continuidade em função das ocupações irregulares que fazem fronteira com o Bairro Guajuviras. Mesmo assim, ainda que pontuais nesta parcela do conjunto, os estabelecimentos promovem a mesma relação morfológica com a rua garantindo a lógica complementar adquirida ao longo do tempo entre os espaços privados e os públicos do tecido urbano junto aos blocos multifamiliares.



Figura 63: Comparação entre os blocos multifamiliares no tempo.

Fonte: MENDEL, 2010 e MOG, W. 2015.

As imagens presentes na Figura 63 evidenciam esta reconstrução da interface entre o público e o privado no tempo. A imagem superior mostra a falta de relação complementar entre os edifícios habitacionais e a rua que começa a ser recuperada com algumas edificações pontuais no período das primeiras ocupações. Com o tempo, estas edificações deixaram de ser pontuais e passaram a representar verdadeiros corredores comerciais e de serviços responsáveis pela configuração e por parte do movimento da via. A imagem inferior demonstra o panorama atual da Avenida 17 de Abril e seu variado conjunto comercial e de serviços que atende todo o bairro.

3. *Via, parcelamento e edificação nas áreas verdes ocupadas:* Neste tópico, pretende-se enfatizar a forma como o parcelamento original condicionou no tempo a consolidação do padrão relacional entre as vias e as edificações nos espaços correspondentes aos verdes ocupados irregularmente como mostra a Figura 64.

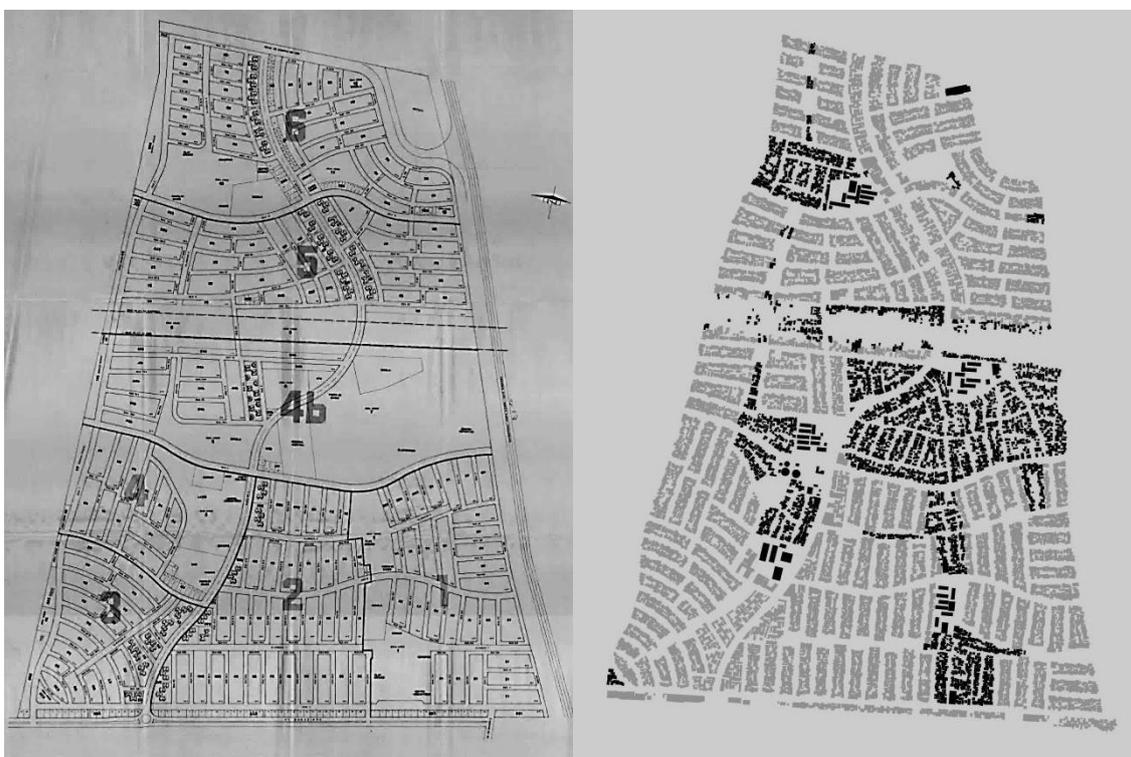


Figura 64: Relação do parcelamento com o padrão atual via/edificação nos verdes ocupados.

Fonte: MOG, W. 2015.

Nesta parte do conjunto, o parcelamento original é irreconhecível, pois o conceito do projeto de promover grandes espaços verdes animados por uma série de equipamentos comunitários e coletivos não se concretizou. Dos equipamentos previstos apenas as escolas foram realizadas sem estabelecer qualquer tipo de relação complementar com as áreas verdes. Da mesma forma as alamedas se tornaram na implantação materializada apenas áreas de passagem perdendo a

característica de permanência idealizada no anteprojeto. O resultado no tempo não poderia ser outro em função da grande demanda habitacional não atendida na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) e em Canoas mais especificamente. O parcelamento que inicialmente previa então grandes áreas verdes conectadas por alamedas foi reinventado quando ocupado. Edificações irregulares passaram a ser construídas em meio as grandes matas ociosas de eucalipto pouco apropriadas como áreas de lazer pelos moradores já residentes no conjunto habitacional. Da mesma forma as alamedas e principalmente os trechos configurados pelas laterais dos lotes experimentaram uma ocupação residencial que conectou os tecidos edificados das quadras adjacentes às mesmas. Logo, tanto as ocupações das grandes áreas verdes como as das alamedas bloquearam o sistema de circulação dos pedestres idealizado inicialmente em função do projeto. Contudo, tais ocupações também resgataram uma relação mais estreita entre o público das vias e o privado das edificações mesmo que neste caso tal relação apresente uma característica precária e degradada espacialmente.



Figura 65: Comparação entre as áreas verdes ocupadas no tempo.

Fonte: PENNA, 1998 e MOG, W. 2015.

As imagens da Figura 65 mostram a ruptura total da estrutura original do projeto. As grandes áreas verdes do conjunto habitacional utilizadas esporadicamente como pontos de encontro em função da não execução dos equipamentos comunitários como mostra a imagem superior se transformaram em becos labirínticos como evidencia a imagem inferior. Contudo, assim como nos dois casos anterior, merece destaque a construção da interface entre o público e o privado no tempo. A noção de rua configurada por edificações foi reinventada na dimensão do cotidiano pelas pessoas. Paulatinamente, as grandes massas verdes abandonadas foram sendo parceladas em função da arquitetura construída no dia-a-dia produzindo novos tecidos urbanos nos interstícios do tecido original.

O processo de adequação vinculado às capacidades de estabilidade e de manipulação do espaço produziu algumas mudanças entre as noções preconizadas no projeto para a implantação do conjunto e o resultado parcial após a adaptação do espaço ocupado. Fronteiras que a princípio estavam restringidas à população no projeto implantado foram abertas enquanto outras que aparentemente estavam abertas segundo a estrutura original foram restringidas ao longo do tempo. A fronteira que foi aberta corresponde ao trecho sinuoso da Avenida 17 de Abril que inicialmente foi pensada para ser percorrida de carro, mas a maneira como o espaço entre os blocos e a via foi ocupado gerou um espaço que estimulou o convívio e a troca entre os moradores. Já a fronteira que foi restringida corresponde às áreas verdes ocupadas que inicialmente tinham sido destinadas como os pontos de encontro dos moradores do conjunto segundo o conceito do anteprojeto. Entretanto, acabaram se tornando espaços reclusos espacialmente e verdadeiros obstáculos espaciais entre as unidades de vizinhança originais.

O espaço é dinâmico e histórico por princípio, logo o que era ontem pode não ser mais hoje e o que não era ontem pode ser hoje. Cada uma das três áreas destacadas aqui conta a sua história de formação em função da sobreposição dos tempos no espaço transformado. Um espaço que foi pensando como uma área de transição pode se tornar uma grande centralidade de permanência enquanto que um espaço que foi projetado para integrar pode gerar um profundo processo de segregação. Cada espaço guarda, então, as suas diferentes especificidades adquiridas ao longo do tempo dentro de um percurso histórico, contudo em alguns casos este trajeto está mais presente do que em outros. Ao se observar a manutenção da estrutura nas áreas das casas unifamiliares, é possível identificar claros traços do passado nas fachadas edificadas e na sua relação local com a rua. Contudo, esta relação começa a se tornar um pouco menos evidente junto dos blocos multifamiliares

que ainda permanecem, mas deixaram de ser o primeiro plano da paisagem que hoje é ocupado por uma série de garagens, comércios e serviços variados. Já nas áreas verdes ocupadas, o passado é irreconhecível para quem observa a situação atual. As grandes áreas verdes e as alamedas bucólicas e arborizadas podem ser encontradas agora apenas no projeto ou na memória de quem viveu o período inicial de ocupação. A Tabela 8 a seguir evidencia estas diferenças ao enfatizar a relação entre o projeto original e o tipo de transformação da forma urbana em função das vias, dos parcelamentos e das edificações nos três casos.

ADAPTAÇÕES DAS ADEQUAÇÕES	Casas unifamiliares	Blocos multifamiliares	Verdes ocupados
VIA PARCELAMENTO EDIFICAÇÃO	Predominância de mudanças a partir do projeto original	Mistura de mudanças a partir e contra o projeto original	Predominância de mudanças contra o projeto original

Tabela 8: A relação via-parcelamento-edificação entre o projeto e a apropriação no Guajuviras.

Fonte: MOG, W. 2016.

A questão que se apresenta agora, após esta análise de cunho físico e espacial, é de que forma estas transformações influenciaram e alteraram a maneira como o projeto idealizava o cotidiano originalmente resultando na dinâmica cotidiana atual do bairro? Para tal é fundamental entender como estavam articulados os percursos no âmbito do projeto original e como estes se materializam hoje, pois desta forma é viável compreender como as três áreas caracterizadas aqui interagem entre si e com a cidade cotidianamente. A construção destes percursos que atravessam as fronteiras entre os espaços de maneiras diversas depende da associação entre a paisagem observada e as lembranças vividas pelos moradores. Logo, na terceira e última parte da análise do estudo de caso, estas questões surgem em função da composição de um relato da imagem pública e coletiva do bairro baseada nos registros fotográficos e nos questionários abertos realizados com os moradores das três áreas destacadas.

CAPÍTULO 9:

ENTRE OS PERCURSOS DO PROJETO E DAS APROPRIAÇÕES

Esta terceira e última parte da análise objetiva ingressar no espaço vivido pelas pessoas. Aqui o foco está nos percursos desenvolvidos no âmbito do cotidiano e na sua relação conflitante, ou não, com os princípios do projeto originalmente concebido. Entende-se que o ato de caminhar, realizado cotidianamente pelos moradores do Bairro Guajuviras, através das diferentes fronteiras dos espaços mapeados na parte analítica anterior, evidencia o tipo de relação entre as pessoas e as diferentes escalas espaciais entre a casa e a cidade. Desta forma, o que foi destacado do ponto de vista do espaço físico, anteriormente, agora ganha vida, em função do espaço social que se materializa em função das dinâmicas cotidianas atuais. Assim como as anteriores, esta parte também está dividida em três tópicos.

No primeiro tópico, pretende-se destacar o contraste existente entre a paisagem resultante do projeto do passado e a paisagem resultante das apropriações no tempo em função do diário de campo do primeiro percurso desenvolvido pelo pesquisador no lócus do estudo de caso. Neste momento, o olhar é do indivíduo que está distante das dinâmicas cotidianas locais e que ingressa na intimidade do Bairro Guajuviras a partir da coletividade da cidade de Porto Alegre. Durante este trajeto, a realidade cotidiana do caso estudado e das suas três regiões particulares começa a ser introduzida na medida em que acontece o deslocamento do pesquisador.

Em seguida no segundo tópico, após a introdução inicial, o cotidiano é aprofundado. Pretende-se compreender como as pessoas que moram no local atualmente percorrem o espaço do bairro entre a casa e a cidade em função da construção de um relato da imagem do Bairro Guajuviras baseado nas lembranças vividas no tempo e no espaço. Aqui a palavra passa do pesquisador para os moradores das diferentes regiões do Bairro Guajuviras que problematizam as realidades contrastantes do bairro a partir de questionários abertos. Logo, as tensões entre o projeto e as apropriações abordadas fisicamente no capítulo anterior adquirem uma vestidura social neste tópico.

E, por último, no terceiro tópico de análise, objetiva-se entender como funcionam as diferentes fronteiras existentes no Bairro Guajuviras entre as três regiões já destacadas em função dos percursos relatados pelos diferentes moradores entre a casa e a cidade. Neste momento, o deslocamento se dá no sentido oposto do realizado pelo pesquisador no primeiro momento deste capítulo. Aqui a problemática está focada nas diferentes fronteiras do bairro cruzadas pelos moradores das três regiões distintas durante os percursos entre as suas casas e a cidade do entorno.

Portanto, configuram-se três trajetos distintos que representam realidades cotidianas antagônicas dentro de um mesmo lugar que é o Bairro Guajuviras.

A seguir, estes três tópicos são apresentados configurando o terceiro capítulo de caráter social da parte empírica do presente estudo de caso.

9.1. A redescoberta do cotidiano: Paisagem observada e recordada

Percorrer o espaço é essencial na compreensão das suas dinâmicas cotidianas. Quando se fala de bairros periféricos e distantes dos núcleos urbanos mais movimentados, os percursos que conectam bairro e cidade tendem a ser problemáticos na medida em que as condições de deslocamento não são as mais adequadas. O percurso que conecta o centro da cidade de Porto Alegre ao Bairro Guajuviras em Canoas está inserido nesta lógica, principalmente se o trajeto for percorrido de transporte público e especialmente de ônibus. A seguir, objetiva-se problematizar este trajeto em função do diário de campo do pesquisador referente ao primeiro contato com o bairro e seus moradores:

Porto alegre, 17 de Abril de 2015.

O deslocamento em direção ao Bairro Guajuviras inicia na Elevada da Conceição. Mais especificamente sob o viaduto que corta o tecido urbano da capital do Rio Grande do Sul. Espaço normalmente frequentado apenas pelas pessoas que precisam pegar o seu ônibus depois de um dia de trabalho no centro e retornar para as suas casas na região metropolitana. Portanto, estar neste lugar já é compreender um pouco do espaço social dos bairros periféricos e das suas dinâmicas cotidianas. O terminal está inserido entre a Avenida Farrapos e a Rua Alberto Bins no centro de Porto Alegre. Os robustos pilares vermelhos marcam a paisagem e delimitam o espaço nas suas laterais como mostra a imagem na Figura 66. De um dos lados entre os pilares estacionam os ônibus em sua maioria de cor azul o que identifica a procedência metropolitana enquanto que do outro lado entre os pilares uma série de pequenos comércios está localizada. São fruteiras, lancherias, bancas de jornal, além dos sanitários públicos onde se concentram moradores de rua atirados no chão dormindo. O cheiro de fritura característico do lugar se combina com os odores oriundos dos banheiros públicos em péssimas condições de manutenção. Andar por este lugar é andar por uma parte da Região Metropolitana de Porto Alegre inserida no centro da capital.



Figura 66: Terminal de ônibus metropolitanos sob a Elevada da Conceição em Porto Alegre.

Fonte: GOOGLE EARTH, 2015.

Entre idas e vindas, longas filas de pessoas se aglomeram entre os ônibus e os pequenos comércios. Sempre há gente chegando e gente partindo neste local. Enquanto a velocidade do cotidiano da capital marca presença na parte de cima do viaduto em função dos veículos que o percorrem em alta velocidade, na parte de baixo, ônibus estacionados são desocupados e ocupados lentamente por pessoas que trabalham na capital, mas moram bem longe dali. Ao observar a distinção entre a paisagem de cima e a paisagem de baixo, me recordo da oposição proposta por Milton Santos (2006) entre os *homens rápidos* e os *homens lentos* discutida nas aulas de Sociologia do Território durante o Mestrado em Planejamento Urbano e Regional. Aparentemente tal contraste se materializava naquele local.

O percurso que marcou o meu primeiro contato com o Bairro Guajuviras começa neste lugar. Para mim este sempre foi um espaço de transição, pois fazia parte do meu trajeto entre a casa e a Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Descia do ônibus na Avenida Voluntários da Pátria e atravessava a Elevada da Conceição por baixo até chegar à escadaria junto da Igreja em frente à Praça São Sebastião reformada recentemente para então descer a Rua Sarmento Leite e chegar à universidade. Contudo, no dia 17 de abril de 2015 este trajeto que sempre marcou o meu cotidiano foi interrompido sob o viaduto junto da Rua Alberto Bins no terminal da Linha Guajuviras via Assis Brasil. O que sempre representou momentos de transição se transformou em permanência até a chegada da Linha Guajuviras para eu iniciar o meu trajeto.

Às 9 horas e 30 minutos, o ônibus chega e com ele um barulho ensurdecido oriundo do velho motor que possivelmente tenha movimentado o veículo diversas

vezes ao longo do tempo e do percurso até o bairro. Ingresso no veículo e me surpreendo com o cenário colocado. Fazia tempo que não entrava nestes ônibus em que o interior é todo de metal e os bancos de um material marrom que imita couro. Parecia que estava voltando para um tempo passado onde os interiores dos ônibus marcados pelos materiais plásticos ainda não existiam. Junto à catraca, pergunto para o cobrador quanto tempo leva para o ônibus chegar ao Guajuviras e ele me responde que entorno de uma hora. Pago a passagem e agradeço a informação. Havia marcado com o meu interlocutor no bairro às 11 horas da manhã na Escola Municipal de 1º Grau Guajuviras I localizada entre os Setores 1 e 2.

O trajeto entre o centro da capital e o Bairro Guajuviras é marcado por paisagens bem diferentes o que significa uma série de descontinuidades no tecido urbano. Até a Avenida Assis Brasil junto do Bairro Sarandi no extremo norte de Porto Alegre a relação complementar entre o público das ruas e o privado dos lotes permanece. Contudo, tal relação se perde quando a Linha Guajuviras passa pela FIERGS e atravessa a BR 290. Aqui surge o contexto rodoviário do percurso comum para a maioria dos ônibus metropolitanos como mostra a imagem na Figura 67.



Figura 67: Trecho da Avenida Assis Brasil junto ao viaduto da BR 290.

Fonte: GOOGLE EARTH, 2015.

Este cenário rapidamente é transformado quando o veículo cruza o Rio Gravataí através da ponte e ingressa no município de Cachoeirinha. A relação complementar de antes surge novamente em função do centro comercial da cidade por onde o ônibus passa. Mas esta relação não demora a se perder novamente, pois logo após ter ingressado na Avenida Flores da Cunha em Cachoeirinha, o ônibus realiza um retorno para seguir caminho pelo distrito industrial do município. A

paisagem agora é marcada por pavilhões e grandes depósitos soltos em lotes cercados por grades ou muros (Figura 68). Esta permanece como cenário até a Linha Guajuviras romper a fronteira entre o município de Cachoeirinha e o de Canoas. Aqui a paisagem retoma mais uma vez algumas características perdidas através de um tecido caracterizado pelo predomínio residencial com algumas áreas esporádicas de comércio e de lazer. Este é o contexto urbano atravessado pelo veículo longitudinalmente no Bairro Estância Velha antes de chegar à Avenida Boqueirão que representa o limite norte deste bairro e a porta de entrada do Guajuviras.



Figura 68: Trecho do Distrito Industrial de Cachoeirinha.

Fonte: GOOGLE EARTH, 2015.

O bairro é acessado através do entroncamento entre a Avenida Boqueirão e a Avenida 17 de Abril. Neste ponto, localiza-se a rótula com a árvore símbolo do bairro e o letreiro “Território de Paz”. Este slogan desenvolvido pelo poder público corresponde aos lugares onde em teoria a criminalidade foi minimizada. Contudo, o cotidiano do bairro evidencia outro panorama em que diferentes realidades se misturam e se confrontam. O cenário que se apresenta agora é único considerando todo o trajeto realizado até aqui. O Bairro Guajuviras em função da maneira como foi ocupado apresenta uma paisagem toda particular em que o mosaico dos tempos se encaixa de diferentes formas.

Desço na primeira parada após o ingresso do ônibus na Avenida 17 de Abril. Entretanto, a sensação é de descer dentro de um dos tantos comércios irregulares do conjunto que se apropriam da calçada com seus produtos e seus artigos de venda. Inicialmente o que existia neste lugar eram apenas as estruturas inacabadas dos blocos multifamiliares projetados. Pouco a pouco os moradores ou os antigos

ocupantes foram ocupando o espaço e reestruturando o mesmo em suas múltiplas escalas entre a coletividade da rua e a intimidade dos blocos. A paisagem resultante é uma mescla entre uma série de garagens, comércios e pequenos serviços no primeiro plano junto da rua e os blocos do passado não rebocados no segundo plano no centro das quadras como mostra a imagem na Figura 69. Este trecho é o mais movimentado do bairro em função dos atrativos oferecidos pelo local. Pessoas e automóveis cruzam o espaço cotidianamente produzindo uma atmosfera um tanto caótica junto da principal entrada do bairro.



Figura 69: Trecho inicial da Avenida 17 de Abril no Guajuviras.

Fonte: MOG, W. 2015.

O percurso no bairro continua nas áreas unifamiliares que, assim como a área central dos blocos multifamiliares, também apresentam um mosaico temporal, mas de uma forma mais sutil. Aqui os moradores mantiveram a estrutura original das casas promovendo acréscimos que contribuiriam com a densidade construtiva encontrada no local. Ao ingressar em uma das ruas principais que corta os setores habitacionais e se conecta com a Avenida 17 de Abril, a repetição das casas unifamiliares guarda o princípio modular do projeto original. Esta característica presente na paisagem deste trecho impossibilita a localização precisa no espaço para quem entra pela primeira vez ao contrário das áreas dos blocos em que a diversidade espacial é maior.

Há poucos elementos de referência significativos nesta parte do conjunto, logo as ruas mais locais são todas muito parecidas. Entrar numa destas ruas significa entrar em todas, pois o padrão é muito semelhante como mostra a imagem na Figura 70. Aqui as casas unifamiliares configuram corredores habitacionais com a presença de algumas árvores pontuais na paisagem. Estes locais pacatos dentro do Bairro

Guajuviras representam os espaços que passaram por modificações mais discretas desde o projeto original. Portanto, as casas ainda nutrem uma relação direta com o passado projetado.



Figura 70: Imagem de uma das ruas locais percorridas na área unifamiliar do bairro.

Fonte: MOG, W. 2015.

O meu senso de localização só retorna quando chego à Escola Municipal de 1º Grau Guajuviras I onde tinha combinado de me encontrar com o meu interlocutor no bairro, o professor de história Rodrigo Mendel. Conheci o meu interlocutor através de um colega da disciplina Oficina de Etnografia cursada na Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Este último me passou o contato do Rodrigo que organiza um *blog* na internet com o objetivo de resgatar a história do bairro através das suas memórias coletivas.

Ingresso no pátio interno da escola e sou bem recebido tanto pelos alunos como pelo Rodrigo que me passa uma quantidade considerável de documentos históricos sobre o bairro de suma importância para o meu trabalho. Agradeço a contribuição e ao me despedir, ele comenta sobre uma passeata que iria acontecer naquele dia à tarde na avenida principal em homenagem ao aniversário do dia da ocupação ocorrida em 1987 evidenciando o vínculo estreito ainda existente entre os moradores e a origem do bairro. Despeço-me e retomo o meu percurso em direção à entrada principal do bairro por um caminho diferente. Decido percorrer uma das alamedas restantes do traçado original localizada junto a uma ocupação irregular e por onde os pedestres circulariam para acessar as áreas verdes e as demais unidades de vizinhança segundo o projeto.

Início o meu trajeto de retorno junto a um dos acessos da ocupação informal onde observo a precariedade do espaço habitacional. Neste lugar, se desenvolve uma das únicas alamedas remanescentes do projeto e é através dela que realizo o meu percurso em direção à parada do ônibus na entrada do bairro. Este lugar de característica linear intercala trechos de pracinha com trechos de depósito de lixo configurando uma paisagem segmentada bem distante da idealizada no projeto urbano para o conjunto habitacional (Figura 71). O que havia sido planejado como um espaço de conexão entre as diferentes áreas do conjunto, ao longo do tempo se transformou em um espaço em grande parte abandonado com alguns usos pontuais.



Figura 71: Acesso da área informal junto da empena no segundo plano e pracinha no primeiro.

Fonte: MOG, W. 2015.

Após atravessar o tecido urbano da área das casas unifamiliares através desta alameda, chego novamente na avenida principal onde espero pacientemente o mesmo ônibus que me trouxe com os meus pensamentos. Há exatos 28 anos, aquele lugar estava sendo ocupado naquele dia 17 de Abril de 1987. Hoje após quase três décadas de história, o lugar é outro bem diferente do que era no princípio. As pessoas residentes transformaram o bairro em associação com as suas histórias de vida. Elas fazem parte do bairro assim como o bairro faz parte delas. A paisagem foi gradualmente construída a partir das pedras que edificaram e completaram os prédios inacabados enquanto as memórias foram construídas a partir das lembranças que se sustentaram em função destas pedras que são concretas e simbólicas ao mesmo tempo. Depois de algum tempo que não sei mensurar ao certo, o ônibus chega à parada e retorno para Porto Alegre em um veículo ainda mais antigo do que o da ida (Figura 72).



Figura 72: Interior do ônibus Linha Guajuviras via Assis Brasil.

Fonte: MOG, W. 2015.

Ao comparar o anteprojeto e o projeto para o Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti com a paisagem observada neste primeiro percurso, é evidente a ruptura entre a forma de circulação projetada e a forma de circulação materializada. Os passos das pessoas reinventaram os percursos idealizados pelo projeto do conjunto. Tanto o anteprojeto como o projeto implantado evidencia a ideia de promover o espaço do carro e o espaço do pedestre de maneira separada. São poucos os pontos em que estas duas variáveis da circulação do conjunto se sobrepõem no território com exceção das zonas residenciais mais locais. Entretanto, a hierarquia prevista inicialmente entre o carro e o pedestre já não existe mais, pois a circulação dos pedestres através das áreas verdes interconectadas pelas alamedas se perdeu com as sucessivas ocupações irregulares do conjunto. Tais espaços foram manipulados ao longo do tempo e adequados ao cotidiano da população ocupante. Como evidenciam as imagens a seguir (Figura 73), estas alterações produziram uma série de barreiras para os percursos dos pedestres.

A princípio o carro percorreria o conjunto de forma periférica e entre as unidades de vizinhança sem atravessá-las (trajeto em vermelho) enquanto as pessoas percorreriam as alamedas e as áreas verdes cruzando as unidades e acessando as zonas mais interiores do espaço habitacional (trajeto em azul). Contudo, quando as áreas verdes foram ocupadas, os pontos de encontro comunitário e de circulação dos pedestres segundo o projeto se perderam com o tempo e junto com estes a continuidade dos percursos internos ao conjunto como evidencia a segunda imagem na Figura 73.

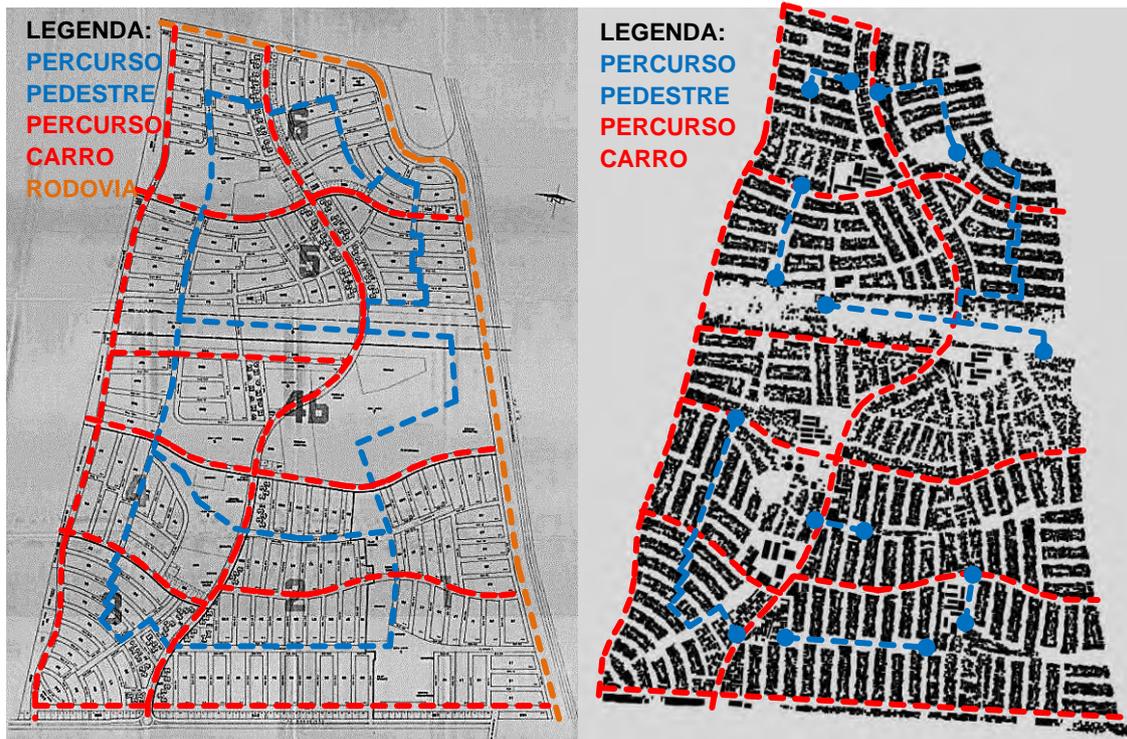


Figura 73: Comparação entre os percursos pensados no projeto e os da atualidade.

Fonte: MOG, W. 2016.

Este bloqueio da continuidade dos percursos dos pedestres se deu em função de duas variáveis que se complementam no tempo. Primeiramente, a não execução de uma série de equipamentos comunitários nos grandes espaços de uso comum e a relação indireta entre espaços públicos e privados nas alamedas e nas áreas verdes configuradas pelas laterais ou pelos fundos dos lotes. Além desta questão decorrente da implantação do projeto, a segunda variável decorre dos moradores das sub-ocupações que encontraram estas áreas subutilizadas e as ocuparam construindo as suas moradias de forma irregular. Os padrões espaciais destas partes do espaço projetado que não convidavam ao encontro juntamente com a forma de ocupação irregular geraram um espaço segmentado em que os percursos dos pedestres idealizados inicialmente foram interrompidos no tempo.

Como consequência desta relação entre implantação e ocupação, o sistema de circulação dos pedestres foi reformulado e retraduzido sobre o sistema de circulação dos carros. Entretanto, a problemática não está na sobreposição em si, pois a convivência entre veículos automotores e pessoas é uma constante nas cidades em geral. A questão está na forma como tal relação se processou ao longo do tempo sobrecarregando algumas partes do parcelamento e isolando outras. Enquanto a circulação do carro seguia uma lógica centrífuga de dentro para fora, a circulação dos pedestres seguia uma lógica centrípeta de fora para dentro segundo o anteprojeto.

Portanto, quando a forma de circulação centrípeta dos pedestres no âmbito do projeto passou a seguir uma lógica centrífuga assim como a dos carros após as sucessivas ocupações, ocorreu no cotidiano uma limitação das possibilidades de circulação dos pedestres no interior do conjunto.

Este processo produziu uma redução da integração entre as unidades de vizinhança em função das sub-ocupações, pois a maioria dos percursos passou a convergir para fora do conjunto através de um único ponto, a Avenida 17 de Abril. Hoje, os percursos realizados pelos pedestres no Bairro Guajuviras estão associados ou à Avenida 17 de Abril ou às suas perpendiculares principais onde o carro teria o papel de protagonista segundo o projeto. Entretanto, o que se observa é algo bem diferente. O carro está lá cada vez mais frequente, mas a figura do pedestre rouba a cena, pois a forma de apropriação é intensiva e está marcada na paisagem observada.

Dentro desta dinâmica, enquanto algumas áreas internas do conjunto experimentaram um processo de integração intensivo com a cidade, outras parcelas se afastaram da cidade e também do restante do conjunto habitacional espacialmente. Hoje, a Avenida 17 de Abril e o seu núcleo comercial principalmente junto à Avenida Boqueirão são acessados e percorridos intensamente enquanto as sub-ocupações se tornaram enclaves em que apenas a população local circula. Logo, as fronteiras escalares entre a cidade e os apartamentos dos blocos voltados para a principal avenida do bairro são facilmente encontradas e atravessadas enquanto que as fronteiras entre a cidade e as casas das sub-ocupações são mais problemáticas de encontrar e de atravessar. Estas segundas estão escondidas e embrincadas no meio do tecido regular do bairro dificultando o acesso. Já as primeiras estão evidentes na paisagem do bairro e no imaginário da região o que facilita o acesso.

Separar o fluxo dos pedestres e o fluxo dos carros foi um equívoco, pois as ocupações irregulares acabaram resultando na restrição do primeiro que acabou se associado ao segundo produzindo a sobreposição entre ambos. Uma vez transformado o espaço do bairro, as noções de circulação e de percurso desenvolvidas no anteprojeto e no projeto original se perderam. A forma como os fluxos estavam organizados e hierarquizados foi totalmente reinventada no cotidiano. Estas mudanças aconteceram em todas as escalas entre a casa e a cidade passando pelo bairro e aparecem de forma diferente nas variadas paisagens do Guajuviras. O sistema viário interno ao conjunto foi reestruturado em função das ocupações irregulares. Já o sistema viário externo de conexão com a cidade foi restringido à Avenida Boqueirão em função da não execução de vias importantes como o prolongamento da BR 386 e a Freeway Porto Alegre-Novo Hamburgo marcadas em laranja na Figura 73. Isso alterou a forma como o projeto pensou o cotidiano das

peças que passaram a percorrer e a habitar o espaço de maneira distinta da idealizada inicialmente.

A paisagem até aqui relatada entre o projeto e as apropriações foi redescoberta cotidianamente em função das memórias vinculadas ao primeiro percurso realizado no bairro pelo pesquisador. Resta agora aprofundar este cotidiano a partir das memórias de quem mora no local e o observa há mais tempo. A seguir, objetiva-se construir um relato sobre a imagem do bairro resultante do acúmulo das paisagens lembradas pelos moradores em função dos seus percursos entre a casa e a cidade na atualidade.

9.2. Quando o Guajuviras vira lar: Do conjunto projetado ao bairro relatado

O Guajuviras apresenta diferentes memórias entre o Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti projetado e implantado no passado e o Bairro Guajuviras ocupado e apropriado no tempo. Os moradores locais guardam em suas lembranças vividas a história do lugar. São diferentes recordações em diferentes contextos espaciais percorridos cotidianamente por personagens variados e representantes de uma classe trabalhadora que ainda hoje luta pelos seus direitos. Estes são: estudantes e domésticas, aposentados e desempregados, vigilantes e seguranças, enfermeiras e auxiliares de enfermagem, doceiras e cozinheiras, funcionários públicos e representantes, manicures e costureiras, metalúrgicos e ajudantes de carga e descarga, operadoras de telemarketing e caixas operadoras, açougueiros e soldadores, vendedores e motoristas¹⁵. Cada um tem o seu percurso diário e suas lembranças para contar. Lembranças estas que representam o Bairro Guajuviras.

Com base nos questionários abertos realizados com os moradores do Guajuviras, objetiva-se agora realizar um relato sobre o cotidiano do bairro percorrido por eles em função do trajeto diário entre a casa e a cidade. Logo, os questionários problematizam o percurso entre a intimidade da casa e a coletividade da cidade procurando enfatizar a forma como os moradores locais se apropriam dos espaços e se relacionam com eles e com os demais moradores e usuários em função da configuração espacial do bairro. Visões e posições distintas e até mesmo antagônicas surgem neste processo de questionamento sobre o cotidiano. Logo, a análise não pretende nesta parte construir um discurso linear e coeso sobre o bairro, mas cruzar informações para buscar relações qualitativas do espaço desconsiderando o caráter quantitativo dos questionários que também está presente, mas não é o essencial.

¹⁵ Ver relação completa dos 45 moradores do Guajuviras entrevistados nos Anexos deste trabalho.

Quem ingressa pela primeira vez no “Guaju” se surpreende com as condições de moradia do local. A imagem inicial do bairro choca, pois a forma como o território está organizado apresenta muitas precariedades que prejudicam as relações cotidianas. Os espaços projetados do conjunto habitacional original se intercalam com os espaços irregulares das sub-ocupações gerando um espaço recortado em que a pobreza e os problemas de infraestrutura aparecem como mostram as imagens a seguir (Figura 74).



Figura 74: Áreas ocupadas irregularmente caracterizam a precariedade do bairro.

Fonte: MOG, W. 2015.

Alguns depoimentos destacam estas precariedades vinculadas aos espaços das ocupações irregulares das áreas verdes como algo surpreendente enfatizando a necessidade de melhorias nestes locais.

“Quando eu vim para cá eu me assustei porque eu vi muita pobreza. Podiam dar mais atenção para as pessoas da vila. Aqui a principal ainda é tranquilo. Os colégios não tem estrutura, se chove, não tem aula (MBM-01, 19/11/2015).”

Juntamente com a pobreza, o bairro também é marcado por uma imagem de criminalidade. São correntes os casos de violência que surpreendem moradores e usuários do local produzindo sentimentos de medo e insegurança no dia-a-dia. Não se sabe quando e onde algum crime ou tipo de violência irá acontecer. Este clima de incerteza acaba por contribuir com a imagem depreciativa do bairro.

“Ultimamente está havendo muita violência. Muita matança. Não tem horário. Assim como está calmo daqui a pouco tu houve um tiroteio

que normalmente eu penso que é um cano de moto, mas é uma pessoa que morre (MBM-05, 19/11/2015).”

Pobreza e criminalidade são duas variáveis dentro do conjunto, mas o bairro não é constituído apenas disto. Há qualidades que, ao invés de afastarem as pessoas em função do medo, as aproximam como o comércio pulsante da Avenida 17 de Abril. Na avenida ou na principal como é chamado o centro comercial do bairro se encontra de tudo e por um preço acessível. São várias lojas marcando a imagem do Guajuviras de forma positiva e atrativa, pois é comum ver pessoas de fora irem ao bairro em função do comércio que é responsável por grande parte do movimento no local como mostra a imagem à esquerda na Figura 75.



Figura 75: Contraste entre a avenida movimentada à esquerda e as ruas pacatas à direita.

Fonte: MOG, W. 2015.

Os moradores do bairro comentam sobre as facilidades que as áreas de comércio e de serviços diversificados oferecem no dia-a-dia. Atualmente, não há mais a necessidade de se deslocar para outros bairro ou localidades para a compra de bens de primeira necessidade, pois o bairro é entendido como um centro.

“Eu gosto daqui, porque aqui tem tudo. Tem loja, tem mercado, tem farmácia, lotérica, tem caixa eletrônico. Tem tudo. É como se fosse um centro, por isso é bom (MVO-09, 21/11/2015).”

Esta imagem da troca e do convívio em função das diferentes alternativas comerciais divide espaço com a imagem da tranquilidade e da afetividade também enfatizada pelos moradores locais. Se por um lado há uma vida dinâmica marcada pelo movimento da avenida principal, também há espaços em que a vida cotidiana é mais calma e tranquila. Estes espaços são as ruas mais locais em que o fluxo dos

veículos é baixo em função da estrutura viária concebida pelo projeto como mostra a imagem à direita na Figura 75. Nestes espaços mais internos e, portanto, mais íntimos, é comum ver pessoas caminhando no meio da rua e algum campo de futebol desenhado no asfalto esperando por um grupo de crianças para ser apropriado e ganhar sentido. Tais lugares garantem uma vida pacata em que o tempo parece passar de forma mais lenta e as pessoas podem se sentar nas calçadas em frente das suas residências sob alguma árvore para conversar umas com as outras e estabelecer vínculos de amizade.

“Bom. Para mim é bom. Desde que eu moro aqui para mim é bom. Eu tenho bastante amizade. É bem bom (MBM-12, 24/11/2015).”

O “Guaju” experimenta hoje uma tensão entre um bairro caracterizado como tranquilo, acessível e com um comércio dinâmico que atende às necessidades cotidianas dos seus moradores e um bairro em que ainda há muita pobreza e criminalidade. A tranquilidade e a violência dividem o imaginário local produzindo uma sobreposição entre espaço de convívio e de troca e espaço de confronto e de disputa.

“No lado ruim é a insegurança. Está muito inseguro. Está muito difícil. Mas, pelo lado bom assim é o pessoal. Os vizinhos são muito bons (MCU-14, 24/11/2015).”

Viver no Guajuviras envolve caminhar e ser surpreendido de diferentes formas, pois a qualquer momento se pode virar uma esquina e se deparar com crianças jogando bola no meio da rua ou com um assalto acontecendo. Este dois olhares sobre o bairro se cruzam no cotidiano dos moradores gerando um espaço ambíguo e contraditório. Contudo, esta sobreposição apresenta limites que demarcam o espaço. A casa é entendida como o refúgio dentro deste território de contradições. O lugar que protege e onde os moradores se sentem mais seguros enquanto que a rua ou o meio público é o espaço da insegurança.

“Me sinto mais seguro dentro de casa e menos seguro fora de casa (MBM-07, 21/11/2015).”

A divisão entre o público e o privado também é a divisão entre a insegurança e a segurança. Entretanto, esta fronteira se movimenta assim como outras dentro do bairro. Há parcelas mais seguras e outras menos seguras. As sub-ocupações das

áreas verdes ou as vilas são os espaços em que a imagem da insegurança está presente enquanto o tecido urbano do loteamento regular aparece como um espaço mais seguro. É mais seguro caminhar em uma rua do loteamento regular do que caminhar em uma rua das sub-ocupações. Quem não reside nas vilas ou não possui um tipo de vínculo com o local em função de algum conhecido que é morador normalmente costuma evitar estes lugares considerados inseguros e seus becos tortuosos como mostra a imagem à esquerda na Figura 76.



Figura 76: Área irregular à esquerda e área junto ao final da linha dos ônibus à direita.

Fonte: MOG, W. 2015.

Andar pelo Bairro Guajuviras através das suas ruas não representa para os moradores locais uma ação marcada pelo medo. Entretanto, quando este trajeto envolve a passagem pelos becos irregulares das sub-ocupações, esta ação muda de perspectiva em função da insegurança que se manifesta.

“Segura dentro de casa e quanto à insegurança eu não tenho queixa nenhuma. A gente até caminha nunca dentro das vilas, mas a gente caminha por aqui e é bem tranquilo (MBM-01, 19/11/2015).”

A insegurança e a segurança marcam primeiramente a fronteira entre o público da rua e o privado da casa e em um segundo momento a fronteira entre as sub-ocupações e o loteamento regular. Contudo, esta distinção entre território menos seguro e território mais seguro vai além da relação entre público e privado e do tipo de configuração espacial entre o irregular e o regular. Tal questão também está relacionada com os limites geográficos do bairro de forma mais abrangente em um terceiro momento. Enquanto a entrada principal através da Avenida Boqueirão é tratada como mais segura em função da sua dinâmica urbana, o outro extremo do bairro é evitado pelos moradores do mesmo. Esta parte do bairro junto ao fim da linha

dos ônibus (Figura 76) não é tão movimentada e está próxima de uma série de ocupações informais localizadas além dos limites do conjunto habitacional original.

“Mais seguro aqui na entrada. E inseguro mais lá para dentro (MVO-05, 19/11/2015).”

Fronteiras distintas, variáveis e escalares marcam os sentimentos de segurança e de insegurança dentro do Bairro Guajuviras. A fronteira entre a casa e a rua comum a todos os moradores evidência a mudança entre a segurança e a insegurança. Contudo, esta mudança é enfatizada quando há a necessidade de cruzar as fronteiras entre o tecido regular do loteamento e o irregular das sub-ocupações ou as fronteiras entre a entrada principal e o limite oposto do bairro. Estas duas últimas diferentemente das primeiras estão presentes no cotidiano de um grupo mais específico dos moradores do bairro. Logo, a situação espacial e a localização territorial determinam percursos no Bairro Guajuviras em função do sentimento de insegurança vinculado a alguns locais.

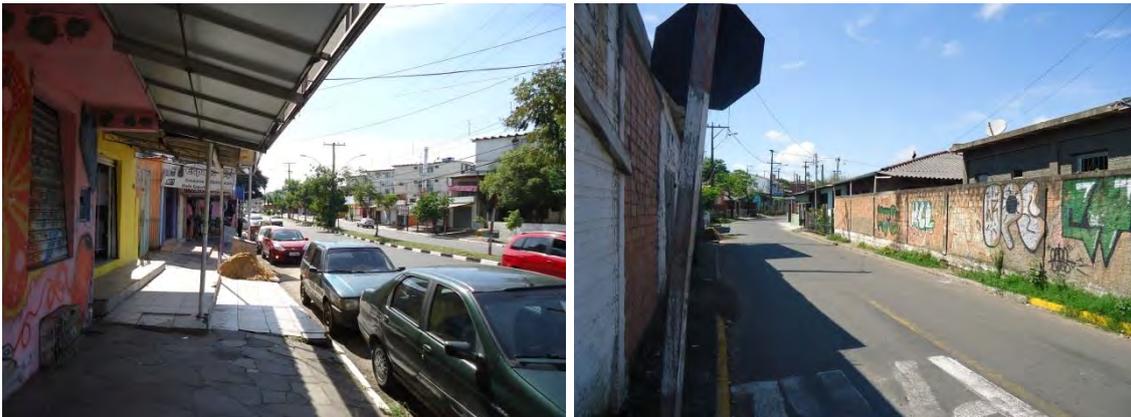


Figura 77: Relação entre a avenida à esquerda e os becos irregulares e murados à direita.

Fonte: MOG, W. 2015.

Para percorrer o cotidiano do Bairro Guajuviras é necessário atravessar fronteiras. Contudo, algumas estão mais abertas e são mais receptivas do que outras. A grande maioria dos percursos passa pela Avenida 17 de Abril em função da sua centralidade e da sua característica de conexão entre as partes do conjunto já que as áreas verdes foram ocupadas irregularmente como já foi destacado anteriormente. Entretanto, este local não é só de passagem, mas de permanência também em função da diversidade de usos presentes no espaço como mostra a imagem à esquerda na Figura 77. Diferentemente da avenida, as vilas apresentam um comportamento opostos, pois só quem realmente precisa acaba cruzando estes espaços fechados e

pouco receptivos espacialmente como mostra a imagem à direita na Figura 77. Vários moradores confirmam esta tendência ao enfatizarem os lugares que eles mais andam e os lugares que eles evitam andar.

“Só na principal. Para caminhar e ir às farmácias, nos mercados e nas lojinhas. Eu evito as vilas, porque dá muito tiro ali (MBM-01, 19/11/2015).”

Outros depoimentos confirmam esta lógica de circulação pelos espaços públicos do Bairro Guajuviras como este:

“Eu ando mais aqui na principal mesmo. Para ir ao mercado fazer compras. Procuo evitar ir ali para dentro das vilas. A gente houve falar que é muita violência ali, mas eu nunca vi nada (MCU-06, 21/11/2015).”

Em alguns relatos, os moradores comentam qual é a vila ou ocupação irregular que eles costumam evitar deixando bem claro o motivo:

“Eu ando por tudo aqui. Aqui na avenida. Vou na minha irmã, na pracinha, na minha afilhada, mais na minha irmã. Eu evito andar dentro da Contel, por causa do tráfico (MBM-09, 21/11/2015).”

Assim como as sub-ocupações ou vilas, o limite oposto ao acesso pela Avenida Boqueirão também costuma ser evitado. Enquanto a entrada do bairro junto à rótula é o ponto em que mais se observa as pessoas indo e vindo, estes fluxos vão diminuindo na medida em que se aproxima o final da avenida junto ao limite menos movimentado do bairro. Mais uma vez a questão da insegurança acaba determinando os lugares em que as pessoas evitam andar. Há alguns depoimentos que reafirmam a circulação predominante pela avenida e enfatizam a não circulação junto ao limite oposto à entrada principal.

“Pela principal para pagar as contas de água e de luz e fazer compras. Evito andar lá para baixo no final do bairro, porque eu tenho medo (MCU-03, 19/11/2015).”

Outros relatos também confirmam esta lógica de circulação em que a entrada principal do bairro é mais frequentada enquanto que o extremo posto mais baixo topograficamente é evitado em função da insegurança enfatizada no lugar.

“Na principal e no Sacolão Rocha na rua onde os meus “coroas” moram. Para ver a família e os amigos. Eu evito andar lá para baixo, porque lá é meio ruim o negócio e eu também não tenho nenhum conhecido lá (MBM-03, 19/11/2015).”

Em alguns relatos as pessoas enfatizam mais uma vez a avenida como principal ponto de passagem e o costume de evitar tanto a parte final do Guajuviras junto ao seu limite menos movimentado como as vilas:

“Eu só costume andar aqui na avenida. É o meu caminho para o trabalho e para ir à igreja. No final do Guajuviras e dentro das vilas. Mais por questão de cuidado mesmo (MVO-12, 24/11/2015).”

Entre idas e vindas dentro do “Guaju”, as pessoas costumam circular mais pela avenida principal do que pelas outras vias evitando tanto as vilas como o limite oposto à entrada principal. O resultado é um território heterogêneo em relação aos fluxos, pois enquanto o trecho da avenida principal junto à entrada da Avenida Boqueirão é profundamente acessado, o restante do território não é acessado. A insegurança contribui para esta dinâmica. Contudo, por de trás dela está a configuração espacial descontínua das ocupações irregulares que atuam como barreiras aos percursos externo a elas e a falta de continuidade da Avenida 17 de Abril junto ao seu limite menos movimentado ao norte. As pessoas também deixam de frequentar estes espaços, porque elas não têm motivos cotidianos para tal, logo a falta de presença das próprias pessoas na rua acaba tornando o espaço inseguro. Ao contrário, na entrada principal junto da Avenida Boqueirão o fluxo de pessoa, a diversidade e a conectividade espacial sustentam a vida urbana com mais segurança.

Ao percorrer o espaço, a pessoa necessita se sentir segura para repetir novamente o percurso realizado tornando-o parte do seu cotidiano. O convívio social é determinante nesta repetição de percurso e conseqüentemente na criação de pontos de encontro significativos entre os moradores de um lugar, pois quando percursos se cruzam centralidades são criadas promovendo pontos de troca e de permanência. No Bairro Guajuviras não é diferente, pois há uma clara associação entre os percursos mais frequentes e os pontos de encontro mais significativos. Como as áreas verdes,

que desempenhariam este papel de pontos de encontro segundo o projeto, foram ocupadas irregularmente, estes foram transferidos principalmente para espaços junto da avenida principal como mostra a Figura 78.



Figura 78: Trecho das lancherias na avenida à esquerda e a Praça da Brigada à direita.

Fonte: MOG, W. 2015.

Vários moradores destacam a avenida e tais espaços como os pontos de encontro entre as pessoas.

“Aqui na avenida principal no lado da Brigada na lancheria para olhar futebol (MVO-03, 19/11/2015).”

Outros relatos destacam o mesmo espaço comentado na citação anterior caracterizando-o como ponto de encontro entre os moradores.

“O ponto de encontro é na lancheria que tem ali na Avenida 17 de Abril na frente da Brigada (MVO-08, 21/11/2015).”

Outros depoimentos enfatizam esta centralidade ao destacar espaços adjacentes.

“A gente se encontra na praça próxima da Brigada Militar (MCU-08, 21/11/2015).”

O trecho das lancherias entre o Sacolão Rocha e a Brigada Militar é o principal ponto de encontro. Esta centralidade acaba influenciando espaços próximos como a Praça da Brigada que também foi comentada. Além deste ponto, o bairro também conta com outros de menor escala que também foram enfatizados e estão presentes

no interior dos setores habitacionais e associados às vezes ao que restou das áreas verdes ou das alamedas. Logo, o Guajuviras apresenta pontos de encontro, mas estes não são muito variados em relação à dimensão do conjunto como um todo. O resultado disso é que as pessoas costumam com frequência se encontrar em suas próprias residências como enfatizaram alguns moradores:

“Na casa mesmo. Não tem muito lugar aqui (MVO-04, 19/11/2015).”

“Geralmente se eu saio, é para as casas dos vizinhos (MCU-05, 19/11/2015).”

“Ponto de encontro não. Só dentro de casa ou dentro do prédio mesmo (MBM-07, 21/11/2015).”

Os grandes espaços verdes de uso público idealizados no projeto, implantados de forma equivocada e ocupados irregularmente acabaram limitando as possibilidades de pontos de convívio e de troca entre os moradores. Hoje as áreas verdes ocupadas apresentam com frequência becos sem saída em função da configuração do espaço público definida pelo espaço construído irregularmente. Estas não são entendidas dentro do imaginário local como pontos de encontro dos moradores, pois não representam zonas de cruzamento de percursos diários. Portanto, a consequência das ocupações das áreas verdes, além do bloqueio de vários percursos pensados no projeto, é a ausência de lugares públicos relevantes para encontros cotidianos durante os percursos diários dos moradores do Guajuviras.

“Dentro do bairro eu não costumo me encontrar (MCU-02, 19/11/2015).”

“Não tem ponto de encontro. Não existe (MVO-02, 19/11/2015).”

“Não. Para mim não existe (MVO-11, 24/11/2015).”

A sobreposição do sistema de circulação dos pedestres sobre o sistema de circulação do carro juntamente com a redução das áreas verdes ocupadas ao longo do tempo produziram poucas alternativas de encontro e de troca no bairro. A grande maioria está localizada na Avenida 17 de Abril principalmente no seu trecho inicial onde o projeto original não havia previsto este tipo de uso para o espaço que deveria ser de transição em função do automóvel. Logo, as características residuais dos

pontos de encontro do bairro decorrem da desarticulação entre o projeto para o conjunto habitacional e a apropriação do bairro. Se as áreas verdes foram ocupadas e reinventadas de forma irregular, os moradores também reinventaram os espaços transitórios da avenida principal transformando-os em espaços de permanência e de troca em função da arquitetura do dia-a-dia dos moradores.



Figura 79: Supermercado Sacolão Rocha à esquerda e o posto de polícia à direita.

Fonte: MOG, W. 2015.

Foi dentro deste mesmo processo de reinvenção do espaço que surgiram os principais pontos de referência dos percursos cotidianos dos moradores do bairro como mostra a Figura 79. São lugares ou edifícios resultantes do projeto original ou das intervenções sucessivas que se destacam na paisagem percorrida pelos olhos sendo que a maioria está presentes junto da Avenida 17 de Abril assim como os principais pontos de encontro no espaço público.

“O Rocha, o posto de polícia e o posto de saúde que tem aqui (MBM-01, 19/11/2015).”

“O ponto de referência maior aqui é o Mercado Rocha e para quem vem de fora a entrada (MCU-02, 19/11/2015).”

“O CAIC, o Drummond, o Supermercado do Sul ali embaixo, a Praça da Brigada ali em cima (MCU-07, 21/11/2015).”

Ao contrário dos elementos que chamam a atenção dos moradores e auxiliam durante os percursos cotidianos, os elementos do projeto que não funcionam como pontos de referência também se destacam na imagem coletiva do bairro. Um exemplo disto é os blocos multifamiliares presentes na paisagem da Avenida 17 de Abril. Em

função do padrão de repetição, estes são semelhantes entre si apresentando poucas diferenças de organização no espaço como demonstram dois moradores de blocos multifamiliares.

“O Sacolão rocha é o único ponto de referência. O resto dos prédios é tudo igual. (MBM-03, 19/11/2015).”

“Os prédios não chamam a atenção. Eles são todos iguais e não rebocaram até hoje. Só a esquina do Supermercado Rocha (MBM-04, 19/11/2015).”

Estes relatos demonstram como a padronização dos edifícios pode prejudicar a localização no espaço em função a ausência de elementos distintivos como referência. Entretanto, esta posição pode mudar em função do ponto de vista do observador, pois quem mora dentro dos setores unifamiliares e das sub-ocupações pode ter uma visão diferente da mesma estrutura edificada. Uma moradora das áreas verdes ocupadas enfatiza os blocos como ponto de referência por chamar a sua atenção em relação às demais edificações.

“Os prédios ali que são altos ali na principal (MVO-09, 21/11/2015).”

Assim como os percursos, os pontos de encontro e os pontos de referência, os espaços mais movimentados também estão relacionados à Avenida 17 de Abril e seus arredores. A associação entre a concentração de atividades e a convergência dos percursos diários para este local torna as áreas dos blocos multifamiliares mais movimentada do que as áreas unifamiliares e as áreas verdes ocupadas.



Figura 80: A rótula da Avenida Boqueirão à esquerda e a esquina do Sacolão Rocha à direita.

Fonte: MOG, W. 2015.

A dinâmica de fluxos é tão intensa que é corrente ver pessoas de fora do bairro nestas áreas em função das facilidades que o espaço apresenta como mostra a Figura 80. Vários pontos ao longo da avenida principal são citados e comentados como os mais movimentados. Entre eles está a entrada junto à rótula, o Supermercado Rocha e a área ao redor da Brigada Militar onde estão localizados os principais bares e lancherias do bairro.

“Em frente ao Rocha lá em cima. É comum ver pessoas de fora do bairro (MVO-01, 19/11/2015).”

“No Sacolão Rocha de noite e nos finais de semana e aqui em cima por causa dos barzinhos. Vem bastante gente da Mathias para cá (MBM-03, 19/11/2015).”

“A avenida principal. Tem a rótula ali. É comum ver pessoas de fora (MVO-05, 19/11/2015).”

Observa-se que o bairro em função dos pontos movimentados possui uma centralidade evidenciada em que públicos variados se encontram e se misturam. Às vezes não é fácil diferenciar quem é de dentro e quem é de fora do bairro em função da dimensão territorial do Guajuviras. São seis setores habitacionais que em função das sub-ocupações tiveram suas relações espaciais limitadas. Logo, quem reside na parte mais baixa do conjunto nos Setores 5 e 6 dificilmente apresentará uma relação cotidiana com os moradores que moram na entrada do bairro junto aos Setores 2 e 3. Estas limitações ficam claras em alguns depoimentos em que a Avenida 17 de abril continua sendo o ponto focal de maior movimento, mas a presença de pessoas de fora do bairro é colocada em dúvida.

“Mais movimentado lá na entrada. Olha, eu não costumo ir seguido lá para cima. Eu não sei quem mora lá para cima. Eu até nem posso te confirmar nada (MBM-12, 24/11/2015).”

“A entrada lá na rótula e a principal do Guajuviras. Eu quase não saio de casa. Eu passo quase todo o tempo aqui na loja. Passa bastante pessoa desconhecida, mas eu não conheço todos os moradores (MCU-15, 24/11/2015).”

Além da Avenida 17 de Abril e seus pontos de acúmulo e concentração de pessoas, outras localidades também aparecem como áreas importantes do ponto de vista do movimento como a Avenida Esperança e a Avenida Boqueirão. Estas representam respectivamente os limites oeste e sul do bairro e aparecem em alguns depoimentos como pontos movimentados do bairro.

“A Avenida Esperança e a 17 de Abril. Só os haitianos de fora (MCU-01, 19/11/2015).”

“A principal, a 17 de Abril ou a Boqueirão também. Nunca notei assim. Nunca parei para admirar (MBM-13, 24/11/2015).”

Continuando o percurso pelo bairro em direção ao entorno imediato em função dos relatos dos moradores, os limites do Guajuviras estão bem marcados no imaginário local com ênfase para o sul e o norte. A seguir, as imagens da Figura 81 evidenciam respectivamente estes dois limites.



Figura 81: Entrada principal do Guajuviras à esquerda e o final da linha dos ônibus à direita.

Fonte: MOG, W. 2015.

Normalmente, as pessoas entendem que os limites do bairro estão marcados em função da entrada principal junto da rótula na Avenida Boqueirão e do fim da Avenida 17 de Abril junto ao final da linha dos ônibus e às ocupações irregulares que estão fora dos limites do bairro.

“Ele começa lá na entrada e termina no final da linha dos ônibus (MVO-03, 19/11/2015).”

“Ele começa ali na rótula e termina no final da avenida lá embaixo (MBM-05, 19/11/2015).”

“Acho que o Guajuviras conta tudo. Desde a entrada aqui até a invasão lá embaixo (MCU-10, 21/11/2015).”

De várias formas, os moradores destacam estes dois pontos que marcam os limites do bairro enfatizando o início do bairro como o entroncamento entre a Avenida 17 de Abril e a Boqueirão e o final do bairro como o extremo oposto da Avenida 17 de Abril. Contudo, se por um lado o início está bem marcado para os moradores, por outro lado o final do bairro passa por algumas variações em alguns depoimentos. Em alguns casos o ponto final é a própria residência do morador enquanto que em outros os limites são desconhecidos.

“Começa lá na rótula do Território de Paz e termina na frente da minha casa (MCU-01, 19/11/2015).”

“Começa na entrada e termina aqui na minha casa (MBM-03, 19/11/2015).”

“O Bairro Guajuviras não tem nem entrada e nem saída. Ele vai até o fim do mundo lá para baixo. O Guajuviras é muito grande. Um dia eu e meu filho fomos caminhar por aí e o bairro não tem fim. O pessoal tomou conta de tudo lá para baixo (MBM-04, 19/11/2015).”

Uma das razões para o conhecimento dos limites do bairro por parte dos moradores, além do contraste urbano entre o bairro e o entorno imediato, é a necessidade de atravessar estas fronteiras diariamente. As pessoas costumam atravessar os limites do Guajuviras para acessar outras localidades no município de Canoas ou para ir a outras cidades na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA). Os motivos para estes deslocamentos urbanos e metropolitanos são variados, mas em geral as pessoas apresentam estas necessidades em função do trabalho, do lazer e de compras mais específicas. São vários os depoimentos que confirmam a necessidade de sair do bairro destacando o local de destino e o motivo específico.

“Sim, Porto Alegre para trabalho e para passear. Eu não passeio aqui. É muito difícil (MVO-01, 19/11/2015).”

“Sim, vou ao centro de Canoas para fazer compras em lojas (MBM-02, 19/11/2015).”

“Com certeza. A gente vai para Guaíba, para Porto Alegre lá na Redenção. Mais a lazer, dar uma caminhada, tomar uma “cervejinha” com os amigos. Mais a passeio (MCU-08, 21/11/2015).”

Aqui se destaca a necessidade do vínculo entre o bairro metropolitano e a capital do estado em função do trabalho. Ainda hoje é comum esta dinâmica em que moradores de conjuntos habitacionais trabalham o dia todo em outro município e retornam no final do dia. Além disso, outro aspecto característico do caso analisado é a questão do lazer. A inexistência de áreas suficientes para o lazer dentro do bairro (Figura 82) em função das ocupações informais acabou produzindo uma lógica de deslocamento em que há a necessidade de ir até outros bairros ou até mesmo outros municípios para passear e se divertir.



Figura 82: Praças residuais restantes da ocupação irregular das áreas verdes e alamedas.

Fonte: MOG, W. 2015.

Estes percursos cotidianos e seus diferentes aspectos urbanos lembrados pelos moradores em função de suas memórias passam por algumas mudanças em função do tempo de moradia no lugar e da relação inicial no e com o bairro. Esta primeira imagem varia entre cada morador em função da época em que se estabeleceu o primeiro contato com o bairro. Quem vivenciou a ocupação de 1987 e os primeiros anos da década de 1990 apresenta uma primeira imagem que é bem diferente da experiência vivenciada pelas pessoas que chegaram ao local a partir do início dos anos 2000.

As pessoas que ocuparam inicialmente o Conjunto Habitacional Indo Meneghetti naquele dia 17 de Abril de 1987 destacam uma imagem diversificada em

que aparecem as dificuldades iniciais como a infraestrutura precária, mas também as relações de amizade e de auxílio mútuo entre os ocupantes. A violência não está presente nos depoimentos referentes a este período inicial apesar dos embates com a Brigada Militar e com os ocupantes interessados em comercializar as casas ocupadas.

“Aqui era bom no começo, Era só campo. A gente se conhecia. No começo não foi ruim. De uns 20 anos para cá que a coisa piorou. Quem não tem onde morar cai tudo no Guajuviras (MBM-04, 19/11/2015).”

“Isto aqui era o paraíso. Muito bom. A gente podia dormir até com a janela aberta (MCU-06, 21/11/2015).”

“Foi bastante trabalhoso. Não tinha água, não tinha luz. Era mato. Por todo lugar era mato alto. Eu cheguei com 6 ou 7 anos de idade. Foi bem difícil (MBM-14, 24/11/2015).”

“Melhorou. A gente não tinha asfalto, a gente não tinha água, não tinha luz. Somos invasores não é. Mas tinha uma coisa de bom naquela época, a amizade. O pessoal era muito mais amigo do que é agora. Aqui na minha rua mesmo tem poucos moradores que não são da minha época. Os que faziam parte da minha época, a gente é um pessoal unido. É um por todos e todos por um. Como se fosse uma família (MCU-15, 24/11/2015).”

Este panorama muda com os moradores que chegaram ao bairro a partir dos anos 2000. Neste período a violência e a criminalidade ganharam espaço em meio a um Guajuviras que ainda mantinha a característica de bairro tranquilo. Alguns depoimentos enfatizam o quanto o bairro era violento nos anos 2000.

“Era bastante violento. Há 10 anos esta rua era bem violenta (MCU-02, 19/11/2015).”

“Antes era muito violento. Agora até que está bem mais calmo pelo menos aqui. Aqui era muito violento (MVO-09, 21/11/2015).”

“Para mim era medo. Eu tinha medo. Depois a gente vai se acostumando e vê que não é tanto assim (MVO-15, 24/11/2015).”

Entre a imagem do bairro inicial de cada morador e a imagem atual do mesmo, ocorreu um processo de transformação em que mudanças mudaram uma série de aspectos no espaço repercutindo na paisagem e nas memórias locais. Mais uma vez o tempo de residência no local influencia no tipo de mudança enfatizada. Logo, quem esteve presente no início da ocupação em 1987 ou nos anos seguintes destaca que a grande mudança foi na infraestrutura em função do saneamento, do transporte público, do policiamento e dos comércios. Esta parcela dos moradores também destaca o aumento da violência já que esta variável não estava presente na ocupação original de forma relevante.

“Mudou muito. É mercado, linha de ônibus e o asfalto das ruas (MVO-02, 19/11/2015).”

“Mudou bastante. Antes aqui as ruas eram tudo de saibro e agora é tudo limpo e organizado. O povo do Guajuviras se uniu por algo que era nosso (MCU-04, 19/11/2015).”

“O movimento. Aqui era bem calmo e agora tem muito movimento. E a violência está muito grande aqui. É muito perigoso sair de noite (MCU-06, 21/11/2015).”

“Melhorou muita coisa. A infraestrutura, o saneamento, o transporte público, o policiamento melhorou bastante, muita coisa (MBM-14, 24/11/2015).”

Ao contrário destes depoimentos, quem chegou ao bairro quando este já era considerado como violento nos anos 2000 destaca que a violência diminuiu além de também enfatizar as melhorias na infraestrutura.

“A violência que hoje em dia não é tanta. Hoje é bem mais seguro do que antigamente (MCU-02, 19/11/2015).”

“Veio o asfalto, veio polícia e veio UPA (MBM-02, 19/11/2015).”

“As escolas. Agora tem mais. Cada prédio aumentou. O postinho de saúde também aumentou. No caso o meu filho antes estudava no Drummond, a escola ganhou ginásio. As garagens. O comércio está bem mais farto. Tu tens acesso à farmácia (MBM-06, 21/11/2015).”

Dentro das melhorias destacadas, está incluída a área educacional com as escolas e a área de saúde com os postos de atendimento médico como mostra a Figura 83 a seguir.



Figura 83: Escola Nancy Pansera à esquerda e a Unidade de Pronto Atendimento à direita.

Fonte: MOG, W. 2015.

Hoje o bairro é uma verdadeira cidade em que as fronteiras entre pontos positivos e pontos negativos estão presentes no cotidiano das pessoas. Os percursos diários dos moradores denunciam esta tensão entre o comércio dinâmico e a criminalidade, entre a Avenida 17 de Abril movimentada e as vilas irregulares pouco percorridas, entre o passado das ocupações e o presente da luta pelas melhorias na infraestrutura que o bairro necessita. Estas relações foram construídas ao longo do tempo e do espaço resultando na imagem coletiva do Bairro Guajuviras.

A Figura 84 objetiva resumir esta imagem reafirmando em função do espaço o que foi relatado pelos moradores do bairro em função do cotidiano. A principal via percorrida pelos habitantes do Guajuviras é a Avenida 17 de Abril seguida pela Esperança junto do limite oeste e pela Boqueirão no limite sul. Quanto aos limites, se destacam o sul e o norte que marcam respectivamente o início e o final da Avenida 17 de Abril para os moradores que também enfatizam um limite que corta o bairro ao meio em função do cotidiano percorrido. Quem habita a parte ao sul raramente se desloca através da parcela ao norte e vice-versa. Já a noção de bairro aparece de forma segmentada para os moradores em função da distinção de características entre as áreas das casas unifamiliares, dos blocos multifamiliares e das ocupações irregulares. As áreas das casas unifamiliares são tranquilas com boas vizinhanças, já as áreas dos blocos são barulhentas e com comércios dinâmicos enquanto as áreas irregulares estão associadas à pobreza e à violência segundo os moradores. Do ponto de vista dos nós viários mais movimentados, estes estão associados ao trecho inicial

da avenida principal até a Rua 3 dentro de uma lógica progressiva de importância para os moradores. E, por último, assim como os pontos nodais, os marcos também estão associados à Avenida 17 de Abril sendo que os três mais importantes estão associados ao trecho entre a rótula da entrada e o Supermercado Rocha.

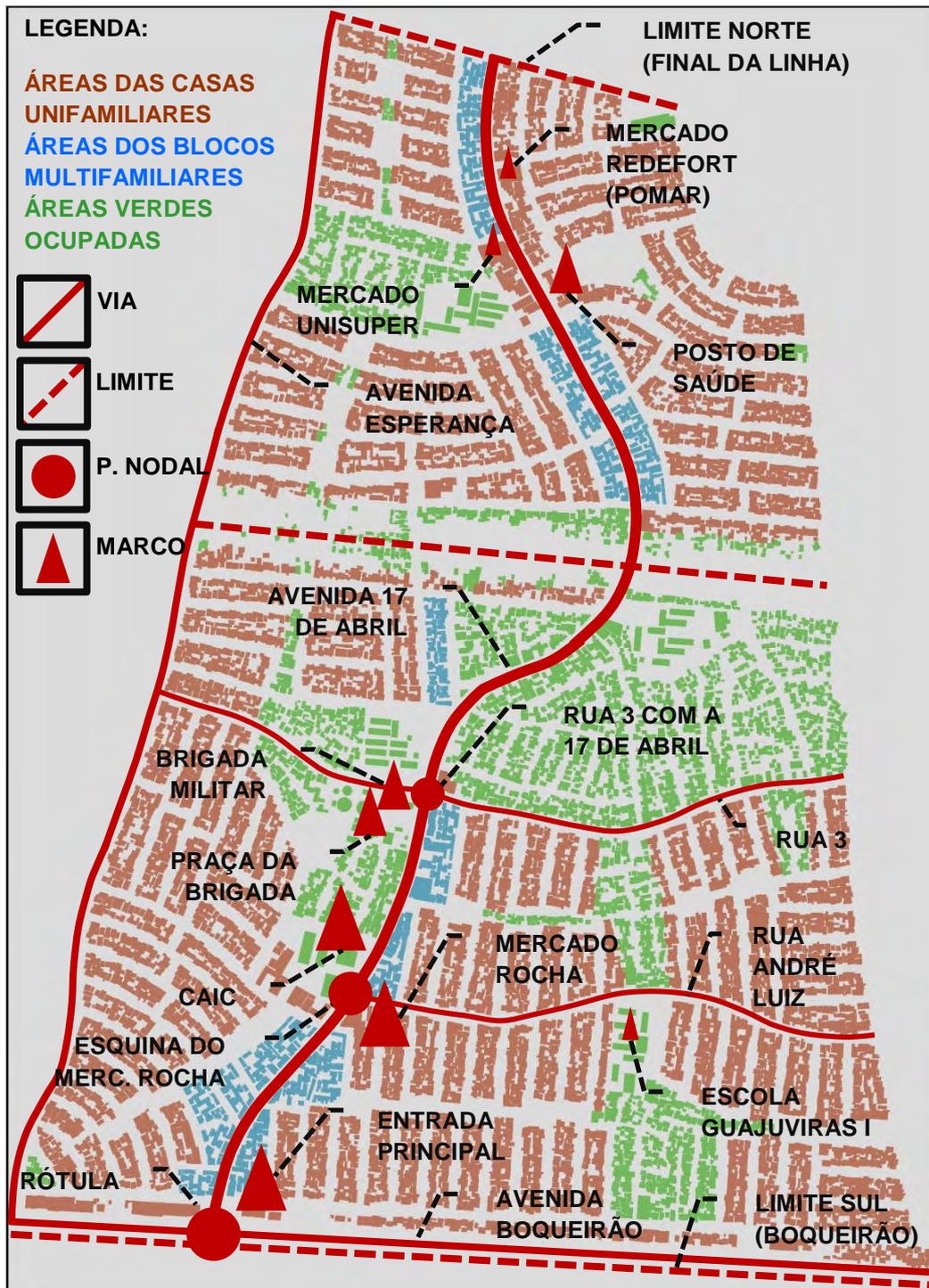


Figura 84: Mapa síntese da imagem coletiva dos moradores do Guajuviras.

Fonte: MOG, W. 2016.

Esta síntese da imagem do bairro construída em função dos questionários não apresenta grandes distinções entre os depoimentos dos moradores das três áreas já destacadas. Logo, a maneira de classificar o bairro é muito semelhante entre os moradores das casas unifamiliares, dos blocos multifamiliares e das áreas verdes ocupadas. Contudo, os três grupos de moradores destacam diferenças entre as três regiões enfatizando suas particularidades. As fronteiras espaciais e simbólicas estão marcadas nos relatos dos moradores entre as áreas das casas unifamiliares, dos blocos multifamiliares e das ocupações irregulares.

As definições distintas entre as áreas das casas, as áreas dos blocos e as áreas verdes ocupadas são as mesmas independentemente do tipo de morador que foi questionado. Entretanto, ter uma mesma noção sobre espaços distintos não significa ter um mesmo cotidiano, pois os espaços mudam e com eles os percursos. Andar pelo bairro é atravessar as fronteiras entre a casa e a cidade passando pelos diferentes espaços existentes entre o ponto inicial e o ponto final do percurso. Dentro deste trajeto, a sequência das fronteiras a serem atravessadas pelo morador da casa unifamiliar é diferente da sequência a ser percorrida pelo morador do bloco multifamiliar e ambas são distintas da sequência encarada diariamente pelo morador da ocupação irregular.

A seguir, objetiva-se enfatizar as diferentes fronteiras atravessadas por cada um dos três grupos que compõem o espaço social do bairro, entre a intimidade da casa e a coletividade da cidade. A intenção é destacar a relação entre a configuração espacial e os percursos cotidianos realizados no bairro que ora promove uma aproximação e ora um afastamento entre a casa e a cidade.

9.3. Casa, bairro, cidade: Espaços e suas fronteiras atravessadas

Os percursos entre o espaço privado e o espaço público que marcam o cotidiano dos moradores do Bairro Guajuviras estão divididos em três tipos distintos em função das fronteiras a serem atravessadas na trajetória entre a intimidade da casa e a coletividade da cidade passando pelo bairro. A relação entre as três regiões que compõem o bairro e os percursos cotidianos dos seus respectivos moradores origina fronteiras distintas. Uma mais abertas, entre espaços sobrepostos, e outras mais fechadas, entre espaços justapostos, do ponto de vista relacional e simbólico. Logo, há moradores que estão mais próximos e integrados à cidade enquanto outros estão mais afastados e segregados devido à facilidade ou à dificuldade em cruzar estes limites. Vale então analisar os diferentes percursos dos moradores intitulados

bloco multifamiliar/cidade, casa unifamiliar/cidade e ocupação irregular/cidade e apresentados nesta ordem em função do percurso de entrada no campo.

1. *Percurso bloco multifamiliar/cidade*: Os moradores dos blocos são os que estão mais próximos da cidade entendida aqui como o entorno urbano do Bairro Guajuviras em função da centralidade viária e comercial junto desta área. Os moradores destas regiões atravessam fronteiras fluidas e abertas do ponto de vista relacional entre a intimidade da casa e a coletividade da cidade. Aqui é como se a cidade do entorno “entrasse” no bairro em função da atratividade local que promove a circulação de pessoas do bairro e de fora. Contudo, é importante destacar que as fronteiras são pouco fluidas e mais fechadas nos trechos em que há pouco comércio e mais garagens, áreas onde poucas pessoas circulam.

1° Fronteira – Apartamento/bloco multifamiliar: Ao passar da intimidade da moradia para o espaço de circulação, os moradores dos blocos vivenciam o primeiro contato com uma forma de coletividade. Aqui cada morador divide e compartilha o espaço com o morador do apartamento vizinho. Os espaços dos corredores, dos halls de entrada e das áreas que correspondem ao prolongamento da laje do corredor como mostra a imagem à esquerda (Figura 85) são frequentemente utilizados como pontos de encontro entre os habitantes locais. É comum ver pessoas com suas cadeiras sentadas nestes espaços conversando enquanto olham a paisagem do bairro. Além disso, estas fronteiras também são utilizadas para usos cotidianos como áreas de depósito ou áreas para secar a roupa tendo em vista as dimensões reduzidas da moradia. Em função dos usos associados a estes espaços além da circulação, a fronteira entre o espaço privado individual do apartamento e o espaço privado coletivo do prédio apresenta certa fluidez.



Figura 85: Fronteira entre os apartamentos e o bloco multifamiliar.

Fonte: MOG, W. 2015.

Em alguns blocos as portas de entrada dos apartamentos ficam abertas demonstrando esta necessidade de ampliar o espaço individual via uma conexão mais direta com o hall imediato. Mesmo nos blocos em que as portas dos apartamentos estão fechadas e o corredor não está sendo utilizado, há indícios desta prática como os vasos de plantas presentes em vários locais, mostrando que as pessoas utilizam o espaço com algum fim além do transitório como mostra a imagem à direita (Figura 85).

2° Fronteira – Bloco multifamiliar/pátio privativo: Ao passar da intimidade do edifício para a coletividade da área aberta privativa, os moradores dos blocos multifamiliares atravessam mais uma fronteira em direção à cidade. Agora a tensão relacional é entre o bloco e o seu pátio que é utilizado de diversas formas pelos moradores. Ora o pátio é um jardim com árvores e espaços com bancos, ora é área para estacionamento dos veículos dos moradores como mostra a imagem à esquerda na Figura 86. Estes dois usos dividem o espaço privado e aberto que restou entre os estabelecimentos comerciais irregulares e responsáveis pela maior parcela de ocupação. Aqui a fronteira também se mostra fluída em função do espaço aberto privado atuar como um prolongamento da vida cotidiana interna ao bloco.

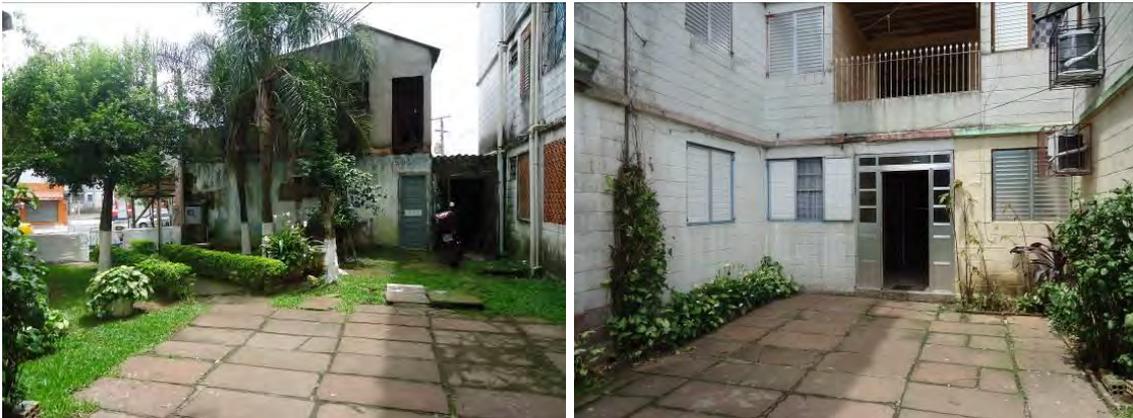


Figura 86: Fronteira entre o bloco multifamiliar e o pátio privativo.

Fonte: MOG, W. 2015.

Assim como os corredores internos, os pátios também são utilizados pelos moradores locais como áreas de encontro ou para usos cotidianos como estender a roupa ao sol. Se encontrar as portas dos apartamentos abertas é algo comum, é ainda mais frequente encontrar as portas dos blocos abertas. Estas raramente estão fechadas como mostra a imagem à direita na Figura 86. Entretanto, esta lógica permeável de circulação se perde junto ao limite norte do bairro e nos fundos das quadras multifamiliares devido à presença de pouco comércio e às várias garagens fechadas.

3° Fronteira – Pátio privativo/Avenida 17 de Abril: Ao passar da intimidade da área aberta privativa para a coletividade da via de acesso, os moradores dos blocos se encontram em um espaço profundamente coletivo com o qual ele já havia estabelecido um contato visual, ao atravessar o limite anterior. Aqui, a fronteira é animada pelos diversos estabelecimentos da Avenida 17 de Abril. Atravessar este limite é entrar na cidade e experimentar toda a sua dinâmica cotidiana como evidencia a imagem à esquerda na Figura 87. Esta é a fronteira que apresenta a maior fluidez.



Figura 87: Fronteira entre o pátio privativo e a Avenida 17 de Abril.

Fonte: MOG, W. 2015.

A ação de cruzar o limite do pátio e ingressar na calçada movimentada da avenida principal é realizada sem grandes impedimentos. Há muitos blocos em que este limite não apresenta barreira alguma ou quando há alguma delimitação, esta está aberta tanto para o morador do bloco como para o usuário do espaço comercial da avenida. A dinâmica local promove um sentimento de segurança para os moradores gerando uma última fronteira entre a intimidade da casa e a coletividade da cidade extremamente acessível e permeável. Contudo, mais uma vez esta dinâmica se perde ao longo da avenida, junto do limite norte, e nos fundos das quadras dos blocos em função das garagens fechadas como mostra a imagem à direita na Figura 87.

2. *Percurso casa unifamiliar/cidade:* Os moradores das casas unifamiliares também estão conectados à cidade a partir da boa acessibilidade dos diferentes espaços que configuram este trajeto. Contudo, a diferença para o trajeto anterior está na proximidade relacional das fronteiras e na diversidade presente no espaço. Dentro dos setores habitacionais funciona um mundo bem diferente do observado junto aos blocos. São ruas mais locais, pacatas e sem grande movimento produzindo fronteiras menos coletivas e mais íntimas. Tal situação torna o acesso mais restrito ao morador local, pois há um controle maior sobre o espaço por parte deste. Aqui, a fronteira com

a cidade permanece aberta, mas está um pouco mais distante da moradia do ponto de vista relacional do que nas áreas comerciais do caso anterior.

1° Fronteira – Casa unifamiliar/rua local: Ao passar da intimidade da moradia para a coletividade da área pública local, os moradores das casas unifamiliares se encontram na dimensão da vizinhança. Esta fronteira marca a relação entre o privado e o público e o início do percurso até a cidade. Neste contexto, eventualmente é possível observar pessoas conversando junto aos muros das casas unifamiliares caracterizando áreas pouco movimentadas como mostra a imagem à esquerda na Figura 88.



Figura 88: Fronteira entre a casa e a rua local.

Fonte: MOG, W. 2015.

O cotidiano pacato desta fronteira possibilita novos significados para as ruas locais onde é frequente encontrar campos de futebol desenhados no asfalto como mostra a imagem à direita na Figura 88. Apesar da sua fluidez, esta fronteira apresenta uma demarcação mais evidente do que as fronteiras junto das áreas comerciais no caso dos blocos. Aqui o uso residencial impera sobre qualquer outro que aparece esporadicamente na paisagem durante os percursos. Esta característica juntamente com o pouco movimento no local torna estas áreas menos seguras. Logo, nestes espaços habitacionais a relação entre a intimidade da casa e a coletividade da rua local é mais controlada.

2° Fronteira – Rua local/unidade de vizinhança: Para passar da intimidade da área pública local para a coletividade do setor habitacional, os moradores das casas unifamiliares necessitam percorrer um trajeto em que a mudança de panorama é mais gradual do que a observada na travessia da segunda fronteira cotidiana do morador dos blocos. Aqui a transição através da segunda fronteira acontece de forma mais contínua e gradual do que no caso anterior. Normalmente, esta fronteira é atravessada

quando o morador ingressa nas áreas mais comunitárias das unidades de vizinhança em que é comum observar alguns comércios de menor escala além de alguns trechos de áreas verdes subutilizadas ou abandonadas como mostra a imagem à esquerda na Figura 89.



Figura 89: Fronteira entre a rua local e a unidade de vizinhança.

Fonte: MOG, W. 2015.

Ao contrário da primeira fronteira, esta apresenta maior fluidez e demarcações menos evidentes. Aqui, as áreas predominantemente residenciais cedem espaço para outras como as comerciais e as de lazer como mostra a imagem à direita na Figura 89. Contudo, estas duas últimas apresentam um comportamento residual em função das ocupações irregulares em grande parte destas áreas. Logo, percorrer estes espaços e atravessar as suas fronteiras frequentemente envolve certa insegurança em função do abandono de algumas áreas verdes e da informalidade que nutre uma relação direta com a imagem de violência e de insegurança do bairro. Transitar por estas fronteiras envolve uma mistura de sentimentos contrastantes, pois, se por um lado, as áreas verdes abandonadas, ou ocupadas irregularmente, produzem insegurança, por outro lado, há o movimento devido ao comércio de menor escala, o que gera alguma segurança.

3° Fronteira – Unidade de vizinhança/Avenida 17 de Abril: Ao contrário da fronteira anterior destacada aqui, a passagem da intimidade do setor habitacional para a coletividade da via principal de acesso ocorre de forma mais abrupta. Atravessar este limite envolve um percurso irregular em que as laterais das quadras dos blocos estabelecem uma interface marcada por garagens e paredes cegas como mostra a imagem à esquerda na Figura 90. Esta mudança na paisagem não acontece apenas em função dos tipos de usos voltados para o espaço público, mas também em função das formas edificadas. Neste trecho do percurso, ficam evidentes as diferentes formas

de transformação entre a volumetria das casas unifamiliares presentes no centro das unidades de vizinhança e a volumetria dos blocos junto das bordas das unidades de vizinhança.



Figura 90: Fronteira entre a unidade de vizinhança e a Avenida 17 de Abril.

Fonte: MOG, W. 2015.

Atravessar esta fronteira envolve certo desconforto em função das características associadas à paisagem local. Contudo, estes trechos em que a relação entre o público e o privado representa uma barreira não são tão extensos espacialmente, e logo os moradores das casas unifamiliares ingressam na avenida principal e se juntam aos moradores dos blocos, no percurso até a cidade, como mostra a imagem à direita na Figura 90. Portanto, assim como a primeira fronteira entre a casa unifamiliar e a rua local, a fronteira entre a unidade de vizinhança e a Avenida 17 de Abril também é bem demarcada em função da mudança de usos e de formas relacionadas ao cotidiano.

3. *Percurso ocupação irregular/cidade:* Os moradores das vilas ou ocupações irregulares são os mais afastados da cidade, do ponto de vista relacional e simbólico, em função do espaço. A acessibilidade e a conectividade física são variáveis que não contribuem na integração destes espaços ocupados irregularmente com a cidade do entorno. Localizadas normalmente entre as áreas das casas unifamiliares, as vilas são um mundo à parte em função do seu tecido urbano labiríntico, de difícil acesso. Aqui, os becos afastam estas áreas informais da cidade, especialmente, enquanto a insegurança as afasta socialmente. Tal situação resulta de uma sequência de fronteiras rígidas e fechadas para quem não reside no local. Logo, o limite com a cidade está mais distante da moradia do que nos dois casos anteriores tanto espacialmente como simbolicamente.

1° Fronteira – Casa irregular/beco irregular: A passagem da intimidade da moradia para a coletividade da área pública local no contexto das áreas informais apresenta fronteiras precárias que delimitam de forma improvisada o limite entre a casa irregularmente construída e o beco irregularmente configurado e resultante do acúmulo de casas. Como mostra a Figura 91, a relação entre a intimidade da casa e a coletividade do beco irregular é precária e sem a infraestrutura ideal, pois não há calçadas e nem drenagem adequada nestes espaços.



Figura 91: Fronteira entre a casa irregular e o beco irregular.

Fonte: MOG, W. 2015.

Apesar das péssimas condições infraestruturais, a forma como o espaço está configurado promove o encontro entre as pessoas no meio público irregular, pois o espaço privado é diminuto e densamente construído para promover o convívio entre vizinhos. É raro o espaço privado aberto, logo as pessoas frequentemente se apropriam dos becos e das áreas imediatamente relacionadas a eles através de práticas como estender as roupas ao sol ou se sentar para conversar com algum conhecido. Em função desta fluidez entre a intimidade da casa e a coletividade do beco, é comum o uso do espaço público irregular como o prolongamento da casa de uma forma mais espontânea e complementar, diferentemente da relação identificada entre a casa unifamiliar e a rua local.

2° Fronteira – Beco irregular/vila irregular: Passando da intimidade da área pública local para a coletividade da vila irregular como um todo, os moradores das ocupações irregulares das áreas verdes ainda se encontram em um universo mais próximo da sua moradia irregular do que da dinâmica formal da cidade regular. Contudo, ao contrário da relação entre a casa irregular e o beco, as fronteiras são pouco complementares entre o beco e o restante da vila produzindo um território

fragmentado. Empenas cegas são recorrentes nestes espaços informais como mostra a imagem à esquerda da Figura 92.



Figura 92: Fronteira entre o beco irregular e a vila irregular.

Fonte: MOG, W. 2015.

A falta de fluidez nestas fronteiras resulta do espaço labiríntico das vilas de difícil acesso para quem é de fora por questões físicas e simbólicas, pois este tipo de configuração do espaço está relacionado à percepção e ao sentimento de insegurança. Este último, por sua vez, é transportado para as poucas áreas verdes remanescentes junto destas ocupações irregulares (Figura 92). Logo, quem atravessa estas fronteiras é quem mora ou tem algum vínculo com o local, pois do contrário estes espaços são costumeiramente evitados e estigmatizados. Tal situação promove fronteiras restritas a um público específico e reduzido ao contrário dos dois percursos identificados anteriormente.

3° Fronteira – Vila irregular/Avenida 17 de Abril: A configuração irregular das vilas promove uma passagem problemática entre a intimidade das ocupações irregulares das áreas verdes e a coletividade da principal via de acesso do Bairro Guajuviras. Apesar de algumas vilas estarem localizadas junto da Avenida 17 de Abril e outras junto de vias perpendiculares à primeira, a relação espacial contrastante entre o tecido urbano informal e o tecido urbano formal do bairro acaba produzindo um afastamento relacional e simbólico entre os seus respectivos moradores. Atravessar esta fronteira é um choque em função da mudança abrupta dos padrões espaciais entre o lado ilegal e o lado legal do mesmo bairro. Em muitos casos, a conexão entre a parte informal e a parte formal do bairro acontece através de acessos murados, que geram insegurança tanto para o morador local como para o estranho, como mostra a imagem à esquerda na Figura 93.



Figura 93: Fronteira entre a vila irregular e a Avenida 17 de Abril.

Fonte: MOG, W. 2015.

Estes limites entre as vilas irregulares e o loteamento regular representam dentro do bairro as fronteiras mais fechadas, tanto do ponto de vista físico, como do ponto de vista simbólico. Aqui, a fluidez é fragilizada, pois o movimento de travessia acontece apenas em função do morador que reside na vila. Este possui a necessidade de sair da vila para atender as suas atividades cotidianas na avenida como mostra a imagem à direita na Figura 93. Por outro lado, o deslocamento contrário por parte dos moradores das casas unifamiliares ou dos blocos inexistente. As pessoas que não moram e que não possuem vínculos com as áreas informais encaram estas fronteiras como intransponíveis, em função da marca simbólica construída ao longo do tempo, e relacionada à violência e à criminalidade.

Observa-se que em função dos padrões espaciais apropriados das três regiões e dos comportamentos habituais relacionados aos três percursos destacados aqui, há poucas possibilidades dos diferentes moradores se cruzarem cotidianamente no bairro Guajuviras como um todo. Apenas o ponto final do percurso, a última fronteira, é comum a todos, pois a Avenida 17 de Abril junto à rótula é o principal ponto de entrada e de saída do bairro. Por este motivo, este limite com a cidade é o mais movimentado e caótico enquanto que os demais apresentam características opostas com ênfase nas vilas. Logo, entre fronteiras distintas existem cotidianos distintos.

A análise da transição de um tipo de espaço mais íntimo para outro tipo de espaço mais coletivo do que o anterior de forma escalar torna possível uma verificação da coesão entre os espaços a partir das suas fronteiras a serem atravessadas. A fronteira é uma relação. Ela só existe quando duas coisas distintas estão relacionadas uma com a outra de alguma maneira dando origem a um terceiro espaço, que existe de forma relacional. Logo, a fronteira surge na diferença e na oposição, que pode ser

complementar, ou não complementar, produzindo um encontro ou um desencontro entre as partes envolvidas.

Ao longo das transformações do Guajuviras, fronteiras foram abertas enquanto outras foram fechadas entre as três regiões já destacadas aqui. No caso das áreas unifamiliares projetadas, as transformações promoveram mais aberturas fronteiriças do que fechamentos. Já no caso dos blocos há um equilíbrio entre fronteiras mais abertas junto dos comércios na interface com a Avenida 17 de Abril e fronteiras mais fechadas junto das garagens na interface oposta. E nas áreas verdes ocupadas, as transformações resultaram em um profundo processo de fechamento das fronteiras cotidianas tanto material como simbólico. A Tabela 9 a seguir diferencia as três espacialidades em função das fronteiras entre a casa, o bairro e cidade enfatizando o tipo de relação mais aberto ou mais fechado.

FRONTEIRAS DOS PERCURSOS	Casas unifamiliares	Blocos multifamiliares	Verdes ocupados
CASA BAIRRO CIDADE	Predominância de fronteiras marcadas pela abertura	Mistura entre fronteiras marcadas pela abertura e pelo fechamento	Predominância de fronteiras marcadas pelo fechamento

Tabela 9: A relação casa-bairro-cidade entre o projeto e a apropriação no Guajuviras.

Fonte: MOG, W. 2016.

Aqui a oposição existente diz respeito à relação entre a intimidade da casa e a coletividade da cidade que se articulam em função da figura do bairro enquanto intermediário. Quando as fronteiras existentes no percurso entre a casa e a cidade representam elos de conexão entre os diferentes espaços do bairro, as pessoas transitam entre as partes com segurança e sem mudanças abruptas. Entretanto, quando as fronteiras existentes neste percurso representam barreiras para a conexão entre os diferentes espaços do bairro, as pessoas encontram dificuldades tanto espaciais como sociais para transitar entre as partes de forma segura e sem mudanças abruptas.

Na passagem da casa para a cidade, o coletivo da cidade cresce e o íntimo da moradia decresce enquanto que no sentido oposto o íntimo cresce e o coletivo decresce dentro de um sistema em que o primeiro só recebe sentido em função do segundo e vice-versa. Dentro desta lógica de dependência, o bairro tem o papel de mediador e cabe a ele proporcionar uma transição coesa entre os dois extremos. Logo, para que esta ocorra da forma mais adequada ao cotidiano, considerando as necessidades dos moradores, não é recomendável que as fronteiras entre os dois

extremos representem barreiras como no caso das ocupações irregulares das áreas verdes ou dos trechos de garagem dos blocos. É preciso um panorama que se aproxima do encontrado junto das casas unifamiliares ou dos trechos comerciais dos blocos em que a passagem entre a intimidade e a coletividade é mais contínua através de uma série de espaços que condiciona a transição coesa. Contudo, é importante destacar que esta passagem acontece de forma mais gradual no caso das áreas unifamiliares do que no caso das áreas comerciais dos blocos. Esta situação viabiliza um cotidiano em que existam espaços mais íntimos e tranquilos junto das moradias e espaços mais coletivos e movimentados junto da cidade sendo que estas espacialidades distintas se conectam quando as pessoas percorrem o bairro.

Um mesmo lugar com suas diferentes regiões ou cenários internamente pode produzir diferentes dinâmicas de deslocamento entre a casa e a cidade do entorno em função do bairro. As regiões antagônicas em um mesmo bairro da Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) produzem um lugar com múltiplos espaços que se encaixam através de um mosaico problemático. Dentro deste mosaico, os moradores das casas unifamiliares e dos blocos multifamiliares estão mais próximos entre si do que dos moradores das vilas enquanto estes últimos estão afastados dos dois primeiros grupos. Estas diferentes distâncias não são geográficas, mas relacionais a partir de fronteiras distintas entre casa, bairro e cidade materializadas em função dos percursos cotidianos.

Estas distinções possuem origem nas diferentes formas como o espaço originalmente projetado e implantado foi ocupado e apropriado. As transformações ao longo do tempo produziram regiões distintas entre si do ponto de vista relacional e simbólico. Logo, as distinções dentro do Guajuviras entre os diferentes agrupamentos destacados aqui surgem no espaço físico ocupado e transformado e são retraduzidas no espaço social em função dos percursos diários gerando dinâmicas cotidianas adversas.

CONCLUSÃO

Trabalhar com a cidade é trabalhar com relações. E neste caso elas podem ser múltiplas e sobrepostas no tempo; históricas, físicas e sociais. A presente dissertação buscou atravessar estas múltiplas esferas do espaço urbano propondo uma relação entre contextos históricos, físicos e sociais em conjunto, a partir da tensão espacial e temporal, entre o projetado e o apropriado. Do ponto de vista histórico, o estudo de caso escolhido é abordado em função da história particular de consolidação, que evidencia a luta pela moradia, a partir da ocupação irregular. Do ponto de vista físico, o caso é estudado em função de uma análise baseada em mapas fundo-figura que revela realidades espaciais antagônicas, e do ponto de vista social, o caso é estudado em função do cotidiano percorrido pelas pessoas e apresenta diferentes fronteiras a serem atravessadas. Estes três lados de uma mesma realidade se interpenetram entre o projeto e a apropriação evidenciando alguns aspectos que um estudo focado somente no histórico, no físico ou no social do espaço estudado talvez não revelasse.

Neste momento final da dissertação, objetiva-se realizar um apanhado destes aspectos relevantes obtidos em função da análise desenvolvida nos três últimos capítulos correspondentes ao estudo de caso. Em cada capítulo, o mesmo objeto foi abordado a partir de diferentes olhares entre o projeto e a apropriação no tempo: no primeiro, o olhar foi histórico; no segundo, físico e, no terceiro, social. A sobreposição destas três formas de abordar uma mesma realidade viabiliza uma profundidade maior no que diz respeito aos resultados finais obtidos, assim como a construção e aplicação de um método específico que dá conta do pretendido na introdução. A seguir, as três questões específicas do trabalho, oriundas da questão central, são retomadas juntamente com seus respectivos pressupostos, a partir de três momentos finais: um histórico, um físico e outro social.

1. Considerações históricas sobre o espaço: A primeira questão específica do trabalho buscou problematizar o aspecto histórico da relação entre o projeto e a apropriação ao perguntar sobre as interações espaciais entre as ações concebidas pelo projeto originalmente e as ações vividas pelas apropriações temporalmente. Tal problemática carrega como pressuposto a noção de que estas interações espaciais, entre as ações do projeto e as ações das apropriações, variam em função da configuração estrutural complementar, ou não complementar, entre formas e funções ao longo do tempo. Esta pergunta e este pressuposto atravessaram uma série de conceitos que fundamentaram esta parte do estudo. A tríade concebido/percebido/vivida (LEFEBVRE, 1991) representou aqui o sistema espacial

que viabilizou a organização da análise do objeto empírico. Já a relação entre estratégias e táticas (CERTEAU, 2014) problematizou a passagem entre o concebido e o vivido a partir do contraste entre as ações dos diferentes atores produtores do espaço. Estas ações, por sua vez, resultaram na materialização do espaço a partir da relação entre estruturas, formas e funções ao longo do tempo (LEFEBVRE, 2001). Este contexto teórico se configurou na prática através da relação entre o modelo de produção habitacional fundamentado na política do Banco Nacional da Habitação (BNH) e a história de ocupação do Conjunto Habitacional Guajuviras.

A política habitacional do BNH evidencia um modelo produtivo que desvincula os atores do âmbito do projeto e os atores do âmbito da apropriação, resultando em um choque de estratégias e táticas, onde a desarticulação entre o concebido e o vivido inicia antes mesmo do espaço ser materializado em função da forma como se dá a sua produção. Tal desarticulação na política habitacional se materializa em um espaço de conflito entre atores antagônicos e de disputa pela apropriação a partir do ser que está descolado do seu espaço de manifestação originalmente.

A história de consolidação do Conjunto Habitacional Guajuviras mostra esta dissociação através da relação tumultuada entre as ações do poder público, primeiramente da Companhia de Habitação (COHAB) e posteriormente do município de Canoas/RS, e as ações dos moradores, inicialmente ocupantes e, posteriormente, mutuários. Esta tensão, que foi e ainda é retratada nos jornais e nas publicações, começou no final da década de 1980 com a ocupação irregular do conjunto habitacional e se arrasta até hoje.

Ao longo dos 29 anos de ocupação do conjunto habitacional, o que se observa é a desigualdade entre os dois grupos de atores envolvidos no processo de produção do espaço. De um lado, o poder público exige a desocupação do espaço enquanto do outro lado inúmeras famílias lutam diariamente para manterem a posse da moradia ocupada. Tal realidade não é exclusividade do Guajuviras, pois esta mesma política dentro daquele período histórico promoveu outros conjuntos habitacionais que tiveram histórias semelhantes como, por exemplo, o Conjunto Rubem Berta em Porto Alegre. Independente do lugar, a política habitacional e a lógica estratégica de produção são as mesmas resultando em soluções estereotipadas e empobrecidas do ponto de vista urbano que objetivam o retorno financeiro antes do atendimento das necessidades humanas. Neste contexto, cabe aos moradores reinventarem estes espaços desconectados do cotidiano a partir de ações táticas e transformadoras. O cotidiano, então, é entendido como o celeiro de novas alternativas de urbanidade que, apesar do aspecto informal e precário em algumas situações, resgatam o vínculo entre o ser e o seu espaço de manifestação, negligenciado, desde o início, por uma política

habitacional despreocupada com a segregação espacial.

Este vínculo se materializa em função do espaço e dos seus aspectos estruturais, formais e funcionais em transformação constante entre o projeto e a apropriação. No caso estudado é evidente a luta pela apropriação do espaço em função de reconfigurações estruturais entre formas e funções. O que o projeto entendia como ideal, em várias circunstâncias, foi desdito em função das ocupações do espaço. Limites foram redefinidos ou reformulados entre as áreas das casas unifamiliares, dos blocos multifamiliares e das áreas verdes ocupadas. Em cada situação a estrutura original foi apropriada de maneira distinta em função das alterações formais e funcionais, no tempo. Embora nas casas unifamiliares a estrutura tenha se mantido, nos blocos esta foi complementada e, nas áreas verdes ocupadas, foi reinventada em sua totalidade. Regiões distintas com transformações espaciais distintas. No primeiro caso a relação entre formas e funções foi complementar, logo a estrutura original foi mantida e reafirmada em função da densificação construtiva ao longo do tempo. No segundo caso, tal relação foi complementada produzindo a reformulação da estrutura inicial a partir da adição de novas formas e funções, para além do projeto. E no terceiro ela não foi complementar. Portanto, a estrutura original foi recriada do zero em função dos novos usos para as áreas verdes e alamedas que se transformaram em moradias irregulares.

Estes tipos distintos de transformação espacial denunciam uma relação estreita entre ações do projeto e das apropriações e a configuração estrutural entre formas e funções. Contudo, como mostra o caso estudado, esta configuração estrutural não se limita a uma lógica complementar ou não complementar entre formas e funções, pois existem meios termos entre os dois extremos. Nestes casos, a estrutura não é nem mantida nem recriada, mas complementada em função do acréscimo de novos elementos que promovem a redefinição da mesma. Estas ponderações ganham materialidade quando a história é mapeada e os espaços, que até então estavam contidos no âmbito das notícias históricas, são observados a partir de um olhar físico sobre o espaço como mostra as considerações a seguir.

2. Considerações físicas sobre o espaço: A segunda questão específica do trabalho buscou problematizar o aspecto físico da relação entre o projeto e a apropriação ao perguntar sobre os padrões de adequação presentes no espaço percebido em função da interpenetração entre o concebido e o vivido ao longo do tempo. Tal problemática carrega como pressuposto a noção de que estes padrões de transformação do processo de adequação do espaço implantado em função da ocupação estão associados à relação entre a rua (pública) e a edificação (privada) do

parcelamento original. Esta pergunta e este pressuposto atravessaram uma série de conceitos que fundamentaram esta parte do estudo. A relação entre o espaço físico e o espaço social (BOURDIEU, 2012) foi entendida aqui como a tensão necessária ao processo de construção do lugar. Neste processo, foi abordado o princípio de adequação (LYNCH, 2010) que problematiza a relação entre padrões espaciais e comportamentos habituais. Foi a partir deste panorama que a adaptação da forma urbana ao cotidiano se destacou em função da relação entre as vias, o parcelamento e as edificações (PANERAI, 2014). Este contexto teórico se configurou na prática através da relação entre a implantação e a ocupação do Conjunto Habitacional Guajuviras.

A forma como o projeto do Conjunto Habitacional Guajuviras foi concebido e implantado não atendeu às demandas sociais das ocupações através dos princípios urbanísticos vinculados ao modelo de unidade de vizinhança proposto e da implantação não finalizada, quando da ocupação. As noções de unidade de vizinhança em que a setorização era preconizada a partir da intercalação entre áreas habitacionais e grandes áreas verdes somadas à não execução de uma série de equipamentos comunitários resultaram em um espaço fragmentado durante o processo de ocupação. A intenção original do projeto de promover uma integração cotidiana entre os setores em função das áreas verdes não se concretizou produzindo regiões antagônicas dentro do mesmo bairro. Até hoje ainda permanece a distinção tanto espacial como simbólica entre os moradores do tecido urbano regular (casas unifamiliares e blocos multifamiliares) e os moradores das áreas verdes ocupadas irregularmente. Contudo, todos se encontram necessariamente na área comercial formada ao redor dos blocos.

Aqui a distinção entre grupos sociais apresenta, portanto, a sua origem no espaço físico já que o afastamento simbólico decorre da forma como as pessoas adequaram o espaço às suas realidades cotidianas. Dentro deste processo de adequação distinto entre casas unifamiliares, blocos multifamiliares e áreas verdes ocupadas, o Bairro Guajuviras se transformou num mosaico de experiências contrastantes em que cada região apresenta particularidades específicas. Tal processo promoveu diferentes padrões de adaptação a partir da forma urbana inicialmente proposta pelo projeto, evidenciando que o mesmo apresentou áreas mais adequadas e outras menos adequadas ao cotidiano. Portanto, analisar o espaço envolve a sobreposição de diferentes tempos entre o projeto concebido e a apropriação vivida que podem se relacionar distintamente em função da associação entre o espaço implantado e a maneira como este é ocupado e adequado ao dia-a-dia das pessoas.

Tais sobreposições se tornam visíveis e ganham significados quando o que foi transformando ao longo do tempo é observado na paisagem. As três lógicas do tecido urbano (via, parcelamento e edificação) representam as bases estruturais que são manipuladas com o objetivo de alcançar a adequação entre padrões espaciais e comportamentos habituais. Logo, a articulação destas três lógicas entre o projeto e a apropriação escreve na terceira dimensão das paisagens, as diferentes maneiras encontradas pelos moradores de resgatar o cotidiano a partir da relação entre o público e o privado. No caso das casas originalmente projetadas e implantadas, esta articulação é mantida como base estrutural para as transformações sucessivas em função do parcelamento; nos blocos, este último passa por uma reformulação a partir de mudanças na relação entre o público, da via, e o privado, da edificação. No caso das áreas verdes ocupadas, esta articulação inexistia inicialmente, assim vias, parcelamento e edificações passam por uma reinvenção ao longo do tempo desconsiderando o projeto original e objetivando o resgate da relação entre o espaço público e o privado ausente no princípio.

Estas adaptações da forma urbana projetada à forma urbana apropriada evidenciam a relação dos padrões transformadores com a disposição original entre o público e o privado. Tal tensão, pressuposta no momento introdutório, é aprofundada aqui na conclusão na medida em que se estabelece o tipo de relação entre os padrões de transformação das apropriações e a disposição projetada entre o público e o privado. Quando há uma articulação entre as três lógicas do tecido urbano projetado, este viabiliza o resgate do cotidiano sem rupturas da relação original entre o público e o privado, e os padrões de transformação acontecem a partir do projeto. Entretanto, quando há uma desarticulação entre as três lógicas do tecido urbano projetado, o resgate do cotidiano é problemático, pois a relação entre o público e o privado é reinterpretada, e os padrões de transformação tendem a acontecer contra o projeto original. Nesta busca, observa-se que a paisagem resultante pode apresentar fragilidades que são traduzidas no cotidiano em função dos percursos, como mostram as considerações a seguir.

3. Considerações sociais sobre o espaço: A terceira questão específica do trabalho buscou problematizar o aspecto social da relação entre o projeto e a apropriação ao perguntar sobre as dinâmicas cotidianas atuais dos percursos dos moradores do lugar oriundas das formas de apropriação do espaço, no tempo. Tal problemática carrega como pressuposto a noção de que estas diferentes dinâmicas do cotidiano percorrido a partir da apropriação do espaço dependem das transformações do espaço projetado entre a casa e a cidade em função do bairro. Esta pergunta e

este pressuposto atravessaram uma série de conceitos que fundamentaram esta parte do estudo. A relação estreita entre paisagens urbanas e lembranças vividas (HALBWACHS, 2003) representou aqui a fonte da construção de uma imagem coletiva do espaço analisado. Tal imagem foi fundamentada na articulação entre os seus cinco pontos estruturadores: a via, o limite, o bairro, o ponto nodal e o marco (LYNCH, 2011). Estes elementos articularam aqui os percursos cotidianos que atravessam as diferentes fronteiras entre a casa e a cidade através do bairro (CERTEAU, 2014). Este contexto teórico se configurou na prática através da relação entre os percursos idealizados no âmbito do projeto e os percursos concretizados no âmbito do cotidiano do Conjunto Habitacional Guajuviras.

Os percursos realizados no cotidiano do Guajuviras são bem diferentes daqueles preconizados no projeto originalmente. As lógicas de circulação se inverteram em função das mudanças físicas que o espaço vivenciou ao longo do tempo. Novos caminhos foram abertos enquanto outros foram fechados entre o projeto e a apropriação. Estas mudanças representaram alterações no movimento das pessoas, pois as áreas exclusivas para a circulação do carro, como a Avenida 17 de Abril, foram apropriadas como áreas de circulação de pedestres e de encontro dos moradores, assim como as áreas destinadas para este fim no projeto, como as alamedas e as áreas verdes públicas, foram apropriadas irregularmente. Assim, as dinâmicas cotidianas se concretizaram ao longo do tempo sem obedecer às dinâmicas de circulação propostas pelo projeto.

Tal dissociação entre os percursos projetados e os percursos concretizados resultou em uma imagem “pública” do bairro que apresentou algumas particularidades resgatadas em função das paisagens recordadas pelas lembranças vividas. Estas últimas demonstram como um mesmo bairro ou lugar pode permitir diferentes olhares sobre ele mesmo em função da relação entre o projeto e a apropriação. A imagem pública do Bairro Guajuviras evidencia uma sobreposição entre três características bem diferentes e contrastantes que marcam as três regiões do bairro. Para alguns ele é tranquilo, para outro inseguro e, para outros ainda, o bairro é movimentado. Em função do cruzamento dos questionários, estas três características estão relacionadas, respectivamente, às áreas das casas unifamiliares, às áreas verdes ocupadas e às áreas dos blocos multifamiliares.

O que se observa no Guajuviras é uma tensão cotidiana entre estas três realidades distintas que se materializa quando os moradores se deslocam atravessando o bairro entre casa e a cidade. Neste percurso cotidiano, surgem fronteiras. Umas são mais abertas enquanto outras são mais fechadas, entre o espaço privado da casa e o espaço público da cidade. Esta transição entre a intimidade da

casa e a coletividade da cidade é mediada pela figura do bairro que em alguns momentos aproxima estes dois extremos e em outros os afasta não do ponto de vista geográfico, mas do ponto de vista relacional das diferentes fronteiras. Estas são formadas no tempo entre o projeto e a apropriações, gerando espaços mais ou menos acessíveis e conectados. Nas áreas das casas unifamiliares os espaços são mais acessíveis e estão conectados com a cidade enquanto nas sub-ocupações estes são menos acessíveis e não estão conectados adequadamente à cidade. Já as áreas dos blocos apresentam espaços mais acessíveis e conectados junto dos comércios e outros menos conectados junto das garagens. Estas relações fronteiriças distintas entre a casa e a cidade produziram dinâmicas de aproximação e de afastamento entre estas três diferentes regiões, internamente, em função dos percursos cotidianos resultantes das modificações físicas do espaço.

Tais questões evidenciam que as dinâmicas cotidianas apresentam uma relação estreita com os diferentes padrões de transformação da forma urbana. Quando as fronteiras resultantes do processo de adequação são fechadas em função da relação entre o público e o privado, as dinâmicas cotidianas são fragilizadas e os espaços se afastam do ponto de vista relacional. Já quando estas fronteiras são abertas em função da mesma relação entre o público e o privado, as dinâmicas cotidianas são fortalecidas e os espaços se aproximam. Desta maneira, o processo de adequação pode produzir o encontro ou o desencontro no que diz respeito às interações entre grupos sociais, em função da forma relacional como as fronteiras se organizam, entre os espaços, no tempo. Tal possibilidade de leitura amplia o horizonte do terceiro pressuposto, ao confirmá-lo.

A partir destas ponderações finais, observa-se que os pressupostos originais funcionaram como norteadores adequados. Contudo, as primeiras não estão limitadas aos segundos, pois estas extrapolam as afirmações daqueles ao relacionar o horizonte do estudo empírico com o teórico. Em função destes três momentos finais das considerações, entende-se que a tensão entre o projeto e a apropriação é algo que não apresenta uma fórmula pronta e acaba. Todavia, funciona como um processo de construção de relações diversas entre os atores envolvidos em função do espaço que pode ser cooperativo, ou conflituoso, seja do ponto de vista histórico, físico ou social.

Ao analisar a constituição histórica, física e social do espaço entre o projeto para o Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti e a apropriação do Bairro Guajuviras popularmente chamado de “Guaju”, evidenciam-se transformações desde o início das ocupações até os dias de hoje. Durante este processo, que não apresenta um fim, o bairro se reinventou, se reinventa e se reinventará, pois a sua adequação ao cotidiano

depende da relação entre o equilíbrio da estabilidade e o desequilíbrio das manipulações cotidianas. As mudanças propostas pelos moradores no âmbito do cotidiano não são apenas aceitáveis, mas necessárias ao atendimento das demandas da vida urbana, embora sejam questionáveis do ponto de vista do projeto original. É preciso, então, reavaliar o que é entendido como “espaço adequado” em função de um projeto, pois, em casos como o Guajuviras, o que está “fora” e “contra” as diretrizes do projeto é justamente o que garante a diversidade urbana essencial para a manutenção (cotidiana) do espaço urbano.

O espaço urbano vivencia períodos de estabilidade e de mudança. Resta saber, todavia, até que ponto o desequilíbrio das manipulações funcionais e formais interfere no equilíbrio da estabilidade estrutural já que a coexistência é essencial ao processo de adequação no tempo. É necessário encontrar um denominador comum entre as situações no tempo, para que a reconciliação entre o projeto e as suas apropriações seja alcançada. Em alguns casos o reequilíbrio da adequação entre o desequilíbrio da mudança e o equilíbrio da estabilidade é mais fácil de ser obtido enquanto em outros o caminho é mais tumultuado, gerando instabilidades que reinventam estruturas em função das mudanças formais e funcionais. De qualquer forma, esta reconciliação se apresenta aqui como a resposta para alguns problemas estruturais enfrentados no espaço das cidades atualmente, tanto no âmbito físico como no âmbito social. É necessário reequilibrar as relações históricas, físicas e sociais do espaço para promover a festa e os encontros cotidianos.

No Bairro Guajuviras, há espaços em que a estabilidade estrutural do projeto foi mantida ao longo das manipulações formais e funcionais das apropriações, mas também há espaços em que ocorreu a instabilidade estrutural em função destas manipulações. Na primeira situação observa-se uma continuidade entre a situação original do projeto e as mudanças temporais das apropriações enquanto a segunda é marcada por descontinuidades. Tais relações são perceptíveis respectivamente nas áreas correspondentes às residências unifamiliares e nas áreas correspondentes aos verdes públicos ocupados irregularmente enquanto as áreas dos blocos se encontram em um meio termo entre as duas situações anteriores. Este mosaico de experiências antagônicas, no que diz respeito às transformações espaciais ao longo do tempo, se manifesta concretamente em função da relação entre via, parcelamento e edificação em cada uma das três regiões destacadas.

Estas diferenças espaciais relacionadas às três lógicas estruturais do tecido urbano do bairro são retraduzidas para o cotidiano em função dos percursos realizados. Cada região, em função das configurações físicas do espaço, apresenta diferentes fronteiras a serem atravessadas entre a casa e a cidade a partir do bairro.

Tais distinções, presentes nos percursos diários, são projetadas para o âmbito do simbólico que, juntamente com o aspecto material das fronteiras produz relações de encontro e desencontro. Sair das casas presentes nas áreas unifamiliares projetadas para se deslocar até a cidade enquanto o entorno do bairro envolve um percurso bem diferente do deslocamento entre as casas localizadas nas áreas verdes ocupadas irregularmente e a cidade. Na primeira situação as fronteiras a ser cruzadas apresentam uma fluidez entre a intimidade e a coletividade produzindo um espaço permeável material e simbolicamente. Já na segunda situação, o ato de cruzar as fronteiras entre o âmbito íntimo e o coletivo do cotidiano envolve um percurso com mais obstáculos a serem vencidos do ponto de vista material e simbólico.

A maneira como os espaços se transformaram nestes dois casos influenciou na forma como estes são percorridos hoje. Contudo, o que determina a fluidez no primeiro caso e os obstáculos no segundo não é, a priori, a condição regular ou irregular de transformação, mas a maneira como esta acontece, pois no caso dos blocos as edificações irregulares também estão presentes, mas de maneira distinta das áreas verdes ocupadas. Nos blocos, as fronteiras também foram reinventadas, mas tal reestruturação apresentou uma abertura aos percursos cotidianos junto dos comércios e um fechamento junto das garagens, enquanto nas áreas verdes o que se observa é apenas o fechamento. Portanto, um mesmo lugar pode apresentar diferentes espaços urbanos, em função das suas múltiplas faces, que se comportam entre si e com a cidade de forma diferente, promovendo cotidianos distintos, mas relacionados em função dos percursos.

As estruturas, as formas e as funções do espaço, transportadas para as três lógicas do tecido urbano, entre o projeto e a apropriação, repercutem na maneira como as pessoas se deslocam da casa até a cidade atravessando o bairro. Diferentes dinâmicas se sobrepõem gerando a aproximação de alguns e o afastamento de outros material e simbolicamente. Durante este processo que inicia com a ocupação, é essencial, portanto, revisitar o espaço e suas fronteiras para compreender a forma como as pessoas se apropriam do cotidiano em função de uma arquitetura silenciosa e discreta que reinventa o projeto de diferentes formas. Estas formas que usualmente estão fora dos padrões urbanos determinados nos projetos representam uma alternativa para os espaços monótonos e repetitivos oriundo de programas habitacionais estereotipados. Portanto, revisitar o cotidiano é encontrar formas criativas de solucionar as necessidades do dia-a-dia que nem sempre são atendidas no projeto. Olhar para as informalidades do cotidiano aqui não representa uma crítica negativa às ocupações irregulares, mas uma reflexão sobre as possibilidades de transformação física e social que as apropriações podem ensinar.

O Bairro Guajuviras talvez seja um bom exemplo para discutir a noção de transformação cotidiana enquanto fonte de novas alternativas de urbanidade. No caso estudado, os moradores do “Guaju” transmitem uma série de ensinamentos relacionados a um espaço adequado ao dia-a-dia em função das apropriações. Eles afirmam, de forma silenciosa, que preferem modificar o espaço para atender às suas necessidades do que permanecer na situação imposta pelo projeto inicialmente. Surge aqui, então, o embate entre a necessidade de mudar da apropriação temporalmente vivida e a estrutura rígida já finalizada do projeto originalmente concebido.

A adequação entre padrões espaciais relacionados ao espaço concebido e comportamentos habituais relacionados ao espaço vivido dificilmente será resolvida por completo no âmbito do projeto, pois esta se dá no tempo das apropriações e não em no instante do projetar. Determinar toda uma realidade em função de um desenho é algo limitado e reducionista, enquanto a vivência de uma realidade, que é mutante por princípio, é algo ilimitado e criativo. É esta realidade mutante que o cotidiano descortina diante dos olhos dos projetistas e dos planejadores que acreditam deter o arcabouço sobre toda a possibilidade cotidiana a priori. Possibilidade esta que pode até ser negligenciada e reduzida ao projeto, mas que emerge com toda a sua beleza e diversidade, na apropriação.

Ainda hoje o povo do Guajuviras e de tantos outros conjuntos habitacionais que foram ocupados informalmente no final do Regime Militar lutam por melhores condições de vida enfatizando com gritos silenciosos a necessidade de repensar o planejamento habitacional e os seus projetos habitacionais. Estes gritos cantam uma história de transformações diversas tanto físicas como sociais de grupos à margem da sociedade estabelecida. Gritos estes que buscam um reconhecimento desta mesma sociedade que insiste em mantê-los afastados da cidade formal. Gritos estes que surgem dos interstícios do “Guaju” desdizendo, na prática, a estrutura projetada anteriormente em prol do que foi apropriado e reinventado no cotidiano.

ANEXOS:

A FORMA DE APLICAÇÃO E A RELAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS ABERTOS

A aplicação do questionário desenvolvido no presente método foi baseada em faixas e em grupos de pesquisa, como mostra a imagem a seguir (Figura 94). Para o desenvolvimento da pesquisa de campo, o território do Bairro Guajuviras foi dividido em cinco faixas de pesquisa de forma que em cada uma delas os três grupos de pesquisa estão presentes. As faixas estão numeradas sendo que a de número 1 corresponde ao trecho mais ao norte e a de número 5 corresponde ao trecho mais ao sul. Já os grupos são os moradores das casas unifamiliares, dos blocos multifamiliares e dos verdes irregularmente ocupados que estão distribuídos ao longo do bairro. A intenção da pesquisa de campo foi a aplicação do questionário aberto dentro destas cinco faixas com os três grupos de pesquisa até a obtenção de um padrão reconhecível entre as respostas dos diferentes moradores locais. Neste trabalho, este padrão foi alcançado quando se atingiu o número de 45 questionários aplicados, sendo que cada grupo de pesquisa contou com 15 questionários enquanto cada faixa de pesquisa contou com 9 questionários aplicados. Este universo apresentou um nível de correspondência entre as respostas que se mostrou adequado aos objetivos estabelecidos inicialmente.

Do ponto de vista da organização dos questionários, durante a pesquisa de campo, estes foram realizados em três dias dentro de um período de uma semana. Os dias escolhidos para a realização da pesquisa de campo foram os dias 19, 21 e 24 de novembro de 2015 e em cada dia foram aplicados 15 questionários entre o turno da manhã e o turno da tarde. Dentro deste universo, cada faixa contou com três moradores entrevistados por dia de pesquisa sendo que estes representaram os três grupos de pesquisa já destacados. Portanto, em cada dia foram entrevistadas 5 moradores das casa unifamiliares (MCUs), 5 moradores dos blocos multifamiliares (MBMs) e 5 moradores das áreas verdes ocupadas (MVOs) distribuídos entre as faixas de pesquisa, buscando uma imparcialidade na divisão dos questionário dentro do universo pesquisado.

A maneira como os questionários foram aplicados nos três dias da pesquisa de campo seguiu um procedimento idêntico. O pesquisador acessou o campo a partir da Linha de Ônibus Guajuviras, Via Assis Brasil, percorrendo toda a extensão do bairro do sul para o norte de ônibus. Durante a pesquisa de campo, o pesquisador desceu do ônibus no final da linha na faixa de pesquisa de número 1. Logo, a ordem dos questionários nos três dias de pesquisa iniciou na faixa de número 1 e foi finalizada na faixa de número 5, onde o pesquisador embarcou, em retorno, no ônibus já referido.

Cada questionário realizado durava em média 5 minutos por morador que autorizava ou não a gravação da conversa e o registro fotográfico do entorno. A relação dos 45 questionários aplicados com os moradores e as imagens do entorno se apresenta as seguir, juntamente com a síntese tabelada das respostas obtidas.



Figura 94: Mapa fundo-figura atual com a localização das faixas e dos grupos de pesquisa.

Fonte: MOG, W. 2016.

QUESTIONÁRIO N°01 (19/11/2015 - 10h30/15h30)

Identificação: MCU-01	Idade/sexo: 19 anos/masculino
Escolaridade: 1° grau completo	Profissão: Estudante
Renda do domicílio (SM): Entre 1 e 5	Situação do domicílio: Alugado
Número de moradores na residência: 6	Tempo de residência no bairro: 3 meses
Faixa de pesquisa: 1	Grupo de pesquisa: Casas unifamiliares



IMAGENS DO CONTEXTO HABITACIONAL (FONTE: MOG, W. 2015).

RESPOSTAS DAS QUESTÕES REALIZADAS: O GUAJUVIRAS SEGUNDO OS MORADORES

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras hoje para você?

“Um bairro tranquilo.”

Onde você se sente mais seguro(a) e onde você se sente menos seguro(a) no Bairro Guajuviras?

“Mais seguro na rua da minha casa e menos seguro ali pela avenida (17 de Abril).”

Por quais ruas e lugares você costuma andar no Bairro Guajuviras? Para que atividade? Quais ruas e lugares você evita ou evitaria andar no Bairro Guajuviras? Por quê?

“Por aqui na frente da minha casa, na frente do Unisuper e no colégio também. Para levar a minha irmã no colégio e ir ao mercado também. Evitaria entrar naquelas vilas porque eu não conheço ninguém ali para dentro.”

Onde você costuma se encontrar com seus amigos ou com os moradores no Bairro Guajuviras?

“Aqui na pracinha (logo ao lado da residência).”

Quais são os prédios ou lugares que chamam a sua atenção e ajudam na sua localização no Bairro Guajuviras como pontos de referência?

“Só o Unisuper aqui.”

Quais são os cruzamentos ou pontos mais movimentados do Bairro Guajuviras? É comum ver pessoas que não são moradores do bairro nestes locais?

“A Avenida Esperança e a 17 de Abril. Só aqueles haitianos de fora.”

Onde começa e onde termina o Bairro Guajuviras para você?

“Começa lá na rótula do Território de Paz e termina na frente da minha casa.”

Você costuma sair do Bairro Guajuviras? Para que lugar? Para que atividade?

“No Centro de Canoas para procurar serviço.”

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras no início do seu tempo de residência no local?

“Achei esta rua uma parte tranquila.”

Quais foram as principais mudanças que aconteceram no Bairro Guajuviras para você durante o seu tempo de residência no local?

“Não notei grandes mudanças.”

QUESTIONÁRIO N°02 (19/11/2015 - 10h30/15h30)

Identificação: MVO-01	Idade/sexo: 33 anos/feminino
Escolaridade: 1° grau completo	Profissão: Doceira
Renda do domicílio (SM): Entre 1 e 5	Situação do domicílio: Próprio
Número de moradores da residência: 5	Tempo de residência no bairro: 3 anos
Faixa de pesquisa: 1	Grupo de pesquisa: Verdes ocupados



IMAGENS DO CONTEXTO HABITACIONAL (FONTE: MOG, W. 2015).

RESPOSTAS DAS QUESTÕES REALIZADAS: O GUAJUVIRAS SEGUNDO OS MORADORES

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras hoje para você?

“Território da Paz... Não tem nada de paz aqui.”

Onde você se sente mais seguro(a) e onde você se sente menos seguro(a) no Bairro Guajuviras?

“Em casa mais segura e nas ruas menos segura.”

Por quais ruas e lugares você costuma andar no Bairro Guajuviras? Para que atividade? Quais ruas e lugares você evita ou evitaria andar no Bairro Guajuviras? Por quê?

“Mais aqui no centro na faixa principal. Para ir ao mercado, na farmácia, no posto. Evitaria andar nas pracinhas, esquinas e nos becos porque já mataram um monte por aqui.”

Onde você costuma se encontrar com seus amigos ou com os moradores no Bairro Guajuviras?

“Não tem ponto de encontro nenhum. É meio difícil.”

Quais são os prédios ou lugares que chamam a sua atenção e ajudam na sua localização no Bairro Guajuviras como pontos de referência?

“O Unisuper, o Mil Xis ali e as farmácias.”

Quais são os cruzamentos ou pontos mais movimentados do Bairro Guajuviras? É comum ver pessoas que não são moradores do bairro nestes locais?

“Em frente ao Rocha (mercado) lá em cima. É comum ver pessoas de fora do bairro.”

Onde começa e onde termina o Bairro Guajuviras para você?

“Lá em cima no Território da Paz e lá embaixo.”

Você costuma sair do Bairro Guajuviras? Para que lugar? Para que atividade?

“Sim, Porto Alegre para trabalhar e para passear. Eu não passeio aqui. É muito difícil.”

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras no início do seu tempo de residência no local?

“Tranquilidade.”

Quais foram as principais mudanças que aconteceram no Bairro Guajuviras para você durante o seu tempo de residência no local?

“Nenhuma. Só botaram só o cascalho na rua, porque o resto tudo tinha e o Unisuper.”

QUESTIONÁRIO N°03 (19/11/2015 - 10h30/15h30)

Identificação: MBM-01	Idade/sexo: 30 anos/feminino
Escolaridade: 2° grau completo	Profissão: Vendedora
Renda do domicílio (SM): Entre 1 e 5	Situação do domicílio: Alugado
Número de moradores na residência: 3	Tempo de residência no bairro: 2 anos
Faixa de pesquisa: 1	Grupo de pesquisa: Blocos multifamiliares



IMAGENS DO CONTEXTO HABITACIONAL (FONTE: MOG, W. 2015).

RESPOSTAS DAS QUESTÕES REALIZADAS: O GUAJUVIRAS SEGUNDO OS MORADORES

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras hoje para você?

“Quando eu vim para cá eu me assustei porque eu vi muita pobreza. Podiam dar mais atenção para as pessoas da vila. Aqui a principal ainda é tranquilo. Os colégios não têm estrutura, se chove, não tem aula.”

Onde você se sente mais seguro(a) e onde você se sente menos seguro(a) no Bairro Guajuviras?

“Segura dentro de casa e quanto à insegurança eu não tenho queixa nenhuma. A gente até caminha nunca dentro das vilas, mas a gente caminha por aqui e é bem tranquilo.”

Por quais ruas e lugares você costuma andar no Bairro Guajuviras? Para que atividade? Quais ruas e lugares você evita ou evitaria andar no Bairro Guajuviras? Por quê?

“Só na principal. Para caminhar e ir às farmácias, nos mercados e nas lojinhas. Vários, porque as pessoas falam. Eu evito as vilas, porque dá muito tiro ali.”

Onde você costuma se encontrar com seus amigos ou com os moradores no Bairro Guajuviras?

“Não me encontro.”

Quais são os prédios ou lugares que chamam a sua atenção e ajudam na sua localização no Bairro Guajuviras como pontos de referência?

“O Rocha, o posto de polícia e o posto grande de saúde que tem aqui.”

Quais são os cruzamentos ou pontos mais movimentados do Bairro Guajuviras? É comum ver pessoas que não são moradores do bairro nestes locais?

“Lá na entrada. Lá é bem movimentado e está sempre assim. Eu andei vendo estas pessoas que falam outra língua, mas fora eles eu não vi ninguém.”

Onde começa e onde termina o Bairro Guajuviras para você?

“É a principal. Eu não tenho nem ideia para onde vai depois, porque eu não vou.”

Você costuma sair do Bairro Guajuviras? Para que lugar? Para que atividade?

“Sim, nos bairro de Canoas como o Bairro Harmonia para visitar a minha mãe que mora lá e em Santo Antônio, porque os pais do meu marido são de lá.”

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras no início do seu tempo de residência no local?

“Achei bem bonitinho. Eu entrei direto na principal e não achei feio. Na minha cabeça, como falam muito mal dele, eu imaginei malocas, mas a impressão foi boa.”

Quais foram as principais mudanças que aconteceram no Bairro Guajuviras para você durante o seu tempo de residência no local?

“Não vi sinceramente muitas mudanças. Só arrumaram os postes da luz, mas continua o problema de encher de água. Quando chove enche tudo e não dá para passar.”

QUESTIONÁRIO N°04 (19/11/2015 - 10h30/15h30)

Identificação: MCU-02	Idade/sexo: 23 anos/masculino
Escolaridade: 2° grau completo	Profissão: Vendedor
Renda do domicílio (SM): Entre 5 e 10	Situação do domicílio: Próprio
Número de moradores na residência: 3	Tempo de residência no bairro: 12 anos
Faixa de pesquisa: 2	Grupo de pesquisa: Casas unifamiliares



IMAGENS DO CONTEXTO HABITACIONAL (FONTE: MOG, W. 2015).

RESPOSTAS DAS QUESTÕES REALIZADAS: O GUAJUVIRAS SEGUNDO OS MORADORES

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras hoje para você?

“Facilidade. É perto de tudo.”

Onde você se sente mais seguro(a) e onde você se sente menos seguro(a) no Bairro Guajuviras?

“Mais seguro aqui perto da minha casa e menos seguro onde eu não conheço.”

Por quais ruas e lugares você costuma andar no Bairro Guajuviras? Para que atividade? Quais ruas e lugares você evita ou evitaria andar no Bairro Guajuviras? Por quê?

“Por bastante. Quase todas. Pela avenida principal que liga tudo. Só deslocamento mesmo. Alguns lugares a gente evita andar à noite como as vilas que tem lá embaixo. Lugares mais complicados.”

Onde você costuma se encontrar com seus amigos ou com os moradores no Bairro Guajuviras?

“Dentro do bairro eu não costumo me encontrar.”

Quais são os prédios ou lugares que chamam a sua atenção e ajudam na sua localização no Bairro Guajuviras como pontos de referência?

“O ponto de referência maior aqui é o Mercado Rocha e para quem vem de fora a entrada.”

Quais são os cruzamentos ou pontos mais movimentados do Bairro Guajuviras? É comum ver pessoas que não são moradores do bairro nestes locais?

“Aquele do Rocha e o da Brigada. Costumo ver pessoas de fora, não é muito difícil.”

Onde começa e onde termina o Bairro Guajuviras para você?

“Começa na entrada e termina na Esperança.”

Você costuma sair do Bairro Guajuviras? Para que lugar? Para que atividade?

“Sim, para Porto Alegre, Esteio e Sapucaia a trabalho e passeio no final de semana.”

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras no início do seu tempo de residência no local?

“Era bastante violento. Há 10 anos esta rua era bem violenta.”

Quais foram as principais mudanças que aconteceram no Bairro Guajuviras para você durante o seu tempo de residência no local?

“A violência que hoje em dia não é tanta. Hoje é bem mais seguro do que antigamente.”

QUESTIONÁRIO N°05 (19/11/2015 - 10h30/15h30)

Identificação: MVO-02	Idade/sexo: 61 anos/masculino
Escolaridade: 1° grau completo	Profissão: Mestre de obra (aposentado)
Renda do domicílio (SM): Entre 1 e 5	Situação do domicílio: Próprio
Número de moradores da residência: 2	Tempo de residência no bairro: 28 anos
Faixa de pesquisa: 2	Grupo de pesquisa: Verdes ocupados



IMAGENS DO CONTEXTO HABITACIONAL (FONTE: MOG, W. 2015).

RESPOSTAS DAS QUESTÕES REALIZADAS: O GUAJUVIRAS SEGUNDO OS MORADORES

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras hoje para você?

“Não tenho queixa nenhuma. Nunca tive problema de assalto apesar de morar num beco.”

Onde você se sente mais seguro(a) e onde você se sente menos seguro(a) no Bairro Guajuviras?

“Em casa é um lugar mais seguro e na rua é complicado.”

Por quais ruas e lugares você costuma andar no Bairro Guajuviras? Para que atividade? Quais ruas e lugares você evita ou evitaria andar no Bairro Guajuviras? Por quê?

“Por todas as ruas. A principal com mais frequência. Para ir à lotérica, numa ferragem ou num mercado. Evito caminhar nas ruas lá debaixo no fundo de noite. Esta história do “Bicho do Guajuviras” que come criança é tudo conversa para boi dormir.”

Onde você costuma se encontrar com seus amigos ou com os moradores no Bairro Guajuviras?

“Não tem ponto de encontro. Não existe.”

Quais são os prédios ou lugares que chamam a sua atenção e ajudam na sua localização no Bairro Guajuviras como pontos de referência?

“Avenida Esperança, os fios de alta tensão.”

Quais são os cruzamentos ou pontos mais movimentados do Bairro Guajuviras? É comum ver pessoas que não são moradores do bairro nestes locais?

“É na principal. Às vezes vem pessoas de fora. Os haitianos que moram por ai.”

Onde começa e onde termina o Bairro Guajuviras para você?

“Lá na federal e termina aqui no final da linha dos ônibus.”

Você costuma sair do Bairro Guajuviras? Para que lugar? Para que atividade?

“Sim, vou para a praia a passeio.”

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras no início do seu tempo de residência no local?

“Era mais calmo. Ele foi crescendo e o progresso foi chegando. Mercados e drogas.”

Quais foram as principais mudanças que aconteceram no Bairro Guajuviras para você durante o seu tempo de residência no local?

“Mudou muito. É mercado, linha de ônibus e o asfalto das ruas.”

QUESTIONÁRIO N°06 (19/11/2015 - 10h30/15h30)

Identificação: MBM-02	Idade/sexo: 75 anos/feminino
Escolaridade: 1° grau completo	Profissão: Auxiliar de enfermagem
Renda do domicílio (SM): Entre 1 e 5	Situação do domicílio: Próprio
Número de moradores na residência: 2	Tempo de residência no bairro: 10 anos
Faixa de pesquisa: 2	Grupo de pesquisa: Blocos multifamiliares



IMAGENS DO CONTEXTO HABITACIONAL (FONTE: MOG, W. 2015).

RESPOSTAS DAS QUESTÕES REALIZADAS: O GUAJUVIRAS SEGUNDO OS MORADORES

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras hoje para você?
"Acho que é muito bom."

Onde você se sente mais seguro(a) e onde você se sente menos seguro(a) no Bairro Guajuviras?
"Dentro de casa me sinto mais segura e a insegurança é total no Guajuviras."

Por quais ruas e lugares você costuma andar no Bairro Guajuviras? Para que atividade? Quais ruas e lugares você evita ou evitaria andar no Bairro Guajuviras? Por quê?
"Vou mais ao supermercado para fazer compras. Evito andar à noite, por causa da insegurança."

Onde você costuma se encontrar com seus amigos ou com os moradores no Bairro Guajuviras?
"É complicado."

Quais são os prédios ou lugares que chamam a sua atenção e ajudam na sua localização no Bairro Guajuviras como pontos de referência?
"Não há um elemento de referência."

Quais são os cruzamentos ou pontos mais movimentados do Bairro Guajuviras? É comum ver pessoas que não são moradores do bairro nestes locais?
"Esta rua principal aqui é mais movimentada. É difícil ver pessoas de fora."

Onde começa e onde termina o Bairro Guajuviras para você?
"Começa lá em cima na entrada e vai até não sei aonde."

Você costuma sair do Bairro Guajuviras? Para que lugar? Para que atividade?
"Sim, vou ao Centro de Canoas para fazer compras em lojas."

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras no início do seu tempo de residência no local?
"Era terrível, porque tudo era novo e muito feio."

Quais foram as principais mudanças que aconteceram no Bairro Guajuviras para você durante o seu tempo de residência no local?
"Veio o asfalto, veio polícia e veio UPA."

QUESTIONÁRIO N°07 (19/11/2015 - 10h30/15h30)

Identificação: MCU-03	Idade/sexo: 72 anos/feminino
Escolaridade: 2° grau completo	Profissão: Doméstica
Renda do domicílio (SM): Entre 1 e 5	Situação do domicílio: Próprio
Número de moradores na residência: 8	Tempo de residência no bairro: 28 anos
Faixa de pesquisa: 3	Grupo de pesquisa: Casas unifamiliares



IMAGENS DO CONTEXTO HABITACIONAL (FONTE: MOG, W. 2015).

RESPOSTAS DAS QUESTÕES REALIZADAS: O GUAJUVIRAS SEGUNDO OS MORADORES

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras hoje para você?

“O bairro é bom.”

Onde você se sente mais seguro(a) e onde você se sente menos seguro(a) no Bairro Guajuviras?

“Aqui onde eu moro me sinto segura. Não sei onde eu me sentiria insegura.”

Por quais ruas e lugares você costuma andar no Bairro Guajuviras? Para que atividade? Quais ruas e lugares você evita ou evitaria andar no Bairro Guajuviras? Por quê?

“Pela principal para pagar as contas de água e de luz e fazer compras. Evito andar lá para baixo no final do bairro, porque eu tenho medo.”

Onde você costuma se encontrar com seus amigos ou com os moradores no Bairro Guajuviras?

“Em casa.”

Quais são os prédios ou lugares que chamam a sua atenção e ajudam na sua localização no Bairro Guajuviras como pontos de referência?

“A Contel.”

Quais são os cruzamentos ou pontos mais movimentados do Bairro Guajuviras? É comum ver pessoas que não são moradores do bairro nestes locais?

“Na entrada, na rótula. Eu vejo mais as pessoas do bairro neste local.”

Onde começa e onde termina o Bairro Guajuviras para você?

“Ele começa na rótula e acaba na Contel.”

Você costuma sair do Bairro Guajuviras? Para que lugar? Para que atividade?

“Às vezes eu vou para o São Gerônimo passear.”

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras no início do seu tempo de residência no local?

“Já tinha gente morando nas casas e eu entrei com o meu casal de filhos para morar aqui.”

Quais foram as principais mudanças que aconteceram no Bairro Guajuviras para você durante o seu tempo de residência no local?

“Muitas mudanças. A Contel não tinha gente, aqui tinha poucas pessoas, as casas não tinham muro, não tinham grade. Era tudo assim e daí foi mudando.”

QUESTIONÁRIO N°08 (19/11/2015 - 10h30/15h30)

Identificação: MVO-03	Idade/sexo: 51 anos/masculino
Escolaridade: 1° grau incompleto	Profissão: Metalúrgico (desempregado)
Renda do domicílio (SM): Entre 1 e 5	Situação do domicílio: Próprio
Número de moradores da residência: 4	Tempo de residência no bairro: 17 anos
Faixa de pesquisa: 3	Grupo de pesquisa: Verdes ocupados



IMAGENS DO CONTEXTO HABITACIONAL (FONTE: MOG, W. 2015).

RESPOSTAS DAS QUESTÕES REALIZADAS: O GUAJUVIRAS SEGUNDO OS MORADORES

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras hoje para você?

“Um bairro bom.”

Onde você se sente mais seguro(a) e onde você se sente menos seguro(a) no Bairro Guajuviras?

“Mais seguro na minha casa e menos seguro à noite na rua.”

Por quais ruas e lugares você costuma andar no Bairro Guajuviras? Para que atividade? Quais ruas e lugares você evita ou evitaria andar no Bairro Guajuviras? Por quê?

“Na avenida principal. No mercado, olhar futebol. Eu evito andar no fim da linha (do ônibus), porque ali é muito perto dos vilarejos. Ali dá muita “junção”.”

Onde você costuma se encontrar com seus amigos ou com os moradores no Bairro Guajuviras?

“Aqui na avenida principal no lado da Brigada na lancheria para olhar futebol.”

Quais são os prédios ou lugares que chamam a sua atenção e ajudam na sua localização no Bairro Guajuviras como pontos de referência?

“A entrada do Guajuviras.”

Quais são os cruzamentos ou pontos mais movimentados do Bairro Guajuviras? É comum ver pessoas que não são moradores do bairro nestes locais?

“O lugar mais movimentado é a avenida principal aqui em cima da Brigada em frente. Acredito que a maioria seja o pessoal daqui.”

Onde começa e onde termina o Bairro Guajuviras para você?

“Ele começa lá na entrada e termina no final da linha dos ônibus.”

Você costuma sair do Bairro Guajuviras? Para que lugar? Para que atividade?

“Sim. Eu vou na Mathias Velho e na Rio Branco. Tudo é passeio.”

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras no início do seu tempo de residência no local?

“Quando eu vim para cá, não era muito legal. Hoje está mais tranquilo de morar aqui. Eu me acostumei também e não quero sair daqui hoje.”

Quais foram as principais mudanças que aconteceram no Bairro Guajuviras para você durante o seu tempo de residência no local?

“Foi muita coisa. A Brigada que entrou para cá, o pessoal se conheceu melhor, porque antigamente tinha muito marginal. Aí de lá para cá começaram a vender e a vender e ficou só gente de família. Os mercados também, as farmácias, as pracinhas e as escolas. Melhorou bastante.”

QUESTIONÁRIO N°09 (19/11/2015 - 10h30/15h30)

Identificação: MBM-03	Idade/sexo: 30 anos/masculino
Escolaridade: 2° grau completo	Profissão: Instrutor de treinamento na Claro
Renda do domicílio (SM): Entre 1 e 5	Situação do domicílio: Próprio
Número de moradores na residência: 1	Tempo de residência no bairro: 20 anos
Faixa de pesquisa: 3	Grupo de pesquisa: Blocos multifamiliares



IMAGENS DO CONTEXTO HABITACIONAL (FONTE: MOG, W. 2015).

RESPOSTAS DAS QUESTÕES REALIZADAS: O GUAJUVIRAS SEGUNDO OS MORADORES

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras hoje para você?

“Tranquilidade.”

Onde você se sente mais seguro(a) e onde você se sente menos seguro(a) no Bairro Guajuviras?

“Menos seguro eu não sei. Eu mal paro em casa e só chego as seis e meia do escritório e volto à meia noite do trabalho de motoboy. Mais seguro na minha casa.”

Por quais ruas e lugares você costuma andar no Bairro Guajuviras? Para que atividade? Quais ruas e lugares você evita ou evitaria andar no Bairro Guajuviras? Por quê?

“Na principal e no Sacolão Rocha na rua onde os meus “coroas” moram. Ver a família e os amigos. Eu evito andar lá para baixo, porque lá é meio ruim o negócio e eu também não tenho nenhum conhecido lá.”

Onde você costuma se encontrar com seus amigos ou com os moradores no Bairro Guajuviras?

“Ali perto do Sacolão Rocha. Entra no Sacolão Rocha a segunda quadra.”

Quais são os prédios ou lugares que chamam a sua atenção e ajudam na sua localização no Bairro Guajuviras como pontos de referência?

“O Sacolão Rocha é o único ponto de referência. O resto dos prédios é tudo igual.”

Quais são os cruzamentos ou pontos mais movimentados do Bairro Guajuviras? É comum ver pessoas que não são moradores do bairro nestes locais?

“No Sacolão Rocha de noite e nos finais de semana e aqui em cima por causa dos barzinhos. Vem bastante gente da Mathias para cá.”

Onde começa e onde termina o Bairro Guajuviras para você?

“Começa na entrada e termina aqui na minha casa.”

Você costuma sair do Bairro Guajuviras? Para que lugar? Para que atividade?

“Saio bastante. Vou na Mathias, Esteio, na Unisinos, Fátima, São Leopoldo. Visitar parentes e amigos e a trabalho eu ando por tudo.”

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras no início do seu tempo de residência no local?

“Lugar calmo daqui para lá (entrada do bairro).”

Quais foram as principais mudanças que aconteceram no Bairro Guajuviras para você durante o seu tempo de residência no local?

“Abriram muitos estabelecimentos novos.”

QUESTIONÁRIO N°10 (19/11/2015 - 10h30/15h30)

Identificação: MCU-04	Idade/sexo: 70 anos/masculino
Escolaridade: Ginásio	Profissão: Funcionário público (aposentado)
Renda do domicílio (SM): Entre 1 e 5	Situação do domicílio: Próprio
Número de moradores na residência: 4	Tempo de residência no bairro: 28 anos
Faixa de pesquisa: 4	Grupo de pesquisa: Casas unifamiliares



IMAGENS DO CONTEXTO HABITACIONAL (FONTE: MOG, W. 2015).

RESPOSTAS DAS QUESTÕES REALIZADAS: O GUAJUVIRAS SEGUNDO OS MORADORES

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras hoje para você?

“O meu bairro é sensacional. Tirando o que não presta o resto está bom.”

Onde você se sente mais seguro(a) e onde você se sente menos seguro(a) no Bairro Guajuviras?

“Não há mais lugares seguros do jeito que anda as coisas.”

Por quais ruas e lugares você costuma andar no Bairro Guajuviras? Para que atividade? Quais ruas e lugares você evita ou evitaria andar no Bairro Guajuviras? Por quê?

“Ando pouco no bairro. Eu me aposentei agora. Saía de manhã cedo e voltava de noite. Só o final de semana eu tinha livre. Não existe mais lugar seguro. A bandidagem está por tudo.”

Onde você costuma se encontrar com seus amigos ou com os moradores no Bairro Guajuviras?

“Nós temos um barzinho aqui. Só a “velha guarda”. Conversamos, jogamos dominó, dama. O bar é aqui em cima, o Bar do João.”

Quais são os prédios ou lugares que chamam a sua atenção e ajudam na sua localização no Bairro Guajuviras como pontos de referência?

“O CAIC.”

Quais são os cruzamentos ou pontos mais movimentados do Bairro Guajuviras? É comum ver pessoas que não são moradores do bairro nestes locais?

“A Avenida 17 de Abril e a Esperança aqui em cima. Aqui seis horas da manhã o movimento é enorme. Não sei o bairro é muito grande.”

Onde começa e onde termina o Bairro Guajuviras para você?

“Para o sul ele começa aqui na rótula e vai até o limite com a ULBRA e lateralmente ele vai do limite também com a ULBRA e acaba no limite com Cachoeirinha.”

Você costuma sair do Bairro Guajuviras? Para que lugar? Para que atividade?

“Sim. Quando trabalhava, eu saía para Porto Alegre a trabalho. Agora eu vou mais para a praia a passeio.”

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras no início do seu tempo de residência no local?

“Tudo fechado, mato, o povo pedindo uma casa e pagando aluguel.”

Quais foram as principais mudanças que aconteceram no Bairro Guajuviras para você durante o seu tempo de residência no local?

“Mudou bastante. Antes aqui as ruas eram tudo de saibro e agora é tudo limpo e organizado. O povo do Guajuviras se uniu por algo que era nosso.”

QUESTIONÁRIO N°11 (19/11/2015 - 10h30/15h30)

Identificação: MVO-04	Idade/sexo: 43 anos/feminino
Escolaridade: 2° grau incompleto	Profissão: Doméstica
Renda do domicílio (SM): Até 1	Situação do domicílio: Próprio
Número de moradores da residência: 4	Tempo de residência no bairro: 16 anos
Faixa de pesquisa: 4	Grupo de pesquisa: Verdes ocupados



IMAGENS DO CONTEXTO HABITACIONAL (FONTE: MOG, W. 2015).

RESPOSTAS DAS QUESTÕES REALIZADAS: O GUAJUVIRAS SEGUNDO OS MORADORES

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras hoje para você?

“Um lugar que progrediu bastante, mas ainda tem muita coisa para melhorar.”

Onde você se sente mais seguro(a) e onde você se sente menos seguro(a) no Bairro Guajuviras?

“Eu me sinto segura, mas entre aspas.”

Por quais ruas e lugares você costuma andar no Bairro Guajuviras? Para que atividade? Quais ruas e lugares você evita ou evitaria andar no Bairro Guajuviras? Por quê?

“Eu saio pouco. Só no Mercado Rocha e no mais falta muito lugar de lazer no bairro. Eu evito andar nas ruas.”

Onde você costuma se encontrar com seus amigos ou com os moradores no Bairro Guajuviras?

“Na casa mesmo. Não tem muito lugar aqui.”

Quais são os prédios ou lugares que chamam a sua atenção e ajudam na sua localização no Bairro Guajuviras como pontos de referência?

“O Sacolão Rocha e Posto de Saúde CAIC.”

Quais são os cruzamentos ou pontos mais movimentados do Bairro Guajuviras? É comum ver pessoas que não são moradores do bairro nestes locais?

“O mais movimentado é o Rocha. Sim, bastante.”

Onde começa e onde termina o Bairro Guajuviras para você?

“Começa na entrada e acaba lá no final.”

Você costuma sair do Bairro Guajuviras? Para que lugar? Para que atividade?

“Às vezes. Para o interior a passeio.”

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras no início do seu tempo de residência no local?

“Era péssimo. Melhorou bastante.”

Quais foram as principais mudanças que aconteceram no Bairro Guajuviras para você durante o seu tempo de residência no local?

“A principal mudança é a urbanização. Falta muito, mas alguma coisa já melhorou. E o crescimento. O comércio cresceu bastante.”

QUESTIONÁRIO N°12 (19/11/2015 - 10h30/15h30)

Identificação: MBM-04	Idade/sexo: 76 anos/feminino
Escolaridade: 1º grau completo	Profissão: Doméstica
Renda do domicílio (SM): Entre 1 e 5	Situação do domicílio: Próprio
Número de moradores na residência: 1	Tempo de residência no bairro: 28 anos
Faixa de pesquisa: 4	Grupo de pesquisa: Blocos multifamiliares



IMAGENS DO CONTEXTO HABITACIONAL (FONTE: MOG, W. 2015).

RESPOSTAS DAS QUESTÕES REALIZADAS: O GUAJUVIRAS SEGUNDO OS MORADORES

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras hoje para você?

“No começo era melhor do que agora. Agora tem muito barulho, muito carro, muita coisa que às vezes não dá nem para dormir. Quando eu vim para cá, só o vizinho debaixo tinha carro. Ninguém tinha carro. Depois desandou.”

Onde você se sente mais seguro(a) e onde você se sente menos seguro(a) no Bairro Guajuviras?

“Os ônibus são muito bons. Não tem nenhuma violência dentro dos ônibus. Na verdade eu saio pouco e não ando de ônibus. Só saio quando o meu filho vem me buscar. A pessoa idosa tem medo de andar sozinha.”

Por quais ruas e lugares você costuma andar no Bairro Guajuviras? Para que atividade? Quais ruas e lugares você evita ou evitaria andar no Bairro Guajuviras? Por quê?

“Naquela quadra onde mora o Deputado Emílio perto do colégio e lá no meu filho é aonde eu vou mais a passeio ou para visitar. E aqui na principal eu saio uma vez por mês quando eu vou pagar as minhas contas na lotérica e no supermercado aqui do Rocha ou aqui no Concórdia (mercado). Apesar de eu não sair muito, eu vou à igreja perto do CAIC. Eu não tenho medo.”

Onde você costuma se encontrar com seus amigos ou com os moradores no Bairro Guajuviras?

“Não tem. Meus amigos são os meus filhos.”

Quais são os prédios ou lugares que chamam a sua atenção e ajudam na sua localização no Bairro Guajuviras como pontos de referência?

“Os prédios não chamam a atenção. Eles são todos iguais e não rebocaram até hoje. Só a esquina do Supermercado Rocha.”

Quais são os cruzamentos ou pontos mais movimentados do Bairro Guajuviras? É comum ver pessoas que não são moradores do bairro nestes locais?

“A Avenida 17 de Abril. Tu vê de tudo um pouco. Eu não vou à rua para saber quem é daqui e quem não é. O Guajuviras é muito grande e não tem como saber. Antes era pequeno e agora é grande.”

Onde começa e onde termina o Bairro Guajuviras para você?

“O Bairro Guajuviras não tem nem entrada e nem saída. Ele vai até o fim do mundo lá para baixo. O Guajuviras é muito grande. Um dia eu e meu filho fomos caminhar por aí e o bairro não tem fim. O pessoal tomou conta de tudo lá para baixo.”

Você costuma sair do Bairro Guajuviras? Para que lugar? Para que atividade?

“Sim. Eu vou a Viamão na casa do meu filho para visitar.”

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras no início do seu tempo de residência no local?

“Aqui era bom no começo. Era só campo. A gente se conhecia. No começo não foi ruim. De uns 20 anos para cá que a coisa piorou. Quem não tem onde morar cai tudo no Guajuviras.”

Quais foram as principais mudanças que aconteceram no Bairro Guajuviras para você durante o seu tempo de residência no local?

“Eles constroem muito aqui no bairro. Está cheio de garagem e de residências para as pessoas morar. Não tem um canto. Aqui é cheio e ali é cheio.”

QUESTIONÁRIO N°13 (19/11/2015 - 10h30/15h30)

Identificação: MCU-05	Idade/sexo: 28 anos/masculino
Escolaridade: 3° grau completo	Profissão: Estudante
Renda do domicílio (SM): Entre 1 e 5	Situação do domicílio: Próprio
Número de moradores na residência: 2	Tempo de residência no bairro: 20 anos
Faixa de pesquisa: 5	Grupo de pesquisa: Casas unifamiliares



IMAGENS DO CONTEXTO HABITACIONAL (FONTE: MOG, W. 2015).

RESPOSTAS DAS QUESTÕES REALIZADAS: O GUAJUVIRAS SEGUNDO OS MORADORES

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras hoje para você?

“Um bairro bom.”

Onde você se sente mais seguro(a) e onde você se sente menos seguro(a) no Bairro Guajuviras?

“Mais seguro dentro de casa. Mais inseguro ao andar de noite na rua.”

Por quais ruas e lugares você costuma andar no Bairro Guajuviras? Para que atividade? Quais ruas e lugares você evita ou evitaria andar no Bairro Guajuviras? Por quê?

“Caminho até o mercado e o ponto de ônibus na avenida principal. Eu evito ir na Contel, as ruas que não tem muita claridade e os becos.”

Onde você costuma se encontrar com seus amigos ou com os moradores no Bairro Guajuviras?

“Geralmente se eu saio, é para as casas dos vizinhos.”

Quais são os prédios ou lugares que chamam a sua atenção e ajudam na sua localização no Bairro Guajuviras como pontos de referência?

“O Rocha, a entrada, os pontos de ônibus ou os setores.”

Quais são os cruzamentos ou pontos mais movimentados do Bairro Guajuviras? É comum ver pessoas que não são moradores do bairro nestes locais?

“Que eu vejo mais movimento é aqui na entrada mesmo. Eu não sei te dizer, porque é tanta gente.”

Onde começa e onde termina o Bairro Guajuviras para você?

“O Guajuviras termina lá no final mesmo e tem continuação depois da principal, mas eu nunca cheguei a entrar lá e ele começa aqui (entrada da rótula) e faz toda esta volta.”

Você costuma sair do Bairro Guajuviras? Para que lugar? Para que atividade?

“Sim, costumo ir à Estância e no Bairro Nossa Senhora das Graças em Canoas porque minha família é de lá. Eu vou mais a passeio.”

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras no início do seu tempo de residência no local?

“Guajuviras cresceu bastante. Evoluiu bastante.”

Quais foram as principais mudanças que aconteceram no Bairro Guajuviras para você durante o seu tempo de residência no local?

“Quando eu me mudei, não tinha asfalto nas ruas, não tinha tanto comércio. Agora tem bastante comércio, tem bastante variedade no Guajuviras. Geralmente eu nem vou muito ao centro de Canoas, porque aqui já tem. Até banco já tem aqui perto.”

QUESTIONÁRIO N°14 (19/11/2015 - 10h30/15h30)

Identificação: MVO-05	Idade/sexo: 38 anos/masculino
Escolaridade: 1º grau incompleto	Profissão: Vigilante
Renda do domicílio (SM): Entre 1 e 5	Situação do domicílio: Próprio
Número de moradores da residência: 5	Tempo de residência no bairro: 15 anos
Faixa de pesquisa: 5	Grupo de pesquisa: Verdes ocupados



IMAGENS DO CONTEXTO HABITACIONAL (FONTE: MOG, W. 2015).

RESPOSTAS DAS QUESTÕES REALIZADAS: O GUAJUVIRAS SEGUNDO OS MORADORES

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras hoje para você?

“A violência.”

Onde você se sente mais seguro(a) e onde você se sente menos seguro(a) no Bairro Guajuviras?

“Mais seguro aqui na entrada. E inseguro mais lá para dentro.”

Por quais ruas e lugares você costuma andar no Bairro Guajuviras? Para que atividade? Quais ruas e lugares você evita ou evitaria andar no Bairro Guajuviras? Por quê?

“Mais aqui no Setor 3 mesmo. Tem os parentes tudo que moram na volta. Costumo visitar os parentes. Procuo evitar andar mais para o final, lá na rua mais de baixo na Rua 17 de Abril.”

Onde você costuma se encontrar com seus amigos ou com os moradores no Bairro Guajuviras?

“Eu vou à igreja aqui em cima no Setor 3 na entrada do “Guaju”.”

Quais são os prédios ou lugares que chamam a sua atenção e ajudam na sua localização no Bairro Guajuviras como pontos de referência?

“O Guajuviras Center e o Mercado Rocha.”

Quais são os cruzamentos ou pontos mais movimentados do Bairro Guajuviras? É comum ver pessoas que não são moradores do bairro nestes locais?

“A avenida principal. Tem a rótula ali. É comum ver pessoas de fora.”

Onde começa e onde termina o Bairro Guajuviras para você?

“Inicia aqui na divisa do bairro com a Estância e termina lá na São José.”

Você costuma sair do Bairro Guajuviras? Para que lugar? Para que atividade?

“Não muito. Para ir a alguma outra igreja nos outros bairros.”

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras no início do seu tempo de residência no local?

“Naquela época não tinha tanta violência como tem agora.”

Quais foram as principais mudanças que aconteceram no Bairro Guajuviras para você durante o seu tempo de residência no local?

“A parte do comércio mesmo que evoluiu muito.”

QUESTIONÁRIO N°15 (19/11/2015 - 10h30/15h30)

Identificação: MBM-05	Idade/sexo: 53 anos/feminino
Escolaridade: 2° grau incompleto	Profissão: Desocupada
Renda do domicílio (SM): Entre 1 e 5	Situação do domicílio: Próprio
Número de moradores na residência: 4	Tempo de residência no bairro: 27 anos
Faixa de pesquisa: 5	Grupo de pesquisa: Blocos multifamiliares



IMAGENS DO CONTEXTO HABITACIONAL (FONTE: MOG, W. 2015).

RESPOSTAS DAS QUESTÕES REALIZADAS: O GUAJUVIRAS SEGUNDO OS MORADORES

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras hoje para você?

“Ultimamente está havendo muita violência. Muita matança. Não tem horário. Assim como está calmo daqui a pouco tu houve um tiroteio que normalmente eu penso que é um cano de moto, mas é uma pessoa que morre.”

Onde você se sente mais seguro(a) e onde você se sente menos seguro(a) no Bairro Guajuviras?

“Eu me sinto mais segura aqui dentro e fora não.”

Por quais ruas e lugares você costuma andar no Bairro Guajuviras? Para que atividade? Quais ruas e lugares você evita ou evitaria andar no Bairro Guajuviras? Por quê?

“Mais é na avenida. Quando eu vou almoçar ali no “bandejão” e encontro algum conhecido. Vou ao mercado e na farmácia. É difícil pensar em evitar, porque a violência está na volta.”

Onde você costuma se encontrar com seus amigos ou com os moradores no Bairro Guajuviras?

“A gente é mais de ficar em casa vendo uma televisão.”

Quais são os prédios ou lugares que chamam a sua atenção e ajudam na sua localização no Bairro Guajuviras como pontos de referência?

“Locadora e lotérica.”

Quais são os cruzamentos ou pontos mais movimentados do Bairro Guajuviras? É comum ver pessoas que não são moradores do bairro nestes locais?

“A avenida. É mais o pessoal do local.”

Onde começa e onde termina o Bairro Guajuviras para você?

“Ele começa ali na rótula e termina no final da avenida lá embaixo.”

Você costuma sair do Bairro Guajuviras? Para que lugar? Para que atividade?

“Difícilmente. Eu vou a Porto Alegre. Às vezes a gente vai num cinema ou almoçar fora. Mais para passear.”

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras no início do seu tempo de residência no local?

“Calma.”

Quais foram as principais mudanças que aconteceram no Bairro Guajuviras para você durante o seu tempo de residência no local?

“A violência aumentou.”

QUESTIONÁRIO N°16 (21/11/2015 - 9h00/14h00)

Identificação: MCU-06	Idade/sexo: 58 anos/feminino
Escolaridade: Primário	Profissão: Do lar
Renda do domicílio (SM): Não comentada	Situação do domicílio: Próprio
Número de moradores na residência: 2	Tempo de residência no bairro: 28 anos
Faixa de pesquisa: 1	Grupo de pesquisa: Casas unifamiliares



IMAGENS DO CONTEXTO HABITACIONAL (FONTE: MOG, W. 2015).

RESPOSTAS DAS QUESTÕES REALIZADAS: O GUAJUVIRAS SEGUNDO OS MORADORES

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras hoje para você?

“Eu gosto daqui, mas é meio violento.”

Onde você se sente mais seguro(a) e onde você se sente menos seguro(a) no Bairro Guajuviras?

“Dentro da minha casa. Acho que aí nas vilas.”

Por quais ruas e lugares você costuma andar no Bairro Guajuviras? Para que atividade? Quais ruas e lugares você evita ou evitaria andar no Bairro Guajuviras? Por quê?

“Eu ando mais aqui na principal mesmo. Para ir ao mercado fazer compras. Procuo evitar ir ali para dentro das vilas. A gente houve falar que é muita violência ali, mas eu nunca vi nada.”

Onde você costuma se encontrar com seus amigos ou com os moradores no Bairro Guajuviras?

“Na minha casa mesmo.”

Quais são os prédios ou lugares que chamam a sua atenção e ajudam na sua localização no Bairro Guajuviras como pontos de referência?

“Ali o Mercadinho Pomar. Eu tenho ele como referência.”

Quais são os cruzamentos ou pontos mais movimentados do Bairro Guajuviras? É comum ver pessoas que não são moradores do bairro nestes locais?

“Lá na entrada no Setor 1. Isso eu não sei te dizer. Eu moro aqui embaixo.”

Onde começa e onde termina o Bairro Guajuviras para você?

“Lá no Setor 1 e para mim termina aqui no Setor 6. Depois ali já é vila.”

Você costuma sair do Bairro Guajuviras? Para que lugar? Para que atividade?

“Costumo, saio bastante. Eu vou aos meus parentes aqui na Igará. Mais para visitar mesmo.”

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras no início do seu tempo de residência no local?

“Isto aqui era o paraíso. Muito bom. A gente podia dormir até com a janela aberta.”

Quais foram as principais mudanças que aconteceram no Bairro Guajuviras para você durante o seu tempo de residência no local?

“O movimento. Aqui era bem calmo e agora tem muito movimento. E a violência está muito grande aqui. É muito perigoso sair de noite.”

QUESTIONÁRIO N°17 (21/11/2015 - 9h00/14h00)

Identificação: MVO-06	Idade/sexo: 39 anos/feminino
Escolaridade: Técnico	Profissão: Enfermeira
Renda do domicílio (SM): Entre 5 e 10	Situação do domicílio: Próprio
Número de moradores na residência: 5	Tempo de residência no bairro: 18 anos
Faixa de pesquisa: 1	Grupo de pesquisa: Verdes ocupados



IMAGENS DO CONTEXTO HABITACIONAL (FONTE: MOG, W. 2015).

RESPOSTAS DAS QUESTÕES REALIZADAS: O GUAJUVIRAS SEGUNDO OS MORADORES

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras hoje para você?

“Tranquilo para mim.”

Onde você se sente mais seguro(a) e onde você se sente menos seguro(a) no Bairro Guajuviras?

“Na minha casa. Olha, eu não vejo nenhum lugar inseguro. Eu nunca tive problema aqui dentro.”

Por quais ruas e lugares você costuma andar no Bairro Guajuviras? Para que atividade? Quais ruas e lugares você evita ou evitaria andar no Bairro Guajuviras? Por quê?

“Muito na avenida principal. Quando eu vou trabalhar e quando eu vou na mãe. É o trajeto do trabalho. Não tem nenhum lugar que eu evito andar.”

Onde você costuma se encontrar com seus amigos ou com os moradores no Bairro Guajuviras?

“É na rua mesmo. Na frente de casa.”

Quais são os prédios ou lugares que chamam a sua atenção e ajudam na sua localização no Bairro Guajuviras como pontos de referência?

“Pontos de referência tem o Mercado Rocha e tem o posto de saúde aqui embaixo.”

Quais são os cruzamentos ou pontos mais movimentados do Bairro Guajuviras? É comum ver pessoas que não são moradores do bairro nestes locais?

“Na avenida. Sim.”

Onde começa e onde termina o Bairro Guajuviras para você?

“Começa na rótula Guajuviras na Avenida Boqueirão e ele termina na Avenida Esperança começando o Bairro Ozanan.”

Você costuma sair do Bairro Guajuviras? Para que lugar? Para que atividade?

“Sim, bastante. Eu vou ao serviço no parque universitário na ULBRA e vou para a mãe no Centro ou para a sogra em Santa Rita. Mais a trabalho e a visita.”

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras no início do seu tempo de residência no local?

“Era mais violento.”

Quais foram as principais mudanças que aconteceram no Bairro Guajuviras para você durante o seu tempo de residência no local?

“Mudou bastante assim o comércio. Aqui dentro o bairro é uma cidade, então eu não saio muito daqui para comprar coisas. Eu compro aqui dentro mesmo, é difícil eu sair. As pessoas vêm de fora para comprar aqui. As lojas abrem no sábado.”

QUESTIONÁRIO N°18 (21/11/2015 - 9h00/14h00)

Identificação: MBM-06	Idade/sexo: 30 anos/feminino
Escolaridade: 1° grau completo	Profissão: Manicure
Renda do domicílio (SM): Entre 1 e 5	Situação do domicílio: Próprio
Número de moradores na residência: 6	Tempo de residência no bairro: 15 anos
Faixa de pesquisa: 1	Grupo de pesquisa: Blocos multifamiliares



IMAGENS DO CONTEXTO HABITACIONAL (FONTE: MOG, W. 2015).

RESPOSTAS DAS QUESTÕES REALIZADAS: O GUAJUVIRAS SEGUNDO OS MORADORES

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras hoje para você?

“Para mim eu nunca tive problema.”

Onde você se sente mais seguro(a) e onde você se sente menos seguro(a) no Bairro Guajuviras?

“Mais segura dentro da minha casa. Na lotérica. Quando eu vou à lotérica.”

Por quais ruas e lugares você costuma andar no Bairro Guajuviras? Para que atividade? Quais ruas e lugares você evita ou evitaria andar no Bairro Guajuviras? Por quê?

“Eu ando mesmo só na avenida. Eu vou ao super, no postinho de saúde e na lotérica. É que na verdade eu não conheço ninguém por volta, então eu não costumo frequentar.”

Onde você costuma se encontrar com seus amigos ou com os moradores no Bairro Guajuviras?

“Aqui no prédio mesmo.”

Quais são os prédios ou lugares que chamam a sua atenção e ajudam na sua localização no Bairro Guajuviras como pontos de referência?

“O ponto de referência é o Redefort Supermercado e no caso o posto de saúde.”

Quais são os cruzamentos ou pontos mais movimentados do Bairro Guajuviras? É comum ver pessoas que não são moradores do bairro nestes locais?

“Na entrada. Sim, a gente vê bastante.”

Onde começa e onde termina o Bairro Guajuviras para você?

“Para mim é na entrada e no final da linha.”

Você costuma sair do Bairro Guajuviras? Para que lugar? Para que atividade?

“Um pouco. Eu vou ao Centro e na Igara. No Centro para pagar as contas e na Igara, porque meus filhos estudam lá.”

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras no início do seu tempo de residência no local?

“Ele não era tão movimentado como é agora. Agora os prédios já tem um monte de garagem na frente. Antes, quando eu vim morar aqui, não tinha este monte de garagem não. Era bem mais calmo, não tinha tanto comércio também.”

Quais foram as principais mudanças que aconteceram no Bairro Guajuviras para você durante o seu tempo de residência no local?

“As escolas. Agora tem mais. Cada prédio aumentou. O postinho de saúde também aumentou. No caso o meu filho antes estudava no Drummond, a escola ganhou ginásio. As garagens. O comércio está bem mais farto. Tu tens acesso à farmácia.”

QUESTIONÁRIO N°19 (21/11/2015 - 9h00/14h00)

Identificação: MBM-07	Idade/sexo: 35 anos/masculino
Escolaridade: 2° grau completo	Profissão: Ajudante de carga e descarga
Renda do domicílio (SM): Entre 1 e 5	Situação do domicílio: Próprio
Número de moradores na residência: 2	Tempo de residência no bairro: 28 anos
Faixa de pesquisa: 2	Grupo de pesquisa: Blocos multifamiliares



IMAGENS DO CONTEXTO HABITACIONAL (FONTE: MOG, W. 2015).

RESPOSTAS DAS QUESTÕES REALIZADAS: O GUAJUVIRAS SEGUNDO OS MORADORES

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras hoje para você?

“A violência hoje.”

Onde você se sente mais seguro(a) e onde você se sente menos seguro(a) no Bairro Guajuviras?

“Me sinto mais seguro dentro de casa e menos seguro fora de casa.”

Por quais ruas e lugares você costuma andar no Bairro Guajuviras? Para que atividade? Quais ruas e lugares você evita ou evitaria andar no Bairro Guajuviras? Por quê?

“Só a avenida. Ir ao mercado, padaria, banca comprar jornal. Eu costumo de evitar ir nas invasões.”

Onde você costuma se encontrar com seus amigos ou com os moradores no Bairro Guajuviras?

“Ponto de encontro não. Só dentro de casa ou dentro do prédio mesmo.”

Quais são os prédios ou lugares que chamam a sua atenção e ajudam na sua localização no Bairro Guajuviras como pontos de referência?

“Por paradas.”

Quais são os cruzamentos ou pontos mais movimentados do Bairro Guajuviras? É comum ver pessoas que não são moradores do bairro nestes locais?

“Na entrada do Guajuviras. Com certeza. Principalmente para roubo.”

Onde começa e onde termina o Bairro Guajuviras para você?

“Nos arredores da minha casa mesmo.”

Você costuma sair do Bairro Guajuviras? Para que lugar? Para que atividade?

“Só a trabalho. Porto alegre.”

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras no início do seu tempo de residência no local?

“Tranquilidade.”

Quais foram as principais mudanças que aconteceram no Bairro Guajuviras para você durante o seu tempo de residência no local?

“Uma foram as invasões terem trazido muito vagabundo para este meio. Sim, tem gente boa que mora, mas muitos se infiltraram muito no meio ali. O tráfico de drogas. Tudo isso influenciou.”

QUESTIONÁRIO N°20 (21/11/2015 - 9h00/14h00)

Identificação: MCU-07	Idade/sexo: 69 anos/feminino
Escolaridade: 1º grau completo	Profissão: Aposentada (voluntária)
Renda do domicílio (SM): Entre 5 e 10	Situação do domicílio: Próprio
Número de moradores na residência: 2	Tempo de residência no bairro: 28 anos
Faixa de pesquisa: 2	Grupo de pesquisa: Casas unifamiliares



IMAGENS DO CONTEXTO HABITACIONAL (FONTE: MOG, W. 2015).

RESPOSTAS DAS QUESTÕES REALIZADAS: O GUAJUVIRAS SEGUNDO OS MORADORES

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras hoje para você?

“Bom.”

Onde você se sente mais seguro e onde você se sente menos seguro no Bairro Guajuviras?

“Mais segura na minha casa. Menos segura na rua.”

Por quais ruas e lugares você costuma andar no Bairro Guajuviras? Para que atividade? Quais ruas e lugares você evita ou evitaria andar no Bairro Guajuviras? Por quê?

“Por todas. Eu costumo ir com mais frequência na área verde onde tem a minha ONG. Trabalho na ONG como voluntária. À noite eu evitaria andar na Contel, por causa da insegurança.”

Onde você costuma se encontrar com seus amigos ou com os moradores no Bairro Guajuviras?

“É na ONG também.”

Quais são os prédios ou lugares que chamam a sua atenção e ajudam na sua localização no Bairro Guajuviras como pontos de referência?

“O CAIC, o Drummond, o Supermercado do Sul ali embaixo, a Praça da Brigada ali em cima.”

Quais são os cruzamentos ou pontos mais movimentados do Bairro Guajuviras? É comum ver pessoas que não são moradores do bairro nestes locais?

“Na hora do colégio, quando saem do Drummond, as crianças atravessam a 17 de abril. É muito perigoso aquele cruzamento ali. Tem bastante movimento e tem a feira também nas sextas-feiras ali e daí tem bastante movimento. Também, de fora do bairro também.”

Onde começa e onde termina o Bairro Guajuviras para você?

“Para mim começa na Boqueirão o Bairro Guajuviras e termina lá na Nazário lá embaixo.”

Você costuma sair do Bairro Guajuviras? Para que lugar? Para que atividade?

“Sim. Daí só para o Centro de Canoas, Porto Alegre. Às vezes eu vou passear por aí. Reuniões. Eu vou muito a reuniões da própria ONG e da Parceiros Voluntários a trabalho.”

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras no início do seu tempo de residência no local?

“Muito bom.”

Quais foram as principais mudanças que aconteceram no Bairro Guajuviras para você durante o seu tempo de residência no local?

“O que mudou muito foi a Avenida 17 de Abril que eles puseram as luzes. Ficou bem claro, ficou muito bom mesmo. A Brigada Militar que eles puseram lá em cima também. A creche aqui embaixo que está melhorando bastante também. O posto de saúde que eles estão construindo e aumentando ali está ficando bom. O Posto de Saúde Guajuviras II.”

QUESTIONÁRIO N°21 (21/11/2015 - 9h00/14h00)

Identificação: MVO-07	Idade/sexo: 56 anos/masculino
Escolaridade: 1° grau completo	Profissão: Comerciante
Renda do domicílio (SM): Entre 1 e 5	Situação do domicílio: Próprio
Número de moradores na residência: 6	Tempo de residência no bairro: 15 anos
Faixa de pesquisa: 2	Grupo de pesquisa: Verdes ocupados

OBSERVAÇÃO:

**O MORADOR NÃO PERMITIU FOTOGRAFAR
O CONTEXTO HABITACIONAL.**

OBSERVAÇÃO:

**O MORADOR NÃO PERMITIU FOTOGRAFAR
O CONTEXTO HABITACIONAL.**

RESPOSTAS DAS QUESTÕES REALIZADAS: O GUAJUVIRAS SEGUNDO OS MORADORES

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras hoje para você?

“É muito bom para morar.”

Onde você se sente mais seguro(a) e onde você se sente menos seguro(a) no Bairro Guajuviras?

“Na igreja eu me sinto seguro. E inseguro lá para baixo na São José.”

Por quais ruas e lugares você costuma andar no Bairro Guajuviras? Para que atividade? Quais ruas e lugares você evita ou evitaria andar no Bairro Guajuviras? Por quê?

“Avenida principal, Setor 1, 2 e 4B. Para vendas. Evito andar na São José pela insegurança.”

Onde você costuma se encontrar com seus amigos ou com os moradores no Bairro Guajuviras?

“A Igreja Assembleia de Deus.”

Quais são os prédios ou lugares que chamam a sua atenção e ajudam na sua localização no Bairro Guajuviras como pontos de referência?

“Rótula da entrada.”

Quais são os cruzamentos ou pontos mais movimentados do Bairro Guajuviras? É comum ver pessoas que não são moradores do bairro nestes locais?

“A entrada do bairro. Sim, é comum.”

Onde começa e onde termina o Bairro Guajuviras para você?

Começa na rótula e termina na São José.

Você costuma sair do Bairro Guajuviras? Para que lugar? Para que atividade?

“Sim. Santa Rita, Niterói a trabalho e a passeio.”

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras no início do seu tempo de residência no local?

“Violento.”

Quais foram as principais mudanças que aconteceram no Bairro Guajuviras para você durante o seu tempo de residência no local?

“Mudou a segurança e as ruas foram asfaltadas inclusive nas vilas. A limpeza da cidade melhorou.”

QUESTIONÁRIO N°22 (21/11/2015 - 9h00/14h00)

Identificação: MCU-08	Idade/sexo: 45 anos/feminino
Escolaridade: 3° série do ensino fundamental	Profissão: Doméstica
Renda do domicílio (SM): Até 1	Situação do domicílio: Alugado
Número de moradores na residência: 2	Tempo de residência no bairro: 3 anos
Faixa de pesquisa: 3	Grupo de pesquisa: Casas unifamiliares



IMAGENS DO CONTEXTO HABITACIONAL (FONTE: MOG, W. 2015).

RESPOSTAS DAS QUESTÕES REALIZADAS: O GUAJUVIRAS SEGUNDO OS MORADORES

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras hoje para você?

“A palavra é a violência.”

Onde você se sente mais seguro(a) e onde você se sente menos seguro(a) no Bairro Guajuviras?

“Eu me sinto mais segura quando eu estou dentro da minha casa. Mais insegura quando eu vou pegar o ônibus na avenida principal.”

Por quais ruas e lugares você costuma andar no Bairro Guajuviras? Para que atividade? Quais ruas e lugares você evita ou evitaria andar no Bairro Guajuviras? Por quê?

“Na Rua 17 de Abril. Vou ali, porque a minha amiga tem um barzinho ali. Agente vai ali, fica ali e depois vem para casa. A gente não vai muito para a rua da Contel, porque eu acho que é uma das mais violentas que tem no Guajuviras.”

Onde você costuma se encontrar com seus amigos ou com os moradores no Bairro Guajuviras?

“A gente se encontra na praça próxima da Brigada Militar.”

Quais são os prédios ou lugares que chamam a sua atenção e ajudam na sua localização no Bairro Guajuviras como pontos de referência?

“É a Praça da Brigada e o Colégio Cônego.”

Quais são os cruzamentos ou pontos mais movimentados do Bairro Guajuviras? É comum ver pessoas que não são moradores do bairro nestes locais?

“A rótula do Guajuviras. É comum, bastante.”

Onde começa e onde termina o Bairro Guajuviras para você?

“Começa na rótula da avenida e o final do Guajuviras seria entrando para o Bairro Pôr-do-Sol.”

Você costuma sair do Bairro Guajuviras? Para que lugar? Para que atividade?

“Com certeza. A gente vai para Guaíba, para Porto Alegre lá na Redenção. Mais a lazer, dar uma caminhada, tomar uma “cervejinha” com os amigos. Mais a passeio.”

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras no início do seu tempo de residência no local?

“Paz. Tinha muita paz. Não tinha tanta violência como tem agora. Mas mesmo assim é um bairro ótimo de morar, porque não seria tanta. Violência tem em todos os lugares.”

Quais foram as principais mudanças que aconteceram no Bairro Guajuviras para você durante o seu tempo de residência no local?

“Eu acho que o povo do Guajuviras ficou mais unido entorno da função da violência. Um se comunica com o outro, assim, assim. E eu acho que isso melhorou bastante.”

QUESTIONÁRIO N°23 (21/11/2015 - 9h00/14h00)

Identificação: MBM-08	Idade/sexo: 55 anos/feminino
Escolaridade: 4° ano do ensino fundamental	Profissão: Costureira
Renda do domicílio (SM): Não comentada	Situação do domicílio: Próprio
Número de moradores na residência: 1	Tempo de residência no bairro: 10 anos
Faixa de pesquisa: 3	Grupo de pesquisa: Blocos multifamiliares



IMAGENS DO CONTEXTO HABITACIONAL (FONTE: MOG, W. 2015).

RESPOSTAS DAS QUESTÕES REALIZADAS: O GUAJUVIRAS SEGUNDO OS MORADORES

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras hoje para você?

“Para mim é bom.”

Onde você se sente mais seguro(a) e onde você se sente menos seguro(a) no Bairro Guajuviras?

“Em casa mais segura, na rua e na parada do ônibus insegura.”

Por quais ruas e lugares você costuma andar no Bairro Guajuviras? Para que atividade? Quais ruas e lugares você evita ou evitaria andar no Bairro Guajuviras? Por quê?

“Na Avenida 17 de Abril. Para ir no mercado, farmácia. Não evito.”

Onde você costuma se encontrar com seus amigos ou com os moradores no Bairro Guajuviras?

“Aqui no prédio mesmo.”

Quais são os prédios ou lugares que chamam a sua atenção e ajudam na sua localização no Bairro Guajuviras como pontos de referência?

“A Pracinha da Brigada.”

Quais são os cruzamentos ou pontos mais movimentados do Bairro Guajuviras? É comum ver pessoas que não são moradores do bairro nestes locais?

“Na avenida. Não.”

Onde começa e onde termina o Bairro Guajuviras para você?

“Começa na rótula e termina no final da linha.”

Você costuma sair do Bairro Guajuviras? Para que lugar? Para que atividade?

“Sim. Centro de Canoas para compras.”

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras no início do seu tempo de residência no local?

“Era um terror.”

Quais foram as principais mudanças que aconteceram no Bairro Guajuviras para você durante o seu tempo de residência no local?

“Mudou para melhor.”

QUESTIONÁRIO N°24 (21/11/2015 - 9h00/14h00)

Identificação: MVO-08	Idade/sexo: 40 anos/masculino
Escolaridade: 1º grau completo	Profissão: Vigilante
Renda do domicílio (SM): Entre 5 e 10	Situação do domicílio: Próprio
Número de moradores na residência: 15	Tempo de residência no bairro: 16 anos
Faixa de pesquisa: 3	Grupo de pesquisa: Verdes ocupados



IMAGENS DO CONTEXTO HABITACIONAL (FONTE: MOG, W. 2015).

RESPOSTAS DAS QUESTÕES REALIZADAS: O GUAJUVIRAS SEGUNDO OS MORADORES

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras hoje para você?

“Acho que são os comércios que tem aí. Bastante comércio é muito bom.”

Onde você se sente mais seguro(a) e onde você se sente menos seguro(a) no Bairro Guajuviras?

“Mais seguro, o cara se sente é em casa. Mais inseguro, eu acho que é na rua.”

Por quais ruas e lugares você costuma andar no Bairro Guajuviras? Para que atividade? Quais ruas e lugares você evita ou evitaria andar no Bairro Guajuviras? Por quê?

“Lugares é mais mercado que a gente vai mais. Ali na 17 de Abril. Para ir ao mercado mesmo e praças. A gente vai bastante às praças e leva as crianças para brincar. Aquela ali da Brigada ali e a outra é uma que tem aqui embaixo que eu não sei o nome ali embaixo. A Contel aqui mesmo.”

Onde você costuma se encontrar com seus amigos ou com os moradores no Bairro Guajuviras?

“O ponto de encontro é na lancheria que tem ali na Avenida 17 de Abril na frente da Brigada.”

Quais são os prédios ou lugares que chamam a sua atenção e ajudam na sua localização no Bairro Guajuviras como pontos de referência?

“Ponto de referência é a Brigada.”

Quais são os cruzamentos ou pontos mais movimentados do Bairro Guajuviras? É comum ver pessoas que não são moradores do bairro nestes locais?

“É a 17 de Abril a mais movimentada. Sim, bastante.”

Onde começa e onde termina o Bairro Guajuviras para você?

“Começa ali na rótula ali e termina lá embaixo, lá na Nazário.”

Você costuma sair do Bairro Guajuviras? Para que lugar? Para que atividade?

“Bastante. Para o Centro, para Niterói, Rio Branco, Mathias Velho. Eu vou mais para passear em casa de parente mesmo. E o Centro é que eu trabalho no Centro.”

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras no início do seu tempo de residência no local?

“Eu acho que seriam os amigos que eu tenho aqui. Bastante amigo desde aquele tempo.”

Quais foram as principais mudanças que aconteceram no Bairro Guajuviras para você durante o seu tempo de residência no local?

“Bastante mudança. Mudou a segurança, mudou bastante. Antigamente era pior. As ruas estão melhor também. A iluminação também. E as praças que antigamente era tudo abandonado e agora estão bem melhor.”

QUESTIONÁRIO N°25 (21/11/2015 - 9h00/14h00)

Identificação: MBM-09	Idade/sexo: 47 anos/feminino
Escolaridade: Ensino Fundamental	Profissão: Operadora de Telemarketing
Renda do domicílio (SM): Até 1	Situação do domicílio: Próprio
Número de moradores na residência: 3	Tempo de residência no bairro: 17 anos
Faixa de pesquisa: 4	Grupo de pesquisa: Blocos multifamiliares



IMAGENS DO CONTEXTO HABITACIONAL (FONTE: MOG, W. 2015).

RESPOSTAS DAS QUESTÕES REALIZADAS: O GUAJUVIRAS SEGUNDO OS MORADORES

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras hoje para você?

“Olha, eu gosto de morar aqui.”

Onde você se sente mais seguro(a) e onde você se sente menos seguro(a) no Bairro Guajuviras?

“Mais segura dentro da casa da gente. Mas, agora com este presídio que está aí a gente nem vai ter segurança. Bem aqui na rua. Meu Deus, vários lugares para fora para fazer um presídio e vieram fazer aqui. Não tem segurança aqui. Dentro da Contel.”

Por quais ruas e lugares você costuma andar no Bairro Guajuviras? Para que atividade? Quais ruas e lugares você evita ou evitaria andar no Bairro Guajuviras? Por quê?

“Eu ando por tudo aqui. Aqui na avenida. Vou na minha irmã, na pracinha, na minha afilhada, mais na minha irmã. Eu evito andar dentro da Contel, por causa do tráfico.”

Onde você costuma se encontrar com seus amigos ou com os moradores no Bairro Guajuviras?

“Mais é aqui, aqui no prédio.”

Quais são os prédios ou lugares que chamam a sua atenção e ajudam na sua localização no Bairro Guajuviras como pontos de referência?

“A Brigada.”

Quais são os cruzamentos ou pontos mais movimentados do Bairro Guajuviras? É comum ver pessoas que não são moradores do bairro nestes locais?

“Aqui mesmo na avenida. Bastante gente de fora do bairro.”

Onde começa e onde termina o Bairro Guajuviras para você?

“Na entrada e lá para o fundão quase na Nazário.”

Você costuma sair do Bairro Guajuviras? Para que lugar? Para que atividade?

“Sim, vou para Esteio. Mais a passeio para visitar os parentes.”

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras no início do seu tempo de residência no local?

“Quando eu vim para cá, aqui era mais seguro do que é agora. Quando invadiram isso aqui, era tudo campo de eucalipto. Tinha mais segurança com os eucaliptos do que agora.”

Quais foram as principais mudanças que aconteceram no Bairro Guajuviras para você durante o seu tempo de residência no local?

“Mudou quando o prefeito asfaltou aqui. A iluminação.”

QUESTIONÁRIO N°26 (21/11/2015 - 9h00/14h00)

Identificação: MCU-09	Idade/sexo: 53 anos/masculino
Escolaridade: 6° série do fundamental	Profissão: Açougueiro
Renda do domicílio (SM): Entre 1 e 5	Situação do domicílio: Próprio
Número de moradores na residência: 4	Tempo de residência no bairro: 18 anos
Faixa de pesquisa: 4	Grupo de pesquisa: Casas unifamiliares



IMAGENS DO CONTEXTO HABITACIONAL (FONTE: MOG, W. 2015).

RESPOSTAS DAS QUESTÕES REALIZADAS: O GUAJUVIRAS SEGUNDO OS MORADORES

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras hoje para você?

“Acho que está bom.”

Onde você se sente mais seguro(a) e onde você se sente menos seguro(a) no Bairro Guajuviras?

“Aqui mesmo em casa e nas invasões.”

Por quais ruas e lugares você costuma andar no Bairro Guajuviras? Para que atividade? Quais ruas e lugares você evita ou evitaria andar no Bairro Guajuviras? Por quê?

“Eu só saio para a avenida. Eu vou trabalhar, eu trabalho ali mesmo. Não evito.”

Onde você costuma se encontrar com seus amigos ou com os moradores no Bairro Guajuviras?

“A maior parte é aqui em volta mesmo.”

Quais são os prédios ou lugares que chamam a sua atenção e ajudam na sua localização no Bairro Guajuviras como pontos de referência?

“Colégio I do Guajuviras, na rua do Rocha na frente do CAIC.”

Quais são os cruzamentos ou pontos mais movimentados do Bairro Guajuviras? É comum ver pessoas que não são moradores do bairro nestes locais?

“Ali na entrada do Rocha mesmo. Para entrar de noite ali está louco. É carro que atravessa ali. Um dia mesmo uma guria foi atropelada ali. Às vezes aparece sim.”

Onde começa e onde termina o Bairro Guajuviras para você?

“Aqui na entrada ali e vai terminar lá no fundão.”

Você costuma sair do Bairro Guajuviras? Para que lugar? Para que atividade?

“Eu vou visitar os parentes às vezes. Praia, Venâncio Aires, Júlio de Castilhos.”

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras no início do seu tempo de residência no local?

“Era melhor eu acho. Era mais calmo.”

Quais foram as principais mudanças que aconteceram no Bairro Guajuviras para você durante o seu tempo de residência no local?

“Acho que é muito as invasões.”

QUESTIONÁRIO N°27 (21/11/2015 - 9h00/14h00)

Identificação: MVO-09	Idade/sexo: 55 anos/feminino
Escolaridade: Até a 7ª série do fundamental	Profissão: Do lar
Renda do domicílio (SM): Até 1	Situação do domicílio: Próprio
Número de moradores na residência: 11	Tempo de residência no bairro: 10 anos
Faixa de pesquisa: 4	Grupo de pesquisa: Verdes ocupados



IMAGENS DO CONTEXTO HABITACIONAL (FONTE: MOG, W. 2015).

RESPOSTAS DAS QUESTÕES REALIZADAS: O GUAJUVIRAS SEGUNDO OS MORADORES

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras hoje para você?

“Eu gosto daqui, porque aqui tem tudo. Tem loja, tem mercado, tem farmácia, lotérica, tem caixa eletrônico. Tem tudo. É como se fosse um centro, por isso é bom.”

Onde você se sente mais seguro(a) e onde você se sente menos seguro(a) no Bairro Guajuviras?

“Aqui em casa. Eu acho que sair na noite mesmo.”

Por quais ruas e lugares você costuma andar no Bairro Guajuviras? Para que atividade? Quais ruas e lugares você evita ou evitaria andar no Bairro Guajuviras? Por quê?

“Só aqui. A gente não sai muito. Ali o colégio, mercado, entrada. Pagar conta, comprar alguma coisa. Tem neto que estuda ali, tem filho que estuda lá no CAIC. Às vezes a gente tem que levar. A creche também. Não, só de noite mesmo.”

Onde você costuma se encontrar com seus amigos ou com os moradores no Bairro Guajuviras?

“Nunca aconteceu isso praticamente. Só aqui em casa mesmo.”

Quais são os prédios ou lugares que chamam a sua atenção e ajudam na sua localização no Bairro Guajuviras como pontos de referência?

“Os prédios ali que são altos ali na principal.”

Quais são os cruzamentos ou pontos mais movimentados do Bairro Guajuviras? É comum ver pessoas que não são moradores do bairro nestes locais?

“Esta rua é muito movimentada. Tem colégio. E a Boqueirão. Eu não sei.”

Onde começa e onde termina o Bairro Guajuviras para você?

“Tão grande que é isso aqui. Olha, acho que começa na entrada e lá para baixo eu nunca fui, mas eu sei que vai até lá embaixo. Da Boqueirão para cá.”

Você costuma sair do Bairro Guajuviras? Para que lugar? Para que atividade?

“Não.”

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras no início do seu tempo de residência no local?

“Antes era muito violento. Agora até que está bem mais calmo pelo menos aqui. Aqui era muito violento.”

Quais foram as principais mudanças que aconteceram no Bairro Guajuviras para você durante o seu tempo de residência no local?

“Colocaram aqueles negócios para fazer ginástica. Pracinha. Aqui embaixo tem uma pracinha que não tinha. Era só matagal.”

QUESTIONÁRIO N°28 (21/11/2015 - 9h00/14h00)

Identificação: MCU-10	Idade/sexo: 43 anos/masculino
Escolaridade: 6° série	Profissão: Soldador
Renda do domicílio (SM): Entre 1 e 5	Situação do domicílio: Próprio
Número de moradores na residência: 4	Tempo de residência no bairro: 9 anos
Faixa de pesquisa: 5	Grupo de pesquisa: Casas unifamiliares



IMAGENS DO CONTEXTO HABITACIONAL (FONTE: MOG, W. 2015).

RESPOSTAS DAS QUESTÕES REALIZADAS: O GUAJUVIRAS SEGUNDO OS MORADORES

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras hoje para você?

“Para mim é ótimo.”

Onde você se sente mais seguro(a) e onde você se sente menos seguro(a) no Bairro Guajuviras?

“Mais seguro dentro da minha casa. Não, tudo normal.”

Por quais ruas e lugares você costuma andar no Bairro Guajuviras? Para que atividade? Quais ruas e lugares você evita ou evitaria andar no Bairro Guajuviras? Por quê?

“Mais é no Setor 2. Nesta rua aqui que é a rua que eu vou para o meu serviço. Não.”

Onde você costuma se encontrar com seus amigos ou com os moradores no Bairro Guajuviras?

“Mais aqui no Xis do Adriano aqui mesmo. Aqui na esquina mesmo. Um gordinho ali.”

Quais são os prédios ou lugares que chamam a sua atenção e ajudam na sua localização no Bairro Guajuviras como pontos de referência?

“Ponto de referência seria o Salão do Emílio Neto ali na esquina. Geralmente o cara fala se alguém pergunta a gente responde moro na rua do Salão. Todo mundo conhece ele. Ele é vereador de Canoas.”

Quais são os cruzamentos ou pontos mais movimentados do Bairro Guajuviras? É comum ver pessoas que não são moradores do bairro nestes locais?

“A principal. Sim.”

Onde começa e onde termina o Bairro Guajuviras para você?

“Acho que o Guajuviras conta tudo. Desde a entrada aqui até a invasão lá embaixo.”

Você costuma sair do Bairro Guajuviras? Para que lugar? Para que atividade?

“Sim. Eu vou para Estância ali para a Linha 1 onde eu me criei e vou para o interior. Mais a passeio. A trabalho a gente vai às vezes aqui na cidade mesmo, aqui em Canoas mesmo, nos outros bairros mesmo.”

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras no início do seu tempo de residência no local?

“No início era diferente. Tu não conhecias muito movimento. Onde a gente morava não tinha movimento. Na Linha 1 ali é mais tranquilo. Era quieto o lugar.”

Quais foram as principais mudanças que aconteceram no Bairro Guajuviras para você durante o seu tempo de residência no local?

“Este negócio do colégio ali. Os uniformes que deram para as crianças. Este negócio que botaram dos tiros ali também ajudou muito também. As linhas de ônibus também que mudaram que começaram a passar aqui que antes não tinha aqui também. Melhorou muito para a gente. Até para gente que tem familiares na Linha 1 na Estância pega aqui e está descendo lá. Ficou mais prático. Antes tinha que fazer uma volta para chegar lá.”

QUESTIONÁRIO N°29 (21/11/2015 - 9h00/14h00)

Identificação: MVO-10	Idade/sexo: 16 anos/masculino
Escolaridade: 8° série do 1° grau	Profissão: Estudante
Renda do domicílio (SM): Entre 1 e 5	Situação do domicílio: Próprio
Número de moradores na residência: 6	Tempo de residência no bairro: 16 anos
Faixa de pesquisa: 5	Grupo de pesquisa: Verdes ocupados



IMAGENS DO CONTEXTO HABITACIONAL (FONTE: MOG, W. 2015).

RESPOSTAS DAS QUESTÕES REALIZADAS: O GUAJUVIRAS SEGUNDO OS MORADORES

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras hoje para você?

“Para mim é a humildade.”

Onde você se sente mais seguro(a) e onde você se sente menos seguro(a) no Bairro Guajuviras?

“Menos seguro lá pelo Setor 1 e na Praça da Brigada e seguro em qualquer lugar tirando estes dois.”

Por quais ruas e lugares você costuma andar no Bairro Guajuviras? Para que atividade? Quais ruas e lugares você evita ou evitaria andar no Bairro Guajuviras? Por quê?

“Todas e com mais frequência a minha. Pratico bastante esporte. Não.”

Onde você costuma se encontrar com seus amigos ou com os moradores no Bairro Guajuviras?

“Na praça da esquina.”

Quais são os prédios ou lugares que chamam a sua atenção e ajudam na sua localização no Bairro Guajuviras como pontos de referência?

“O Mercado Rocha, o São Jorge, a pecuária aqui na esquina.”

Quais são os cruzamentos ou pontos mais movimentados do Bairro Guajuviras? É comum ver pessoas que não são moradores do bairro nestes locais?

“Na rótula, na frente do Rocha e na Boqueirão. Não.”

Onde começa e onde termina o Bairro Guajuviras para você?

“Não sei. Eu também não saio daqui.”

Você costuma sair do Bairro Guajuviras? Para que lugar? Para que atividade?

“Sim. Eu vou bastante para Cachoeirinha e Esteio. Mais para praticar esporte e visitar os amigos que eu morei lá.”

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras no início do seu tempo de residência no local?

“Era bem feliz. Felicidade.”

Quais foram as principais mudanças que aconteceram no Bairro Guajuviras para você durante o seu tempo de residência no local?

“Os asfaltamentos que colocaram, arrumaram os esgotos e não tem mais aquela coisa de ficar tudo alagado e a segurança que está mudando também.”

QUESTIONÁRIO N°30 (21/11/2015 - 9h00/14h00)

Identificação: MBM-10	Idade/sexo: 33 anos/masculino
Escolaridade: Ensino médio	Profissão: Escoltista
Renda do domicílio (SM): Entre 5 e 10	Situação do domicílio: Alugado
Número de moradores na residência: 3	Tempo de residência no bairro: 7 anos
Faixa de pesquisa: 5	Grupo de pesquisa: Blocos multifamiliares



IMAGENS DO CONTEXTO HABITACIONAL (FONTE: MOG, W. 2015).

RESPOSTAS DAS QUESTÕES REALIZADAS: O GUAJUVIRAS SEGUNDO OS MORADORES

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras hoje para você?

“Comércio.”

Onde você se sente mais seguro(a) e onde você se sente menos seguro(a) no Bairro Guajuviras?

“Seguro no meu pátio. Inseguro na primeira quadra da rótula para cá.”

Por quais ruas e lugares você costuma andar no Bairro Guajuviras? Para que atividade? Quais ruas e lugares você evita ou evitaria andar no Bairro Guajuviras? Por quê?

“Só na principal. Ir ao comércio. Evitar não. A gente não sai muito para caminhar. A gente sai de carro mesmo. Só aqui no entorno.”

Onde você costuma se encontrar com seus amigos ou com os moradores no Bairro Guajuviras?

“Sempre na casa de alguém.”

Quais são os prédios ou lugares que chamam a sua atenção e ajudam na sua localização no Bairro Guajuviras como pontos de referência?

“O Mercado Rocha.”

Quais são os cruzamentos ou pontos mais movimentados do Bairro Guajuviras? É comum ver pessoas que não são moradores do bairro nestes locais?

“É a avenida aqui principalmente no ponto na frente do mercado. É comum.”

Onde começa e onde termina o Bairro Guajuviras para você?

“O início para mim é na rótula e o final é lá na saída da Esperança lá.”

Você costuma sair do Bairro Guajuviras? Para que lugar? Para que atividade?

“Sim. Na casa de algum amigo em Porto Alegre ou na Mathias ou para o trabalho também em Porto Alegre.”

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras no início do seu tempo de residência no local?

“A facilidade e a acessibilidade.”

Quais foram as principais mudanças que aconteceram no Bairro Guajuviras para você durante o seu tempo de residência no local?

“A parte comercial.”

QUESTIONÁRIO N°31 (24/11/2015 - 10h30/15h30)

Identificação: MBM-11	Idade/sexo: 41 anos/feminino
Escolaridade: 2° grau completo	Profissão: Comerciaría (aposentada)
Renda do domicílio (SM): Não comentada	Situação do domicílio: Próprio
Número de moradores na residência: 3	Tempo de residência no bairro: 18 anos
Faixa de pesquisa: 1	Grupo de pesquisa: Blocos multifamiliares



IMAGENS DO CONTEXTO HABITACIONAL (FONTE: MOG, W. 2015).

RESPOSTAS DAS QUESTÕES REALIZADAS: O GUAJUVIRAS SEGUNDO OS MORADORES

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras hoje para você?

“Evoluiu bastante.”

Onde você se sente mais seguro(a) e onde você se sente menos seguro(a) no Bairro Guajuviras?

“Sinto-me segura, agora tem as câmeras. É bem seguro.”

Por quais ruas e lugares você costuma andar no Bairro Guajuviras? Para que atividade? Quais ruas e lugares você evita ou evitaria andar no Bairro Guajuviras? Por quê?

“Pela avenida e pela Esperança. Mercado, caminhada. Não, só na vila São José. Dizem que é violenta.”

Onde você costuma se encontrar com seus amigos ou com os moradores no Bairro Guajuviras?

“Não.”

Quais são os prédios ou lugares que chamam a sua atenção e ajudam na sua localização no Bairro Guajuviras como pontos de referência?

“Lá na entrada e o Sacolão Rocha que fica aberto até tarde.”

Quais são os cruzamentos ou pontos mais movimentados do Bairro Guajuviras? É comum ver pessoas que não são moradores do bairro nestes locais?

“Na entrada. Eu não conheço ninguém.”

Onde começa e onde termina o Bairro Guajuviras para você?

“O final da linha e a entrada é o início.”

Você costuma sair do Bairro Guajuviras? Para que lugar? Para que atividade?

“Sim. Médico, mercado. Em Cachoeirinha e em Alvorada. Eu tenho uma amiga lá.”

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras no início do seu tempo de residência no local?

“Precário. Não tinha nada aqui. As lojas e os comércios.”

Quais foram as principais mudanças que aconteceram no Bairro Guajuviras para você durante o seu tempo de residência no local?

“Câmeras e a Brigada.”

QUESTIONÁRIO N°32 (24/11/2015 - 10h30/15h30)

Identificação: MCU-11	Idade/sexo: 53 anos/masculino
Escolaridade: 2° grau completo	Profissão: Funcionário público (aposentado)
Renda do domicílio (SM): Entre 5 e 10	Situação do domicílio: Próprio
Número de moradores na residência: 3	Tempo de residência no bairro: 28 anos
Faixa de pesquisa: 1	Grupo de pesquisa: Casas unifamiliares



IMAGENS DO CONTEXTO HABITACIONAL (FONTE: MOG, W. 2015).

RESPOSTAS DAS QUESTÕES REALIZADAS: O GUAJUVIRAS SEGUNDO OS MORADORES

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras hoje para você?

“Violência.”

Onde você se sente mais seguro(a) e onde você se sente menos seguro(a) no Bairro Guajuviras?

“Mais seguro em lugar nenhum.”

Por quais ruas e lugares você costuma andar no Bairro Guajuviras? Para que atividade? Quais ruas e lugares você evita ou evitaria andar no Bairro Guajuviras? Por quê?

“Só nas principais. Supermercado, farmácia, estas coisas assim. Várias. Aqui tem uma invasão no Bairro Nancy, São José, no fim da linha, próximo da Brigada. Eu evito passar, por causa das invasões e o beco aqui do lado que assaltam direto. Vamos ver. O secretário esteve aí esta semana e disse que vai fazer uma fiscalização. Vamos aguardar para ver.”

Onde você costuma se encontrar com seus amigos ou com os moradores no Bairro Guajuviras?

“Não.”

Quais são os prédios ou lugares que chamam a sua atenção e ajudam na sua localização no Bairro Guajuviras como pontos de referência?

“A Escola Nancy aqui perto e depois só os supermercados. Uma praça aqui atrás bem arborizada, bonita a praça.”

Quais são os cruzamentos ou pontos mais movimentados do Bairro Guajuviras? É comum ver pessoas que não são moradores do bairro nestes locais?

“A avenida principal. Toda ela. É comum, bem comum.”

Onde começa e onde termina o Bairro Guajuviras para você?

“Começaria lá na Boqueirão e terminaria aqui na São José. É o fim da 17 de Abril, a principal.”

Você costuma sair do Bairro Guajuviras? Para que lugar? Para que atividade?

“Saio. Para o Centro de Canoas. Um barzinho, um xis, uma coisa assim, um lanche. Mais a lazer.”

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras no início do seu tempo de residência no local?

“Era o verde. Aqui era a coisa mais linda. O que tinha de árvore. Era muito bonito o verde aqui. Não tem mais nada, acabaram com tudo.”

Quais foram as principais mudanças que aconteceram no Bairro Guajuviras para você durante o seu tempo de residência no local?

“Luz, infraestrutura. Aqui no bairro praticamente se tu quiseses, tu não sais. Tem tudo. Posto médico, farmácia, mercado, loja. Isso que mudou.”

QUESTIONÁRIO N°33 (24/11/2015 - 10h30/15h30)

Identificação: MVO-11	Idade/sexo: 55 anos/masculino
Escolaridade: 6° série do fundamental	Profissão: Motorista
Renda do domicílio (SM): Entre 1 e 5	Situação do domicílio: Próprio
Número de moradores na residência: 3	Tempo de residência no bairro: 28 anos
Faixa de pesquisa: 1	Grupo de pesquisa: Verdes ocupados



IMAGENS DO CONTEXTO HABITACIONAL (FONTE: MOG, W. 2015).

RESPOSTAS DAS QUESTÕES REALIZADAS: O GUAJUVIRAS SEGUNDO OS MORADORES

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras hoje para você?

“É difícil do jeito que está a coisa aí. A criminalidade está muito grande.”

Onde você se sente mais seguro(a) e onde você se sente menos seguro(a) no Bairro Guajuviras?

“Não tem lugar.”

Por quais ruas e lugares você costuma andar no Bairro Guajuviras? Para que atividade? Quais ruas e lugares você evita ou evitaria andar no Bairro Guajuviras? Por quê?

“Daqui à lotérica. Bem no começo da principal. Só a lotérica. Os bairros mais da periferia. É a criminalidade.”

Onde você costuma se encontrar com seus amigos ou com os moradores no Bairro Guajuviras?

“Não. Para mim não existe.”

Quais são os prédios ou lugares que chamam a sua atenção e ajudam na sua localização no Bairro Guajuviras como pontos de referência?

“A lotérica, os colégios.”

Quais são os cruzamentos ou pontos mais movimentados do Bairro Guajuviras? É comum ver pessoas que não são moradores do bairro nestes locais?

“É a principal. Também.”

Onde começa e onde termina o Bairro Guajuviras para você?

“Na rótula até o fim da avenida principal.”

Você costuma sair do Bairro Guajuviras? Para que lugar? Para que atividade?

“Sim. Porto Alegre, shopping. Passeio.”

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras no início do seu tempo de residência no local?

“Naquela época eu saía de manhã e voltava de noite para casa. Era bom.”

Quais foram as principais mudanças que aconteceram no Bairro Guajuviras para você durante o seu tempo de residência no local?

“A infraestrutura. A criminalidade mudou mil por cento. Aumentou.”

QUESTIONÁRIO N°34 (24/11/2015 - 10h30/15h30)

Identificação: MCU-12	Idade/sexo: 67 anos/masculino
Escolaridade: 1º grau completo	Profissão: Aposentado
Renda do domicílio (SM): Entre 1 e 5	Situação do domicílio: Próprio
Número de moradores na residência: 5	Tempo de residência no bairro: 10 anos
Faixa de pesquisa: 2	Grupo de pesquisa: Casas unifamiliares



IMAGENS DO CONTEXTO HABITACIONAL (FONTE: MOG, W. 2015).

RESPOSTAS DAS QUESTÕES REALIZADAS: O GUAJUVIRAS SEGUNDO OS MORADORES

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras hoje para você?

“Razoável.”

Onde você se sente mais seguro(a) e onde você se sente menos seguro(a) no Bairro Guajuviras?

“Mais seguro em casa. Para mim é tudo igual.”

Por quais ruas e lugares você costuma andar no Bairro Guajuviras? Para que atividade? Quais ruas e lugares você evita ou evitaria andar no Bairro Guajuviras? Por quê?

“Por tudo. Faço caminhada, gosto daqui. Esperança e 17. Mercado Unisuper e no Rocha. Só à noite.”

Onde você costuma se encontrar com seus amigos ou com os moradores no Bairro Guajuviras?

“Na casa dos meus amigos e parentes.”

Quais são os prédios ou lugares que chamam a sua atenção e ajudam na sua localização no Bairro Guajuviras como pontos de referência?

“CAIC, a Pracinha da Brigada.”

Quais são os cruzamentos ou pontos mais movimentados do Bairro Guajuviras? É comum ver pessoas que não são moradores do bairro nestes locais?

“Aqui nesta avenida e na 17 ali. Tem gente que vem de lá, daqui e de outros bairros.”

Onde começa e onde termina o Bairro Guajuviras para você?

“Começa na rótula e termina no fim da linha dos ônibus.”

Você costuma sair do Bairro Guajuviras? Para que lugar? Para que atividade?

“Sim. Porto Alegre, Gravataí, vários lugares. Em Porto Alegre vou no médico e dentista e em Gravataí tenho um irmão que mora lá.”

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras no início do seu tempo de residência no local?

“Nunca tive nada contra. Gosto daqui de Canoas.”

Quais foram as principais mudanças que aconteceram no Bairro Guajuviras para você durante o seu tempo de residência no local?

“Não vejo muita mudança. Só a iluminação e as ruas asfaltadas. Os “bequinhos” estão tudo asfaltados.”

QUESTIONÁRIO N°35 (24/11/2015 - 10h30/15h30)

Identificação: MVO-12	Idade/sexo: 40 anos/feminino
Escolaridade: 1º grau completo	Profissão: Cozinheira
Renda do domicílio (SM): Entre 1 e 5	Situação do domicílio: Próprio
Número de moradores na residência: 4	Tempo de residência no bairro: 20 anos
Faixa de pesquisa: 2	Grupo de pesquisa: Verdes ocupados



IMAGENS DO CONTEXTO HABITACIONAL (FONTE: MOG, W. 2015).

RESPOSTAS DAS QUESTÕES REALIZADAS: O GUAJUVIRAS SEGUNDO OS MORADORES

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras hoje para você?

“Tranquilo.”

Onde você se sente mais seguro(a) e onde você se sente menos seguro(a) no Bairro Guajuviras?

“De noite na avenida é inseguro. E mais seguro na minha casa.”

Por quais ruas e lugares você costuma andar no Bairro Guajuviras? Para que atividade? Quais ruas e lugares você evita ou evitaria andar no Bairro Guajuviras? Por quê?

“Eu só costumo andar aqui na avenida. É o meu caminho para o trabalho e para ir à igreja. No final do Guajuviras e dentro ali na vila. Mais por questão de cuidado mesmo.”

Onde você costuma se encontrar com seus amigos ou com os moradores no Bairro Guajuviras?

“Não. Só na outra quadra para visitar a minha sogra.”

Quais são os prédios ou lugares que chamam a sua atenção e ajudam na sua localização no Bairro Guajuviras como pontos de referência?

“A rótula da entrada.”

Quais são os cruzamentos ou pontos mais movimentados do Bairro Guajuviras? É comum ver pessoas que não são moradores do bairro nestes locais?

“Na entrada. Sim.”

Onde começa e onde termina o Bairro Guajuviras para você?

“Para mim começa na rótula e termina ali embaixo no final da 17 de Abril.”

Você costuma sair do Bairro Guajuviras? Para que lugar? Para que atividade?

“Sim. Para o meu trabalho e, quando é para o lazer, eu não costumo ficar no Guajuviras. Ali na Igara a lazer e para o meu trabalho.”

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras no início do seu tempo de residência no local?

“Era diferente. Para mim foi complicado.”

Quais foram as principais mudanças que aconteceram no Bairro Guajuviras para você durante o seu tempo de residência no local?

“A limpeza.”

QUESTIONÁRIO N°36 (24/11/2015 - 10h30/15h30)

Identificação: MBM-12	Idade/sexo: 58 anos/feminino
Escolaridade: Primário	Profissão: Comerciária
Renda do domicílio (SM): Entre 1 e 5	Situação do domicílio: Próprio
Número de moradores na residência: 2	Tempo de residência no bairro: 26 anos
Faixa de pesquisa: 2	Grupo de pesquisa: Blocos multifamiliares



IMAGENS DO CONTEXTO HABITACIONAL (FONTE: MOG, W. 2015).

RESPOSTAS DAS QUESTÕES REALIZADAS: O GUAJUVIRAS SEGUNDO OS MORADORES

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras hoje para você?

“Bom. Para mim é bom. Desde que eu moro aqui para mim é bom. Eu tenho bastante amizade. É bem bom.”

Onde você se sente mais seguro(a) e onde você se sente menos seguro(a) no Bairro Guajuviras?

“Olha. Dentro de casa a gente acha que está mais segura. De noite na rua.”

Por quais ruas e lugares você costuma andar no Bairro Guajuviras? Para que atividade? Quais ruas e lugares você evita ou evitaria andar no Bairro Guajuviras? Por quê?

“Geralmente eu ando só aqui nesta principal mesmo até a Boqueirão. Caminhar, geralmente na agência lotérica pagar conta, farmácia, estas coisas. Olha principalmente dentro das vilas que todo mundo comenta que é perigoso.”

Onde você costuma se encontrar com seus amigos ou com os moradores no Bairro Guajuviras?

“Geralmente aqui na frente mesmo do comércio. A gente se junta, toma chimarrão, conversamos. Sempre está cheio de amigas.”

Quais são os prédios ou lugares que chamam a sua atenção e ajudam na sua localização no Bairro Guajuviras como pontos de referência?

“Ponto de referência seria assim como o Mercado Rocha bem conhecido, o Postinho de Saúde Guajuviras II.”

Quais são os cruzamentos ou pontos mais movimentados do Bairro Guajuviras? É comum ver pessoas que não são moradores do bairro nestes locais?

“Mais movimentado lá na entrada. Olha, eu não costumo ir seguido lá para cima. Eu não sei quem mora lá para cima. Eu até nem posso te confirmar nada.”

Onde começa e onde termina o Bairro Guajuviras para você?

“Para mim é da entrada até o fim da linha.”

Você costuma sair do Bairro Guajuviras? Para que lugar? Para que atividade?

“Sim. Eu visito os meus familiares que são de Porto Alegre. Eu vou seguido aqui no Capão caminhar, tomar chimarrão a lazer.”

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras no início do seu tempo de residência no local?

“Antes era terrível. Agora está muito bom. Fora a criminalidade, é bom. Eu não tenho queixa daqui.”

Quais foram as principais mudanças que aconteceram no Bairro Guajuviras para você durante o seu tempo de residência no local?

“Ônibus. Tem bem mais linhas. Melhor acesso. A saúde melhorou bastante. Muita gente acha que não, mas então eu sou uma privilegiada porque para mim é tudo fácil na saúde. Melhorou muito, muito, muito mesmo. Até mesmo a segurança. Antes estava terrível. Deu uma boa melhorada e agora que está começando de novo. Mas é bom.”

QUESTIONÁRIO N°37 (24/11/2015 - 10h30/15h30)

Identificação: MVO-13	Idade/sexo: 68 anos/feminino
Escolaridade: 1° grau incompleto	Profissão: Doméstica
Renda do domicílio (SM): Até 1	Situação do domicílio: Próprio
Número de moradores na residência: 1	Tempo de residência no bairro: 15 anos
Faixa de pesquisa: 3	Grupo de pesquisa: Verdes ocupados



IMAGENS DO CONTEXTO HABITACIONAL (FONTE: MOG, W. 2015).

RESPOSTAS DAS QUESTÕES REALIZADAS: O GUAJUVIRAS SEGUNDO OS MORADORES

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras hoje para você?

“Para mim é bom. Só o que incomoda é o som dos carros.”

Onde você se sente mais seguro(a) e onde você se sente menos seguro(a) no Bairro Guajuviras?

“Sinto-me segura em qualquer lugar.”

Por quais ruas e lugares você costuma andar no Bairro Guajuviras? Para que atividade? Quais ruas e lugares você evita ou evitaria andar no Bairro Guajuviras? Por quê?

“Na avenida. Lotérica, no CAIC, mercado. Não, não tem problema.”

Onde você costuma se encontrar com seus amigos ou com os moradores no Bairro Guajuviras?

“Lugar nenhum. Só com os meus filhos em casa.”

Quais são os prédios ou lugares que chamam a sua atenção e ajudam na sua localização no Bairro Guajuviras como pontos de referência?

“Toda a avenida.”

Quais são os cruzamentos ou pontos mais movimentados do Bairro Guajuviras? É comum ver pessoas que não são moradores do bairro nestes locais?

“Esta avenida. Não conheço, é difícil.”

Onde começa e onde termina o Bairro Guajuviras para você?

“Para mim começa na Boqueirão e termina no final da linha desta avenida no Setor 6.”

Você costuma sair do Bairro Guajuviras? Para que lugar? Para que atividade?

“Sim. Só no Centro e em Porto Alegre quando eu vou ao médico lá.”

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras no início do seu tempo de residência no local?

“Era pior do que agora. Tinha mais assalto brigavam muito na rua. Agora não. Está bem calmo.”

Quais foram as principais mudanças que aconteceram no Bairro Guajuviras para você durante o seu tempo de residência no local?

“Mudou muito. Asfaltaram tudo. Bastante melhoria no bairro. Arrumaram as praças e as ruas ficaram mais limpas. Fizeram mais colégios.”

QUESTIONÁRIO N°38 (24/11/2015 - 10h30/15h30)

Identificação: MBM-13	Idade/sexo: 68 anos/feminino
Escolaridade: 2° grau completo	Profissão: Aposentada
Renda do domicílio (SM): Até 1	Situação do domicílio: Próprio
Número de moradores na residência: 1	Tempo de residência no bairro: 24 anos
Faixa de pesquisa: 3	Grupo de pesquisa: Blocos multifamiliares



IMAGENS DO CONTEXTO HABITACIONAL (FONTE: MOG, W. 2015).

RESPOSTAS DAS QUESTÕES REALIZADAS: O GUAJUVIRAS SEGUNDO OS MORADORES

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras hoje para você?

“É um bairro bom.”

Onde você se sente mais seguro(a) e onde você se sente menos seguro(a) no Bairro Guajuviras?

“Dentro de casa. Insegurança a gente tem em todo lugar. Qualquer lugar que tu anda tu tem insegurança.”

Por quais ruas e lugares você costuma andar no Bairro Guajuviras? Para que atividade? Quais ruas e lugares você evita ou evitaria andar no Bairro Guajuviras? Por quê?

“Eu só costumo pegar o ônibus ali e ir até o Centro e voltar. Fazer o que eu preciso fazer. Não faço mais nada. Não, se eu tiver que andar aqui, eu ando em qualquer rua.”

Onde você costuma se encontrar com seus amigos ou com os moradores no Bairro Guajuviras?

“Não. Se eu saio daqui, é para ir à casa dos meus parentes na Mathias, no Centro, lá na Monte Castelo, Harmonia.”

Quais são os prédios ou lugares que chamam a sua atenção e ajudam na sua localização no Bairro Guajuviras como pontos de referência?

“Referência que eu dou para as pessoas quando vêm aqui é a Brigada, a lomba da brigada e aquela antenna ali de telefone.”

Quais são os cruzamentos ou pontos mais movimentados do Bairro Guajuviras? É comum ver pessoas que não são moradores do bairro nestes locais?

“A principal, a 17 de Abril ou a Boqueirão também. Nunca notei assim. Nunca parei para admirar.”

Onde começa e onde termina o Bairro Guajuviras para você?

“Na entrada da Boqueirão e a 17 aqui para dentro é Guajuviras para mim até o final da linha.”

Você costuma sair do Bairro Guajuviras? Para que lugar? Para que atividade?

“Sim. Nos outros bairros de Canoas a visita. Eu vou na ULBRA me tratar, fazer algum tratamento. Até por sinal eu estou três anos esperando para fazer a cirurgia das varizes. Agora eu estou com uma trombose. Ontem eu fui lá e eles botaram no computador. Espero não ficar sem perna.”

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras no início do seu tempo de residência no local?

“Para mim é regular. Eu não gosto deste som alto e das pessoas passarem pichando as coisas. Então para mim é regular. Eu mesmo gostaria de morar na São Luís na parte de baixo, mas como eu não tenho condições então eu tenho que ficar aqui. Sempre foi para mim a mesma coisa. A gente se habitua, conhece. É a mesma coisa. Agora mesmo eu estava no telefone falando com o morador do outro prédio.”

Quais foram as principais mudanças que aconteceram no Bairro Guajuviras para você durante o seu tempo de residência no local?

“O asfalto. Quando eu vim para cá não tinha asfalto. Era terra vermelha. Por exemplo, eu era síndica aqui deste prédio, o hidrômetro era lá atrás e nos conseguimos passar para frente. A custo de batalha que a gente consegue.”

QUESTIONÁRIO N°39 (24/11/2015 - 10h30/15h30)

Identificação: MCU-13	Idade/sexo: 48 anos/masculino
Escolaridade: 7° série do fundamental	Profissão: Representante
Renda do domicílio (SM): Não comentada	Situação do domicílio: Próprio
Número de moradores na residência: 2	Tempo de residência no bairro: 28 anos
Faixa de pesquisa: 3	Grupo de pesquisa: Casas unifamiliares



IMAGENS DO CONTEXTO HABITACIONAL (FONTE: MOG, W. 2015).

RESPOSTAS DAS QUESTÕES REALIZADAS: O GUAJUVIRAS SEGUNDO OS MORADORES

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras hoje para você?

“É um ótimo bairro. Só precisa um pouco mais de cuidado por parte da polícia.”

Onde você se sente mais seguro(a) e onde você se sente menos seguro(a) no Bairro Guajuviras?

“Um pouquinho mais seguro dentro da minha casa. A invasão da Contel, mas já foi pior.”

Por quais ruas e lugares você costuma andar no Bairro Guajuviras? Para que atividade? Quais ruas e lugares você evita ou evitaria andar no Bairro Guajuviras? Por quê?

“Rua 3, a 17 de Abril e a Esperança. Mercado, farmácia e mais a passagem. À noite quase todas elas eu evito.”

Onde você costuma se encontrar com seus amigos ou com os moradores no Bairro Guajuviras?

“Não.”

Quais são os prédios ou lugares que chamam a sua atenção e ajudam na sua localização no Bairro Guajuviras como pontos de referência?

“CAIC, Brigada Militar, CORSAN, Mercado Brehn.”

Quais são os cruzamentos ou pontos mais movimentados do Bairro Guajuviras? É comum ver pessoas que não são moradores do bairro nestes locais?

“Rua 3 com a 17 e a rótula. Não sei te dizer, porque muito pouco eu tenho contato. Mas deve ter.”

Onde começa e onde termina o Bairro Guajuviras para você?

“O começo seria a rótula e o fim é no Setor 5 ou 6. Cresceu muito.”

Você costuma sair do Bairro Guajuviras? Para que lugar? Para que atividade?

“Sim. Litoral, Santa Catarina, Canoas e Guaíba a trabalho.”

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras no início do seu tempo de residência no local?

“Era uma bagunça. Cada um por si. Hoje já está bem melhor. Era uma cidade sem lei, um bairro sem lei.”

Quais foram as principais mudanças que aconteceram no Bairro Guajuviras para você durante o seu tempo de residência no local?

“As ruas asfaltadas, o CAIC, a UPA que entrou na Boqueirão e a Brigada aqui em cima.”

QUESTIONÁRIO N°40 (24/11/2015 - 10h30/15h30)

Identificação: MCU-14	Idade/sexo: 31 anos/feminino
Escolaridade: 1° grau incompleto	Profissão: Costureira
Renda do domicílio (SM): Entre 1 e 5	Situação do domicílio: Próprio
Número de moradores na residência: 8	Tempo de residência no bairro: 25 anos
Faixa de pesquisa: 4	Grupo de pesquisa: Casas unifamiliares



IMAGENS DO CONTEXTO HABITACIONAL (FONTE: MOG, W. 2015).

RESPOSTAS DAS QUESTÕES REALIZADAS: O GUAJUVIRAS SEGUNDO OS MORADORES

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras hoje para você?

“No lado ruim é a insegurança. Está muito inseguro. Está muito difícil. Mas, pelo lado bom assim é o pessoal. Os vizinhos são muito bons.”

Onde você se sente mais seguro(a) e onde você se sente menos seguro(a) no Bairro Guajuviras?

“Aonde eu me sinto mais segura é aqui no Setor 4. No resto eu não me sinto segura, porque aqui eu conheço.”

Por quais ruas e lugares você costuma andar no Bairro Guajuviras? Para que atividade? Quais ruas e lugares você evita ou evitaria andar no Bairro Guajuviras? Por quê?

“Na avenida, na entrada do Guajuviras. Na avenida é a escola da minha filha. Ir ao mercado, farmácia. Mais para o Setor 5 e 6 lá embaixo pela insegurança.”

Onde você costuma se encontrar com seus amigos ou com os moradores no Bairro Guajuviras?

“Na Praça da Brigada ali.”

Quais são os prédios ou lugares que chamam a sua atenção e ajudam na sua localização no Bairro Guajuviras como pontos de referência?

“A escola, o CAIC.”

Quais são os cruzamentos ou pontos mais movimentados do Bairro Guajuviras? É comum ver pessoas que não são moradores do bairro nestes locais?

“A avenida. É muito comum.”

Onde começa e onde termina o Bairro Guajuviras para você?

“Na entrada lá na rótula e o final para mim é lá no Setor 6.”

Você costuma sair do Bairro Guajuviras? Para que lugar? Para que atividade?

“Costumo. O Centro de Canoas, Mathias. No Centro é compras e pagamento de conta e na Mathias é visitar parentes.”

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras no início do seu tempo de residência no local?

“Tranquilo.”

Quais foram as principais mudanças que aconteceram no Bairro Guajuviras para você durante o seu tempo de residência no local?

“Mudou muita coisa. Os comércios aumentaram. Acho que era isso.”

QUESTIONÁRIO N°41 (24/11/2015 - 10h30/15h30)

Identificação: MBM-14	Idade/sexo: 34 anos/feminino
Escolaridade: Ensino médio completo	Profissão: Caixa operadora
Renda do domicílio (SM): Entre 1 e 5	Situação do domicílio: Alugado
Número de moradores na residência: 2	Tempo de residência no bairro: 28 anos
Faixa de pesquisa: 4	Grupo de pesquisa: Blocos multifamiliares



IMAGENS DO CONTEXTO HABITACIONAL (FONTE: MOG, W. 2015).

RESPOSTAS DAS QUESTÕES REALIZADAS: O GUAJUVIRAS SEGUNDO OS MORADORES

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras hoje para você?

“Violência.”

Onde você se sente mais seguro(a) e onde você se sente menos seguro(a) no Bairro Guajuviras?

“Mais segura aqui na minha casa e menos na rua.”

Por quais ruas e lugares você costuma andar no Bairro Guajuviras? Para que atividade? Quais ruas e lugares você evita ou evitaria andar no Bairro Guajuviras? Por quê?

“Mais é na principal mesmo. Ir à escola, no mercado. Escola dos filhos. Dentro das invasões pela violência mesmo.”

Onde você costuma se encontrar com seus amigos ou com os moradores no Bairro Guajuviras?

“Eu vou à casa da minha prima no Setor 5.”

Quais são os prédios ou lugares que chamam a sua atenção e ajudam na sua localização no Bairro Guajuviras como pontos de referência?

“A Praça da Brigada, a escola de samba aqui na frente. Estes são os pontos de referência.”

Quais são os cruzamentos ou pontos mais movimentados do Bairro Guajuviras? É comum ver pessoas que não são moradores do bairro nestes locais?

“Aquela rótula ali na entrada. Ali é bem complicado. Bastante, principalmente de noite.”

Onde começa e onde termina o Bairro Guajuviras para você?

“O início eu acho que é lá na rótula e o final é quando chega na Esperança lá do outro lado.”

Você costuma sair do Bairro Guajuviras? Para que lugar? Para que atividade?

“Só nos finais de semana. Vou a Porto Alegre na casa da minha vó.”

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras no início do seu tempo de residência no local?

“Foi bastante trabalhoso. Não tinha água, não tinha luz. Era mato. Por todo lugar era mato alto. Eu cheguei com 6 ou 7 anos de idade. Foi bem difícil.”

Quais foram as principais mudanças que aconteceram no Bairro Guajuviras para você durante o seu tempo de residência no local?

“Melhorou muita coisa. A infraestrutura, o saneamento, o transporte público, o policiamento melhorou bastante, muita coisa.”

QUESTIONÁRIO N°42 (24/11/2015 - 10h30/15h30)

Identificação: MVO-14	Idade/sexo: 61 anos/feminino
Escolaridade: 5° série do 1° grau	Profissão: Do lar
Renda do domicílio (SM): Entre 1 e 5	Situação do domicílio: Alugado
Número de moradores na residência: 2	Tempo de residência no bairro: 19 anos
Faixa de pesquisa: 4	Grupo de pesquisa: Verdes ocupados



IMAGENS DO CONTEXTO HABITACIONAL (FONTE: MOG, W. 2015).

RESPOSTAS DAS QUESTÕES REALIZADAS: O GUAJUVIRAS SEGUNDO OS MORADORES

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras hoje para você?

“Bom.”

Onde você se sente mais seguro(a) e onde você se sente menos seguro(a) no Bairro Guajuviras?

“Dentro de casa. Olha para mim que moro aqui há 19 anos graças a Deus não devo nada então não tem lugar ruim. O lugar quem faz é a gente.”

Por quais ruas e lugares você costuma andar no Bairro Guajuviras? Para que atividade? Quais ruas e lugares você evita ou evitaria andar no Bairro Guajuviras? Por quê?

“Qualquer rua e não tem hora. Na avenida. Festa. Aqui no “Guaju” nenhuma.”

Onde você costuma se encontrar com seus amigos ou com os moradores no Bairro Guajuviras?

“Na avenida passando o Rocha.”

Quais são os prédios ou lugares que chamam a sua atenção e ajudam na sua localização no Bairro Guajuviras como pontos de referência?

“De referência é o Rocha, o Bar do Aristeu, o Colégio I.”

Quais são os cruzamentos ou pontos mais movimentados do Bairro Guajuviras? É comum ver pessoas que não são moradores do bairro nestes locais?

“É a Rua 3, a Rua André Luiz, a avenida. Sim, tem bastante gente. Passa muita mudança, mudança que vai, mudança que vem.”

Onde começa e onde termina o Bairro Guajuviras para você?

“Da rótula até a São Miguel.”

Você costuma sair do Bairro Guajuviras? Para que lugar? Para que atividade?

“Não.”

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras no início do seu tempo de residência no local?

“Melhor agora. Agora tá melhor. Tem mais lojas, tem mais bar. Antes tinha, mas era pouco. Agora já tem bem mais.”

Quais foram as principais mudanças que aconteceram no Bairro Guajuviras para você durante o seu tempo de residência no local?

“O que mudou no bairro mudou em qualquer outro bairro. É a violência. Isso em qualquer outro aumentou bastante. Mais bares, mais lojas, mais supermercados. Isto já melhorou bem mais. Ônibus tem bastante.”

QUESTIONÁRIO N°43 (24/11/2015 - 10h30/15h30)

Identificação: MVO-15	Idade/sexo: 27 anos/feminino
Escolaridade: 2° grau completo	Profissão: Do lar
Renda do domicílio (SM): Não comentada	Situação do domicílio: Alugado
Número de moradores na residência: 5	Tempo de residência no bairro: 10 anos
Faixa de pesquisa: 5	Grupo de pesquisa: Verdes ocupados



IMAGENS DO CONTEXTO HABITACIONAL (FONTE: MOG, W. 2015).

RESPOSTAS DAS QUESTÕES REALIZADAS: O GUAJUVIRAS SEGUNDO OS MORADORES

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras hoje para você?

“É um lar. Hoje em dia é o meu lar e eu não pretendo sair daqui.”

Onde você se sente mais seguro(a) e onde você se sente menos seguro(a) no Bairro Guajuviras?

“Mais segura dentro de casa. Nas praças não dá para levar.”

Por quais ruas e lugares você costuma andar no Bairro Guajuviras? Para que atividade? Quais ruas e lugares você evita ou evitaria andar no Bairro Guajuviras? Por quê?

“Só nas principais. Para ir ao mercado, farmácia. Tem, a Contel eu não entraria, por causa da violência.”

Onde você costuma se encontrar com seus amigos ou com os moradores no Bairro Guajuviras?

“Na Praça da Brigada.”

Quais são os prédios ou lugares que chamam a sua atenção e ajudam na sua localização no Bairro Guajuviras como pontos de referência?

“O Rocha é o ponto de referência.”

Quais são os cruzamentos ou pontos mais movimentados do Bairro Guajuviras? É comum ver pessoas que não são moradores do bairro nestes locais?

“A avenida. É comum.”

Onde começa e onde termina o Bairro Guajuviras para você?

“Para mim começa na Boqueirão e termina lá embaixo.”

Você costuma sair do Bairro Guajuviras? Para que lugar? Para que atividade?

“Sim. Vou para o Centro, vou para Estância Velha. Na Estância Velha, eu tenho um parente que mora na Estância Velha e no Centro é mais para pagar conta, para ir às lojas, estas coisas.”

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras no início do seu tempo de residência no local?

“Para mim era medo. Eu tinha medo. Depois a gente vai se acostumando e vê que não é tanto assim.”

Quais foram as principais mudanças que aconteceram no Bairro Guajuviras para você durante o seu tempo de residência no local?

“Foi quando instalaram o Território de Paz mudou muito. Quando eu vim para cá já era asfaltado. Já era tudo correto. Fora o Território de Paz não.”

QUESTIONÁRIO N°44 (24/11/2015 - 10h30/15h30)

Identificação: MCU-15	Idade/sexo: 53 anos/feminino
Escolaridade: Ensino médio completo	Profissão: Comerciante
Renda do domicílio (SM): Entre 1 e 5	Situação do domicílio: Próprio
Número de moradores na residência: 4	Tempo de residência no bairro: 28 anos
Faixa de pesquisa: 5	Grupo de pesquisa: Casas unifamiliares



IMAGENS DO CONTEXTO HABITACIONAL (FONTE: MOG, W. 2015).

RESPOSTAS DAS QUESTÕES REALIZADAS: O GUAJUVIRAS SEGUNDO OS MORADORES

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras hoje para você?

“Eu gosto do Guajuviras. Para mim é um lugar bom de morar aqui.”

Onde você se sente mais seguro(a) e onde você se sente menos seguro(a) no Bairro Guajuviras?

“Eu me sinto segura. Insegurança tem em tudo que é lugar à noite. Mais segura dentro da minha casa.”

Por quais ruas e lugares você costuma andar no Bairro Guajuviras? Para que atividade? Quais ruas e lugares você evita ou evitaria andar no Bairro Guajuviras? Por quê?

“Eu ando praticamente por todos os setores aqui até o Setor 6. Só não ando na Contel. Não vou à Contel. Tenho medo de andar lá. A rua que eu levo o meu menino para a escola. É no Setor 2 aqui mesmo indo para a Escola Guajuviras. Na Contel e na Esperança para lá durante a noite eu teria medo de ir para lá.”

Onde você costuma se encontrar com seus amigos ou com os moradores no Bairro Guajuviras?

“Eu faço parte de um grupo de dança e a gente se encontra aqui em casa mesmo.”

Quais são os prédios ou lugares que chamam a sua atenção e ajudam na sua localização no Bairro Guajuviras como pontos de referência?

“Ponto de referência para mim sempre é a igreja ali na frente. Esta evangélica que tem aqui na frente e a banca da rótula e a Boqueirão. A minha casa paralela com a Boqueirão. Eu sempre digo isso quando querem chegar aqui em casa.”

Quais são os cruzamentos ou pontos mais movimentados do Bairro Guajuviras? É comum ver pessoas que não são moradores do bairro nestes locais?

“A entrada lá na rótula e a principal do Guajuviras. Eu quase não saio de casa. Eu passo quase todo o tempo aqui na loja. Passa bastante pessoa desconhecida, mas eu não conheço todos os moradores.”

Onde começa e onde termina o Bairro Guajuviras para você?

“Para mim começa aqui na rótula paralela com a Boqueirão aqui e termina lá embaixo no final das linhas dos ônibus.”

Você costuma sair do Bairro Guajuviras? Para que lugar? Para que atividade?

“Sim. Vou para Porto Alegre, vou para o Centro de Canoas. Eu vou viajar também quando eu preciso comprar mercadoria para a loja. Às vezes a gente vai jantar fora, vai num barzinho, tomar um chop, dançar. Nas viagens eu saio do estado, daí eu vou para o Paraná, Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais a trabalho.”

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras no início do seu tempo de residência no local?

“Melhorou. A gente não tinha asfalto, a gente não tinha água, não tinha luz. Somos invasores não é. Mas tinha uma coisa de bom naquela época, a amizade. O pessoal era muito mais amigo do que é agora. Aqui na minha rua mesmo tem poucos moradores que não são da minha época. Os que faziam parte da minha época, a gente é um pessoal unido. É um por todos e todos por um. Como se fosse uma família.”

Quais foram as principais mudanças que aconteceram no Bairro Guajuviras para você durante o seu tempo de residência no local?

“Aqui veio o asfalto. Nós não tínhamos. Mercado, farmácia, o posto de saúde, tem umas áreas de lazer. Está bem melhor do que era. O único inconveniente é que antes a gente tinha aqui na frente tudo eucalipto e com as invasões se perdeu isso. Mas eu não tenho o que me queixar do bairro aqui.”

QUESTIONÁRIO N°45 (24/11/2015 - 10h30/15h30)

Identificação: MBM-15	Idade/sexo: 42 anos/masculino
Escolaridade: 2° grau completo	Profissão: Motorista
Renda do domicílio (SM): Entre 1 e 5	Situação do domicílio: Próprio
Número de moradores na residência: 4	Tempo de residência no bairro: 15 anos
Faixa de pesquisa: 5	Grupo de pesquisa: Blocos multifamiliares



IMAGENS DO CONTEXTO HABITACIONAL (FONTE: MOG, W. 2015).

RESPOSTAS DAS QUESTÕES REALIZADAS: O GUAJUVIRAS SEGUNDO OS MORADORES

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras hoje para você?

“Bairro que tem bastante comércio, ônibus. Bastante acessibilidade.”

Onde você se sente mais seguro(a) e onde você se sente menos seguro(a) no Bairro Guajuviras?

“Mais seguro dentro de casa. E menos seguro qualquer lugar é.”

Por quais ruas e lugares você costuma andar no Bairro Guajuviras? Para que atividade? Quais ruas e lugares você evita ou evitaria andar no Bairro Guajuviras? Por quê?

“Só na Boqueirão. Mercado, padaria. Não.”

Onde você costuma se encontrar com seus amigos ou com os moradores no Bairro Guajuviras?

“Não.”

Quais são os prédios ou lugares que chamam a sua atenção e ajudam na sua localização no Bairro Guajuviras como pontos de referência?

“A banca da rótula aqui da entrada, a Farmácia Mais Econômica.”

Quais são os cruzamentos ou pontos mais movimentados do Bairro Guajuviras? É comum ver pessoas que não são moradores do bairro nestes locais?

“Essa entrada aqui, a rótula. Isso aí é um caos às seis horas da tarde. Isso aqui é terrível. Sim, bastante.”

Onde começa e onde termina o Bairro Guajuviras para você?

“Começa aqui na Avenida Esperança ali para cá e vai até lá o final. Não sei se é o Setor 6. Acho que é o setor lá.”

Você costuma sair do Bairro Guajuviras? Para que lugar? Para que atividade?

“Sim, costumo. Para o trabalho e a passeio. Eu vou ao Gasômetro, no Parque Farroupilha. Eu vou bastante para lá.”

Qual é a palavra que melhor descreve o Bairro Guajuviras no início do seu tempo de residência no local?

“Um bairro calmo. Um bairro bastante assim amigável.”

Quais foram as principais mudanças que aconteceram no Bairro Guajuviras para você durante o seu tempo de residência no local?

“Invasão. Muita invasão. Muito pessoal novo. Botaram câmera de segurança que não tinha antes quando eu vim para cá. Policial a gente não vê nada, a segurança é zero. Mas já botaram as câmeras que às vezes ajuda. Ônibus. Botaram bastante linha de ônibus que antes não tinha. Antes só era integração e agora tem ônibus para tudo quanto é lugar. Bastante comércio, loja. Também não tinha. Agora tem bastante. Aí também é um ponto bem bom do bairro.”

Entre o projetado e o apropriado: Mosaico de transformações urbanas
O caso Guajuviras em Canoas/RS

19/11 01-15	Q01 IMG	Q02 SEG	Q03 PRCIN	Q04 ENC	Q05 REF	Q06 CTR	Q07 LMT	Q08 PRCEX	Q09 PSD	Q10 MDÇ
M01 F1cuf	Tran.	Rua da casa Pela avenida	Aven. m/cl Vilas ã conh.	Praça (alam.)	Uni Super	Esper. 17 de Abril Sim	Rótula (T. Paz) Frente de casa	Sim Ct trb	Tran.	Ñ. notei
M02 F1voc	Não tem nada de paz	Em casa Nas ruas	Princ. m/f/ps Bc/pça mortes	Não tem	Uni Super Mil Xis farm.	Rocha Sim	No T. da Paz Lá em baixo	Sim PA trb/lz	Tran.	Nenh.
M03 F1bmf	Pob.	Dentro de casa Nunca na vila	Princ. ca/f/m/lj Vilas Tiros	Não me encont.	Rocha p.pol p.sa	Entrada Sim	A princ.	Sim Br/mn vt	Não achei feio	Não vi muita mudan.
M04 F2cuf	Perto de tudo	Perto de casa Onde ã conh.	Aven. desloc. Vila bx compl.	Não me encont.	Rocha entrada	Rocha Brigada Sim	Na entrada Na Esper.	Sim PA/mn trb/lz	Violen.	Mais seguro
M05 F2voc	Não tenho queixa	Em casa Na rua compl.	Princ. lt/fr/m Rua bx	Não tem	Esper. fios de alta tensão	Princ. Sim	Na federal Final da linha	Sim Praia lz	Mais calmo	Merc. linha ônibus asfalto
M06 F2bmf	Muito bom	Dentro de casa Insegur. total	Merc. compra Noite insegur.	É compl.	Não há	Princ. Não	Na entrada Não sei aonde	Sim Ct cp	Terrível tudo era novo	Asfalto polícia UPA
M07 F3cuf	Bairro bom	Onde moro Não sei onde	Princ. pc/cp Part. bx medo	Em casa	Contel	Entrada rótula Não	Na rótula Contel	Sim Br lz	Já tinha gente quando entrei	Gente muros grades
M08 F3voc	Bairro bom	Minha casa Rua de noite	Aven. Merc. F. linha junção	Aven. Brigada lanch.	Entrada	Aven. Não sei	Na entrada Final da linha	Sim Br lz	Não era muito legal	Brigada pessoal m/f/pça escolas
M09 F3bmf	Tran.	Minha casa Não sei	Princ. visitar Lá p/ bx ã conh.	Perto do Rocha	Rocha	Rocha Bares Sim	Na entrada Minha casa	Sim Br/mn vt/trb	Lugar calmo daqui para lá	Estabel. novos
M10 F4cuf	Sens.	Não há mais lugar seguro	Ando pouco no bairro	Bar do João	CAIC	Av. 17 de Abril Esper. Não sei	Na rótula ULBRA Cach.	Sim PA/pr trb/lz	Tudo fechado mato povo	Limpeza organiz. povo unido
M11 F4voc	Prog.	Segura entre aspas	Rocha compra Ruas	Na casa	Rocha p.sa CAIC	Rocha Sim	Na entrada Lá no final	Sim Interior lz	Era péssim.	Urbaniz. cresc. comér.
M12 F4bmf	Barul. muito carro	Saio pouco	Princ. pc/lt/m Não evito	Não tem	Esq. do Rocha	Av. 17 de Abril Não sei	Não tem fim	Sim Mn vt	Bom campo gente conh.	Muita constr. tudo é cheio
M13 F5cuf	Bairro bom	Dentro de casa Rua de noite	Aven. m/po Contel becos	Casa do vizinho	Rocha entrada po setores	Entrada Não sei	Aqui (rótula) Lá no final	Sim Br vt/lz	Cresc. evoluiu	Asfalto comér. banco perto
M14 F5voc	Violen.	Aqui na entrada Lá para dentro	Setor 3 visitar Rua bx	Igreja no Setor3	Guaj. Center Rocha	Aven. (rótula) Sim	Divisa Estânc. Lá na S. José	Sim Br igreja	Não tinha tanta violen.	A parte do comér. evoluiu
M15 F5bmf	Violen.	Aqui dentro Fora não	Aven. al/m/f Não evito	A gente fica em casa (tv)	Locad. lotérica	Aven. Não	Ali na rótula Final da aven.	Sim PA lz	Calma	Aument. violen.

Legenda: al = almoço; alam. = alameda; aven. = avenida; barul. = barulho; bc = beco; bj = banca de jornal; Boqu. = Boqueirão; br = bairro; Br = Brigada; bx = baixo; ca = caminhar; Cach. = Cachoeirinha; cl = colégio; compl. = complicado; conh. = conheço; cp = comprar; cr = creche; Ct = Centro; Ctl = Contel; dsl. = deslocamento; encont. = encontro; ent = entrada; Esper./Esp/Es = Esperança; esq. = esquina; Estânc. = Estância; f = final; farm./f = farmácia; fr = ferragem; int = interior; lanch. = lancheria; lj = loja; lt = lotérica; lz = lazer; md = médico; merc./m = mercado; mn = município; PA = Porto Alegre; pc = pagar conta; pça = praças; pd = padaria; po = ponto de ônibus; pob. = pobreza; p. pol = posto de polícia; pr = praia; princ. = principal; prog. = progresso; p.sa/ps = posto de saúde; raz. = razoável; S. = São; sens. = sensacional; st = setor; T. = Território; tr = transporte; tran. = tranquilidade; trb = trabalho; vt = visita.

Tabela 10: Síntese das respostas dos questionários realizados em 19 de novembro de 2015.

Fonte: MOG, W. 2015.

Entre o projetado e o apropriado: Mosaico de transformações urbanas
O caso Guajuviras em Canoas/RS

21/11 16-30	Q01 IMG	Q02 SEG	Q03 PRCIN	Q04 ENC	Q05 REF	Q06 CTR	Q07 LMT	Q08 PRCEX	Q09 PSD	Q10 MDÇ
M16 F1cuf	Meio violen.	Dentro de casa Aí nas vilas	Princ. m/cp Vilas violen.	Minha casa	Merc. Pomar	Entrada Não sei	No Setor 1 No Setor 6	Sim Br vt	Era o paraíso	Movim. violen.
M17 F1voc	Tran. para mim	Minha casa Sem insegur.	Aven. trb/vt Não evito	Na rua mesmo frente de casa	Rocha p.sa	Aven. Sim	Na rótula Na Esper.	Sim ULBRA Ct/mn trb/vt	Mais violen.	Comér. gente de fora lojas
M18 F1bmf	Nunca tive probl.	Dentro de casa Na lotérica	Aven. m/ps/lt Ando pouco	No prédio mesmo	Merc. Rede Fort p.sa	Entrada Sim	Na entrada Final da linha	Sim Ct/br pc/cl	Mais calmo sem garagem.	Escolas prédios aument. comér.
M19 F2bmf	Violen.	Dentro de casa Fora de casa	Aven. m/pd/bj Invasão	Dentro de casa ou do prédio	Por parada	Entrada Sim	Entorno da minha casa	Sim PA trb	Tran.	Invasão tráfego de drogas
M20 F2cuf	Bom	Minha casa Na rua	A verde ONG Contel insegur.	Na ONG	CAIC cl/merc. Pça da Brigada	17 de Abril Sim	Na Boqu. Na Nazário	Sim Ct/PA trb/lz	Muito bom	Luz na aven. Brigada cr/p.sa
M21 F2voc	Muito bom para morar	Na igreja Na São José	Aven. vendas S. José insegur.	Igreja Ass. de Deus	Rótula da entrada	Entrada Sim	Na rótula Na São José	Sim Mn/br trb/lz	Violen.	Segur. asfalto limpeza
M22 F3cuf	Violen.	Dentro de casa Parada aven.	17 Abr. bar/lz Contel violen.	Pça da Brigada	Pça da Brigada Colégio Cônego	Rótula Sim	Na rótula Br. Pôr-do-Sol	Sim Mn/PA lz	Tinha muita paz	União do povo
M23 F3bmf	Bom	Em casa Na rua parada	Aven. m/farm. Não evito	Aqui no prédio mesmo	Pça da Brigada	Aven. Não	Na rótula Final da linha	Sim Ct cp	Era um terror	Mudou para melhor
M24 F3voc	Comér.	Em casa Na rua	17 Abr. m/pça Contel	Lanch. aven. frente Brigada	Brigada	17 Abr. Sim	Na rótula Lá bx Nazário	Sim Ct/br trb/vt	Amigos	Segur. ruas ilumin. praças
M25 F4bmf	Gosto de morar aqui	Dentro de casa Na Contel	Aven. vt/pça Contel tráfego	Aqui no prédio	Brigada	Aven. Sim	Na entrada Fundão Nazário	Sim Mn lz/vt	Mais seguro campo eucalip.	Asfalto Ilumin.
M26 F4cuf	Está bom	Em casa Na invasão	Aven. trb Não evito	Aqui em volta	Colégio Guaj. I Rocha CAIC	Entrada Rocha Sim	Na entrada Lá no fundão	Sim Pr/int vt	Era melhor mais calmo	Muita invasão
M27 F4voc	Aqui tem tudo	Em casa Sair na noite	Cl/m/ent pc/cp De noite insegur.	Em casa	Prédios altos na princ.	Esta rua e a Boqu. Não sei	Na entrada Lá para baixo	Não	Muito violen.	Equip. ginást. praças
M28 F5cuf	Ótimo	Dentro de casa Insegur. não	Setor 2 desloc. Não evito	Xis do Adriano	Salão do Emílio Neto	Princ. Sim	Entrada aqui até a invasão	Sim Br/int trb/lz	Diferen. era quieto o lugar	Colégio sensor tiros ônibus
M29 F5voc	Humild.	Setor 1 Pça Br Qlq. lugar	A minha esporte Não evito	Pça da esquina	Rocha São Jorge pecuár.	Rótula Rocha Boqu. Não	Não sei	Sim Mn lz/vt	Bem feliz	Asfalto esgoto segur.
M30 F5bmf	Comér.	No meu pátio Na 1º quadra	Princ. comér. Não evito	Sempre na casa	Rocha	Aven. frente merc. Sim	Na rótula Saída Esper.	Sim PA/br vt/trb	Facilid. acess.	Parte comér.

Legenda: al = almoçar; alam. = alameda; aven. = avenida; barul. = barulho; bc = beco; bj = banca de jornal; Boqu. = Boqueirão; br = bairro; Br = Brigada; bx = baixo; ca = caminhar; Cach. = Cachoeirinha; cl = colégio; compl. = complicado; conh. = conheço; cp = comprar; cr = creche; Ct = Centro; Ctl = Contel; dsl. = deslocamento; encont. = encontro; ent = entrada; Esper./Esp/Es = Esperança; esq. = esquina; Estânc. = Estância; f = final; farm./f = farmácia; fr = ferragem; int = interior; lanch. = lancheria; lj = loja; lt = lotérica; lz = lazer; md = médico; merc./m = mercado; mn = município; PA = Porto Alegre; pc = pagar conta; pça = praças; pd = padaria; po = ponto de ônibus; pob. = pobreza; p. pol = posto de polícia; pr = praia; princ. = principal; prog. = progresso; p.sa/ps = posto de saúde; raz. = razoável; S. = São; sens. = sensacional; st = setor; T. = Território; tr = transporte; tran. = tranquilidade; trb = trabalho; vt = visita.

Tabela 11: Síntese das respostas dos questionários realizados em 21 de novembro de 2015.

Fonte: MOG, W. 2015.

Entre o projetado e o apropriado: Mosaico de transformações urbanas
O caso Guajuviras em Canoas/RS

24/11 31-45	Q01 IMG	Q02 SEG	Q03 PRCIN	Q04 ENC	Q05 REF	Q06 CTR	Q07 LMT	Q08 PRCEX	Q09 PSD	Q10 MDÇ
M31 F1bmf	Evoluiu	É bem seguro	Av/Esp merc/ca S. José violen.	Não	Entrada Rocha	Entrada Não sei	Na entrada Final da linha	Sim Mn md/m/vt	Precár. não tinha nada	Câmera Brigada
M32 F1cuf	Violen.	Seguro em lugar nenhum	Princ. m/farm. Inv/bc assaltos	Não	Escola Nancy merc. praça	Aven. Sim	Na Boqu. Na São José	Sim Ct lz	Era o verde	Luz infraest. tem tudo
M33 F1voc	Crimin.	Não tem lugar	Princ. lotérica Periferia crimin.	Não existe	Lotérica colégio	Princ. Sim	Na rótula Fim da aven.	Sim PA lz	Era bom	Infraest. crimin.
M34 F2cuf	Raz.	Em casa Tudo igual	Esp/17 ca/m A noite	Casas amigos parent.	CAIC Pça da Brigada	Esper 17 Abr. Sim	Na rótula Final da linha	Sim PA/mn md/vt	Nunca tive nada contra	Ilumin. asfalto
M35 F2voc	Tran.	Minha casa Aven. de noite	Aven. desloc. Fim/vila cuidado	Não	Rótula na entrada	Entrada Sim	Na rótula No final 17 Abr.	Sim Br trb/lz	Era diferen. compl.	Limpeza
M36 F2bmf	Bom amizad.	Dentro de casa Na rua de noite	Princ. ca/lt/pc/f Vilas perigo	Frete comér.	Rocha P.sa Guaj. II	Entrada Não sei	Da entrada até fim da linha	Sim PA/br vt/lz	Terrível	Ônibus acesso saúde segur.
M37 F3voc	Bom	Segura em qlq. lugar	Aven. lt/cl/m Não há probl.	Lugar nenh.	Toda aven.	Aven. Não sei	Na Boqu. Final da linha	Sim Ct/PA md	Pior do que agora assalto	Asfalto praças limpeza colégios
M38 F3bmf	Bairro bom	Dentro de casa Todo lugar	Aven. desloc. Não evito	Não	Brigada Antena de telef.	Princ. Boqu. Não sei	Entrada Boqu. Final da linha	Sim Br vt/md	Regular	Asfalto
M39 F3cuf	Ótimo bairro	Dentro de casa Invasão Contel	3/17/Es m/f/dsl. Ruas de noite	Não	CAIC Brigada Corsan Brehn	3 com 17 Abr. rótula Sim	A rótula No Setor 5 ou 6	Sim Pr/mn trb	Bagun. cidade sem lei	Asfalto CAIC UPA Brigada
M40 F4cuf	Insegur. Bons vizinhos	Aqui no setor 4 Resto insegur.	Aven. cl/m/f St. 5 e 6 insegur.	Pça da Brigada	CAIC	Aven. Sim	Na entrada No Setor 6	Sim Ct/br cp/pc/vt	Tran.	Comér.
M41 F4bmf	Violen.	Minha casa Na rua	Princ. cl/m Invasão violen.	Casa prima Setor 5	Pça da Brigada escola samba	Rótula ali na entrada Sim	Na rótula Na Esper.	Sim PA vt	Trabal. s/ água s/ luz mato	Infraest. sanea. tr. públ. polícia
M42 F4voc	Bom	Dentro de casa S/ lugar ruim	Aven. festa Aqui nenh.	Aven. depois do Rocha	Rocha Bar do Aristeu Colég. I	Rua 3 A. Luís Aven. Sim	Da rótula até a S. Miguel	Não	Antes tinha pouca loja	Violen. bares lj/merc. ônibus
M43 F5voc	É um lar	Dentro de casa Nas praças	Princ. m/farm. Contel violen.	Pça da Brigada	Rocha	Aven. Sim	Na Boqu. Lá embaix.	Sim Ct/br pc/pc/vt	Era o medo	Fora o T. da Paz não mudou
M44 F5cuf	Bom de morar	Dentro de casa A noite insegur.	Tds sts. escola Ctl/Esp medo	Em casa	Igreja bca da rótula Boqu.	Entrada e princ. Não sei	Na rótula Final da linha	Sim PA/ct/uf lz/trb	S/ asft. s/ água s/ luz amizad.	Asfalto m/f/ps ár. lazer invasão
M45 F5bmf	Comér. acess.	Dentro de casa Qlq lugar	Boqu. merc./pd Não evito	Não	Bca da rótula Farm. + Econ.	Entrada (rótula) Sim	Esper. para cá Fim no Setor 6	Sim PA trb/lz	Bairro calmo	Invasão câmera ônibus comér.

Legenda: al = almoçar; alam. = alameda; aven. = avenida; barul. = barulho; bc = beco; bj = banca de jornal; Boqu. = Boqueirão; br = bairro; Br = Brigada; bx = baixo; ca = caminhar; Cach. = Cachoeirinha; cl = colégio; compl. = complicado; conh. = conheço; cp = comprar; cr = creche; Ct = Centro; Ctl = Contel; dsl. = deslocamento; encont. = encontro; ent = entrada; Esper./Esp/Es = Esperança; esq. = esquina; Estânc. = Estância; f = final; farm./f = farmácia; fr = ferragem; int = interior; lanch. = lancheria; lj = loja; lt = lotérica; lz = lazer; md = médico; merc./m = mercado; mn = município; PA = Porto Alegre; pc = pagar conta; pça = praças; pd = padaria; po = ponto de ônibus; pob. = pobreza; p. pol = posto de polícia; pr = praia; princ. = principal; prog. = progresso; p.sa/ps = posto de saúde; raz. = razoável; S. = São; sens. = sensacional; st = setor; T. = Território; tr = transporte; tran. = tranquilidade; trb = trabalho; vt = visita.

Tabela 12: Síntese das respostas dos questionários realizados em 24 de novembro de 2015.

Fonte: MOG, W. 2015.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Maria Soares de. *Políticas Públicas da Habitação e do Transporte: O Caso da Região Metropolitana de Porto Alegre*. 1989. 288 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre.
- ARRETCHE, Marta. Intervenção do Estado e setor privado: o modelo brasileiro de política habitacional. *Espaço & Debate*, São Paulo, n. 31, p. 21-36, 1990.
- ATLAS SOCIOECONÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL. *Dados estatísticos da Região Metropolitana de Porto Alegre – RMPA*. Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<http://www.atlassocioeconomico.rs.gov.br/>>. Acesso em: 16 jun. 2016.
- BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BECKER, Howard S. *Métodos de pesquisas em ciências sociais*. Tradução de Marco Estevão e Renato Aguiar. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BERMAN, Marshall. *All that is solid melts into air*. New York: Penguin Books, 1988.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: Sobre a teoria da ação*. Tradução de Mariza Corrêa. 11. ed. Campinas, SP: Papius, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. Efeitos de lugar. In: BOURDIEU, Pierre (Coord.). *A miséria do mundo*. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 159-166.
- BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. *Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembranças dos velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia da Letras, 1994.
- CARVALHO, José Jorge de. O olhar etnográfico e a voz subalterna. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 7, n. 15, p. 107-147, jul. 2001.
- CASTELLO, Lineu Sirângelo; ANDRADE, Leandro Marino Vieira; MARZULO, Eber Pires. *Repertório de elementos urbanos na área central*. Porto Alegre: U & a (unidade de Estudos Ambientais Urbanismo & Ambiente), 1995.
- CASTELLO, Iára Regina. *Bairros, loteamentos e condomínios: elementos para o projeto de novos territórios habitacionais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- COELHO NETTO, J. Teixeira. *A construção do sentido na arquitetura*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- COHAB/RS – Companhia de Habitação do Rio Grande do Sul. *Memorial descritivo e implantação original do Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti*. Canoas, 1997.
- DEBIAGI, Moema Castro. A produção e consumo da habitação. *Projeto*, São Paulo, n. 29, p.12-14, maio 1981.
- ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Etnografia: saberes e práticas. In: PINTO, Céli Regina Jardim; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos (Org.). *Ciências Humanas: pesquisa e método*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008. p. 9-24.
- ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- GAMALHO, Nola Patrícia; HEIDRICH, Álvaro Luiz. *Espaço de representação: Os sentidos e práticas de bairro, vila e rua*. In: NEER – As Representações Culturais no Espaço: Perspectivas Contemporâneas em Geografia, 5., 2013, Cuiabá. Anais do evento. Cuiabá: UFMT/Geografia, 2013.
- GAMALHO, Nola Patrícia. *Entre dominações e apropriações, reproduções e criações, centralidades e periferias: práticas e espaços de representações de jovens do Guajuviras*. 2015. 312 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre.
- GERM - Grupo Executivo da Região Metropolitana e Deutsche Projekt Union. *Sinopse do Plano de Desenvolvimento Metropolitano*. Porto Alegre, 1973.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.
- HARVEY, David. *A Justiça social e a cidade*. Tradução de Armando Corrêa da Silva. São Paulo: Hucitec, 1980.
- HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Marcia Sá Cavalcante Schuback. 8. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2012. p. 125-141.
- IBGE – Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo demográfico 2010*. Canoas, 2011.
- JACOBS, Jane. *The death and life of great american cities*. New York: Random House, 1961.
- LEFEBVRE, Henri. *The production of space*. Translated by Donald Nicholson-Smith. Oxford: Basil Blackwell Ltd, 1991.

- LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.
- LYNCH, Kevin. *A boa forma da cidade*. Tradução de Jorge Manuel Costa Almeida e Pinho. Lisboa: Edições 70 Lda, 2010.
- LYNCH, Kevin. *A Imagem da Cidade*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- LUCCAS, Luís Henrique Haas. *A desconsideração dos padrões culturais do usuário em planos habitacionais. 1984/1985*. 9 f. Monografia (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura (PROPAR), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: Notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, jun. 2002.
- MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- MAYOL, Pierre. Morar. In: CERTEAU, Michel de (Coord.). *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 35-185.
- MENDEL, Ricardo. Acervo fotográfico do Guajuviras. *Registro histórico do Bairro Guajuviras*, Canoas, 2010. Disponível em: <<http://historiaguajuviras.blogspot.com.br>>. Acesso em: 5 jan. 2015.
- METROPLAN – Fundação Estadual de Planejamento Metropolitano e Regional. *Acervo de imagens aerofotogramétricas da Região Metropolitana de Porto Alegre*. Porto Alegre, 1990.
- METROPLAN – Fundação Estadual de Planejamento Metropolitano e Regional. *Mapas Temáticos da Região Metropolitana de Porto Alegre*. Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<http://www.atlassocioeconomico.rs.gov.br/>>. Acesso em: 16 jun. 2016.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. O fenômeno do lugar. In: NESBITT, Kate. (Org.). *Uma nova agenda para a arquitetura. Antologia teórica 1965-1995*. São Paulo: Cosac & Naify, 2008. p. 443-461.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: Olhar, ouvir, escrever. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 13-37, 1996.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Os diários e suas margens*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.
- PANERAI, Philippe; CASTEX, Jean; DEPAULE, Jean-Charles. *Formas Urbanas: a dissolução da quadra*. Tradução de Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2013.

- PANERAI, Philippe. *Análise Urbana*. Tradução de Francisco Leitão. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014.
- PANERAI, Philippe. São Paulo: juntando os díspares, avizinhando os contrários. In. BOJADSEN, Angel (Org.). *Insustentável arquitetura: encontros França – América Latina*. 1 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2015. p. 117-127.
- PELLEGRINI, Sergio Elio (Coord.). *PLANHAP/RS – Plano Estadual de Habitação: Pré-plano de utilização do Conjunto Habitacional Guajuviras*. Porto alegre: PLANHAP/RS, 1974.
- PELLEGRINI, Sergio Elio (Coord.). *PLANHAP/RS – Plano Estadual de Habitação: Anteprojeto da unidade de vizinhança n.º 1 oeste*. Porto alegre: PLANHAP/RS, 1975.
- PENNA, Rejane. *Canoas - Para lembrar quem somos: Guajuviras*. Canoas: SMEC-DPESA, 1998.
- PEPONIS, John. Espaço, cultura e desenho urbano no modernismo tardio e além dele. *Revista AU – Arquitetura e Urbanismo*, São Paulo, n. 41, p. 78–83, 1992.
- PEREIRA, Luiza Helena. *Habitação popular no Rio Grande do Sul 1890/1980*. Porto Alegre: Cadernos do PROPUR/UFRGS, 1982.
- PERRY, Clarence Arthur. *Plan of Neighborhood Unit*. New York: Regional Plan, 1929.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE CANOAS. *Apresentação de Canoas*. Canoas, 2008. Disponível em: <<http://www.canoas.rs.gov.br/>>. Acesso em: 16 jun. 2016.
- RIGATTI, Décio. *Do espaço projetado ao espaço vivido: modelos de morfologia urbana no Conjunto Rubem Berta*. 1997. 340 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), Universidade de São Paulo (USP), São Paulo.
- ROWE, Colin; KOETTER, Fred. *Collage City*. Cambridge; Londres: The MIT Press, 1978.
- SANTOS, Carlos Nelson F. dos (Coord.). *Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro*. 3. ed. São Paulo: Projeto, 1985.
- SANTOS, Carlos Nelson F. dos. *A cidade como um jogo de cartas*. Niterói: Universidade Federal Fluminense: EDUFF; São Paulo: Projeto Editores, 1988.
- SANTOS, Milton. O Território e o Saber Local: algumas categorias de análise. *Cadernos IPPUR - UFRJ*, Rio de Janeiro, ano 13, n. 2, p. 15-26, 1999.
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- SANTOS, Milton. *Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia*. 6. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SANVITTO, Maria Luiza Adams. *Habitação coletiva econômica na arquitetura moderna brasileira entre 1964 e 1986*. 2010. 539 f. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura (PROPAR), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: As tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

TURKIENICZ, Benamy. A forma da cidade – Agenda para um Debate In: TURKIENICZ, Benamy (Org.). *Desenho urbano I – Cadernos Brasileiros de Arquitetura*. v.12. São Paulo: Projeto, 1984. p. 9-26.

WEBER, Florence. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: Por que censurar seu diário de campo? *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 157-170, jul./dez. 2009.

ZACHER, Luiz Carlos. *Guajuviras – diário de um ocupante*. Canoas: Tecnicópias, 2003.

JORNAIS PESQUISADOS

CORREIO DE NOTÍCIAS. Canoas: Editora do Correio de Notícias, 1998.

DIÁRIO DE CANOAS. Canoas: Editora do Diário de Canoas, 1995 a 2011.

JORNAL CIDADES. Canoas: Editora do Jornal Cidades, 1997.

O TIMONEIRO. Canoas: Editora de O Timoneiro, 1992 a 2001.